

João Paulo Castro Pinto

**Os “neo-rurais” na região do “Douro Verde”: impacte social,
económico e cultural**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Riscos, Cidades e Ordenamento do
Território, orientada pela Professora Doutora Maria Helena Mesquita Pina

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2015

Os “neo-rurais” na região do “Douro Verde”: impacte social, económico e cultural

João Paulo Castro Pinto

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Riscos, Cidades e Ordenamento do Território, orientada pela Professora Doutora Maria Helena Mesquita Pina

Membros do Júri

Professora Doutora Helena Cristina Fernandes Ferreira Madureira

Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Helder Trigo Gomes Marques

Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Helena Mesquita Pina

Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 18 valores

*“Muda de vida, se tu não vives satisfeito,
Muda de vida, estás sempre a tempo de mudar.
Muda de vida, não debes viver contrafeito,
Muda de vida, se a vida em ti é de outro jeito.”*

António Variações

Sumário

Agradecimentos.....	7
Resumo.....	8
Abstract.....	9
Índice de ilustrações.....	11
Índice de quadros.....	12
Lista de abreviaturas e siglas.....	13
Introdução.....	14
1. Justificação e pertinência do tema.....	16
2. Objetivos.....	18
3. Escolha do Território.....	19
4. Abordagem metodológica.....	20
5. Organização da dissertação.....	23
Capítulo 1 – Revisão da literatura.....	25
1.1. Que rural no Mundo e na Europa?.....	25
1.2. Portugal: alguns apontamentos de contextualização.....	27
1.3. Os espaços rurais portugueses em mudança.....	30
1.4. Panorama atual das áreas rurais.....	32
1.5. O Rural e o Urbano.....	35
1.6. Desenvolvimento rural.....	36
1.7. Os "Neo-rurais" / Jovens Agricultores e os apoios comunitários.....	40
1.7.1. Dificuldade em fixar os jovens no território rural.....	40
1.7.2. Os "Neo-Rurais" num meio em mudança.....	41
1.7.3. Conceito de "neo-rural".....	42
1.7.4. Programas Comunitários e Jovens Agricultores.....	47

Capítulo 2 – Contextualização territorial	52
2.1. O território “Douro Verde”	52
2.1.1. Enquadramento físico	55
2.1.2. Alguns indicadores sociodemográficos	56
2.1.3. Contexto económico, emprego e mercado de trabalho	65
Capítulo 3 – Estudo exploratório	72
3.1. Enquadramento e metodologia de abordagem.....	72
3.2. Os “neo-rurais” no “Douro Verde”	75
3.2.1. Perfil socio-profissional e cultural do “neo-rural”	75
3.2.2. Mobilidade: o deslocamento dos “neo-rurais” no território.....	81
3.2.3. Alguns impactes da inserção dos “neo-rurais”.....	94
3.2.4. Perspetivas futuras	104
Considerações finais.....	109
Referências bibliográficas	114
Anexos.....	119
Anexo 1 – Entrevistas aos “neo-rurais” do “Douro Verde”	120
Anexo 2 – Fotografias das explorações agrícolas dos “neo-rurais”	179
Anexo 3 – Fotografias dos empreendimentos turísticos dos “neo-rurais”	181

Agradecimentos

Apesar da presente dissertação ter sido realizada num âmbito puramente individual, existiram colaborações que não podem deixar de ser referidas. Foram estas que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização da investigação.

À Professora Doutora Maria Helena Pina, orientadora da dissertação, por acreditar em mim e no tema ambicioso da mesma, pelo positivismo, pela orientação, pelos ensinamentos proporcionados, pela compreensão e auxílio em todas as etapas.

Aos que dispensaram algum do seu tempo a ajudar-me na identificação dos “neo-rurais”, desde Presidentes de Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia, a associações locais e empresas.

Aos “neo-rurais”, que mesmo não me conhecendo, se mostraram disponíveis a integrar a investigação, abrindo as portas de sua casa e falando da sua vida. Sem eles, não seria possível a realização da dissertação.

Aos pais e irmã, pelo sacrifício, pela dedicação e apoio incondicional, pela amizade e confiança depositada em mim.

Aos amigos, pelos momentos e recordações e pela camaradagem evidenciada desde sempre.

À Andreia, pela paciência, pela cumplicidade, pelo apoio, pela atenção e positivismo. Sem tal, dificultava-se a conclusão do projeto.

Resumo

Portugal tem vivido uma série de alterações de ordem social, económica e institucional, refletidas em termos territoriais, nomeadamente através da bipolarização, da litoralização e, conseqüentemente, da taxa de urbanização registada nas últimas décadas. Neste contexto, os meios rurais portugueses têm sofrido grandes mutações, acentuadas ainda pelo despovoamento, envelhecimento e empobrecimento, o que contribui para a subalternização destas áreas. Deste modo, regista-se um agravamento das assimetrias regionais, da desterritorialização de áreas consideráveis do território português, com prejuízo para as áreas rurais.

Contudo, e apesar de ser um fenómeno recente, começam a surgir novos atores urbanos que se implantam no mundo rural, com uma série de motivações distintas, principalmente de cariz económico e ambiental mas também na procura de melhor qualidade de vida. Esta ocorrência tem vindo a ganhar importância, trazendo uma inegável pertinência ao tema da dissertação.

Como tal, após uma vasta pesquisa bibliográfica, o estudo centrou-se na identificação e localização dos “neo-rurais” residentes no “Douro Verde” (Amarante, Baião, Cinfães, Marco de Canaveses, Resende e Penafiel), de forma a perceber as suas características e a aferir o impacto positivo a nível económico, social e cultural que os mesmos podem ter nos seus novos locais de residência. Para isso, foram realizados presencialmente inquéritos por entrevista a trinta e cinco “neo-rurais” identificados após um intenso trabalho de campo.

Analisados os resultados, constatou-se que, por norma, os “neo-rurais” são jovens, com uma formação académica de nível superior, que procuram alterar o seu estilo de vida para uma forma mais saudável e simples. Constatamos ainda que são empreendedores, apostando sobretudo no turismo e na agricultura, destacando-se o modo de produção biológica.

Sem dúvida que, devido às capacidades evidenciadas, estes novos rurais podem dinamizar a nível económico, social e cultural a região do “Douro Verde”, cenário que se pode repetir noutras áreas rurais.

Palavras-chave: “Neo-Rurais”, Desenvolvimento Rural, “Douro Verde”, Jovens Agricultores

Abstract

Portugal is facing a series of social, economic and institutional changes that reflect on territory namely by bipolarization, littoralisation and consequently the urbanization rate recorded in the last decades. In this context, the Portuguese rural areas have undergone great changes accentuated by depopulation, population ageing and impoverishment that contribute to subjugate this areas. Therefore, regional disparities increase with the deterritorialization in considerable areas of the Portuguese territory damaging rural areas.

However, although it is a recent phenomenon, new urban actors arise in the rural scene having different motivations mainly of economic and environmental concern but also in pursuit of quality of life. This occurrence is gaining importance hence the undeniable relevance of the dissertation theme.

As such, after a vast bibliographic research, the study focused on the identification and location of the neo-rural residents in “Douro Verde” (Amarante, Baião, Cinfães, Marco de Canaveses, Resende e Penafiel) in order to understand its characteristics and measure the positive impact on an economic, social and a cultural level that they may have in their new places of residence. In order to do so, face-to-face interviews were conducted to thirty-five “neo-rurals” identified after an intense fieldwork.

After analyzing the results, is concluded that most of “neo-rurals” are higher educated young people who seek to change their lifestyle to a healthier and simple one. It was concluded that they are entrepreneurs placing the main emphasis in tourism and agriculture in which organic production stands out.

Undoubtedly, due to proven capacity, these “neo-rurals” can boost economically, socially and culturally the “Douro Verde” region, something that may happen in other rural areas.

Keywords: “Neo-Rurals”, Rural Development, “Douro Verde”, Young Farmers

Índice de ilustrações

Ilustração 1: Taxa de variação da população residente, por município, 1991/2001 e 2001/2011.....	29
Ilustração 2: Distribuição dos tipos de Rural	54
Ilustração 3: Enquadramento do território "Douro Verde" na Região Norte	55
Ilustração 4: Evolução da população residente no território "Douro Verde", por freguesia (2001 e 2011)	59
Ilustração 5: Distribuição da população residente com 1º ciclo do ensino básico concluído (%) no "Douro Verde" – 2011	63
Ilustração 6: Distribuição da população residente com ensino pós-secundário ou superior concluído (%) no "Douro Verde" – 2011	64
Ilustração 7: Distribuição do número de explorações agrícolas no território "Douro Verde" (1999 e 2009)	66
Ilustração 8: Evolução da população empregada nos setores de atividade económica nos concelhos "Douro Verde" (2001 e 2011)	68
Ilustração 9: Proporção da população agrícola familiar na população residente (1999 e 2009)	69
Ilustração 10: Evolução da proporção da população agrícola familiar (1999 e 2009).....	70
Ilustração 11: Distribuição dos "neo-rurais" por sexo e idade	76
Ilustração 12: Naturalidade dos "neo-rurais"	81
Ilustração 13: Último local de residência dos "neo-rurais"	82
Ilustração 14: Distribuição dos "neo-rurais" identificados no "Douro-Verde"	83
Ilustração 15: Relação entre o último local de residência dos "neo-rurais" e a residência atual, por concelho	84
Ilustração 16: Distribuição dos "neo-rurais" no "Douro Verde" segundo a atividade económica	94

Índice de quadros

Quadro 1: Ação 1.1.3 – Candidaturas válidas apresentadas a concurso (instalação de jovens agricultores)	49
Quadro 2: Distribuição regional dos Pedidos de Apoio entrados no ano de 2014 e no total	50
Quadro 3: Evolução da densidade populacional (N.ºhab./ km²) por local de residência ..	57
Quadro 4: Evolução da População residente (2009-2014).....	58
Quadro 5: Indicadores gerais demográficos (2013)	60
Quadro 6: Evolução da Taxa de natalidade (2009-2013).....	60
Quadro 7: Evolução do Índice de envelhecimento (2009-2013).....	61
Quadro 8: Idade média da população residente (1991, 2001 e 2011).....	62
Quadro 9: Evolução do número total de empresas registadas (2009 -2012).....	65
Quadro 10: Evolução da População empregada por setor de atividade (2001 e 2011).....	67
Quadro 11: Evolução do número de desempregados (2008-2014).....	71
Quadro 12: Desempregados inscritos nos centros de emprego e de formação profissional no total da população residente com 15 a 64 anos (%) (2001 e 2009-2014).....	72
Quadro 13: O que os "neo-rurais" menos gostavam no meio urbano	79
Quadro 14: Ano de mudança dos "neo-rurais"	84
Quadro 15: Motivações/razões enunciadas pelos "neo-rurais" para a mudança da cidade para o campo	85
Quadro 16: Razões para a escolha do local.....	89
Quadro 17: Justificações do impacte económico positivo	98
Quadro 18: Justificações do impacte sociodemográfico positivo	100
Quadro 19: Justificações dos impactes ambientais positivos.....	102

Lista de abreviaturas e siglas

- AJAP**- Associação de Jovens Agricultores de Portugal
- AL**- Alojamento Local
- AML**- Área Metropolitana de Lisboa
- AMP**- Área Metropolitana do Porto
- CEE**- Comunidade Económica Europeia
- CAOP**- Carta Administrativa Oficial de Portugal
- CIM**- Comunidade Intermunicipal
- DESA**- Divisão para a População do Departamento dos Assuntos Económicos
- DLBC**- Desenvolvimento Local de Base Comunitária
- FEADER**- Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural
- INE**- Instituto Nacional de Estatística
- I&D**- Investigação e Desenvolvimento
- MPB**- Modo de Produção Biológica
- NUTS**- Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos
- OECD**- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
- ONU**- Organização das Nações Unidas
- PAC**- Política Agrícola Comum
- PRODER**- Programa de Desenvolvimento Rural
- TER**- Turismo em Espaço Rural
- UE**- União Europeia

Introdução

Muitos foram os motivos que, no século passado, levaram o Homem a trocar o campo pela cidade. Para uns, significava o começo de uma vida melhor, para outros, um mundo de surpresas e dificuldades. Atualmente, alguns invertem essa tendência e procuram o campo para viverem com mais qualidade, com mais tranquilidade e menos preocupações e, no fundo, para serem mais felizes. Mas quem são essas pessoas? De onde vêm? O que as levou a mudar o seu modo de vida? Com esta mudança que outras vertentes alteraram nas suas vidas? Como se integraram numa nova comunidade? De que forma se sustentam? O que pensam sobre a sua condição de “neo-rural”? Que impactes julgam ter na região onde agora vivem? Que opiniões têm sobre o despovoamento dos meios rurais? Que medidas tomariam para o combater?

São estas e outras questões que nos levaram a realizar esta investigação com uma forte vertente empírica, um intenso trabalho de campo, à procura de testemunhos de pessoas que, a certa altura da vida, decidiram trocar a cidade pelo campo, para aí viver permanentemente ou para desenvolver alguma atividade económica.

Tema pouco explorado na literatura, sabia-se à partida que se tratava de um estudo ambicioso e que enfrentaria muitos obstáculos. O principal: a identificação e localização do "neo-rural" a que acrescentaríamos a disponibilidade e vontade dessas pessoas em participar no estudo. Contudo, o grande interesse pela problemática não deixou esmorecer a vontade e a força inicial.

Esta dissertação realizada na área de estudos do Desenvolvimento Rural foi desenvolvida em diferentes fases. Inicialmente procurou-se abordar os subtemas associados à temática em estudo, através da revisão da literatura decorrente de uma vasta pesquisa bibliográfica. Depois de analisada a problemática em questão e de forma a tornar a investigação mais específica e qualitativa, foi necessário delimitar o território a estudar. Optou-se, então, por centrar este estudo nos “neo-rurais” residentes nos concelhos que formam o “Douro Verde”: concelhos de Amarante, Baião, Cinfães, Marco de Canaveses, Penafiel e Resende. Seguiu-se a identificação de possíveis intervenientes no estudo, ou seja, pessoas que optaram por se mudar para o campo em detrimento dos meios urbanos, por qualquer razão, e que assim mudaram de estilo de vida. A estes “neo-rurais” foram feitas entrevistas presenciais de resposta livre, com o intuito de “ouvir estórias” e de perceber as verdadeiras motivações que os levaram a trocar as cidades pelo campo e, assim, concretizar uma análise o mais realista possível.

A caracterização do território em estudo, que se apresenta no segundo capítulo, era fundamental não só para contextualizar a investigação, mas também para sustentar a análise dos resultados obtidos através dos inquéritos por entrevista. Assim se faria uma avaliação comparativa e se perceberia o impacto dos “neo-rurais” nos novos meios, nomeadamente contrariando o despovoamento e o empobrecimento dessas áreas.

Para ser possível responder às questões iniciais propostas para o desenvolvimento da dissertação, foram analisadas de forma minuciosa as entrevistas realizadas aos “neo-rurais”, tentando sempre estabelecer relações, com o intuito de encontrar padrões e pontos em comum que pudessem fundamentar as conclusões.

Este é, pois, um estudo com carácter exploratório que pretende contribuir para a percepção das migrações e do ordenamento do território nacional, aferindo, através de casos reais, o impacto que os novos rurais podem ter nos espaços mais pobres e despovoados. Sendo esta uma problemática recente mas com cada vez mais adeptos, antevê-se que esta “mobilidade” proporcione mais desafios mas também motivos aos investigadores e profissionais da área para se focarem neste tema.

1. Justificação e pertinência do tema

A formação académica em Geografia despertou em mim o interesse pelas Ciências Sociais, como Sociologia, Geografia Humana e História. No que diz respeito à Geografia Humana, o fascínio cresceu no sentido de conhecer a sociedade, estudando-a e descrevendo-a, tendo em conta a sua inserção no território, bem como a dialética que se instala com matrizes muito diversificadas. Por outras palavras, privilegio as relações existentes entre o homem e o meio, tendo como substrato o território, mas perspetivando sempre entender esta relação homem/espaco em que vive. O interesse pela sociologia surge com a vontade de estudar a sociedade, o comportamento humano em função do meio e fenómenos sociais associados, compreendo as diferentes sociedades e culturas. A História é outra área cativante, outra vertente da minha formação que se manifesta pelo contínuo estudo do Homem e sua intervenção no tempo e no espaço, que decorre da análise de eventos e processos ocorridos ao longo dos tempos que fundamentam o cenário atual.

Paralelamente, sempre existiu um grande interesse pelo estudo do mundo rural, pelas atividades e modos de vida desenvolvidos nestes meios, com o intuito de compreender a organização social e as relações entre as pessoas e os seus impactes no território. Este interesse comprova-se com trabalhos académicos elaborados no âmbito da licenciatura e do mestrado, que já tinham como tema principal o “mundo rural”.

Os espaços rurais na União Europeia, como referido no relatório de 2013 relativo ao Desenvolvimento Rural na União Europeia¹, “não são apenas o lar de mais de 113 milhões de pessoas - eles também fornecem alimentos, matérias-primas, postos de trabalho e uma ampla gama de bens e serviços ambientais, tais como paisagens culturais, a biodiversidade, armazenamento de carbono, água e solos”. Uma vez que existe a perceção que o meio rural é demasiadas vezes esquecido e negligenciado, achou-se importante desenvolver esta dissertação sobre um tema atual relacionado com o meio rural, que carece de uma abordagem científica e amplas reflexões.

Como é do domínio público, o meio rural português tem, nos últimos anos, sofrido grandes mutações, acentuadas pelo despovoamento mas também pelo empobrecimento e envelhecimento sentidos nestes territórios. As profundas alterações retratadas nas transformações sociais, económicas e institucionais, acarretam inúmeros desafios para o desenvolvimento dos territórios rurais. Assim, devido ao processo de reconfiguração que os

¹ Jerzy Plewa, Director General for Agriculture and Rural Development *in* Union, E. (2013). Rural Development in the EU: Statistical and Economic Information: European Union - Directorate-General for Agriculture and Rural Development, p.5.

territórios nacionais estão a sofrer, abrem-se novas perspectivas de análise como a presente dissertação, que pretende fornecer um contributo à discussão sobre a realidade do mundo rural português, com especial foco na área do “Douro Verde”, território escolhido para desenvolver a investigação.

Uma vez escolhida a área a abordar, surgiu a necessidade de tornar o estudo mais específico, de forma a assegurar o rigor e a qualidade do mesmo, o que obrigou a uma reflexão profunda. A multiplicidade de problemáticas associada ao meio rural, abre caminho a um debate, a vários níveis, sobre o futuro e as possibilidades de desenvolvimento, já que são múltiplos os possíveis trajetos e futuros do mundo rural. Existiria, pois, um leque abrangente de temas a explorar nesta dissertação, entre os quais e citando apenas alguns, se poderia apostar nas especificidades do setor agrícola e no quadro social que o enquadra (jovens agricultores, produtos locais, entre outros), mas também no impacto do turismo e no despertar da letargia em que alguns destes espaços se encontram, para além do destaque crescente que o património arquitetónico e cultural tem atingido no plano estratégico, ou ainda a evolução da paisagem segundo a ação de múltiplos atores. E como ignorar em termos estratégicos, para fundamentar as dinâmicas rurais, as políticas e programas comunitários para o quadro nacional, o planeamento ou o impacto da inovação em meio rural?

Findo o período de reflexão e análise, decidiu-se centrar este estudo nos “neo-rurais” ou “novos rurais”, conceito ouvido ultimamente com alguma frequência, mas que muitos não entendem o significado.

O termo “neo” vem do grego e exprime a ideia de “novo”, “atualizado”, “recente”, “reavivado”, “modificado”. O “rural”, apesar de não haver uma única definição aceite internacionalmente, entende-se como uma outra ocupação não urbana do espaço. Logo, a expressão “neo-rural” significa “um novo rural”, ou seja, uma pessoa que passou a pertencer ao meio rural, por alguma razão (económica, social, ambiental, ou outra), como se especificará na presente dissertação.

A decisão de realizar a investigação tendo como foco os “neo-rurais”, foi tomada devido à atualidade e pertinência inegáveis do tema e à perceção da escassez de estudos neste âmbito. Com efeito, se por um lado esta aposta acarreta muitas incertezas e complexidades devido à falta de informação de âmbito científico, a começar pelo desconhecimento do seu número e localização (não existe levantamento estatístico sobre esta realidade), por outro sucedem-se os casos relatados na comunicação social, das novas incursões feitas pelos ex-urbanos no território

rural. Está por estudar e entender o cenário criado à volta dos “neo-rurais”. Assim se fundamenta a temática desta dissertação e, conseqüentemente, a definição dos objetivos.

2. Objetivos

Os objetivos são múltiplos, mas como objetivo principal, pretende-se aferir que impactes, a vários níveis, podem os “neo-rurais” ter nos territórios rurais. Para além das conclusões retiradas através dos métodos de investigação utilizados, com o recurso a inquéritos por entrevista, procurou-se também perceber o impacto que os próprios “neo-rurais” acham que têm individualmente, bem como o papel que julgam ter na inversão das características demográficas, particularmente sobre as problemáticas associadas ao mundo rural.

Havia porém que começar por perceber quem são os “neo-rurais”, caracterizando-os. Assim, após a localização e identificação dos “neo-rurais” para conhecer o seu perfil social e técnico-cultural, foram realizadas entrevistas aos mesmos, com o intuito de perceber a idade, sexo, habilitações literárias, naturalidade, profissão, entre outros indicadores que se julgaram relevantes para traçar o seu perfil, particularmente na unidade territorial em análise, o “Douro Verde”.

De seguida, procurou-se perceber a origem dos “neo-rurais”, o que faziam a nível profissional anteriormente e o porquê de se instalarem na área territorial em estudo. Ao mesmo tempo, pretendeu-se conhecer as “histórias” e as motivações que levaram as pessoas a alterar o seu estilo de vida, variável que se prende com múltiplos fatores, como se poderá verificar ao longo da dissertação. Considerou-se também pertinente tentar perceber se houve uma receção/reação positiva por parte dos habitantes autóctones ou se existiram obstáculos à integração destes novos rurais no meio em questão e de que forma foram ultrapassados.

Além disto, e para perceber o potencial económico que os “neo-rurais” trouxeram ou podem trazer aos meios rurais, definiu-se ainda como objetivo específico aferir se exercem alguma atividade económica ou profissional na área que os acolheu, com o intuito de as analisar e constatar quem colabora/faz parte da mesma, proporcionando o seu sucesso ou fracasso, entre outros aspetos.

Por último, e através de várias questões colocadas aquando da realização das entrevistas aos “neo-rurais”, questionou-se o futuro, sugerindo uma visão prospetiva deste território em análise, por parte dos entrevistados. Julgou-se também valioso para a investigação saber se os “neo-rurais” propunham a vinda de amigos ou familiares para o meio rural, saber se tencionam continuar a viver na área rural em que residem ou desenvolvem atividade e ainda compreender se os “neo-rurais” pensam que o despoletar do desenvolvimento rural radica no acolhimento de

mais ex-urbanos. Ao mesmo tempo, entendeu-se importante conhecer as estratégias ou medidas que tomariam para a receção a novos residentes/empresários que se instalam, ou pretendem instalar em meio rural, ou outras políticas/projetos sugeriram tendentes à dinamização da freguesia onde residem atualmente, assim como a visão para os territórios rurais à escala nacional.

3. Escolha do Território

*Todo e qualquer pedaço de território é uma espécie de cristal multifacetado com faces de contornos e nitidez muito variáveis: é um território com um determinado tipo de povoamento, uma estrutura produtiva, alguns ativos patrimoniais, um conjunto paisagístico e um acervo simbólico.*²

Definido o tema e os objetivos da investigação, foi necessário delimitar uma unidade territorial, que permitisse um estudo próximo e presencial. Como referido na afirmação anterior, cada território tem as suas especificidades, razão pela qual foi necessário fazer uma avaliação exploratória do território e a sua adequabilidade ao tema, de forma a garantir que existiam “neo-rurais” a residir ou a desenvolver alguma atividade económica no mesmo e que estivessem dispostos a contribuir para o estudo.

A região demarcada do “Douro Verde” foi o território escolhido para desenvolver esta investigação, decisão que é justificada por várias razões:

- a) A primeira prendeu-se com o facto de já existir um conhecimento pessoal sobre os concelhos que fazem parte do território (Amarante, Baião, Cinfães, Marco de Canaveses, Penafiel e Resende), o que permitiria uma análise mais realista e adequada do mesmo, e do seu quadro humano, já que se exigia um intenso trabalho de campo;
- b) Além disso, era necessária uma proximidade física ao território, para, por exemplo, contactar diretamente com organismos/entidades locais de forma a conseguir identificar “neo-rurais” que pudessem integrar a investigação.
- c) A proximidade ao território permitiria uma maior facilidade de deslocamento, reduzindo tempo e custo nas viagens necessárias.
- d) A quarta razão recaiu sobre as próprias características do território, já que o “Douro Verde” é reconhecido como um território heterogéneo e a sua base rural, na globalidade, facilita a busca de novos rurais em toda a sua extensão.

² Covas, A. (2009). Neo-Rurais e mercados emergentes em agroicultura: o campo revisitado. Paper presented at the Seminário: Desenvolvimento Rural: tendências e oportunidades, Serpa, p.1.

Como território rural que é, o “Douro Verde” apresenta características associadas ao despovoamento, ao envelhecimento populacional, ao empobrecimento dos que persistem em residir neste espaço que, sendo idosos, possibilitam uma acentuada quebra da natalidade, ainda amplificada na sequência de amplos fluxos emigratórios sobretudo para o espaço europeu, mas também migrações internas para as principais áreas metropolitanas portuguesas, entre outros. Assim, os novos rurais podem ter um impacto importante na tentativa de inversão das tendências anteriores, a todos os níveis.

Constata-se ainda que na área escolhida, assim como em todo o território nacional, deparamo-nos com meios rurais diferentes entre si: “um que é próximo das grandes cidades e outro, que se encontra em grande parte desertificado e quase esquecido” (Ribeiro, 2013, p. 5). Para além disso, este território apresenta potencialidades e fraquezas diversas em cada concelho que o constitui. Na unidade territorial “Douro Verde” analisada, apesar de estarem classificadas todas as suas freguesias como rurais³, existe uma grande disparidade em termos económicos e sociais, uma profunda diversidade interna, a nível populacional e de dinâmica económica, por exemplo. É este ponto que torna interessante o território “Douro Verde”: por um lado, por exemplo, o município de Baião, interior e considerado em 2008, pela Rede Europeia Anti Pobreza⁴, o concelho onde o nível de pobreza é mais grave; por outro lado, Penafiel um município mais próximo do Porto e sua Área Metropolitana, mais urbano e com outra dinâmica económica mas também com as suas freguesias consideradas rurais. Esta diversidade territorial, este mosaico espacial, traz mais pertinência a esta investigação pois, como já foi referido, os “neo-rurais” podem ter um papel importante, distinto e desigual em diferentes pontos do território.

4. Abordagem metodológica

Esta dissertação em Geografia e Ordenamento do Território, área das Ciências Sociais e Humanas, insere-se no âmbito do Desenvolvimento Rural, em contexto que privilegia os impactos sociais, económicos e culturais que os “neo-rurais” têm ou podem ter nos territórios rurais da região do “Douro Verde”.

³ No âmbito do Programa de Desenvolvimento Rural do Continente para 2014-2020, foram classificadas como freguesias rurais todas “exceto as que fazem parte, ou incluem, aglomerados populacionais com mais de 15 000 habitantes”. Fonte: Gabinete de Planeamento, P. e. A. G. (2013). Programa de Desenvolvimento Rural do Continente para 2014-2020: Medidas – Condições Gerais. Governo de Portugal, p.2. Neste caso, a Freguesia de Penafiel, do concelho de Penafiel, com cerca de 15500 residentes não consta na lista de Freguesias Rurais PDR 2020.

⁴ Portugal, Q. (2008). Nas Margens do Tâmega - Mercado de Trabalho, Pobreza e Exclusão: interações e intervenções: Diferença, Lda.

Como exposto anteriormente, a escolha do tema e da região a estudar foi sustentada pelo conhecimento empírico do território e pelos contactos previamente estabelecidos. Neste contexto, ao longo da investigação, procurou-se enquadrar e orientar o estudo através de métodos reconhecidos para a área das Ciências Sociais e Humanas. Nesse sentido, a metodologia adotada baseou-se numa componente teórica e numa componente prática e empírica.

O tema, associado a alguma complexidade, tanto na sua compreensão, devido à escassez de estudos sobre o mesmo, como na sua componente prática, devido à dificuldade de identificar “neo-rurais” disponíveis para integrar o estudo, exigiu um planeamento rigoroso da investigação bem como a adoção de instrumentos de pesquisa adequados.

Inicialmente foi formulado e fundamentado todo o processo e a problemática em foco. A investigação, tal como todas as que se desenvolvem nesta área, carecia de uma contextualização teórica, pelo que se realizou uma vasta pesquisa bibliográfica, com o objetivo de conhecer e analisar o estado da arte. Partindo dos objetivos definidos para o estudo, procurou-se identificar investigadores da mesma área e analisar os trabalhos que se consideraram mais relevantes.

Esta pesquisa baseou-se na consulta de monografias, teses e dissertações científicas, na leitura de revistas científicas e de comunicações em congressos da área, e na busca de documentos ou estudos realizados por Instituições Portuguesas e Europeias, entre outros. Em suma, foram tidos em conta vários métodos de recolha de informação relativa ao tema e ao território em estudo. Após a recolha de informação, foi realizada a revisão da literatura sobre os assuntos e conceitos que se acharam pertinentes abordar para contextualizar e sustentar a parte empírica da dissertação.

A esta fase seguiu-se o contacto com a realidade em estudo através da experimentação, observação e análise/avaliação, com a finalidade de perceber a problemática. Uma vez que este é um estudo com uma forte componente prática, com o propósito de perceber os impactos dos “neo-rurais” no território do “Douro Verde”, optou-se por uma abordagem quantitativa mas também qualitativa, através do método de investigação de inquéritos por entrevista.

Segundo Bodgan e Biklen (1994) , “a entrevista adquire bastante importância no estudo de caso, pois através dela o investigador percebe a forma como os sujeitos interpretam as suas vivências já que ela é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (p.134). Anderson e Kanuka (2003) consideram a

entrevista com um método único na recolha de dados, por meio do qual o investigador reúne dados, privilegiando a comunicação entre indivíduos.

Assim sendo, todos os “neo-rurais” identificados e que se mostraram disponíveis para integrar o estudo, foram entrevistados presencialmente com base num inquérito previamente definido. Sempre que possível e justificável foram ainda registadas imagens fotográficas das atividades económicas exercidas pelos indivíduos, de forma a enriquecer a presente dissertação.

Há contudo, que realçar este trabalho, pois houve um longo e sinuoso caminho no que diz respeito à identificação dos “neo-rurais”. Com efeito, inicialmente, foi realizada uma pesquisa exaustiva em *blogs*, *sites* e jornais com publicações no âmbito do território de estudo e do desenvolvimento rural, para além de se terem estabelecido contactos com todas as Câmaras Municipais dos concelhos do território “Douro Verde”. Foram ainda abordados todos os presidentes de Juntas de Freguesia e os vereadores responsáveis pelo desenvolvimento e dinamização rural, bem como as associações locais. Uma das fontes de identificação de “neo-rurais” mais frutíferas foram as Associações Empresariais de cada concelho da área de estudo. Paralelamente, foram abordadas organizações de prestação de serviços de consultoria e apoio técnico na área da Agricultura e de Engenharia Agrónoma, como meio de encontrar jovens agricultores e outros que tenham sido apoiados para a elaboração de projetos de investimento no âmbito do Programa de Desenvolvimento Rural (PRODER) na região Norte.

Importa realçar que houve um grande esforço em utilizar todos os meios disponíveis para localizar e angariar “neo-rurais” que se enquadrassem no estudo e se mostrassem disponíveis e interessados a participar no mesmo. Sendo esta uma investigação no terreno, dependente de terceiros, considerou-se o trabalho de campo crucial para o desenvolvimento e sucesso desta dissertação.

O inquérito por entrevista, por seu lado, foi estruturado tendo em vista os múltiplos objetivos antes explanados. Na realidade, para a realização do inquérito foram definidas e agrupadas temáticas gerais que deram origem a questões específicas de resposta aberta. O objetivo era dar liberdade ao entrevistado para partilhar as suas vivências e opiniões e não condicionar, de nenhuma forma, as suas respostas. Ao mesmo tempo, a divisão do inquérito em grupos de perguntas sobre um determinado tema permitiu uma análise mais rápida dos resultados. Pretendeu-se assim ter uma primeira parte que se focava no perfil da pessoa, uma segunda sobre a situação anterior à mudança, uma terceira parte que assentava na situação atual e uma última que se baseava nas perspetivas futuras.

Concluída a recolha dos dados, passou-se à fase de tratamento dos mesmos, processo que se tornou bastante demorado uma vez que esta é uma investigação essencialmente qualitativa e, como tal, exigiu uma transcrição rigorosa e integral das gravações áudio das entrevistas realizadas. Esta fase inclui, além da transcrição dos dados, a sua organização e catalogação para posterior análise.

A qualidade dos dados é o fator de sucesso de qualquer investigação, ou seja, o conhecimento científico por ela produzido e a relevância que estes têm no contexto da investigação. Por isso, a fase que se seguiu, da análise dos dados, foi de extrema importância para a formulação dos resultados e, conseqüentemente, para responder aos objetivos centrais desta investigação.

Numa primeira fase, os dados foram catalogados de acordo com os temas sujeitos a análise, facilitando depois a identificação de relações entre eles e a construção de gráficos e cartografia representativos dos mesmos. Optou-se por representar alguns dados de forma gráfica e textual e outros apenas textualmente, dependendo da sua pertinência para as conclusões do estudo. Foram também construídos alguns mapas, recorrendo à ferramenta ArcGis.

Finda a análise dos dados, foi possível aferir as conclusões da investigação e responder à sua questão central: os “neo-rurais” têm algum impacto social, económico e/ou cultural nos territórios rurais para onde se deslocaram?

5. Organização da dissertação

A presente dissertação está estruturada em capítulos, de forma a tornar mais compreensível as diferentes fases do projeto.

Começamos por uma breve introdução onde se apresenta a temática em estudo e o enquadramento da investigação bem como os objetivos e as motivações que a guiaram. A metodologia adotada para o desenvolvimento de todo o estudo também foi devidamente explicada e detalhada de forma a facilitar a perceção das diferentes fases do trabalho.

Seguiu-se o capítulo um, que inclui a revisão da literatura sobre os temas mais pertinentes a abordar para o desenvolvimento deste estudo. Neste sentido, procurou-se fazer um enquadramento teórico do tema em questão, começando por apresentar uma perspetiva generalista à escala europeia no que concerne ao “Mundo Rural”, seguindo-se um levantamento sobre o panorama rural português e as mudanças associadas a estes territórios. Assim se abordou o “Mundo Rural” e os “neo-rurais”, os temas centrais desta análise no estado da arte,

bem como alguns conceitos e problemáticas a eles associados, como é o caso das dificuldades na fixação dos jovens em territórios rurais, os programas comunitários e os jovens agricultores.

No capítulo dois caracteriza-se o território em estudo – o “Douro Verde” – a nível físico, sociodemográfico e económico, realçando os aspetos mais pertinentes para o enquadramento da investigação e para uma melhor compreensão do estudo aqui desenvolvido.

O terceiro capítulo diz respeito à parte empírica da dissertação, a parte central, e apresenta a análise dos resultados obtidos na sequência do intenso trabalho de campo. É neste capítulo que se revelam os dados recolhidos e os métodos utilizados para o efeito. Depois, é feita uma análise detalhada dos mesmos, à luz dos objetivos propostos para esta dissertação.

Termina-se com a apresentação das considerações finais, numa área que, acreditamos, terá cada mais vez mais interesse por parte dos investigadores.

Capítulo 1 – Revisão da literatura

A revisão da literatura aborda os principais assuntos inerentes ao contexto desta dissertação, com base na literatura científica encontrada e selecionada. Os temas aqui desenvolvidos seguem uma ordem com vista a se realizar uma análise numa perspetiva mais geral, caso da avaliação do contexto europeu e mundial, para de seguida nos centrarmos em temas mais específicos como os “neo-rurais” e os jovens agricultores.

1.1. Que rural no Mundo e na Europa?

O relatório da Organização das Nações Unidas (ONU)⁵, relativo às Tendências Mundiais de Urbanização em 2014, produzido pela Divisão para a População do Departamento dos Assuntos Económicos e Sociais (DESA), indica-nos que, globalmente, e desde 2007, já vivem mais pessoas em áreas urbanas do que nos espaços rurais. Em 2014, 54% da população mundial residia em núcleos urbanos, ao passo que em 1950 apenas 30% da população mundial era urbana. Efetivamente, a população urbana a nível mundial tem crescido rapidamente, passando de 746 milhões em 1950 para 3,9 mil milhões em 2014. Já em 2050, é de assinalar que se projeta que 66% da população do mundo será citadina. Por outro lado, a população rural a nível mundial tem crescido mas lentamente desde 1950, estimando-se atualmente em cerca de 3.4 mil milhões e prevendo-se um declínio para 3.1 mil milhões em 2050.

A nível global, as últimas décadas caracterizam-se por um rápido crescimento da população mundial, mas num contexto bem diferenciado em termos de repartição territorial, enquadramento e características organizacionais e logísticas, dado o progressivo aumento da população urbana, valorizando a disponibilidade de serviços e outros atrativos existentes nas cidades. Refletem também a maior liberalização dos mercados num contexto cada vez mais globalizado. Obviamente, os impactos destas tendências são indesmentíveis nos espaços onde a ruralidade permanece nas suas diversas vertentes e conjuntura, induzindo o setor agroflorestal a modernizar-se, a aumentar a sua competitividade para dar resposta à progressiva mercantilização (Rebelo, 2015).

Se nos posicionarmos no espaço europeu, a ruralidade transformou-se radicalmente nos últimos 50 anos. Como Hélder Trigo, em 2008, afirma “No pós - guerra e ainda aquando do tratado de Roma, que estabeleceu a necessidade de implementar uma política agrícola comum, o

⁵ Union, E. (2013). Rural Development in the EU: Statistical and Economic Information: European Union - Directorate-General for Agriculture and Rural Development.

campo era ainda um território essencialmente de produção de bens alimentares com base numa economia de raiz camponesa. O crescimento urbano – industrial que posteriormente se operou, o sincrónico êxodo rural e a progressiva dominância das políticas produtivistas, se não operaram uma profunda transformação da paisagem rural, marcada por uma densa espessura histórica, recentraram, pelo menos no nosso imaginário colectivo, a concepção que hoje temos do que é o campo e, mesmo, para que (nos) serve” (Trigo, 2008, p. 1).

Não obstante, a heterogeneidade é a regra, conjugando-se distintas tipologias de ruralidades, de espaços de baixa densidade, persistindo mais nitidamente a tradição em alguns meios, enquanto noutros a inovação e fortes movimentos de capital, proporcionam o seu destaque. Em termos europeus, existem regiões em que as dinâmicas foram menos positivas, algo regressivas, mas também o oposto, onde as melhorias técnicas e de produtividade conduziram ao seu destaque, à sua valorização. Por outro lado, cada vez mais os espaços rurais se associam à tranquilidade, à preservação de paisagens, de cenários vivos onde a tradição, a cultura e outros bens societários se reposicionam positivamente, proporcionando que efetivamente na Europa existam territórios rurais atrativos pela qualidade de vida que propiciam (nomeadamente em França e Inglaterra). Nuno Azevedo, refere que “Assim, tal como em alguns territórios europeus, os espaços de baixa densidade do interior do país são espaços com recursos e fragilidades bem vincadas, aos quais se abrem novas perspectivas e oportunidades de desenvolvimento. Tendo em consideração que os processos de mudança têm sido uma tendência verificada na generalidade dos países europeus, os processos de transformação e as dinâmicas territoriais em territórios rurais portugueses não devem ser muito diferentes dos ocorridos em outros territórios rurais da União Europeia” (Azevedo, 2010b, p. 7).

Apesar disso, para além do conceito técnico habitualmente usado para caracterizar as diferentes dimensões da Europa rural, é fundamental reconhecer que o meio rural europeu é bastante diferenciado e está sujeito a uma acelerada mudança. Eduardo Figueira, explica que “de facto, o meio rural não pode definir-se de igual modo em todos os Estados Membros da Europa. Isto significa que é mais correcto falar de Europas rurais do que em Europa rural. Embora a crescente perda de controlo da economia por parte das comunidades rurais constitua a principal evidência da mudança a que presentemente o mundo rural Europeu está sujeito, a actividade agrícola continua a desempenhar papel essencial na economia da maior parte das comunidades e territórios rurais da Europa. Assim sendo, a agricultura pode ser assumida como a actividade promotora dos equilíbrios social, económico e ambiental nas economias locais e, consequentemente, nas economias nacionais” (Figueira, 2012, p. 50).

Com todas as mudanças recentes e da diversidade de situações que caracterizam os espaços rurais europeus, continua a ser vulgar a associação, no seio da opinião pública, entre este tipo de áreas e perfis produtivos relativamente uniformes e basicamente dependentes de recursos naturais. João Ferrão, sustenta que “a multifuncionalidade dos espaços rurais sugere uma leitura mais sensível à diversidade económica destes territórios em alguns círculos de natureza académica ou política. Mas ainda assim o estereótipo de áreas rurais como territórios agro-florestais e homogéneos permanece vivo no mapa cognitivo de muitos decisores políticos, técnicos e empresários, com implicações importantes no que se refere à formulação de estratégias e políticas de desenvolvimento para essas áreas” (Ferrão, 2003, p. 245).

Atualmente, de modo particular nos países do sul da Europa, “a austeridade e as recessões prolongadas, o envelhecimento populacional e as elevadas taxas de desemprego, em especial dos jovens e desempregados de longa duração, e o agravamento das assimetrias regionais e locais, deixam muitos territórios à beira de um ataque de nervos, onde se incluem inúmeros concelhos entregues à desertificação e ao despovoamento” (A. Covas & Covas, 2013, p. 48).

1.2. Portugal: alguns apontamentos de contextualização

Atualmente, o nosso país, “à semelhança de outros países da União Europeia (UE), encontra-se em contraciclo económico não conseguindo, face a isso, aumentar o emprego nem a sustentabilidade da coesão social e do meio-ambiente” (M. Covas, 2008, p. 239). Em Portugal, “A dieta macroeconómica faz o seu caminho no âmbito do programa de ajustamento económico e financeiro acordado com a Troika” (A. Covas & Covas, 2013, p. 43). Ao mesmo tempo, assistimos ao processo de desterritorialização de parcelas significativas do espaço português. Neste sentido, “num momento de forte austeridade e recessão económica, as políticas de desenvolvimento são um alvo fácil e não conseguem combater o contra ciclo em termos do envelhecimento populacional, as elevadas taxas de desemprego, o fraco tecido empresarial e débil capacidade empreendedora, bem como o agravamento das próprias assimetrias locais e regionais” (Reis, 2014, p. 6). Assim, o interior e as áreas rurais continuam no seu processo de retração, a todos os níveis.

É indubitável constatar que o mosaico territorial está a mudar a nível nacional, com um maior impacto nas regiões rurais (Azevedo, 2010b). Em termos gerais, assiste-se a um gradual despovoamento que se desenvolve ao longo de todo o território interior do país, facto visível nos fenómenos migratórios internos, na deslocação da população para o litoral mas também externos, reflexos de uma intensa emigração (Batista & Figueiredo, 2010). A par disso, o território nacional apresenta “uma forma quase arquipelágica, como que pequenas economias

regionais ou locais isoladas” (A. Covas & Covas, 2013, p. 43). Para tal, muito contribuem fatores relacionados com a litoralização, a bipolarização nas áreas metropolitanas e a consequente urbanização, que têm contribuído para subalternizar o espaço rural. A litoralização, que se define por um processo conducente a uma maior concentração populacional e de atividades junto à faixa litoral, verificou-se com maior intensidade a partir da década de sessenta. Como consequência da evolução económica e da capacidade produtiva e dos investimentos no litoral, acentuaram-se as assimetrias regionais, fundamentando um crescimento rápido das principais cidades aí localizadas e o aparecimento de novos núcleos urbanos, sobretudo à volta das duas grandes metrópoles, gerando um notório desequilíbrio. No caso de Portugal Continental, este fenómeno assume um grande destaque, sobretudo na faixa litoral entre Braga e Setúbal.

Para além da concentração populacional, é nas duas Áreas Metropolitanas, de Lisboa e do Porto, que se encontra a maior concentração nacional de atividades de base tecnológica, de indústria e serviços intensivos em conhecimento e de Investigação e Desenvolvimento (I&D). Nesse sentido, “existe um *stock* de capital humano relativamente expressivo à escala nacional, o que proporciona a estes territórios uma maior e melhor capacidade de desenvolvimento e de utilização do conhecimento com vista à inovação. Representa também a maior concentração institucional do país” (T. Marques, 2003, p. 507).

A Área Metropolitana de Lisboa (AML) regista a maior concentração populacional e económica de Portugal. Nos seus dezoito concelhos que constituem 3,3% do território nacional, residem quase 3 milhões de habitantes, cerca de ¼ da população portuguesa. Ao nível económico concentra cerca de 25% da população ativa, 30% das empresas nacionais, 33% do emprego e contribui com mais de 36% do PIB nacional.⁶

Por seu lado, a Área Metropolitana do Porto (AMP) reúne cerca de 47% da população da região Norte. Em 2012, a população residente estimada era de 1.750.297, representando cerca de 17% da população residente em Portugal.⁷ Apesar de o processo de industrialização ter sido tardio em Portugal, quando comparado com outros países, “o crescimento urbano recente arrastou novas questões ao ordenamento do território” (T. Marques, 2003, p. 507).

Com base no “Retrato Territorial de Portugal – 2011”⁸ e realizando uma avaliação demográfica a Portugal, afere-se que num contexto de abrandamento do crescimento

⁶ Lisboa, Área Metropolitana de. (2015). Área Metropolitana de Lisboa. Retrieved Março, 2015, from <http://www.aml.pt/aml/>.

⁷ Primus. (2015). Retrato da Área Metropolitana do Porto: Território. Retrieved Março, 2015, from <http://www.primus-dr.pt/v2/index.php?oid=9>.

⁸ Estatística, Instituto Nacional de. (2013). Retrato territorial de Portugal – 2011. Lisboa: IP Lisboa.

demográfico, continua a manifestar-se um processo de concentração populacional no litoral continental e de bipolarização nas áreas metropolitanas. Em 2011, residiam em Portugal 10,6 milhões de pessoas, mais 200 mil do que em 2001, refletindo um crescimento de 2,0%. Este valor traduz um abrandamento do crescimento populacional: de 4,9%, entre 1991 e 2001, para 2,0%, entre 2001 e 2011. A evolução da distribuição da população, entre 1991 e 2011, sugere o reforço da concentração populacional no Litoral continental – em particular, nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto – traduzindo a continuidade do já referido processo de litoralização e bipolarização da população residente verificado nas últimas décadas. Das 371 freguesias nacionais que apresentavam uma densidade populacional superior a mil habitantes por km², 143 localizam-se na AML e 85 na AMP (p.4).

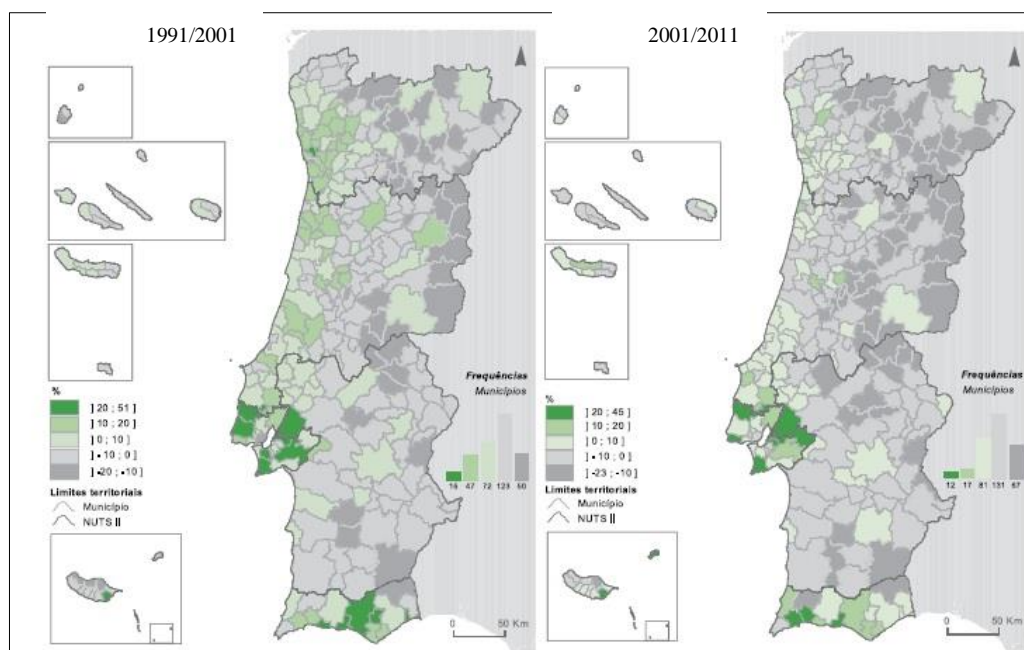


Ilustração 1: Taxa de variação da população residente, por município, 1991/2001 e 2001/2011

Extraído de: Ine, Recenseamentos da População e Habitação, 2001 e 2011. Estatística (2013)

Paralelamente, e como se comprova na ilustração 1, continuou a verificar-se perda de população nos municípios do interior do país: o número de municípios que perdeu população cresceu de 173, entre 1991 e 2001, para 199 entre 2001 e 2011, tendo igualmente aumentado o número de municípios com decréscimos populacionais superiores a 10%, localizados maioritariamente no interior do país (Estatística, 2013, p. 4).

O território nacional, apesar de pouco extenso, é marcado por profundas desigualdades, nomeadamente, entre o litoral e o interior. A densidade populacional em Portugal “caracteriza-se pela existência de um enorme contraste entre o Litoral e o Interior, mais concretamente, o

Litoral Norte e Centro, e as restantes áreas do país” (Silva, 2012, p.35), verificando-se assim que os “municípios do Litoral estão mais desenvolvidos, enquanto os do Interior continuam a perder população e competitividade, o que provoca efeitos devastadores nas suas economias” (Silva, 2012, p.V).

Consequentemente, a rede urbana nacional apresenta desequilíbrios, caracterizada por demasiados centros de reduzida dimensão e por dois grandes centros de nível mais elevado, as Áreas Metropolitanas, sendo necessário mais centros de média importância e dimensão. Como sabemos, a população tende a seguir o sentido da oferta e das oportunidades, razão pela qual a concentração destas oportunidades no litoral induz ao fluir da população para estes espaços. Seja por movimentos pendulares, migrações ou êxodo rural, os mais jovens e com formação tendem em alterar os seus estilos de vida, procurando áreas mais dinâmicas e atrativas, o litoral.

Deste modo, apenas 40 anos passaram do 25 de Abril de 1974 mas acentuou-se a falta de coesão territorial do espaço nacional (A. Covas & Covas, 2013). Como referem António e Maria Covas, “se olharmos bem para os municípios do interior do país, que representam mais de 60% do território nacional, e para a desertificação e o despovoamento que os atinge, podemos afirmar, sem exagero, que os portugueses que ainda aí permanecem vivem em estado de verdadeira “reclusão territorial”, pois são concelhos sem expectativas e sem futuro” (A. Covas & Covas, 2013, p. 45). Se, por um lado, os “investimentos realizados em infraestruturas nas últimas décadas permitiram uma maior aproximação entre o meio rural e o meio urbano, por outro lado, em vastas áreas do território nacional, eles vieram acentuar a fragmentação e a descontinuidade territorial, reforçando as já clássicas assimetrias entre o interior e o litoral do país” (Silva et al., 2014, p.6). Com realidades económicas muito díspares, “encontram-se municípios bem equipados de infraestruturas, capazes de atrair quer populações quer investimentos, enquanto noutros deparamo-nos com a escassez de infraestruturas” (Silva, 2012, p.1), o que facilita a instauração de um quadro de abandono populacional, difícil de se reverter.

1.3. Os espaços rurais portugueses em mudança

Após a contextualização do panorama territorial Português importa perceber os meios rurais e sua evolução. Grande parte do território rural conhece, desde meados do século XX, um declínio constante, motivado pelas transformações globais da sociedade portuguesa, assim como pelas mudanças particulares do território. Na primeira metade do século passado, território rural e agricultura eram sinónimos, ao contrário da imagem atual, em que não lhe associam apenas a parte agrícola (Baptista, 1993, 2006).

Nas últimas décadas, a sociedade sofreu inúmeras transformações que se intensificaram a seguir ao 25 de Abril de 1974. Destas, a dissociação entre o rural e a agricultura constitui a face mais visível, induzido por um conjunto de processos demográficos, sociais e económicos que conduziram à progressiva “desruralização” do país. As sociedades e os territórios rurais de baixa densidade conheceram processos de mudança profunda que se enraízam nas transformações sociais, económicas e institucionais e que carecem de particular atenção e têm sido intensamente debatidos (Barreto, 2000; M. Covas, 2008; Reis, 2014; D. Silva et al., 2014).

No pós-25 de Abril de 1974, o rural perdeu efetivamente a sua força, “cedendo o seu lugar, no universo simbólico de então – apesar das conquistas democráticas dos trabalhadores agrícolas assalariados e dos pequenos agricultores a uma estratégia que valoriza, sobretudo, a expansão industrial e urbana” (Lima, 2006, p. 152). Muitas destas transformações inscrevem-se nos processos mais gerais de mudança dos territórios rurais do Ocidente, em particular na Europa (D. Silva et al., 2014).

Podemos afirmar que as transformações referidas resultaram de um “longo e persistente alheamento político antes e após o 25 de Abril de 1974 relativamente aos territórios rurais. Este afastamento foi sendo reforçado com a aplicação da Política Agrícola Comum (PAC), na sequência da adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE) de então, conduzindo ao acentuar do declínio dos territórios rurais e ao aumento do fosso entre as regiões interiores e litorais do país” (D. Silva et al., 2014, p. 5). Na ótica de Oliveira Baptista, as orientações da PAC não foram favoráveis à agricultura portuguesa. A entrada do país na CEE e a aposta na modernização da agricultura não contribuiu para o aumento da competitividade da agricultura portuguesa no contexto europeu (Baptista, 1993, 1996). Assim, a PAC tem um historial desfavorável às agriculturas do sul da Europa, como noutro ponto da presente dissertação será comprovado. Desde a sua origem foi uma ferramenta que cria “desigualdades produtivas entre países e que gera dependências alimentares internacionais através da destruição do potencial produtivo dos países menos favorecidos” (Rebelo, 2015, p. 90).

Acresce que desde meados do século passado, a família, a escola e as autarquias revelaram-se incapazes de evitar a degradação progressiva do património herdado e do seu valor intrínseco. Maria Covas, alude que “ao permitir este empobrecimento cultural os portugueses abdicaram, em grande medida, da sua autonomia económica, desresponsabilizaram-se da sua missão empreendedora e de criação de riqueza, abandonaram as propriedades e a atividade rural, migraram, urbanizaram-se, e, ao mesmo tempo tornaram-se cada vez mais suplicantes de empregos e reivindicadores de salários” (M. Covas, 2008, p. 229)

Aliado ao processo de envelhecimento e declínio populacional, na escala nacional, as áreas marginais de baixa densidade representam, segundo Oliveira Baptista et al. (2004), cerca de metade do território nacional, aprofundando o seu declínio. A ideia anterior é complementada, referindo-se que “as políticas económicas e sociais que têm vindo a ser implementadas nas últimas duas décadas em Portugal assentaram no pressuposto de que urbanizar e industrializar seria suficiente para produzir Desenvolvimento nos territórios e respetivas comunidades” (Figueira, 2012, p. 46).

1.4. Panorama atual das áreas rurais

Nos nossos tempos, devido a uma série de fatores, a imagem dos espaços rurais como sinónimo evidente do “tradicional”, “antiquado”, “ultrapassado” e “retrógrado” tem vindo a dissipar-se.

Importa referir que “a intensificação, a partir de meados do século XX, dos processos de “desrealização” e de dissociação entre o rural e o agrícola constitui um dos traços mais marcantes das transformações das sociedades ocidentais” (Figueiredo, 2012, p. 2). Atualmente, “o espaço rural tem sofrido um conjunto de mudanças passado recentemente por um conjunto de mudanças com significativo impacto sobre as suas funções e conteúdo social” (M. Marques, 2002, p. 96) e para além das alterações estruturais resultantes, fundamentalmente, do processo de urbanização que se estende pelas áreas rurais (Carmo, 2009). Apesar de a sociedade rural, salvo raras exceções, viver com uma série de problemas críticos associados, sofre ainda com outras problemáticas: “a atratividade do litoral e das áreas mais desenvolvidas (migração e êxodo rural), onde existe uma maior concentração de investimentos; o desenvolvimento da agricultura intensiva e de mercado; a política agrícola; a terciarização da economia; e a globalização” (Azevedo, 2010b, p. 7).

Nos últimos anos, existe uma grande diversidade associada ao mundo rural português, fruto das transformações ocorridas, que resultaram num progressivo desligar do rural da agricultura (Baptista, 1996, 2006). Particularmente em Portugal, “o papel social e económico do rural alterou-se de forma dramática, passando de espaço entendido como produtor de alimentos e de reserva de mão-de-obra, para espaço cada vez mais reconhecido como multifuncional, combinando as produções agrícola e florestal com outras atividades e funções como a proteção ambiental, a conservação da paisagem, a preservação das tradições culturais e o desenvolvimento de atividades associadas ao turismo e ao recreio” (A. Covas, 2007, p. 2). Da mesma maneira, as áreas rurais enfrentam hoje processos de desenvolvimento diferenciados, já que se por um lado

continuamos a assistir ao processo de desterritorialização de parcelas significativas do território português, por outro, surgem novas dinâmicas que apontam para uma mudança paradigmática no mundo rural.

Posto isto, a nova ruralidade “faz-se acompanhar de uma oferta de serviços agro-rurais de natureza muito diversa: agro-biológicos, agro-florestais e cinegéticos, agro-turísticos, recreativos e residenciais, agro-energéticos, de certificação e controlo da qualidade dos bens alimentares, de proteção das culturas e do bem-estar animal, de conservação e biodiversidade, de arquitetura paisagística e engenharia biofísica, etc” (M. Covas, 2008, p. 246). Os sinais apontam para uma crescente mobilidade de novos atores urbanos, em que incluímos os “neo-rurais”, que protagonizam o aparecimento de novas configurações territoriais (Reis, 2014). Uma vez que são criadas novas dinâmicas em contexto rural, com novos visitantes e residentes, urge a criação de uma nova perspetiva na ótica do planeamento e ordenamento do território.

Nesse seguimento, “os territórios rurais de baixa densidade enfrentam, assim, desafios em termos de condições para o seu desenvolvimento futuro que estão muito associadas, por um lado, ao despovoamento e envelhecimento das populações que neles residem e, por outro, ao desaparecimento nestes territórios de serviços públicos e do sector primário” (Reis, 2014, p. 5). Como conta Renato do Carmo “assiste-se, simultaneamente, à marginalização de parte substancial das localidades rurais que sofrem processos complexos de esvaziamento populacional, envelhecimento e desmantelamento das estruturas e dos sistemas tradicionais, que não são substituídos por novas formas de organização social” (Carmo, 2009, p. 266). Citando Neto (2008, p.21), “os territórios rurais, e em especial os de baixa densidade, dadas as suas grandes fragilidades económicas, sociais e institucionais, carecem de uma particular atenção especial, no sentido de ser possível assegurar-lhes condições de sustentabilidade económica e demográfica, mas também de forma a criar-lhes condições de competitividade que lhes permita interromper o seu ciclo de declínio” (Neto & Natário, 2009).

Face a todas estas circunstâncias, “a gradual perda de importância social e económica da agricultura desencadeou, por parte dos agentes locais, a necessidade e a inevitabilidade de dinamizarem atividades alternativas de carácter não agrícola” (Carmo, 2009, p. 272). Da mesma maneira, Covas menciona que o “espaço rural é, cada vez menos, um espaço produtor e, cada vez mais, um espaço produzido. É certo que a atividade agrícola e florestal ainda delimita a paisagem dominante, mas o mundo rural é, hoje, um palco imenso onde se desenrolam todas as representações do mundo atual” (A. Covas, 2007).

O Rural é hoje representado de modo diverso, “mas com um peso crescente de uma dignificação inerente aos processos de qualificação de pessoas e comunidades, de modo alargado a espaços mais ou menos afastados dos centros urbanos e eixos de valorização de base urbano-industrial” (Moreno, 2014, p. 5). Como citado por D. Silva et al. (2014), “o rural passou, em termos sociais e institucionais, de espaço produtivo a espaço de consumo, crescentemente reconhecido como multifuncional (...) com novos usos e atividades, especialmente as associadas ao turismo, à conservação da paisagem, à preservação do ambiente e à manutenção das tradições culturais. Estas novas funções relacionam-se com uma redefinição dos significados sociais do rural, ela mesma motivadora de novos consumos e relações rural-urbano, assim como de rearranjos nas narrativas e práticas institucionais” (p.5). De outra maneira, “o rural associado a essa resignificação da natureza e da cultura passa a ser visto como lugar de outro tipo de trabalho, não mais restrito à produção de alimentos e de matérias-primas para as indústrias, mas como de produção de bens simbólicos que alimentam a indústria cultural e a comunicação entre universos culturais distintos, sejam de origem urbana ou de origem rural” (Carneiro, 2008, p. 25).

Em Portugal, o rural mantém a tendência de perda populacional a que se associam processos de degradação ambiental e dos seus valores naturais, através do abandono e da intensificação das atividades agrícolas e florestais (Leal, 2014). Na mesma linha, verifica-se que em alguns espaços rurais existiu uma mudança da “paisagem, mudaram os atores em presença, mudaram as atividades, surgiram novos visitantes, novas redes de negócios e de serviços; em suma, vislumbram-se o aparecimento de novas oportunidades em territórios que há bem pouco tempo estavam ou pareciam abandonados ou mal cuidados” (M. Covas, 2008, p. 227).

Assim, o aumento rápido desta realidade e da sua visibilidade têm contribuído para o surgimento de novas representações sobre o mundo rural. Ele apresenta-se, agora, em múltiplos casos, como território renovado, pleno de oportunidades de vida, de negócios, de trabalho, de educação e de cultura associado a atividades de lazer, turismo e artes, e ainda, como um espaço de promoção de saúde (Leal, 2014). Por outro lado, as novas funções que o território rural adquire, retratam uma redefinição do rural nas representações sociais e institucionais, já que de repulsiva, transformou-se, pontualmente, em força motriz de novos consumos e relações rural-urbano, assim como estratégias inovadoras de desenvolvimento (Figueiredo, 2012).

Torna-se, pois, evidente que as comunidades rurais sofrem um conjunto de influências e de condicionantes externas, nomeadamente urbanas, mas detêm em simultâneo a capacidade de dinamizar fatores de inovação e modernidade, a partir do desenvolvimento de recursos locais.

Por exemplo, “ganham importância os movimentos e as iniciativas de preservação ambiental e patrimonial, conjugadas, muitas vezes, com investimentos no turismo e na animação local” (Carmo, 2009, p. 272).

Na perspectiva da referência às novas incursões rurais, “a nostalgia pela nova ruralidade aliada à melhoria das condições de vida e das acessibilidades, ao cansaço da vida urbana e à tomada de consciência dos perigos dos fenómenos globais, contribuíram para a emergência de um novo olhar sobre a ruralidade” (M. Covas, 2008, p. 228). É neste sentido, que o papel dos novos rurais surge. Devemos pensar o espaço rural não apenas a partir de sua funcionalidade económica, da interdependência existente com a estrutura, o perfil e as necessidades da sociedade urbana atual, mas caminhar no sentido de identificar a contribuição que um novo rural possa dar para a transformação da nossa sociedade (M. Marques, 2002).

Os habitantes “urbanos”, nos dias que correm, “recriam uma imagem idílica e nostálgica do mundo rural que já não existe. Não é por acaso que se fala, hoje, de agricultura urbana e de hortas sociais ou comunitárias” (A. Covas, 2007, p. 1). Ainda assim, são cada vez mais os que olham para o rural com outros olhos, apostando nele e, conseqüentemente, dinamizando-o.

1.5. O Rural e o Urbano

Sempre existiu um esforço por parte da sociologia e geografia rural em definir e distinguir o urbano do rural (Woods, 2011), no entanto, hoje em dia, este objetivo vê-se ultrapassado, subalternizado. Com efeito, a sociologia rural, como refere Carneiro, “na sua constituição como disciplina específica, provocou a reificação de uma imagem dicotómica da sociedade sustentada na oposição entre cidade e campo como dois universos substantivamente distintos que comportam, não raro, avaliações antitéticas sobre as condições de vida num e noutro” (Carneiro, 2008, p. 22). Por outras palavras, ao longo da história da sociologia o rural foi caracterizado em oposição à cidade urbanizada e industrializada, ou seja, “o significado sociológico do espaço rural foi em certa medida construído como a antítese da conceção do meio urbano” (Carmo, 2009, p. 274). O rural era então “considerado como um lugar da sociedade camponesa e um território marcado pela atividade agrícola” (Domingues, 2012, p. 41). Como referido, tal viria a mudar.

Nos finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, os estudos realizados concebiam “uma visão dualista da sociedade na qual o meio urbano representa a modernização e como tal é o centro da sociedade, por oposição ao espaço rural, que engloba os sectores mais tradicionais, sendo, por isso, considerado como periférico” (Carmo, 2009, p. 254). Nesta linha, a

população urbana criou esta espécie de dualidade com vista a afirmar a sua superioridade.

Como escreve Renato do Carmo (Carmo, 2009), no artigo com o título “A construção sociológica do espaço rural”, “podemos considerar que o espaço rural se caracteriza essencialmente pela noção de contiguidade (entre local de residência e local de trabalho, entre proximidade física e proximidade afetiva), que advém, sobretudo, do baixo nível de densidade populacional” (p.259).

Esta constatação é reproduzida também por geógrafos como Teresa Sá Marques (T. Marques, 2003), que refere que nos últimos anos, “a dicotomia urbano-rural tem vindo a ser substituída pelos novos relacionamentos entre o urbano e o rural, retratando as interdependências funcionais e espaciais e a necessidade de promover uma maior integração e complementaridade territorial” (p.507). Atualmente, o “mito fundador da sociologia rural que institui a oposição entre campo e cidade como realidades espaciais e sociais descontínuas, está a ser posto em causa” (Carneiro, 2008). Desse modo, António Covas (A. Covas, 2007) refere que “em boa verdade, trabalhamos mais com representações do mundo rural, quase todas de proveniência e inspiração urbanas, do que com o mundo rural propriamente dito”, sendo que “cada vez mais as realidades do mundo rural se abrem a novos sentidos que não se encaixam necessariamente nas tendências gerais que afetam as zonas mais urbanas” (Carmo, 2009, p. 252).

1.6. Desenvolvimento rural

Em Portugal, nasce na década de 1990 uma nova ruralidade “assente na revalorização social e simbólica do rural, através do regresso à natureza e à necessidade de preservar” (Guizo, 2011, p. 40). Como já mencionado previamente, o território nacional é muito variado e contrastante, e como tal, “o desenvolvimento do espaço rural e de zonas em “ estado preventivo”, é uma fonte importante de novas amenidades rurais e, portanto, de novos empreendimentos” (A. Covas, 2009, p. 1). Como afirma Covas, “a engenharia biofísica, a engenharia do ambiente, a arquitetura paisagística, a biologia e a botânica, mas, também, a geografia e a história, a literatura local e regional, são, em conjunto, capazes de operar pequenos milagres naqueles pedaços de território, aparentemente tão agrestes. Quer dizer, uma pequena cirurgia pode transformar um território hostil num território ameno. Uma severidade numa amenidade” (A. Covas, 2009, p. 2).

A curto prazo, o desenvolvimento rural tem um custo de oportunidade elevado e a longo prazo não rende suficientes dividendos (A. Covas, 2009). Tendo por base a visão de A. Covas

(2009), o desenvolvimento rural ocorre, em várias versões, segundo as circunstâncias e os acores que as protagonizam:

- Uma versão “determinística”, de abandono progressivo, que conduz ao envelhecimento e ao despovoamento: o rural remoto ou profundo;
- Uma versão “municipalista neo-tradicional”, associada à promoção das atividades do concelho e ao seu ritual de feiras, festas e mercados, de que o artesanato e os programas oficiais de apoio são os sinais mais eloquentes: o rural municipal ou municipalizado;
- Uma versão “revivalista”, ligada à transmissão intergeracional e à gestão do ciclo de vida familiar, após a idade de reforma, com o regresso à atividade agrícola junto do local de residência: o micro-rural difuso;
- Uma versão “neo-ruralista”, associada à sociedade da informação e do conhecimento, em sub-sectores especializados, com nicho de mercado próprio e alto valor acrescentado: o rural competitivo ou comercial;
- Uma versão “eco-capitalista”, conotada a grandes empreendimentos, mais ou menos exóticos, com origem, muitas vezes, em capital estrangeiro, sem base produtiva própria ou muito limitada, mas com implantação territorial convertida em amenidade rural: o rural exótico ou cosmopolita;
- Uma versão “conservacionista”, ligada à política e ao direito do ordenamento e do ambiente em sentido largo, com uma vigilância.

O apoio ao desenvolvimento rural é um instrumento fundamental ao dispor do país para a promoção do sector agro-florestal e do desenvolvimento territorial equilibrado (Políticas, 2012). Perspetiva-se a revitalização destes espaços. Assim, a par da diversificação das atividades económicas, o rejuvenescimento das zonas rurais tem sido um dos objetivos definidos para os espaços rurais no pressuposto que o desenvolvimento destes espaços deve contar com a participação de todos os grupos etários e não apenas com os mais envelhecidos (M. Covas, 2008). Cordovil (1997) especifica que “o aproveitamento das potencialidades do mundo rural e a adopção de soluções inovadoras e competitivas, exigem requisitos de natureza humana, institucional e organizativa, só possíveis através de uma viragem, de uma revolução de mentalidades e nos modos de actuação dos agentes regionais e locais. O desenvolvimento rural só é viável se assentar numa estratégia que invoque os princípios da descentralização e da parceria e acautele o envolvimento e a responsabilização das entidades públicas e privadas na formulação das políticas e dos programas de desenvolvimento integrado e na respectiva implementação, acompanhamento e avaliação” (Cordovil, 1997, p. 16). Da mesma forma,

Figueira (2012) afirma que “nenhum país se pode assumir como Desenvolvido ou mesmo em Desenvolvimento enquanto as suas políticas não tomarem em consideração o todo nacional e tiverem como efeito o aumento de assimetrias regionais” (p.49). Na perspectiva de Cordovil (1997) “o desenvolvimento rural poderá definir-se como a melhoria das condições de vida das pessoas residentes nas áreas e regiões rurais, através de processos sociais que respeitem e articulem os seguintes princípios: eficiência económica, equidade social e territorial, qualidade patrimonial e ambiental, sustentabilidade (conservação; condições de competitividade dinâmica/duradoura), participação democrática e responsabilidade cívica” (p.6).

Igualmente A. Covas (2009) afirma que “se não respeitarmos o lema do desenvolvimento rural, a consequência parece inevitável: ajustamento económico sem conservação e diversificação de atividades conduz à formação de espaços rurais devolutos e territórios insustentáveis. Podemos, mesmo, estar à beira de mais um círculo vicioso de abandono e desertificação. Para inverter esta tendência, é preciso agir, simultaneamente e persistentemente, na economia da produção primária, na economia da conservação agro-ambiental e na economia da diversificação agro-rural” (p.2). A promoção do Desenvolvimento requer medidas de política que, tomando em consideração os recursos existentes, as necessidades das populações e o direito à democracia promovam o equilíbrio adequado dos setores produtivos e dos micro-territórios (LOCAIS) de uma Nação (Figueira, 2012).

Assim sendo, resumidamente, reconhece-se grandes fatores essenciais para a sustentabilidade do processo de desenvolvimento rural, segundo Valadas (2001), citado por Giuliani (1990):

- A multifuncionalidade dos territórios;
- A diversificação de atividades e funções (todas as externalidades positivas promovidas por uma zona ou local: turismo rural, património cultural, lazer, artesanato, promoção de produtos locais, entre outras);
- A participação dos atores locais são fatores essenciais para a sustentabilidade do processo de desenvolvimento rural.

A nível Europeu, a política de desenvolvimento rural é considerada essencial nas decisões políticas atuais e futuras, por consequência de três grandes razões. Com base no relatório apresentado pela OECD (2006) sobre o novo paradigma rural, refere-se que:

- As áreas rurais enfrentam desafios significativos que ameaçam a coesão territorial dos países;

- As áreas rurais, na sua generalidade, detêm um potencial económico mal explorado, que pode contribuir para um maior bem-estar dos cidadãos rurais e para o desenvolvimento nacional;
- As políticas setoriais e as forças de mercado não são capazes de, na sua totalidade, enfrentar a heterogeneidade dos desafios e potencialidades das regiões rurais.

Ainda no mesmo relatório, consta que “os sinais positivos de muitas regiões rurais sugerem que a política no futuro deve ser menos defensiva – focada em limitar o declínio - e concentrar-se mais na procura de novas oportunidades” (p.39). Ademais, sugere que a “política necessita de diferenciar as regiões rurais tendo em conta os seus problemas e potencial económico, em vez de assumir o declínio e limitado potencial da maioria das áreas rurais” (p.39).

Em 2014 iniciou-se um novo período de programação de fundos comunitários, nos quais se insere o apoio ao desenvolvimento agrícola e rural a financiar pelo Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural (FEADER) (Políticas, 2012).

Atualmente, a estratégia Europa 2020, tem sido “apresentada e debatida como um documento chave para o futuro da União Europeia (UE) em termos sociais, políticos e económicos, cujos princípios devem nortear todas as políticas, estratégias e mecanismos financeiros, quer da UE, quer de cada um dos Estados Membros. Aqueles princípios consubstanciam-se num crescimento económico que deve ser simultaneamente inteligente (assente no conhecimento e na inovação), sustentável (assente na eficiência no uso dos recursos) e inclusivo (assente na promoção da coesão social e territorial). Estes princípios são também objetivos centrais na PAC (2014-2020) em que, para além da promoção da competitividade agrícola, são fulcrais a gestão sustentável dos recursos naturais (especialmente para a agricultura) e o desenvolvimento territorial equilibrado das áreas rurais, insistindo na necessidade de melhorar as condições de vida locais e no potenciar do papel dos habitantes locais (especialmente dos agricultores), enquanto agentes de inovação” (D. Silva & Figueiredo, 2013).

Em Portugal, segundo D. Silva e Figueiredo (2013), “as perdas populacionais, o envelhecimento, a perda de relevância económica e social da atividade agrícola, a fraca diversificação do tecido económico, a desqualificação ambiental, entre outros aspetos que caracterizam o mundo rural nacional (e que pautam também os discursos políticos sobre o

mesmo) colocam dificuldades óbvias à prossecução dos objetivos da estratégia Europa 2020” (p.2).

1.7. Os ”Neo-rurais” / Jovens Agricultores e os apoios comunitários

1.7.1. Dificuldade em fixar os jovens no território rural

Um dos aspetos a privilegiar relaciona-se com o quadro social. Com efeito, como as sociedades ocidentais vivem um processo de profundo envelhecimento, a população jovem é encarada como um recurso humano estratégico para o futuro das sociedades, razão pela qual devem ser realizados todos os esforços para a sua formação e permanência ativa, inovadora, nos meios rurais. Todavia, estes espaços não têm capacidade de reter os jovens, por múltiplas razões, já que por norma, estes preferem o meio urbano ao rural. “A atual realidade das zonas rurais é impeditiva de respostas satisfatórias às expectativas de vida dos jovens: a oferta de emprego é escassa (senão inexistente), as respostas de formação profissional são insuficientes e inadequadas face às necessidades de mão-de-obra qualificada para atividades inovadoras, os equipamentos de animação, lazer e mesmo desporto são precários” (Entrudo & Serafim, 2004, p. 20).

No território Português, assiste-se a um crescente afastamento dos jovens das áreas despovoadas e envelhecidas, devido também à ideia que é inculcada de que estas áreas rurais são sinónimo de atraso técnico, escassez e privação, ao contrário dos meios urbanos, sinónimo de desenvolvimento, evolução e prosperidade. Além da imagem insinuada, sem dúvida que “a capacidade das zonas rurais fixarem população mais jovem está diretamente relacionada com as oportunidades de emprego que oferece e de respostas a nível de bens culturais e de serviços, garantindo assim níveis de qualidade de vida esperados e desejados por qualquer jovem” (Entrudo & Serafim, 2004, p. 20).

Para existir uma mudança de paradigma, pensa-se que há que alterar/modernizar diversos parâmetros entre os quais a formação “indispensável para que os jovens possam aprender e apreender outras mensagens acerca das zonas rurais, nomeadamente as suas potencialidades e possibilidades e a valorização das identidades culturais dos territórios rurais” (Entrudo & Serafim, 2004, p. 20). Por outras palavras, “precisamos, sim, definitivamente, de uma educação muito mais virada para outros valores, alguns já perdidos, outros recuperáveis, virados para a razão ecológica, para uma nova autonomia baseada nos princípios da conservação, da sustentabilidade, do respeito pela natureza. É preciso recuperar o capital social e renovar de forma alargada a capacidade de iniciativa com mais e/ou menos risco, incentivar

formas de empreendedorismo com novas perspectivas, nomeadamente, a da ecosocioeconomia onde quase se dispensa a cultura do risco” (M. Covas, 2008, p. 229).

Assim sendo, se a formação e a educação tiverem os resultados ambicionados, surgirão cidadãos com uma mentalidade de respeito pelo espaço envolvente, com um novo entendimento das áreas rurais e com capacidade e preparação para participar nas comunidades onde se inserem. Neste seguimento, hoje em dia já se observa a chegada de um número cada vez maior de novos habitantes para o meio rural, aumentando a importância e o possível impacto positivo destes. Há, pois, que aprofundar esta temática.

1.7.2. Os “Neo-Rurais” num meio em mudança

Atualmente, “as mudanças a que o mundo rural está sujeito são profundas, tendo em conta que o meio rural se passou a articular intensamente com o urbano e se dissociou da agricultura como elemento dominante” (Soares, 2013, p. 11) Como menciona Carmo (2009), “nem é o moderno que invade e coloniza os espaços rurais, nem é a tradição que se apropria, à sua maneira, dos fenómenos urbanos. Existe uma inter-relação constante que depende dos contextos sociais” (p.264). Maria Carneiro (2008), por seu lado, acrescenta que “as transformações provocadas pela intensificação das trocas entre universos culturais distintos (grosso modo, os “urbanos” e os “rurais”) não resultam, necessariamente, na descaracterização de um sistema cultural e social, tido como “original” ou “autêntico”, sobretudo por aqueles que vão à busca de uma autenticidade” (p.33).

O rural, enquanto espaço e conceito, ganhou uma multifuncionalidade de quem de fora o analisa e o procura, quer enquanto espaço de lazer, quer enquanto espaço de consumo. Como tal, é necessária uma consideração especial, devido às “profundas alterações que se inscrevem nas transformações sociais, económicas e institucionais do mundo rural (...) no sentido de ser possível interromper o seu ciclo de abandono e esquecimento” (Reis, 2014, p. 5). Com base nas transformações referidas, os meios rurais sofrem um “processo de alteração física, funcional e simbólica (...) associada ao fenómeno da contra-urbanização e a um novo movimento social de retorno ao campo que coincide com um contexto de crises (económica, social e ambiental) procurando desenvolver novas formas de habitat humano” (Leal, 2014, p. 15).

Aliado a uma transfiguração da realidade e da imagem que os territórios rurais atualmente revelam, começa a surgir um novo movimento demográfico, em que neste momento transitório e de mudança, os valores do Rural são apropriados por diversos atores, que empregam métodos e estratégias variadas (A. Covas, 2007). Deste modo, “após décadas de

abandono demográfico e da desvalorização das atividades, tem-se vindo a observar, recentemente, o surgimento de novos atores que protagonizam uma maior mobilidade entre a cidade e o campo, novos modos de vida, novos modos de produzir e novas atividades económicas” (Reis, 2014, p. 5). Estes novos rurais, através da mobilidade e penduralidade que a eles está associada, acarretam novos processos de refuncionalização do espaço rural (A. Covas & Covas, 2011).

Nos territórios rurais, evidenciam-se algumas transformações recentes que têm suscitado a dinamização dos mesmos, contribuindo para que, gradualmente, venham a ser redescobertos pelas populações não rurais (Azevedo, 2010b, p. 9). O interesse no mundo rural por parte de diversos atores vem aumentando e, como refere António Covas apesar da “‘grande crise’, ou por causa dela, a economia real e o mundo agro-rural, em especial, voltam a ‘estar na moda’” (A. Covas, 2007, p. 2).

Então, existem sinais promissores de que a procura de espaço rural é um forte mercado emergente, com preferências muito diversificadas (A. Covas, 2009). Em Portugal, “a procura de uma melhor qualidade de vida e proximidade com a natureza, pode devolver ao meio rural a sua identidade, oferecendo-lhe dinâmicas que atraiam os seus residentes e proporcionando um papel importante num país fortemente marcado pela sua ruralidade” (Ribeiro, 2013, p. 5). A par do retorno ao meio rural que existe atualmente, é possível que ocorram grandes benefícios para essas áreas, como já é visível em alguns aglomerados rurais, considerados atrativos pelos mais novos, preferindo-os aos espaços urbanos, por uma série de razões (Cavaco, 2009).

Todavia, é necessário que existam, com a devida antecedência “diferentes mecanismos e ferramentas para acolher esta população, mas sem a degradação da paisagem antes observada em vários lugares” (Ribeiro, 2013, p. 35).

1.7.3. Conceito de “neo-rural”

“Povoamento neo-rural’ é o termo escolhido para “designar a expressão territorial deste movimento social de retorno ao campo, que é hoje um objeto de estudo estimulante para a geografia e para o planeamento, devido ao seu impacte no território” (Leal, 2014, p. 7). Contudo, o termo “neo-rural”, muito referido na sociedade e difundido nos meios de comunicação social, pode ter diferentes interpretações, razão pela qual vamos tentar defini-lo.

Começando por Maria Roca, verificamos que para este autor “neo-rurais” “são os indivíduos provenientes de meio urbano que, motivados por razões socioeconómicas, culturais

e/ou ambientais, mudaram pela primeira vez ou regressaram ao meio rural, sendo que residem e/ou exercem atividades agrícolas ou não agrícolas no campo” (Roca, 2011, p. 7).

Não sendo, porém, consensual, dada a sua complexidade e diversidade de situações, sucedem-se outras definições que incluem distintas funções, contextos e dinâmicas. Assim, outros autores referem que os “neo-rurais” são:

- “Uma nova classe de pessoas que, tendo nascido na cidade, optam por viver no campo, aproveitando o melhor de ambos os mundos. Estas pessoas procuram, nas zonas com menor concentração populacional o contacto mais próximo com a natureza, uma maior qualidade de vida” (Azevedo, 2010b, p. 82);
- “People of different ages and profiles that decide to move back, or simply to move for the first time to rural areas” (Parlementaire, 2007, p. 135);
- “Urbanos instalados no campo” (UE – Observatório Europeu Leader);
- “Indivíduos que viviam nas cidades e passam a buscar o campo como espaço de residência, em função, sobretudo, da tranquilidade e da proximidade com a ‘natureza’” (Candiotto & Corrêa, 2008, p. 240);
- “Os “neo-rurais” não vivem, geralmente, no campo, têm uma cultura pro-campo, são amigos do campo mesmo vivendo na cidade grande” (A. Covas, 2009, p. 7);
- “Indivíduos que se instalaram recentemente na Serra [da Lousã] e possuem um padrão de comportamento que se aproxima da cultura hippie” (Dinis, Isabel et al., 2001, p.9);
- “Proprietários de segundas residências ou residência habitual no espaço rural” (Roca, 2011, p. 6).

O movimento de migração do espaço urbano-rural tem algum historial, sendo apontado o seu início no ano de 1968. Embora tenha durado apenas até meados da década de setenta na Europa do Norte e Ocidental, foi particularmente importante em França (Carneiro, 2008; Giuliani, 1990; Roca, 2011), em áreas envelhecidas e despovoadas transformando-se os novos residentes em “importantes agentes de desenvolvimento local, devido ao seu capital cultural e experiência” (Roca, 2011, p. 4).

Hoje em dia, existe uma exibição da imagem do “neo-rural” que despertou curiosidade e atenção (Soares, 2013), até porque as representações mediáticas dos “neo-rurais” surgem como um recurso que favorece a revitalização do espaço rural (Leal, 2014), apresentando-os como construtores de novas dinâmicas territoriais (Dora et al., 2011). Na realidade existe “uma tendência ideológica que é proclamada pelos meios de comunicação social, que todos os dias

nos fazem chegar casos de “sucesso fulgurante”, destas incursões urbanas pelo espaço rural, um fenómeno que tende a transmitir uma certa imagem galvanizadora de uma perfeita conjugação do tradicional e do moderno” (Reis, 2014, p. 8).

Desta forma, a junção plena entre a articulação do território urbano e rural, associa-se à imagem da “pluriatividade do jovem empresário agrícola (...) como reflexo de uma nova realidade em que a atividade agrícola passou a cruzar-se frequentemente com o exercício de profissões qualificadas e caracteristicamente urbanas” (Soares, 2013, p. 12).

Posto isto, importa agora perceber os novos atores deste movimento demográfico, reunindo as causas da mudança territorial e de estilo de vida. Tendo em conta o processo de contra-urbanização, relacionado com os “neo-rurais”, Mitchell (2004) segmenta em três tipologias, que serão aqui completadas por outros autores, tendo por base as motivações:

- A “ex-urbanization”- expõe a migração de uma classe, considerada média, para áreas com boa acessibilidade, com pretensões de fuga ao meio urbano e atraída por amenidades rurais. Consideram-se aqui “os residencialistas pendulares, em descompensação, para quem o campo é uma suave recarga biológica” e “os peri-urbanistas para quem o campo de proximidade é uma compensação suficiente para um dia de trabalho”, como alude também A. Covas (2009, p. 6);
- A “displaced-urbanization” – relata a migração forçada por razões económico-financeiras, como a mudança de local de trabalho e a necessidade de reduzir o custo de vida e a despesa com a habitação;
- A “anti-urbanization” – representa a migração de populações urbanas motivadas pela ânsia de trabalhar e viver em espaços mais pequenos, rurais. Neste ponto, englobam-se várias subdivisões tendo por base diferentes motivações que, segundo Mitchell (2004), são de três tipologias:
 - O movimento social de retorno às origens, ao campo, que inclui uma procura por uma maior qualidade de vida e um estilo de vida diferente do anterior. “Os nostálgicos românticos, tradicionalistas, para quem o campo é um campo de recordações e recolhimento (...), as famílias inquietas para quem o campo ainda é um repositório de valores, princípios e segurança e, portanto, um projeto de vida (...), os agricultores integralistas para quem o campo é uma espécie de regresso à terra-mãe biológica”, como também reforça A. Covas (2009, p. 6). Assim, “há quem só encontre sossego e tranquilidade quando está nas áreas rurais, sendo vistas pelos urbanos como espaços de memória,

herança cultural, segurança, qualidade de vida e de liberdade” (Reis, 2014, p. 8). É referido ainda por Giuliani, como a “‘nostalgia pelo rústico’ como resultado de um processo de profundas transformações no campo e, longe de ser abordada simplesmente como uma aglomeração de concepções reacionárias da vida social, é vista como uma possível superação dos estereótipos ligados aos produtores rurais e a seus métodos produtivos” (Giuliani, 1990, p. 5).

- Os novos rurais que ainda em idade ativa, procuram melhorar a qualidade de vida alterando o seu local de residência e atividade profissional. Como menciona A. Covas (2009, p. 6) “os empresários pró-ativos para quem o campo é um campo imenso de oportunidades de negócio e nichos de mercado”, ou como escreve Reis (2014, p. 8), “por razões de desemprego ou de reforma, associado, em parte, a uma disponibilidade de casas e terras, optam pela transição para o mundo rural para a concretização dos seus projetos de vida, representando para alguns dos jovens empreendedores uma oportunidade para iniciar a sua primeira atividade profissional”.
- A migração de reformados atraídos pelas amenidades rurais das áreas de baixa densidade. “O aproveitamento das amenidades dos territórios rurais tem vindo a contribuir para a alteração das suas dinâmicas” (Azevedo, 2010a, p. 2) e “a valorização e preservação das amenidades rurais tem sido, cada vez mais, identificada como uma fonte de atração da população urbana para o campo” (Silva 2009, p. 60). “Os ecologistas militantes para quem o campo é um campo privilegiado para o combate em nome das grandes causas (...), os investidores do carbono para quem o campo é um depósito precioso e valioso para o sequestro do carbono (...), os investidores em microgeração e energias alternativas para quem o campo é uma fonte inesgotável de recursos renováveis” (A. Covas, 2009, p. 6), enquadram-se nesta migração.

Como facilmente se afere, as motivações da transição demográfica urbano-rural são muitas e variadas (Reis, 2014). Então, por norma, os motivos da migração, refletem uma causalidade assente na racionalidade e em critérios económicos, ou em aspetos afetivos “associados a novos estilos de vida e a anseios simbólicos por comunidade, contacto com a natureza e práticas de consumo mais responsáveis -configurando um espectro de propostas diversas, mais ou menos arrojadas, para o aprofundamento da sustentabilidade” (Leal, 2014, p. 21). Esta mudança, estrutura-se numa “volta às relações diretas com a natureza, a ciclos

produtivos e tempo de trabalho mais longos e menos rígidos, ao ar puro e à tranquilidade, assim como o desejo de relações sociais mais profundas e, sobretudo, da autodeterminação” (Giuliani, 1990, p. 2). Estas motivações, são ainda mais amplificadas “pela degradação das condições de vida nas cidades” (Reis, 2014, p. 8) e pelas imagens simples e puras do mundo rural perfeito (Domingues, 2012).

Os novos rurais apresentam inúmeras valências e competências, uma vez que transportam experiências, mais instrução formal e uma maior sensibilidade para as questões sociais e ambientais (A. Covas & Covas, 2011), para além de estilos de vida mais solidários, mais humanos e a aposta num maior equilíbrio com a natureza e o ambiente. Estamos, portanto, perante um homem de duas culturas, itinerante e pendular, destacando-se pela sua mobilidade (Reis, 2014), isto é, “eles são — incursionistas do mundo rural em momentos diversos do seu ciclo de vida. São eles que transformam o paradigma do mundo rural, de espaço produtor para espaço produzido, por via das suas inúmeras representações e encenações do mundo rural” (A. Covas, 2007, p. 6).

Nestas circunstâncias, são protagonizadas novas formas de sociabilidade e de apropriação do espaço. “Independentemente de as formas de sociabilidade obedecerem a uma lógica que muitas vezes é trazida de fora (meio urbano), não incorporando os hábitos e tradições locais” (Dinis et al., 2001, p. 16), “os ‘neo-rurais’ podem trazer alterações aos laços sociais rurais mas, no entanto, apesar da sua generalização, estes hábitos e valores de cariz urbano tendem a ser interpretados e assimilados à luz da cultura local e dos modos de vida tradicionais preexistentes” (Carmo, 2009, p. 297).

Como referido, o facto de os “neo-rurais” terem valências e experiências diferentes “não implica, necessariamente, uma rutura decisiva no tempo nem no espaço” (Carneiro, 2008, p. 33), sendo que as “novas experiências engendradas por esse processo se nutrem de uma diversidade social e cultural que, por sua vez, alimentam as trocas, enriquecendo os bens (culturais e simbólicos) e ampliando a rede de relações sociais” (Carneiro, 2008, p. 33). Não obstante, em meios rurais mais pequenos, a chegada de novos residentes pode gerar desconfiança, surgindo conflitos relacionados com as novas apropriações do espaço (Dinis et al., 2001). Assim sendo, apesar de, por vezes, existirem divergências e incompatibilidades quanto a formas de ser e estar no meio rural, o facto de os novos rurais estarem associados, simultaneamente, ao rural e ao urbano, resulta num contributo importante para o esbater de diferenças cidade-campo.

Por último, os novos rurais podem não ser os únicos atores “com capacidade para contrariar o despovoamento, envelhecimento e empobrecimento das áreas rurais, mas com certeza podem ser considerados como mais um meio para atingir esses fins” (Candiotto & Corrêa, 2008, p. 240). O papel que estes podem desempenhar, pode ser fulcral, por exemplo, no desenvolvimento rural endógeno (A. Covas & Covas, 2012; Roca, 2011) e “dado que, uma das principais metas do ordenamento do território é gerir a sua ocupação com vista ao uso dos seus recursos humanos, culturais e naturais, garantindo a sua sustentabilidade, o aproveitamento das tendências migratórias podem ser uma base de promoção para uma diferente e benéfica ocupação do espaço” (Ribeiro, 2013, p. 5).

Em jeito de resumo, facilmente se verifica que existe uma multiplicidade de questões relacionadas com estes novos atores do mundo rural, desde a sua definição, à representação, às motivações, passando pelo estilo de vida, formas de sociabilidade e benefícios, entre outros. Naturalmente se percebe que, de várias formas, os novos rurais podem dinamizar e contribuir para um maior dinamismo social, económico e até cultural em espaços rurais.

1.7.4. Programas Comunitários e Jovens Agricultores

Os espaços rurais europeus dependem, em grande parte, da dinâmica e da capacidade de renovação do tecido empresarial e da sua capacidade de inovar e de elevar a competitividade das atividades desenvolvidas e das suas populações (AJAP, 2012). Nesse sentido, “o desenvolvimento da agricultura e do mundo rural, em Portugal, teve, desde 1986, como principal suporte financeiro e normativo orientador, os quadros de financiamento comunitários, que constituíram (e ainda constituem) uma grande oportunidade para o setor agrícola português recuperar do significativo atraso que tinha em relação aos restantes parceiros europeus” (AJAP, 2012,p.24). Tendo em conta as “políticas de apoio à instalação e ao investimento de jovens agricultores, estas iniciaram-se também em 1986, com a entrada na Comunidade Económica Europeia e foram postas em prática através dos mecanismos previstos na PAC” (Soares, 2013, p. 16).

Portugal, dado o abandono dos campos e do trabalho agrícola, tem no envelhecimento médio dos agricultores um dos indicadores mais significativos da falta de renovação geracional no setor. A população agrícola familiar envelheceu acentuadamente, sendo que a média etária do agricultor passou dos 46 anos, em 1999, para 52 anos, em 2009 (Soares, 2013). Em 2012, a Associação dos Jovens Agricultores de Portugal (AJAP) (AJAP, 2012), refere que “os dados mostram que a idade média de um produtor agrícola em Portugal é de 63 anos e que apenas

2,6% dos agricultores portugueses têm menos de 35 anos” (p.11). Facilmente se afere que, em Portugal existe um envelhecimento demográfico mais acelerado na população dos territórios rurais do que na população em geral (Soares, 2013). O rejuvenescimento do tecido empresarial agrícola é um desafio que se coloca à Europa e, em particular, a Portugal, o país que no contexto europeu apresenta o nível mais alto de envelhecimento dos produtores agrícolas, segundo a AJAP (AJAP,2012).

Apesar da tendência de envelhecimento, em Portugal “verificou-se nos últimos anos um fenómeno de reaproximação à agricultura de ativos com idade média muito inferior à média etária dos produtores agrícolas” (Soares, 2013, p. 8), em muito exponenciado pelo Programa de Desenvolvimento Rural do Continente (PRODER), aprovado em Dezembro de 2007 pela Comissão Europeia. O Programa, incluía o conjunto de intervenções cofinanciadas pelo Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural (FEADER), em matéria de desenvolvimento rural no território português (PRODER, 2014). Esta estratégia nacional para o desenvolvimento rural, escolhida em função das orientações estratégicas comunitárias, visava a concretização dos seguintes objetivos:

- Aumentar a competitividade dos setores agrícola e florestal;
- Promover a sustentabilidade dos espaços rurais e dos recursos naturais;
- Revitalizar económica e socialmente os espaços rurais.

A estes objetivos estratégicos acresceram ainda outros de carácter transversal, como sejam o reforço da coesão territorial e social e a promoção da eficácia da intervenção dos agentes públicos, privados e associativos na gestão setorial e territorial⁹.

O PRODER 2007-2013, enquanto programa nacional de desenvolvimento rural, abarcava entre outras, as ações 1.1.1, para modernização e capacitação das empresas, e 1.1.3, de apoio à primeira instalação de jovens agricultores. É a esta última ação que aqui vai ser dada mais importância, devido ao facto de, com alguma regularidade, os “neo-rurais” procurarem apoios comunitários para apostarem na produção agrícola.

Podemos constatar que, quanto à instalação de jovens agricultores (ação 1.1.3) os objetivos da ação passavam por:

- Fomentar a renovação e o rejuvenescimento das empresas agrícolas;
- Promover o processo de instalação de jovens agricultores e o desenvolvimento e adaptação das suas explorações agrícolas;

⁹ PRODER. (2012). Perfil do PRODER. Retrieved from <http://www.proder.pt/conteudo.aspx?menuid=329&eid=263>

- Contribuir para uma adequada formação e qualificação profissional dos jovens agricultores.¹⁰

Conforme se pode verificar no quadro 1, tem existido um maior interesse dos jovens na produção agrícola, na tentativa de uma oportunidade de negócio ou, como se deteta em muitos casos de “neo-rurais”, uma forma de alterar o estilo/modo de vida¹¹.

O rápido crescimento, embora descontinuado, do número de candidaturas relaciona-se com o facto de ter sido abolida “a obrigatoriedade de dedicação a tempo inteiro à exploração agrícola” (Soares, 2013, p. 12).

Quadro 1: Ação 1.1.3 – Candidaturas válidas apresentadas a concurso (instalação de jovens agricultores)

Ano	Nº Pedidos de Apoio entrados válidos
2008	1148
2009	1825
2010	1742
2011	1422
2012	2904
2013	895
2014	1835
Total	11771

Fonte: PRODER, 2014

Tendo em conta a distribuição regional das candidaturas para instalação de jovem agricultor, facilmente se afere que, conforme se constata no quadro 2, é na Região Norte que se concentra o maior número de candidaturas válidas, representando mais de metade do total. Da mesma forma, se se tiver em conta o último ano analisado, 2014, mantém-se idêntica a distribuição regional das candidaturas, com a Região Norte a agregar cerca de 47%. No seu conjunto, a Região Norte e Centro reúnem $\frac{3}{4}$ do total das candidaturas a nível nacional.

Apesar do enquadramento socioeconómico continuar a ser desfavorável, afetando as condições de financiamento dos agentes públicos e privados, o PRODER manteve-se, no seu

¹⁰PRODER. (2011). Instalação de Jovens Agricultores. Retrieved from <http://www.proder.pt/conteudo.aspx?menuid=445&exmenuid=444>

¹¹ De acordo com os dados do PRODER (PRODER, 2014), entre 2008 e 2014, cerca de 12 mil indivíduos com idade inferior a quarenta anos, sujeitaram-se a concurso para instalação como jovem agricultor, referente à ação 1.1.3 do Programa.

período, como uma das principais fontes de financiamento da economia, particularmente do setor agroflorestal.

Quadro 2: Distribuição regional dos Pedidos de Apoio entrados no ano de 2014 e no total

Região	Número de Pedidos de Apoio entrados válidos			
	Ano 2014		Acumulado 2008-2014	
	Nº	%	Nº	%
Norte	886	47%	6.069	52%
Centro	456	26%	2.447	21%
LVT	215	12%	1.423	12%
Alentejo	196	13%	1.223	10%
Algarve	82	3%	609	5%
Total	1.835	100%	11.771	100%

Fonte: PRODER, 2014

Findo o PRODER, atualmente o apoio aos Jovens Agricultores é realizado noutra enquadramento mas “constitui um claro complemento ao apoio à instalação de jovens agricultores, aumentando o nível de rendimento garantido dos jovens agricultores e reforçando assim a sua capacidade de fazer face aos primeiros anos de atividade e de cumprimento do plano de atividade que esta ação prevê” (Gabinete de Planeamento, 2013a, p. 3).

O Programa de Desenvolvimento Rural (PDR2020) do Continente para 2014-2020 é um dos Programas Operacionais inserido no acordo de parceria que Portugal propõe à Comissão Europeia, denominado Portugal 2020¹². Com o início de um novo ciclo ao nível da Política Agrícola Comum (PAC) da União Europeia, enquadrada na Estratégia 2020, Portugal concretizou a sua estratégia de adoção de soluções equilibradas que evitassem ruturas entre quadros de programação, mantivessem níveis de investimento e assegurassem períodos de adaptação compatíveis com as necessidades das explorações agrícolas e empresas agroalimentares. Tendo por princípio a visão da estratégia nacional de crescimento sustentável do setor agroflorestal em todo o território nacional, o PDR2020 concretiza-se ao nível de medidas e ações integradas em quatro grandes áreas de intervenção¹³:

- Inovação e conhecimento;

¹² Portugal 2020, adota os princípios de programação da Estratégia Europa 2020 e consagra a política de desenvolvimento económico, social, ambiental e territorial que estimulará o crescimento e a criação de emprego nos próximos anos em Portugal. Portugal 2020 define as intervenções, os investimentos e as prioridades de financiamento necessárias para promover no nosso país o crescimento inteligente, sustentável e inclusivo e o cumprimento das metas da Europa 2020. Fonte: Portugal, G. d. (2014). Portugal 2020: Acordo de Parceria 2014-2020. Governo de Portugal.

¹³ Portugal, G. d. (2014). Portugal 2020: Acordo de Parceria 2014-2020. Governo de Portugal.

- Competitividade e organização da produção;
- Ambiente, eficiência no uso dos recursos e clima;
- Desenvolvimento local.

No contexto do PDR do Continente para 2014-2020, a ação 3.1.1- Jovens Agricultores “contribui essencialmente para a Prioridade 2 - reforçar a viabilidade das explorações agrícolas e a competitividade de todos os tipos de agricultura em todas as regiões e incentivar as tecnologias agrícolas inovadoras e a gestão sustentável das florestas, nomeadamente no seu domínio facilitação da entrada de agricultores com qualificações adequadas no setor agrícola e, particularmente, da renovação geracional e para a Prioridade horizontal – Inovação, dado papel que o aconselhamento e formação de jovens agricultores terá na divulgação e capacitação para a inovação” (Gabinete de Planeamento, 2013a, p. 2).

Assim sendo, procura-se com a ação 3.1.1- Jovens Agricultores, “inverter a trajetória, de forma a aumentar a atratividade do setor aos jovens investidores, através do apoio aos jovens que se instalam pela 1ª vez na atividade agrícola, promovendo o investimento, a organização da produção e a transferência do conhecimento” (Gabinete de Planeamento, 2013a, p. 2). Esta ação vem no sentido da necessidade de ter uma resposta “consistente para a sustentabilidade económica de primeiras instalações traduz-se numa corresponsabilização do jovem agricultor, quer ao nível da sua formação, quer ao nível financeiro, quer ainda ao nível da participação no mercado através de Organizações de Produtores” (Gabinete de Planeamento, 2013a, p. 2).

Como referido pela AJAP (AJAP,2012) “...o distanciamento dos jovens empresários pelas atividades de produção primária reflete uma imagem de uma atividade pouco reconhecida na sociedade, em que a utilização de tecnologia é muito reduzida e com poucos desafios intelectuais. Essa visão assenta no desconhecimento das exigências científicas, tecnológicas e de gestão necessárias à prática de uma atividade absolutamente intensiva em tecnologia e em conhecimento” (p.14). Apesar de todos os programas comunitários e incentivos, o despovoamento dos meios rurais e o abandono da agricultura persiste, sendo que os “neo-rurais”, no geral, e os jovens agricultores, em particular, têm um papel fulcral na inversão destas tendências. Estes últimos são indivíduos que voltam a ter uma cultura de território e uma visão sustentável e a longo prazo, reforçando a importância da agricultura para o país e para o seu legado.

Capítulo 2 – Contextualização territorial

2.1. O território “Douro Verde”

*“Sem esta terra funda e fundo rio,
Que ergue as asas e sobe, em claro voo;
Sem estes ermos montes e arvoredos,
Eu não era o que sou”¹⁴*

A região do “Douro Verde” corresponde a uma parcela do Baixo Tâmega e integra-se na Comunidade Intermunicipal (CIM) e Sub-região estatística portuguesa (NUT III) do Tâmega e Sousa. Muito heterogénea, fazem parte dela concelhos de dois Distritos- Amarante, Baião, Marco de Canaveses e Penafiel (somente as freguesias consideradas rurais) pertencentes ao Distrito do Porto e Cinfães e Resende, pertencentes ao Distrito de Viseu.

A região “Douro Verde” enquanto denominação territorial, foi criada numa vertente macro-estratégica para facilitar a submissão de candidaturas de pré-qualificação de parcerias para a implementação dos instrumentos associados ao Desenvolvimento Local de Base Comunitária (DLBC)¹⁵. A região é uma designação atribuída ao território sob intervenção da Dolmen¹⁶ e de outros agentes de desenvolvimento, seus associados e parceiros. Esta área pode ser vista como um conjunto unificado por recursos endógenos comuns, designadamente físicos, ambientais, culturais, humanos, económicos e institucionais, que lhe conferem uma identidade e um capital territorial específico. Os concelhos “integraram-se também num consórcio, no sentido de criar homogeneidade na parte oriental da NUT Tâmega, fortemente antrópico e com a sua paisagem cultural milenar” (Dolmen, 2009, p. 3). Algo relevante, que não pode ser esquecido, são de facto as Paisagens Milenares do “Douro Verde” integradas na Estratégia de Eficiência Coletiva, “reconhecida formalmente por despacho interministerial em Julho de 2009, enquadrada no “Programa de Valorização Económica dos Recursos Endógenos, do On.2”¹⁷ sendo a Dolmen a entidade gestora” (Dias, 2014, p.7).

¹⁴ “Canção de uma sombra” in Pascoaes, Teixeira de. (1907). As sombras. Lisboa: Livraria Ferreira. Poeta amarantino.

¹⁵ O Desenvolvimento Local de Base Comunitária (DLBC) “visa especialmente promover, em territórios específicos, a concertação estratégica e operacional entre parceiros, orientada para o empreendedorismo e a criação de postos de trabalho, em coerência com o Acordo de Parceria – Portugal 2020 - e no quadro da prossecução dos objetivos da Estratégia Europa 2020”. Fonte: 2020, P. (2014). DLBC - Estratégias Para o Desenvolvimento Local. Retrieved from https://www.portugal2020.pt/Portal2020/desenvolvimento_local_dlbc

¹⁶ Dolmen- Cooperativa de Formação, Educação e Desenvolvimento do Baixo Tâmega. É uma entidade ao serviço do Desenvolvimento Local, que tem como missão a promoção do desenvolvimento da região numa perspectiva integrada, valorizando os seus Recursos Endógenos Naturais, Culturais e Humanos. Através da aplicação dos princípios cooperativos desenvolve actividades que visam a promoção do seu desenvolvimento sócio-económico da região. Fonte: Dolmen. (2015). Apresentação. Retrieved from <http://www.dolmen.co.pt/index.htm>.

¹⁷ O ON.2 - O Novo Norte (Programa Operacional Regional do Norte 2007/2013) era um instrumento financeiro de apoio ao desenvolvimento regional do Norte de Portugal (NUTS II), integrado no Quadro de Referência Estratégico Nacional 2007/2013 e

O território denominado “Douro Verde” enquadra-se na região Norte. De acordo com a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte¹⁸, com cerca de 3,6 milhões de habitantes, a Região do Norte concentra quase 35% da população residente em Portugal, assegurando perto de 39% das exportações nacionais e representando cerca de 29% do PIB da economia nacional. Esta região é geralmente referida, por um lado, pela sua proximidade à AMP e, por outro, pela vizinhança com o Douro vinhateiro (Dias, 2014). Por outro lado, ao analisar a área territorial do “Douro Verde”, constata-se que existe uma diversidade paisagística muito apelativa e distinta entre si: enquanto no concelho de Penafiel, mais próximo das grandes cidades e da AMP, confrontamo-nos com um panorama mais “urbano”, no concelho de Baião, por exemplo, o cenário é bem distinto, sobressaindo um meio mais despovoado e empobrecido. Mas, nesse sentido, “o hiato quase deserto que as serras outrora interpunham entre a faixa litoral e as bacias minhotas e durienses está em vias de desaparecer...” (Dias, 2014, p.9).

Apesar de existirem várias perceções do “rural” e de a esta noção estarem associados elementos que caracterizam a “ruralidade” (sociais, económicos, culturais, entre outros), podemos aferir que este território pode ser considerado como tal. Com base nos indicadores de caracterização, enunciados por Rolo e Cordovil (2014), a área territorial “Douro Verde” enquadra-se quer num “Rural Denso” e de “Transição Agrícola”, quer num “Rural Urbano” tendo em conta a tipologia de rural (p.9). “Os tipos de rural correspondem a grandes manchas contíguas do Continente português constituídas por concelhos cujas componentes rurais são semelhantes nos aspetos considerados mais relevantes para compreender a diversidade do rural” (Rolo & Cordovil, 2014, p. 9). Segundo a ilustração 2, o concelho de Penafiel insere-se na tipologia “Rural Urbano”, enquanto Amarante, Marco de Canaveses e Baião se inscrevem no “Rural Denso”; por seu lado Cinfães e Resende classificam-se em “Transição Agrícola”. A heterogeneidade do território é mais uma vez comprovada com os três diferentes tipos de rural detetados nestes seis concelhos.

no ciclo de fundos estruturais da União Europeia destinados a Portugal. Fonte: Norte, N. (2015). Apresentação. Retrieved from <http://www.novonorte.qren.pt/pt/investimento-publico/apresentacao/>

¹⁸ CCDRN. (2015). Região Norte. Retrieved Março 2015, from <http://www.ccdr-n.pt/regiao-norte>

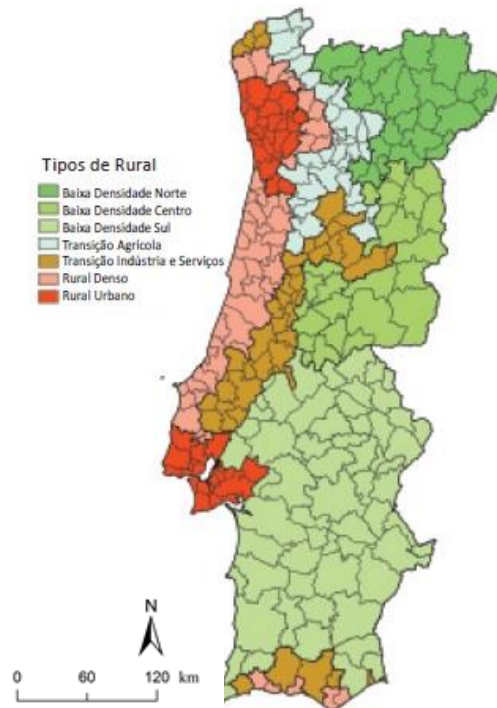


Ilustração 2: Distribuição dos tipos de Rural

Extraído de: Rolo and Cordovil (2014)

De facto, a globalidade do território “Douro Verde” e as suas comunidades apresentam uma base rural, traduzida por uma baixa densidade que – mais do que nas questões do povoamento – se manifesta na tipologia das atividades empresariais e nas qualificações do capital humano. Neste território, deparamo-nos com problemáticas associadas a uma tendência de despovoamento, de quebra de natalidade e envelhecimento. Aliado a esses problemas verifica-se também um contexto de maior preponderância do setor terciário e um cenário de crescente pobreza, aspetos que exploraremos de seguida.

São, pois, muitos e díspares os principais problemas identificados pelos agentes de desenvolvimento local no território “Douro Verde” (considerando aqui os seis municípios de incidência).

Importa ressaltar que, uma vez que alguns dos dados estatísticos são disponibilizados apenas à escala concelhia, considera-se aqui como “Douro Verde” o conjunto dos seis concelhos, apesar de no caso de Penafiel, a freguesia de Penafiel não ser considerada rural, logo não é incluída como local de identificação de “neo-rurais”.

2.1.1. Enquadramento físico

“Paisagem é o resultado do casamento do trabalho do Homem com a Natureza ao longo dos tempos”¹⁹

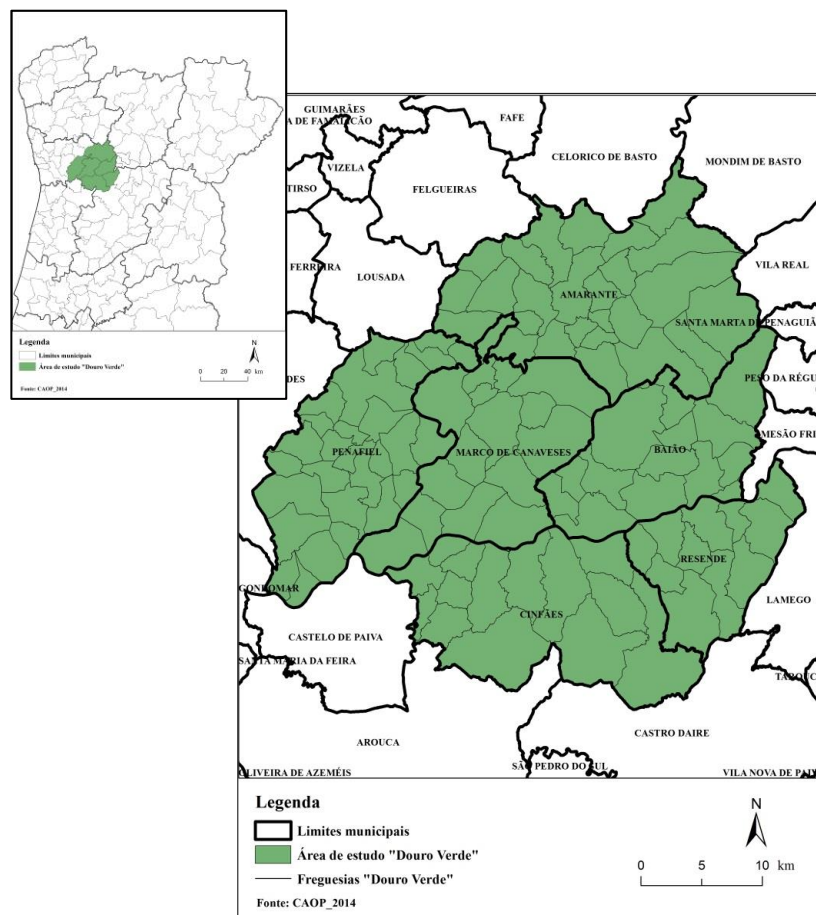


Ilustração 3: Enquadramento do território "Douro Verde" na Região Norte
Fonte: Elaboração própria com base na Carta Administrativa Oficial de Portugal (2014)

Tendo como linha orientadora o diagnóstico territorial, existem fatores físicos que pela sua importância têm de ser destacados. Os seis concelhos que constituem o território em estudo ocupam uma área de 1252,6 km², sendo que os concelhos de Amarante e Resende se destacam dos demais, no primeiro caso com uma área de 301,3km² e no segundo com 123,4km². O território “Douro Verde” tem a seu favor o facto de ter uma localização geográfica favorável, dada a proximidade de infraestruturas regionais importantes, tais como o aeroporto Francisco Sá Carneiro ou o Porto de Leixões e até mesmo de polos dinamizadores, como o Porto e sua Área Metropolitana, Vila Real ou ainda o concelho de Braga.

¹⁹ Dower, Michael. (1999). Le Paysage: Mariage de la Nature et de la Culture. *Patrimoine Européen*, 19, 19-20.

Na realidade, o espaço designado “Douro Verde” é geomorfologicamente limitado e muito marcado a nascente pela Serra do Marão com cerca de 1400 metros de altitude e a sul pela Serra de Montemuro com cerca de 1380 de altitude (Dolmen, 2009). De destacar ainda a Serra da Aboboreira que se eleva a uma altitude próxima de 1000 metros. Em contrapartida, a poente e a norte o espaço alonga-se por terrenos agrícolas com uma altitude média de 150 a 200 metros, já na margem direita do rio Tâmega (Dolmen, 2009). Como referiu Dias (2014), “é uma região de colinas e serras de circulação difícil, como aponta Suzane Daveau e que integra o que foi definido por Orlando Ribeiro como “montanhas do norte da beira”, embora se vá diluindo, para noroeste, na paisagem do Entre Douro e Minho” (p.9).

Neste espaço evidenciam-se ainda, como marcas naturais determinantes, os rios Douro, Tâmega, Bestança, Paiva e Ovil. O Douro, correndo de nascente para poente, o rio Tâmega como seu afluente na margem direita, escoando de Nordeste para Sudoeste, os rios Bestança e Paiva, afluentes da margem esquerda, e o Ovil, afluente da margem direita (Dolmen, 2009). Assim, facilmente se afere a existência de um conjunto de valores naturais relevantes e diferenciadores, que constituem elementos agregadores na valorização do capital natural e paisagístico.

O “Douro Verde” “está também separado desse Douro, classificado como vinhateiro, onde já não chegam as massas húmidas do Atlântico, entretanto descarregadas nas encostas do Marão e do Montemuro, mas onde existe há mais de duzentos e cinquenta anos uma região demarcada do vinho do Porto” (Dias, 2014, p.10). O rio Douro representa uma grande importância no território, daí o nome dado ao território em estudo, pela sua extensão, paisagem cultural²⁰ e suas características associadas.

Nesta área em análise, há um vasto património arquitetónico, histórico e cultural, com destaque para os elementos dolmênicos, romanos e românicos.

2.1.2. Alguns indicadores sociodemográficos

“Rolávamos na vertente duma serra, sobre penhascos que desabavam até largos socalcos cultivados de vinhedo (...) Pelo rio, onde a água turva e tarda nem se quebrava contra as rochas, descia, com a vela cheia, um barco carregado de pipas. Para além, outros socalcos, dum verde pálido de resedá, com oliveiras apoucadas pela amplidão dos montes, subiam até outras penedias que se embebiam, todas brancas e assoalhadas, na fina abundância do azul.”²¹

²⁰ Desde 2001, a Região Vinhateira do Alto Douro foi incluída pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) na lista dos locais que são Património da Humanidade, na categoria da paisagem cultural.

²¹ Queiróz, Eça de. (1901). A cidade e as serras. Porto: Livraria Chardron.

No contexto da dissertação desenvolvida, importa, antes de mais, analisar uma série de indicadores demográficos que permitam a realização de um diagnóstico do território “Douro Verde”, à escala dos concelhos e das freguesias que o constituem.

Ao nível concelhio, tendo como ponto de análise a densidade populacional (quadro 3), facilmente aferimos que os valores têm vindo a diminuir durante o período de referência dos dados. Observando os dados do território “Douro Verde”, existe uma grande discrepância de valores: em 2014, os valores dos concelhos de Cinfães e Resende estimam-se em 80,9 e 86,9 hab./km², ao passo que nos concelhos do Marco de Canaveses e Penafiel se estimam os seguintes valores: 261,1 e 334,6 hab./km², respetivamente.

Importa acrescentar que, apesar de existir no “Douro Verde” um povoamento relativamente denso para contexto rural, o território não pode ser considerado homogéneo neste ponto de vista. Nesse sentido, observa-se que, face à realidade de Portugal, quatro dos seis concelhos em análise (Amarante, Baião, Marco de Canaveses e Penafiel) possuem uma densidade populacional superior, segundo os dados de 2014.

Quadro 3: Evolução da densidade populacional (N.ºhab./ km²) por local de residência

Local de residência	Densidade populacional (N.ºhab./ km ²) por Local de residência							
	Período de referência dos dados							
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
	N.º/ km ²	N.º/ km ²	N.º/ km ²	N.º/ km ²	N.º/ km ²	N.º/ km ²	N.º/ km ²	N.º/ km ²
Portugal	114,6	114,7	114,7	114,7	114,3	113,7	113,1	112,5
Região Norte	174,7	174,4	174,1	173,5	173,2	172,2	171,2	170,1
CIM Tâmega e Sousa	238,8	238,2	237,6	236,6	236,4	235,1	233,7	232,4
Amarante	191,8	190,3	188,9	186,9	186,2	184,8	183,1	181,8
Baião	122	120,8	119,5	117,8	116,9	115,3	114	112,8
Cinfães	88,7	87,7	86,7	85,5	84,6	83,4	82,1	80,9
M. Canaveses	265,9	265,7	265,5	265	265,1	263,9	262,4	261,1
Penafiel	343,1	342,5	341,7	340,8	340,3	338,5	336,6	334,6
Resende	95,5	94,5	93,5	92,4	91,4	89,9	88,4	86,9

Fonte: Censos 2011 (INE); Estimativas Anuais da População Residente (INE)

Ainda em termos populacionais, a evolução recente é marcada por um contexto de perda na Região Norte, tendência que também se manifesta na CIM Tâmega e Sousa e no território “Douro Verde”. Contudo, conforme se verifica no quadro 4, entre 2009 e 2014 a diminuição da população residente nos seis concelhos do “Douro Verde” situou-se nos 3,5%, ao passo que no Norte se ficou pelos 2,3%. A territorialização destes valores apresenta-nos um quadro global de

perda em todos os concelhos do “Douro Verde”, com Cinfães e Resende a apresentarem as percentagens mais elevadas.

Quadro 4: Evolução da População residente (2009-2014)

Localização Geográfica	População residente por Local de residência					
	Período de referência dos dados					
	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Região Norte	3705980	3693585	3687224	3666234	3644195	3 621 785
“Douro Verde”	236170	234573	233775	231953	230018	228278
Amarante	56915	56314	56099	55677	55171	54 775
Baião	20852	20561	20394	20119	19899	19 682
Cinfães	20737	20464	20254	19953	19647	19 365
M. Canaveses	53610	53507	53521	53273	52966	52 708
Penafiel	72519	72330	72227	71848	71434	71 023
Resende	11537	11397	11280	11083	10901	10 725

Fonte: Censos 2011 (INE); Estimativas Anuais da População Residente (INE)

No seguimento das análises anteriores, importava, através da elaboração de cartografia, analisar demograficamente o território “Douro Verde” à escala da freguesia, mais pormenorizadamente. Com o conhecimento do território adquirido, afirma-se que os valores mais significativos de população residente incidem nas sedes concelhias, a acompanhar as principais acessibilidades, o relevo menos acidentado e as menores altitudes.

Apesar do contexto de perda de população já referida, percebemos que os maiores aglomerados populacionais à escala da freguesia, se encontram, naturalmente, nos concelhos com mais população- Amarante, Marco de Canaveses e Penafiel. À data dos Censos, de 2001 e 2011, apenas estes últimos concelhos referidos apresentavam freguesias com mais de 5000 habitantes (ilustração 4), estando aqui incluídas as sedes concelhias (União das freguesias de Amarante (São Gonçalo), Madalena, Cepelos e Gatão, Marco e Penafiel). De destacar no território a freguesia de Resende, no mesmo concelho, que contrariando a dinâmica das restantes freguesias, vê aumentar a sua população de 2873 para 3166 residentes, de 2001 para 2011.

A parte Norte e Oeste do território “Douro Verde” é onde existe uma maior concentração populacional, realçando-se a freguesia de Penafiel, que, com 15711 habitantes é a freguesia com maior população. Esta última, encontra-se já em contacto com a AMP, mais concretamente com o concelho de Paredes, que desde 2013 se desligou da CIM do Tâmega e Sousa, integrando a AMP.

Por outro lado, constatamos que Cinfães e Resende, também de encontro ao contexto do distrito de Viseu, possuem freguesias, à data de 2011, com valores de população residente muito baixos. No concelho de Resende, a União das freguesias de Ovadas e Panchorra viu reduzida a sua população a 359 residentes, sendo que 10 anos antes o número era de 515 e em Cinfães, a freguesia de Moimenta possui apenas 408 residentes, à data de 2011.

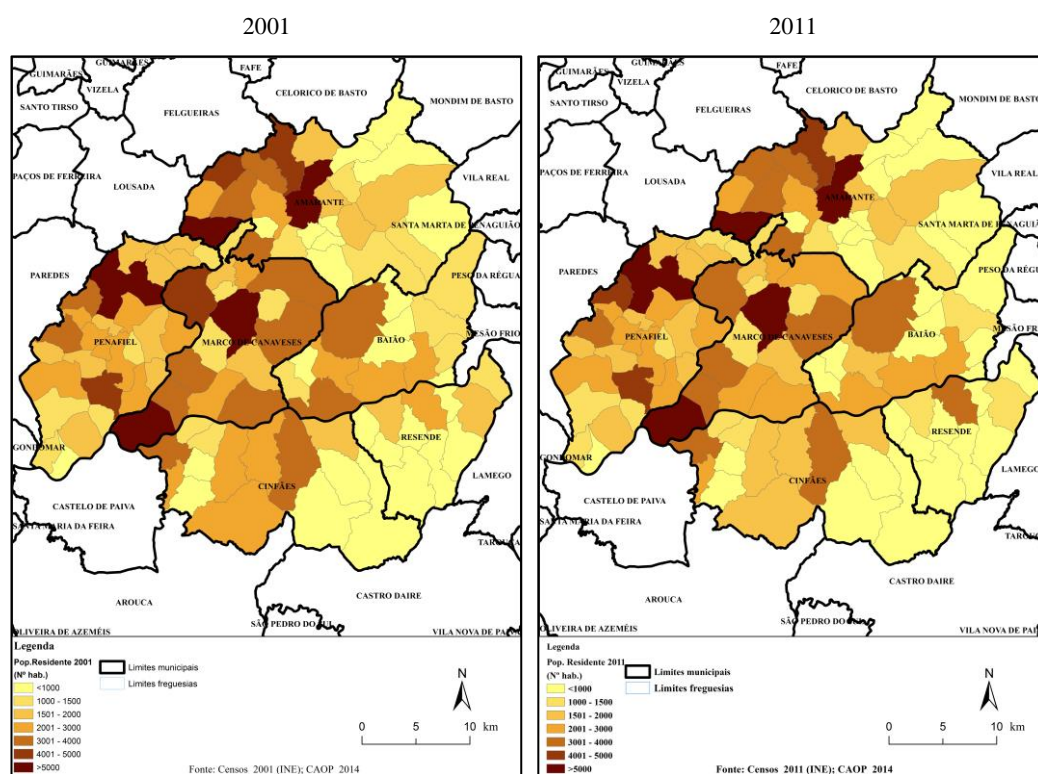


Ilustração 4: Evolução da população residente no território "Douro Verde", por freguesia (2001 e 2011)

Fonte: Elaboração própria com base nos Censos 2011 e na Carta Administrativa Oficial de Portugal (2014)

O quadro 5, segundo os dados do Observatório das Dinâmicas Regionais do Norte, expõe uma série de indicadores relevantes para um maior conhecimento da dinâmica demográfica do território "Douro Verde". De acordo com os dados de variação da população residente, verifica-se uma tendência generalizada de saldos naturais negativos, que se vão tornando cada vez mais notórios no território em análise. Quanto ao saldo migratório é negativo no "Douro Verde", já que em todos os concelhos se registam saldos negativos, similares aos observados na Região Norte e na CIM Tâmega e Sousa. A emigração tem efetivamente contribuído para a perda de pessoas do território em questão.

Quadro 5: Indicadores gerais demográficos (2013)

NUTS e Concelhos	Área (2013)	População Residente (2013)	Densidade Populacional (2013)	Crescimento Populacional		Taxa Bruta de Natalidade (2013)	Jovens (0-14 anos) (2012)	Maiores de 64 anos (2013)	Índice de Envelhecimento (2013)	Saldo Migratório 2013
				1991-2001	2001-2013					
	km ²	indivíduos	hab./km ²	%	%	%	%	%	nº	nº
Portugal	92.225,2	10.427.301	113,1	4,5	0,3	7,9	14,6	19,9	136,0	-36.232
Região Norte	21.285,9	3.644.195	171,2	5,3	-1,4	7,3	14,3	17,9	125,3	-15.730
CIM Tâmega e Sousa	1.831,5	428.054	233,7	6,9	-1,6	7,2	15,7	14,5	92,5	-2.126
Amarante	301,3	55.171	183,1	5,1	-7,3	6,8	14,7	16,3	110,8	-325
Baião	174,5	19.899	114,0	-1,9	-10,4	6,8	13,7	19,3	140,7	-147
Cinfães	239,3	19.647	82,1	-5,2	-11,9	7,1	14,1	21,1	149,5	-205
M.Canaveses	201,9	52.966	262,4	7,9	0,6	7,0	16,4	13,6	82,6	-267
Penafiel	212,2	71.434	336,6	4,0	-0,8	8,0	16,2	13,4	82,7	-443
Resende	123,4	10.901	88,4	-9,3	-11,7	6,5	14,1	21,7	153,8	-102

Fonte: Observatório das Dinâmicas regionais do Norte. Síntese Estatística da Região NutsIII-Tâmega

Além destas questões associadas à variação da população, importa analisar a transformação de alguns indicadores demográficos.. Acompanhando a trajetória nacional, a taxa de natalidade também tem vindo a diminuir progressivamente, sendo Resende, de entre os concelhos do “Douro Verde”, aquele que apresenta o valor mais baixo à data de 2013 (quadro 6).

Quadro 6: Evolução da Taxa de natalidade (2009-2013)

Localização geográfica	Taxa de natalidade (estimativas e censos)				
	Período de referência dos dados				
	2009	2010	2011	2012	2013
Norte	8,90	8,80	8,50	7,80	7,30
Tâmega (média)	8,93	9,03	8,52	7,38	7,02
“Douro Verde” (média)	8,67	8,77	8,35	7,22	7,03
Amarante	8,90	8,60	8,20	7,60	6,80
Baião	8,10	7,40	7,60	6,60	6,80
Cinfães	7,40	8,00	8,10	6,70	7,10
M. Canaveses	9,90	10,60	9,20	8,10	7,00
Penafiel	9,40	10,30	8,90	8,60	8,00
Resende	8,30	7,70	8,10	5,70	6,50

Fonte: Censos 2011 (INE); Estimativas (INE)

Ainda neste seguimento, o indicador seguinte está relacionado com a contração da taxa de natalidade. Obviamente, o índice de envelhecimento apresenta uma evolução negativa preocupante, evidenciando um aumento generalizado dos valores registados em todas as regiões e concelhos, (quadro 7). Com efeito, apesar dos números se aproximarem dos da Região Norte, o panorama no “Douro Verde” revela-se muito assimétrico, sendo o valor mínimo, em 2013, de 82,70% no concelho de Penafiel, ao contrário dos valores superiores registados nos concelhos de Baião, Cinfães e Resende - 140,70%, 149,50% e 153,80%, respetivamente.

Quadro 7: Evolução do Índice de envelhecimento (2009-2013)

Localização geográfica	Envelhecimento (estimativas e censos) %				
	Período de referência dos dados				
	2009	2010	2011	2012	2013
Norte	104,20	109,50	114,10	118,90	125,30
Tâmega (média)	89,93	94,28	98,18	102,49	107,87
“Douro Verde” (média)	102,37	106,08	110,35	114,68	120,02
Amarante	92,10	96,60	100,30	105,70	110,80
Baião	117,70	123,20	129,90	134,70	140,70
Cinfães	135,40	135,70	139,90	145,10	149,50
M. Canaveses	65,90	69,50	72,70	76,60	82,60
Penafiel	66,00	70,30	74,00	77,60	82,70
Resende	137,10	141,20	145,30	148,40	153,80

Fonte: Censos 2011 (INE); Estimativas (INE)

Na continuidade da dinâmica anterior, o quadro 8, revela-nos a idade média da população residente nas localizações assinaladas. Verificamos que a idade média tem aumentado muito nos últimos anos, sendo que nos concelhos do “Douro Verde” se acompanha a tendência da Região Norte e de Portugal. Ainda assim, Amarante (40,02), Cinfães (37,60) e Marco de Canaveses (37,72) apresentam valores inferiores aos registados na Região Norte, em 2011.

Quadro 8: Idade média da população residente (1991, 2001 e 2011)

Local de residência	Idade média (Ano) da População residente por Local de residência		Idade média (Anos) da população residente por Local de residência
	Período de referência dos dados		Período de referência dos dados
	1991	2001	2011
Portugal	36,35	39,01	41,83
Região Norte	34,04	37,16	40,97
“Douro Verde”	33,56	36,40	40,23
Amarante	32,11	35,22	40,02
Baião	34,91	37,50	41,17
Cinfães	31,32	33,78	37,60
M. Canaveses	30,46	33,57	37,72
Penafiel	35,83	38,67	42,34
Resende	36,72	39,67	42,53

Fonte: Censos 1991, 2001 e 2011 (INE)

Achou-se pertinente, para um diagnóstico mais completo da população residente no território “Douro Verde”, analisar o nível de escolaridade, à data dos Censos 2011, com vista a perceber as diferenças entre os seis concelhos e de forma a existir meio de comparação do “Douro Verde” com a Região Norte, por exemplo.

No primeiro mapa (ilustração 5), e de forma a se perceber a distribuição no território, foi calculada a proporção da população com apenas o 1º ciclo do ensino básico concluído. Facilmente se evidencia o pouco nível de escolaridade da população, tendo em conta a totalidade do território.

No geral, conclui-se que 31% da população residente no “Douro Verde” só possui o 1º ciclo do ensino básico concluído, números preocupantes e que ganham mais evidência quando comparados com os 28% da Região Norte. À escala concelhia, Baião e Resende com 33% e Cinfães com 34% são os concelhos que maior percentagem apresentam, sendo que são as freguesias mais periféricas destes concelhos que apresentam valores mais elevados.

Ainda assim, apesar do concelho de Amarante possuir 32% da população com o 1º ciclo do ensino básico, logo não representando o valor mais elevado, evidenciam-se nele freguesias rurais com valores muito elevados, como é o caso de Ansiães e da União das freguesias de Bustelo, Carneiro e Carvalho de Rei com cerca de 40%. No sentido inverso, destacam-se o concelho de Penafiel e do Marco de Canaveses, que apesar de não se distanciarem muito nos números gerais dos concelhos, surgem freguesias com valores bem mais baixos quando comparadas com as restantes.

Mais uma vez, as sedes de concelho, para além de agregarem a maior concentração populacional, distinguem-se das restantes pelos valores apresentados. A união das freguesias de

Amarante (São Gonçalo), Madalena, Cepelos e Gatão, a freguesia do Marco e a de Penafiel, todas com 25% da população com o 1º ciclo do ensino básico concluído, destacam-se perante as restantes, podendo ser consideradas mais “rurais” e periféricas.

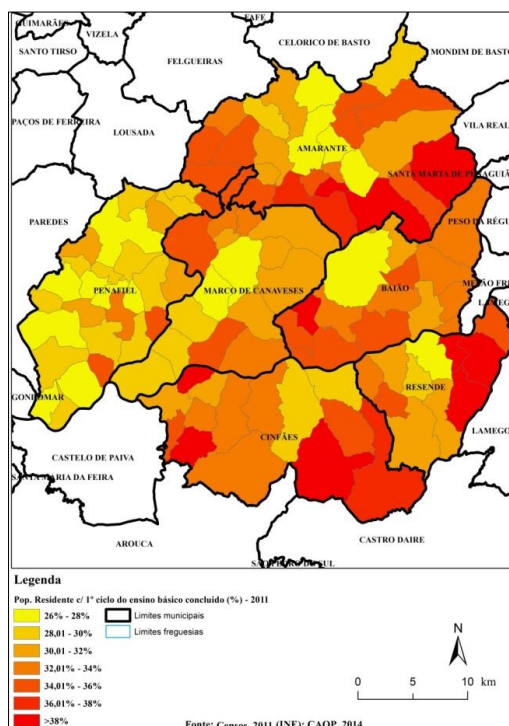


Ilustração 5: Distribuição da população residente com 1º ciclo do ensino básico concluído (%) no “Douro Verde” – 2011

Fonte: Elaboração própria com base nos Censos 2011 (INE) e na Carta Administrativa Oficial de Portugal (2014)

No prolongamento da análise anterior, faz todo o sentido aqui ser analisada a proporção da população residente com outro nível de escolaridade, o ensino pós-secundário e superior, que com outras competências académicas podem dinamizar o território. O “Douro Verde”, na sua totalidade, conta efetivamente com uma percentagem muito reduzida de população residente com nível de ensino pós-secundário e superior concluído, 6%. Analisando criticamente, o valor é muito limitado e pode ter consequências no futuro, sendo ainda mais realçado quando comparado com os 11% da região Norte. Apesar de tudo, certamente que o número de residentes a estudar no ensino superior aumentou desde 2011 e talvez possibilite a aproximação do “Douro Verde” da realidade da CIM Tâmega e Sousa e da região Norte.

A apreciação no âmbito da população com ensino superior contrasta com a anterior, sendo que os valores mais elevados registados se encontram nos concelhos que há pouco registavam os

2.1.3. Contexto económico, emprego e mercado de trabalho

*“Homem! Está claro que há fome! Tu imaginavas talvez que o Paraíso se tinha perpetuado aqui nas serras, sem trabalho e sem miséria... Em toda a parte há pobres, até na Austrália, nas minas de ouro. Onde há trabalho há proletariado, seja em Paris, seja no Douro...”*²²

Contexto económico

No contexto desta dissertação e para uma análise plena do território, urge analisar o contexto económico em que o “Douro Verde” se encontra inserido. Dada a conjuntura de recessão económica, agravada desde 2008/2009, achou-se relevante também analisar a dinâmica económica nos anos mais recentes, comparando os dados com a região Norte e a CIM Tâmega e Sousa (TS)²³.

Começamos pelo número de empresas registadas (quadro 9). Facilmente se confere que no Norte de Portugal, a variação foi negativa, com a redução de cerca de 8,14%, entre 2009 e 2012. Quanto à região “Douro Verde”, a percentagem é mais reduzida, mas significativa já que transitou de 17261 empresas ativas, em 2009, para 16455, em 2012, o que representa uma perda de cerca de 6,62%. Se tivermos em conta o período entre 2011 e 2012, o cenário mantém-se, embora exista uma maior aproximação dos valores entre a região Norte e “Douro Verde”, (redução de 3,48 e 3,04%). Se for tido em conta o número de empresas no último ano analisado, destacam-se claramente os concelhos de Penafiel e de Amarante, com 5143 e 4452, por esta ordem. Na base económica, constata-se, pois, a existência de uma grande fragilidade do tecido económico, com elevado número de encerramento de empresas, o que é especialmente evidente no atual contexto de crise e recessão económica.

Quadro 9: Evolução do número total de empresas registadas (2009 -2012)

Localização geográfica	Número de empresas (estimativas e censos)			
	Período de referência dos dados			
	2009	2010	2011	2012
Região Norte	378791	366022	360482	347939
CIM Tâmega e Sousa	34448	33497	33423	32609
“Douro Verde”	17621	17125	16971	16455
Amarante	4884	4705	4655	4452
Baião	1230	1209	1220	1197
Cinfães	1230	1158	1177	1121
Marco de Canaveses	3774	3711	3647	3519
Penafiel	5595	5469	5390	5143
Resende	908	873	882	1023

Fonte: INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas

²² Queiróz, Eça de. (1901). *A cidade e as serras*. Porto: Livraria Chardron

²³ Da CIM-TS fazem parte os municípios de Amarante, Baião, Castelo de Paiva, Celorico de Basto, Cinfães, Felgueiras, Lousada, Marco de Canaveses, Paços de Ferreira, Penafiel e Resende. Fonte: Sousa, C. I. d. T. e. (2015). Quem somos. Retrieved from <http://www.cimtamegaesousa.pt/index.php/2011-10-31-16-40-59/quem-somos>.

Mas é efetivamente o setor agro-florestal e a pecuária que dominam o panorama económico da região. Realizando um enquadramento económico em contexto rural, considerou-se, a par de outros indicadores, pertinente produzir cartografia relativa à distribuição e evolução do número de explorações agrícolas no território “Douro Verde”, à escala da freguesia. Como se constata noutros parâmetros, o setor primário e a população agrícola tem vindo a diminuir nos últimos anos, logo seria expectável que o número de explorações agrícolas também diminuísse. Tal vai confirmar-se, embora de uma forma assimétrica, já que é nas freguesias que se posicionam nas margens do rio Douro que se observa o maior número de explorações agrícolas, sucedendo o contrário nos concelhos onde se regista uma maior taxa de urbanismo.

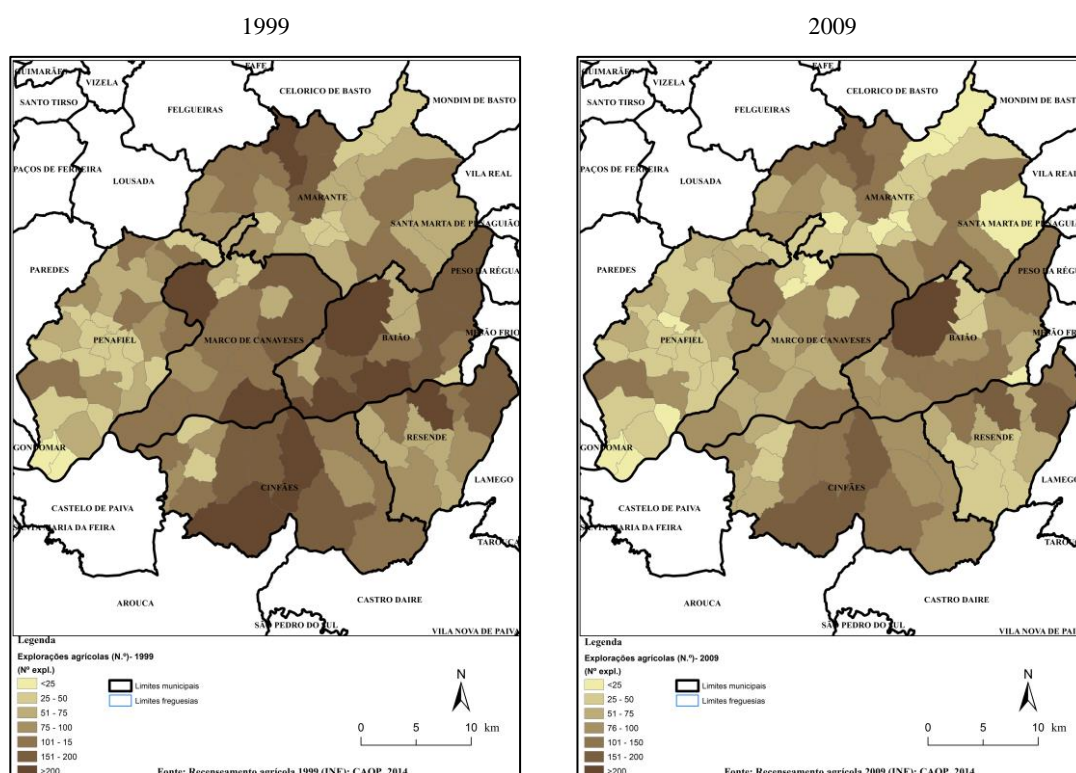


Ilustração 7: Distribuição do número de explorações agrícolas no território "Douro Verde" (1999 e 2009)

Fonte: *Elaboração própria com base no Recenseamento agrícola (1999 e 2009) e na CAOP*

Analisando a evolução, de 1999 para 2009, nos concelhos onde se perdeu o maior número de explorações agrícolas foram Marco de Canaveses, com 35%, e Baião com 30%. Em contraponto, Resende com 20% e Amarante com 21% são os concelhos onde a diminuição do número de explorações foi menos acentuada (ilustração 7).

Ao observar as freguesias de Penafiel que se encontram em contacto direto com Paredes, vemos que o número de explorações é baixo quando comparado com concelhos como Cinfães, Resende ou Baião. O concelho de Amarante, relacionado claramente com o facto de ser o maior

extenso, é o que em 1999 e 2009 apresenta o maior número de explorações agrícolas, com 2212 e 1783.

Emprego

Algo que tem de ser paralelamente analisado, de forma a perceber a dinâmica económica local, é a distribuição da população empregada, tendo em conta o setor de atividade económica. Em termos absolutos, conforme o quadro 10 evidencia, constata-se que de 2001 a 2011, no “Douro Verde” diminuíram os valores da população empregada em mais de 10 mil indivíduos, passando de cerca de 97 mil para 87 mil. Apreciando concelho a concelho, verifica-se que em todos se observou uma trajetória descendente, se bem que mais significativa quando em conta com o número total de população empregada, acompanhando a tendência registada quer em Portugal, quer na Região Norte. Mais uma vez, analisando o número das empresas e da população residente total, destacam-se os concelhos de Penafiel e de Amarante, com 29991 e 21590 empregados em 2011, com o maior número de população empregada, de entre os concelhos que integram o “Douro Verde” (quadro 10).

Quadro 10: Evolução da População empregada por setor de atividade (2001 e 2011)

Local de residência	População empregada por Local de residência (à data dos Censos 2001) e Setor de atividade económica				População empregada por Local de residência (à data dos Censos 2011) e Setor de atividade económica			
	Período de referência dos dados				Período de referência dos dados			
	2001				2011			
	Setor de atividade económica							
	Total	Setor primário	Setor secundário	Setor terciário	Total	Setor primário	Setor secundário	Setor terciário
Portugal	4650947	231646	1632638	2786663	4361187	133386	1154709	3073092
Região Norte	1656103	78726	758079	819298	1501883	43023	533848	925012
CIM Tâmega e Sousa	240343	12013	141468	86862	219649	5679	108313	105657
“Douro Verde”	97320	6190	52786	38344	87442	2923	40746	43773
Amarante	24029	1169	12451	10409	21590	612	9488	11490
Baião	7652	669	4101	2882	6577	291	2981	3305
Cinfães	7844	1400	3484	2960	6082	475	2663	2944
M. Canaveses	21739	815	13298	7626	19806	378	10043	9385
Penafiel	32195	1130	18221	12844	29991	486	14702	14803
Resende	3861	1007	1231	1623	3396	681	869	1846

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

Por outro lado, no território “Douro Verde”, regista-se uma importância crescente do emprego no setor terciário (muito dependente das instituições), transitando de 40% para 50% no último período censitário, entre 2001 a 2011, em contraste com a fraca expressão do setor primário que representa apenas 3% à data dos últimos Censos (ilustração 8). No setor primário, existem grandes discrepâncias quanto aos valores. Claramente se percebe que em concelhos com uma base económica mais rural como Resende e Cinfães, os únicos concelhos do “Douro Verde” pertencentes ao distrito de Viseu, a proporção de população ativa no setor primário, em 2011, apresenta valores mais elevados, com 20% e 8%, respetivamente.

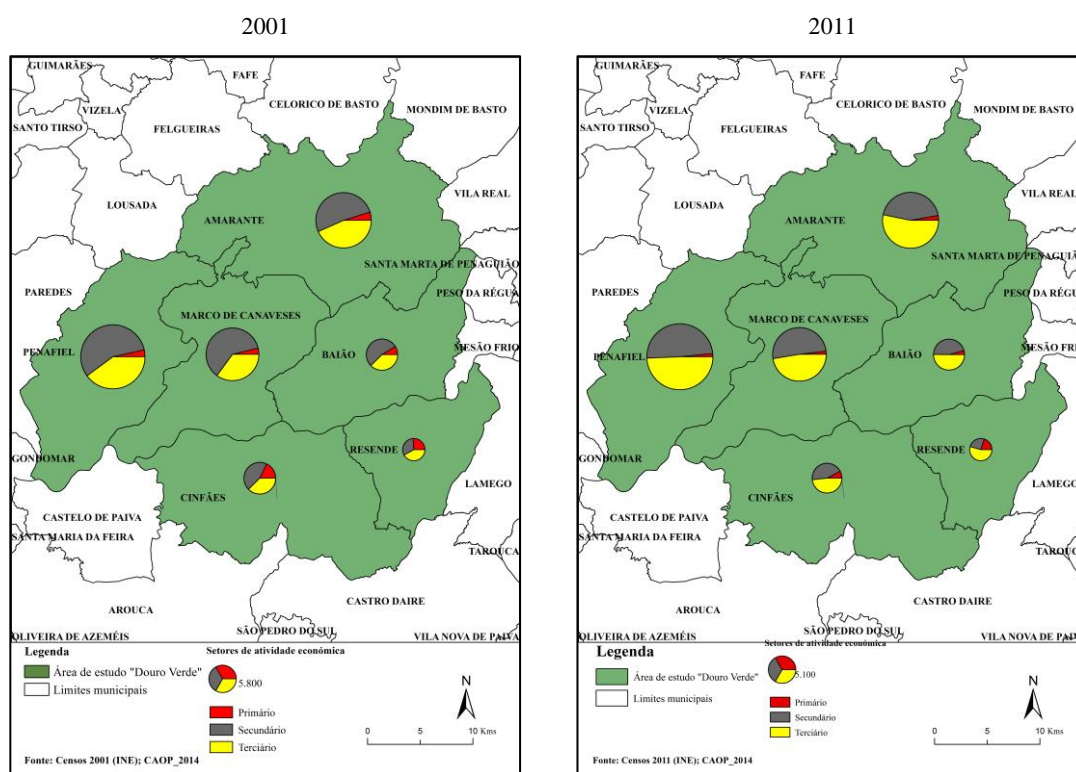


Ilustração 8: Evolução da população empregada nos setores de atividade económica nos concelhos “Douro Verde” (2001 e 2011)

Fonte: Elaboração própria com base nos Censos 2011 e na Carta Administrativa Oficial de Portugal

Outras ilações, porém, são importantes. Conforme se apura na ilustração 8, em todos os concelhos, sem exceção, o setor terciário aumentou o seu relevo. Em Cinfães, por exemplo, a percentagem de emprego neste setor passou de 38% para 48%, no período de referência dos dados. Quanto ao setor secundário, à data de 2011, sobressai Marco de Canaveses com uma expressão de 51% do total da população empregada. Ainda assim, de 2001 para 2011, no concelho de Resende a percentagem da população empregada no setor primário transitou de 26% para 20% e em Cinfães de

18% para 8%. Curiosamente, no concelho de Resende agrega-se também o valor mais elevado tendo em conta a proporção do setor terciário, com 54% do total da população empregada.

Mercado de trabalho

Com base nos dados anteriores e como o território em estudo está associado a um contexto rural, importa entender a evolução da população agrícola familiar, do ano de 1999 e 2009, últimos recenseamentos agrícolas. Em 1999, e comprovando a base rural e agrícola do “Douro Verde”, a proporção atingia 21,25% da população, enquanto à escala nacional esse valor se fixava em 12,1%. Já na região Norte a população agrícola abarcava 11,6%. Entre 1999 e 2009, a tendência é regressiva em Portugal (ilustração 9) bem como em todas as regiões e concelhos em análise. Naturalmente perderam população agrícola, face ao aumento da criação e oferta de emprego noutros setores de atividade.

Mas, no “Douro Verde”, há grandes discrepâncias visíveis à escala concelhia, em 2009, salientando-se os valores mais elevados em Resende (23,3%), Marco de Canaveses (19,3%) e em Cinfães (16,8%), em oposição ao valor registado em Penafiel (5,7%).

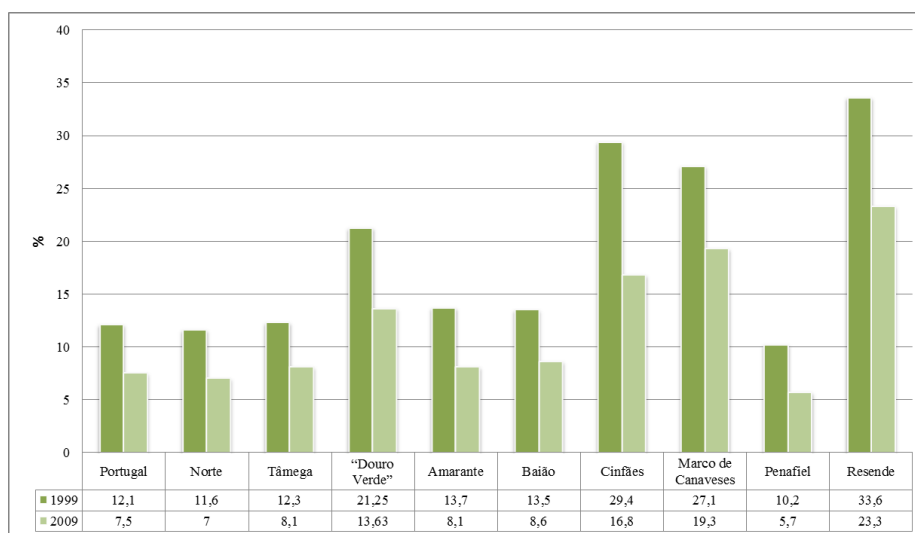


Ilustração 9: Proporção da população agrícola familiar na população residente (1999 e 2009)

Fonte: Elaboração própria com base no Recenseamento agrícola - séries históricas (INE)

No seguimento das ilações anteriores, com alguma facilidade se constata a diminuição da população agrícola familiar nos últimos anos, agora à escala da freguesia (ilustração 10). Nas freguesias do concelho de Penafiel que apresentavam já em 1999 valores residuais de população agrícola, quando comparadas com as freguesias dos restantes concelhos, observaram-se, naturalmente, diminuições significativas nos seus valores, sendo que nas que se confrontam com o concelho de Paredes se registam valores inferiores a 10%. Por exemplo, nas freguesias de

Penafiel e de Rans os valores aproximam-se de 3%, validando a afirmação de ser o concelho com menor base agrícola/rural, de entre os analisados nesta dissertação.

No sentido inverso, as freguesias de Cinfães e Resende, do distrito de Viseu, mais periféricas e conseqüentemente mais afastadas dos centros urbanos, são as que apresentam os valores mais elevados de população agrícola familiar, quer em 1999, quer em 2009. Citando uma freguesia, entre muitas outras, em 1999, a percentagem de população agrícola familiar na população residente na união das freguesias de Freigil e Miomães, era de 60%, valor elevadíssimo que comprova o contexto rural deste concelho. Ainda assim, em Cinfães, à data de 2009, na freguesia de Tendais, registava-se uma percentagem de cerca de 43%, quando apresentava 57% em 1999.

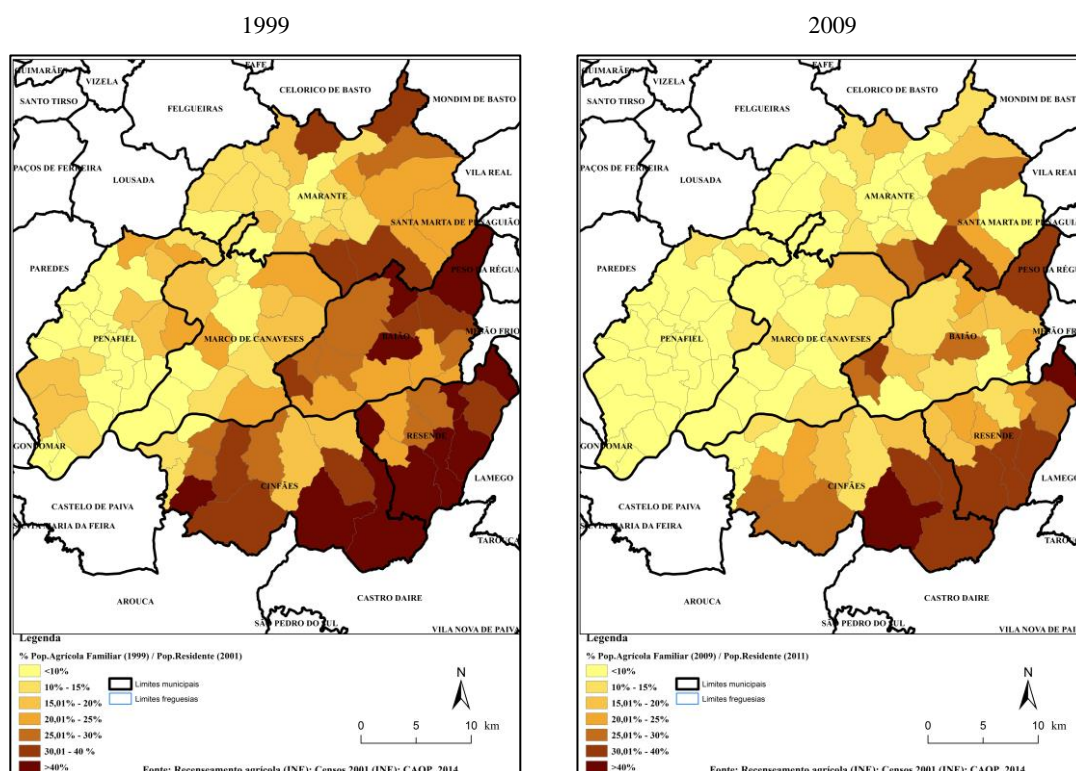


Ilustração 10: Evolução da proporção da população agrícola familiar (1999 e 2009)

Fonte: Elaboração própria com base no Recenseamento agrícola 1999 e 2009 (INE) e nos Censos 2001 e 2011 (INE)

Alterando-se agora a análise para um contexto associado ao mercado do trabalho, no território “Douro Verde” sobressaem valores elevados da taxa de desemprego dada a dificuldade de criação ou obtenção do emprego, o que induz ao crescimento de situações de dependência de subsídios e de pressão acrescida sobre a segurança social, factos estes identificados por entidades e associações locais.

Os dados disponibilizados pelo INE confirmam uma situação alarmante, com elevado número de desempregados em todo o “Douro Verde”. Na verdade, nos seis concelhos existiam 20432 desempregados inscritos no centro de emprego (média mensal), em 2014, razão por si só preocupante, mas ainda exponenciada pela evolução registada nos últimos anos. Com efeito, entre 2008 e 2014, no território “Douro Verde”, o número de desempregados aumentou cerca de 70%, valor superior ao crescimento observado quer na CIM Tâmega e Sousa, de 61% ou na região Norte, de 64%. Apesar de se registar uma inversão da tendência, com a redução do número de desempregados, observada entre 2013 e 2014, esta fez-se sentir de forma mais leve na região “Douro Verde”, de 5%, quando comparada com a CIM Tâmega e Sousa, de 7%.

Quadro 11: Evolução do número de desempregados (2008-2014)

Localização geográfica	Desemprego registado						
	Período de referência dos dados						
	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Região Norte	175.999	217.725	242.063	237.488	280.366	296.353	271.764
CIM Tâmega e Sousa	21.447	26.131	29.196	28.488	34.020	36.889	34.352
“Douro Verde”	11.894	14.167	16.246	16.476	19.685	21.529	20.432
Amarante	3.573	3.781	4.210	4.275	4.833	4.921	4.469
Baião	1.479	1.759	1.926	1.824	1.997	2.111	1.989
Cinfães	1.046	1.278	1.470	1.621	1.943	2.144	2.315
M. Canaveses	2.652	3.366	3.994	3.833	4.656	5.222	5.030
Penafiel	2.500	3.304	3.869	4.112	5.298	6.045	5.611
Resende	644	679	777	811	958	1.086	1.018

Fonte: Instituto de Emprego e Formação Profissional

A julgar pela proporção dos desempregados inscritos nos centros de emprego no total da população residente com 15 a 64 anos, atesta-se que, no “Douro Verde”, de 2001 a 2013, o valor quase que triplicou. Os casos mais graves, de entre os seis concelhos em análise, é o de Cinfães, que no período referido quadruplica, passando de 4,2% para 16,7%; o de Penafiel, que regista a mesma tendência, alterando-se de 3% para 12% e no de Resende, transitou-se de 4% para 15,4%.

Assim sendo, nos últimos dois anos inseridos no período de referência dos dados, as regiões e concelhos que constam no quadro 12, à exceção de Cinfães, registaram todos a mesma tendência positiva, diminuindo o número de desempregados. No caso de Cinfães, ao contrário de todos os outros, aumentou o seu valor de 16,7% para 18,3%, elevando-se o número de desempregados para uma grandeza ainda mais preocupante (quadro 12).

Quadro 12: Desempregados inscritos nos centros de emprego e de formação profissional no total da população residente com 15 a 64 anos (%) (2001 e 2009-2014)

Localização geográfica	Desempregados inscritos nos centros de emprego e de formação profissional no total da população residente com 15 a 64 anos (%)						
	Período de referência dos dados						
	2001	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Região Norte	4,9	8,6	9,6	9,4	11,2	11,9	11,0
Tâmega	4,2	8,7	9,7	9,5	11,3	12,3	11,5
“Douro Verde”	5,1	9,5	10,9	11,1	13,1	14,5	14,1
Amarante	6,2	9,7	10,9	11,1	12,6	12,9	11,8
Baião	8,9	12,7	14,1	13,4	14,7	15,7	15,0
Cinfães	4,2	9,5	11,0	12,3	14,9	16,7	18,3
M. Canaveses	4,4	9,1	10,8	10,3	12,5	14,1	13,6
Penafiel	3,0	6,5	7,6	8,1	10,5	12,0	11,2
Resende	4,0	9,3	10,8	11,3	13,5	15,4	14,6

Fonte: PORDATA e Instituto de Emprego e Formação Profissional

Uma grande heterogeneidade territorial está associada, pois, ao “Douro Verde”, com uma grande diversidade e funcionalidade do território, justificados pelos indicadores aqui analisados.

Capítulo 3 – Estudo exploratório

Mas, o objetivo principal desta dissertação consiste em perceber se os “neo-rurais” contribuem para um impacto positivo a nível económico, social ou cultural nos territórios rurais da região demarcada do “Douro Verde”, auxiliando na alteração do cenário antes apresentado.

Sendo este um tema pouco estudado na literatura, apostamos num carácter exploratório. Este tipo de investigação realiza-se quando o tema escolhido é pouco explorado e se torna difícil formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. Além disso, estes tipos de estudos podem ser um ponto de partida para projetos de maior dimensão.

3.1. Enquadramento e metodologia de abordagem

Numa primeira fase é de extrema importância que se defina o domínio de aplicação e a metodologia de abordagem, de modo a que a recolha e análise dos dados sustente os objetivos previamente definidos.

A recolha de dados para o estudo exploratório foi realizada com base em inquéritos por entrevista aos “neo-rurais” identificados e disponíveis para integrar o mesmo.

Os primeiros contactos com “neo-rurais” foram estabelecidos através de conhecimentos pessoais ou de terceiros. Depois foram abordadas várias entidades locais solicitando ajuda na

identificação de pessoas que se enquadrassem no conceito definido de “neo-rural”. Paralelamente, fez-se uma vasta pesquisa em *sites*, *blogs* e publicações da área e foram contactadas empresas de prestação de serviços de consultoria na elaboração de projetos no âmbito do PRODER. Importa realçar também as conversas/reuniões tidas com pessoas conhecedoras do tema, como por exemplo, um dos criadores do Projeto “Novos Povoadores”, Frederico Lucas. No fundo, foram utilizados todos os meios disponíveis para identificar potenciais integrantes no estudo.

Os contactos foram, na sua maioria, estabelecidos por *email* e por telefone, tendo em vista a marcação de uma entrevista presencial. Em todas as circunstâncias houve o cuidado de referir a importância da cooperação no estudo, no caso do contacto direto com “neo-rurais”, e a indispensável colaboração para identificar novos rurais, no caso das entidades seleccionadas.

Aquando da primeira abordagem, teve-se o cuidado de informar o contexto e a área de estudo em que se insere a dissertação, bem como os objetivos da mesma e o funcionamento da entrevista. A par disso, e por não ser relevante para o estudo, foi garantido que o anonimato das entrevistas seria salvaguardado. Porém, foi feita uma primeira avaliação a cada uma das pessoas contactadas de forma a perceber-se se poderia enquadrar-se na investigação e se correspondia aos critérios estabelecidos:

- O entrevistado deve considerar-se um “neo-rural”, assim como o entrevistador também o deve considerar como tal;
- Em algum momento da vida ter vivido em meio urbano e depois, por uma ou mais motivações, ter feito a transição para meio rural, nos últimos 15 anos, habitando a tempo inteiro numa freguesia rural do território “Douro Verde” ou parcial, no caso de desenvolver uma atividade no meio rural nesta região.

As entrevistas basearam-se num guião previamente definido, com vista a reunir informação sobre temas específicos, sem com isso sacrificar uma atitude exploratória e a abertura para as particularidades do entrevistado e do caso de estudo em análise. Os temas abordados na entrevista abrangiam, em termos gerais, a caracterização do perfil do entrevistado, a sua situação anterior à mudança dada, a conjuntura atual e as suas perspetivas futuras, quer para temas gerais, quer para as suas vidas em particular.

Os encontros para a realização de entrevistas, ocorriam após ser combinado um local e data conveniente para o entrevistado. Inicialmente, era solicitada autorização para gravação audio-digital da conversa, e depois seguia-se uma breve introdução ao tema da investigação. As conversas que antecederam as entrevista foram sempre bastante enriquecedoras, pois

forneceram muita informação pertinente para a compreensão de alguns aspetos importantes da investigação.

Durante a realização das entrevistas, tornou-se fundamental manter os entrevistados focados nas perguntas colocadas, de forma a não dispersar a atenção para outros assuntos menos relevantes. Além do registo sonoro da entrevista, procurou-se registar por escrito os pontos mais importantes, para precaver alguma falha que pudesse ocorrer com as gravações. No final das entrevistas, e como não podia deixar de ser, foi agradecida a disponibilidade e cooperação na investigação. A par disso, foi comunicado aos entrevistados que lhes seria facultado o resultado final da investigação, como forma de gratidão pelo indispensável auxílio.

Importa ainda realçar que a maior parte das entrevistas decorreram num ambiente bastante descontraído, em que se notou disponibilidade, abertura e cooperação por parte dos entrevistados. Aproveitou-se também para questionar os mesmos acerca do conhecimento de outros “neo-rurais”, habitantes no território do “Douro Verde”, que pudessem fazer parte do estudo.

As entrevistas foram depois transcritas com o rigor necessário para não ser alterado o teor das respostas. Como já foi referido, com o intuito de se preservar a identidade dos entrevistados, as entrevistas foram todas anónimas. Para facilitar sua análise optou-se por numerá-las tendo em conta a data da sua realização.

O inquérito por entrevista tinha como objetivos específicos inquirir os “neo-rurais” sobre uma série de perguntas, procurando-se obter informação sobre as suas vidas, a todos os níveis: situação anterior à mudança, a conjuntura atual no concelho onde se instalou e o panorama futuro. Optou-se por dividir as questões em quatro grupos: o primeiro grupo incluía perguntas acerca do perfil pessoal do entrevistado (idade, sexo e naturalidade); o segundo grupo, abordava questões relacionadas com a situação anterior à mudança para meio rural; o terceiro grupo continha questões relativas à situação atual do entrevistado; e, por último, questionou-se acerca das suas perspetivas futuras.

Obtiveram-se trinta e cinco entrevistas, de “neo-rurais” no território “Douro Verde”, distribuídos pelos seis concelhos, constituindo uma amostra representativa da diversidade territorial e social e, sobretudo, tipológica.

Decidiu-se adotar o sistema de perguntas abertas para não limitar as respostas e ouvir as histórias das pessoas tal como elas são, todas diferentes umas das outras. Apesar de este sistema conferir mais complexidade ao tratamento e análise dos dados, foi considerado o mais adequado e enriquecedor, possibilitando também o acesso a uma maior quantidade de informação. A

preferência de realizar as entrevistas presencialmente, deve-se ao facto de possibilitar um melhor e mais próximo conhecimento do contexto.

Uma vez que não havia sugestões ou hipóteses de respostas, foi necessário fazer uma análise cuidada ao conteúdo para, de seguida, encontrar os pontos comuns e divergentes. A avaliação e catalogação das respostas foi um passo bastante importante para se conseguir obter relações e assim formular os resultados.

Por último, resta dizer que os maiores obstáculos ao desenvolvimento da dissertação prenderam-se com a dificuldade, já à partida identificada, de identificação dos “neo-rurais”, uma vez que não existe uma entidade que disponibilize dados sobre os mesmos. Também, a ausência de respostas ao contacto por *email* ou telefónico foi uma contrariedade, justificada pela falta de tempo e/ou interesse na temática. Para além disso após o contacto com estes, as complicações compreenderam a concordância de horários e a necessidade de presença física constante no território

3.2. Os “neo-rurais” no “Douro Verde”

Este trabalho de investigação tinha definido inicialmente vários objetivos, ancorados na aplicação e análise de um inquérito por entrevista. Após a avaliação das respostas obtidas, procurou-se interpretá-las, com vista a entender da melhor forma quem são estes novos rurais, onde se encontram instalados, o que fazem, de onde vêm, que potencialidades têm a oferecer ao território, entre outros. Para tal, a análise baseou-se em criar correlações entre a respostas dos entrevistados, para não consistir numa observação e diagnóstico apenas descritivo. Ainda, devido ao facto das perguntas serem de resposta aberta/livre, sem qualquer tipo de sugestão, procurou-se criar tipologias, grandes grupos, em cada questão, para facilitar a análise crítica e assim se chegar às conclusões fulcrais. A análise aos “neo-rurais” não é um processo simples, acarretando uma série de complexidades e personalizações que vão aqui tentar ser ultrapassadas.

Cada entrevista realizada ao “neo-rural”, devido aos nomes próprios dos inquiridos não constarem na entrevista, tem associado um número para facilitar a sua referência durante a análise. O número dado a cada entrevista segue a ordem da data da realização da mesma.

3.2.1. Perfil socio-profissional e cultural do “neo-rural”

O número total de novos rurais que se enquadravam no perfil indicado para a investigação foi de trinta e cinco. Este número trouxe representatividade à presente dissertação, quer pelo universo de inquiridos abarcar diferentes motivações de mudança, tendo em conta, por

exemplo, os conceitos de Mitchell (2004), quer pela distribuição dos novos rurais no território escolhido, nos seus diferentes concelhos. Neste último ponto, salienta-se apenas que, talvez pela sua dimensão geográfica e populacional, o número de novos rurais identificados e inquiridos foi menor no concelho de Resende.

Sexo e Idade

Como foi anteriormente referido, um dos propósitos da presente dissertação prendia-se com a pretensão de se traçar um perfil destes novos rurais. Tendo em conta o sexo dos integrados no presente estudo, vinte deles são do sexo feminino e quinze do sexo masculino.

Quanto à idade, a média destes é de cerca de 43 anos, demonstrando a juventude de grande parte dos novos rurais inquiridos. Nesse sentido, verifica-se que vinte e três têm 45 ou menos anos, dos quais treze têm 35 ou menos.

Os inquiridos do sexo feminino apresentam uma média de idades inferior, de cerca de 41 anos, ao passo que os do sexo masculino apresentam uma média de idades de cerca de 46 anos. Acrescente-se que a nova rural mais nova tem 28 anos de idade (Entrevistada Nº1)²⁴ enquanto a mais velha atinge os 66 anos (E3). Nos inquiridos do sexo masculino, o mais novo tem 27 anos (E20) e o mais velho 77 anos de idade (E31).

Como se atesta na ilustração 11, há uma predominância de novos rurais do sexo feminino até aos 45 anos de idade (15) ao contrário dos masculinos que representam apenas oito. Constata-se ainda que o grupo etário feminino, mais representativo é o dos 25 aos 35 anos, ao passo que nos homens é dos 46 aos 55 anos.

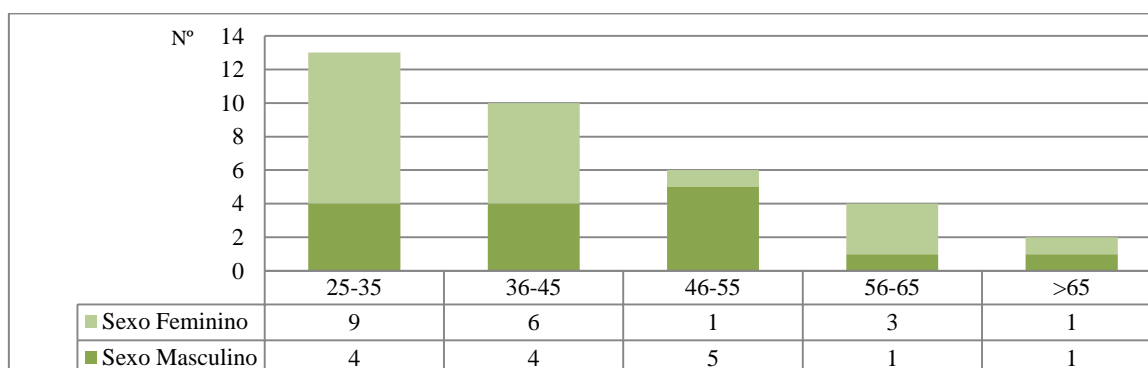


Ilustração 11: Distribuição dos "neo-rurais" por sexo e idade²⁵

Fonte: Inquéritos próprios 2015

²⁴A partir deste momento a representação da entrevista em causa será feita da seguinte forma: um "E", a anteceder o número respetivo da entrevista.

²⁵ Todos os gráficos e quadros inseridos neste capítulo têm como fonte os inquéritos próprios realizados em 2015.

Habilitações literárias

Da análise das entrevistas afloram grandes evidências que não podem deixar de ser referidas. Tendo em conta o total dos “neo-rurais” enquadrados na investigação, vinte e quatro possuem licenciatura como nível de escolaridade, dos quais seis detêm ou frequentam atualmente o mestrado, comprovando inequivocamente a formação académica superior dos mesmos. Registou-se ainda cinco casos de novos rurais que frequentaram o ensino superior mas não finalizaram os respetivos cursos²⁶. Contrastando com o nível de escolaridade evidenciado pelos autóctones do “Douro Verde”, já analisado anteriormente, onde domina a população com o 1º ciclo do ensino básico (31%, em 2011), os novos rurais apresentam um nível muito superior. De entre os inseridos no estudo, o nível mais baixo de escolaridade é o 3º ciclo (9º ano) e corresponde apenas a um caso (E12).

Correlacionando este indicador com a idade, verifica-se que os “neo-rurais” com licenciatura e mestrado concluído são os mais novos, já que dos vinte e quatro com esse nível de escolaridade, quinze têm menos de 40 anos. É de destacar ainda o prosseguir de uma atualização e formação, como se comprova com os testemunhos de dois novos rurais que atualmente estudam para um maior conhecimento teórico na área económica que desenvolvem, ou pretendem desenvolver. A “neo-rural” E1 de 28 anos de idade frequenta “*atualmente Mestrado em Engenharia Agronómica na UTAD*”, tal como a E2. Quanto ao mestrado, especificamente, constata-se que os que possuem esse grau, ou o frequentam atualmente, são jovens. Efetivamente, dos seis inseridos neste caso, cinco deles²⁷ têm 37 ou menos anos.

Dos onze “neo-rurais” com nível de escolaridade inferior, oito têm mais de 40 anos. Ainda assim, dos que ultrapassam os 55 anos, quase todos têm frequência de ensino superior²⁸.

Apesar de existir um número elevadíssimo de novos rurais com licenciatura e/ou mestrado, são poucos os que tiveram uma formação, por exemplo, na área ambiental e/ou agrícola. As únicas exceções são o E27 que indicou que tinha como habilitações literárias “12º ano. *E tive formação na área agrícola*” e os que frequentam ou frequentaram o mestrado em Engenharia Agronómica (E1, E2) ou a licenciatura em Engenharia Ambiental (E22, E25).

O elevado nível de instrução evidenciado pelos “neo-rurais” presentes no território “Douro Verde”, confere-lhes capacidade e competências para se preparem teoricamente e, na prática, para exercer uma atividade nunca antes praticada, como é o Turismo ou a Agricultura em grande parte dos casos.

²⁶ (E4,E5,E7,E17,E30)

²⁷ (E1,E2,E8,E16,E28)

²⁸ (E19,E29, E31,E32)

Atividade profissional anterior

Quanto à atividade profissional que os entrevistados desenvolviam antes da mudança, identificam-se várias, distintas entre si, sem se encontrar relação entre a que exerciam e a que atualmente exercem. Com efeito, se anteriormente os “neo-rurais” se inseriam num contexto citadino/urbano, as profissões que desempenhavam refletiam esse enquadramento, encontrando-se entre eles: professores, engenheiros, uma médica, uma jornalista, uma gestora de projetos, um diretor comercial, um jogador de voleibol profissional, uma produtora de eventos, entre outros.

Um ponto que importa enunciar é o facto de as profissões terem, em muitos casos, a elas associado um ambiente de *stress* e agitação, uma das razões indutoras da mobilidade destas pessoas para o meio rural. O testemunho da E4 comprova isso, uma vez que afirma que “*era bancária, subdiretora da parte financeira de um banco*” e a razão de ter mudado prendeu-se com “*razões de saúde, provocadas pelo stress da profissão*”. Além disso, também a existência de uma situação profissional anterior instável, sem boas perspetivas futuras, constitui a razão/motivação evocada para a migração urbano-rural. Reforçando esta ideia, a E1 menciona isso mesmo: “*assessora de comunicação foi o meu último trabalho. Mas também estive antes desempregada e sempre com trabalhos sem futuro, inconstantes e pouco duradouros*”.

Existem ainda casos de desemprego, reforçando a ideia da importância do aproveitamento da atual oportunidade profissional/económica. Justificando isso, a E34, refere que “*estava desempregada, nunca arranjei trabalho fixo na área de formação. Tinha empregos temporários em call-center, lojas de roupa, restauração (...) não me sentia realizada (...) e isso estava a tornar-se stressante*”. Interessa repetir ainda que estes novos rurais, apesar de maioritariamente jovens, tiveram várias atividades profissionais, como sucedeu com a E2 que, apesar de ter apenas 33 anos, já foi “*comercial e assistente de loja para a Sonae (...) também fui formadora*”.

Em alguns casos, porém, a profissão anterior já ia de encontro aos anseios que justificaram a mudança. Por exemplo, a E35, que anteriormente “*realizava ações de educação ambiental*” em termos profissionais porque as suas grandes paixões a aproximavam ao meio natural e rural, ao respeito pela natureza, à procura de uma vida mais saudável e ao querer contribuir para o desenvolvimento sustentável da região. Ainda assim, sete dos “neo-rurais” exercem atualmente uma profissão na cidade, sendo que a sua mudança reflete uma mudança territorial e de estilo de vida, mesmo mantendo a atividade em contexto urbano. Como tal, a E12 continua a exercer a atividade de costureira, o E13 permanece professor e o E15 que continua a ser “*Diretor comercial numa empresa de Vinhos do Dão*”, citando apenas alguns intervenientes.

Alguns fundamentos de rejeição da cidade

Analisando a questão do que menos gostavam do meio urbano, em geral, os testemunhos estão de acordo com as motivações/razões que fizeram os “neo-rurais” abandonar as cidades. Mas, também existiram respostas opostas (quadro 13).

Antes de mais, importa referir que vinte e sete de forma geral, rejeitaram a cidade, de tal modo que se mudaram para o meio rural, mas oito afirmaram que não se opõem aos meios urbanos, apesar de apontarem situações que não gostam.

Quadro 13: O que os "neo-rurais" menos gostavam no meio urbano

O que menos gostavam do meio urbano	Frequência
Stress	23
Poluição	18
Trânsito	16
Não existe rejeição da cidade	8
Falta de espaço e de espaços verdes	6
Distanciamento nas relações pessoais	4

Como seria de esperar, o *stress*, em geral, é o fator mais referenciado. Para tal, os “neo-rurais” usaram vários termos para definir o *stress*: “ (...) *ritmo de vida stressante* (...)” (E1), “(...) *stress do dia-a-dia, a confusão* (...)”, (E2), “(...) *a agitação da cidade* (...)” (E3), “(...) *do ritmo acelerado* (...)” (E12), entre outros. Percebe-se que percebem a cidade como um meio com qualidade de vida inferior, razão pela qual se deslocaram para o “Douro Verde”, procurando uma melhoria da qualidade de vida.

Apesar do “trânsito” estar associado ao ritmo de vida stressante, decidiu-se distinguir ambos devido à frequência com que este ponto foi referido. Como contou a E1, e refletindo o pensamento de muitos destes “neo-rurais” “*nas cidades sobrevive-se, no campo vive-se*”. Ficou bem patente no discurso dos “neo-rurais” as preocupações com a preservação ambiental, a valorização da natureza, já que dezoito dos entrevistados refere que a “poluição”, incluindo a sonora, era aquilo de que menos gostavam no meio urbano.

A “falta de espaço” e de “espaços verdes”, também teve a sua referência, como “*o facto de as casas estarem umas em cima das outras, de as pessoas não terem espaço*” (E12) ou “*a falta de espaço, de espaços verdes*” (E22) ou ainda o “*sentimento de claustrofobia*” (E25).

Outro aspeto referenciado foi a impessoalidade dos meios urbanos, citada por quatro “neo-rurais”: a E14 refere “*o relacionamento das pessoas é diferente nas cidades, mais frio. As pessoas nem se conhecem, há uma proximidade física mas ao mesmo tempo um distanciamento relacional*”. Contudo, também existem algumas exceções, “neo-rurais” que não rejeitam a cidade nem o campo,

pretendendo viver e usufruir do melhor que cada meio tem para lhes conceder. Estes, apenas, neste momento, preferem o meio rural, ou tiveram oportunidade profissional/económica de desenvolver algum projeto nele. O facto é que os “neo-rurais” em questão sentem que não precisam de desprezar o ambiente urbano para salientar as qualidades do meio rural. Por exemplo, o E33 refere que *“Nada aponto, não dispense a cidade”*, enquanto o E27 refere que *“A questão não era não gostar das cidades, apenas me identificava mais com o campo”*.

Facto relevante é que dos quatro “neo-rurais” que pertencem à “Quinta do Lobo Branco”²⁹, três não rejeitam a cidade nem o ambiente urbano. Afirmam que *“Eu gosto da cidade, todas as semanas vou à cidade, encontrar amigos e ver movimento”* (E9) ou *“Eu não estava em oposição em nada, foi uma mudança. Foi por querer uma coisa nova, uma aventura”* (E10).

Alguns aspetos de atratividade no mundo rural

Seria interessante constatar o que estes “neo-rurais” mais gostam no mundo rural, no fundo aferir o que mais os atrai neste meio. Obviamente que as razões se prendem com as motivações que os levaram a mudar de um contexto urbano para um rural, mas existem pequenas nuances que merecem ser referidas.

O “contacto com a natureza” é a o fato mais referido. Os novos rurais anseiam estar mais perto da natureza, em contacto com mais espaços verdes, associados a uma liberdade de espaço tão mencionado. Aqui importa destacar as imagens bucólicas, um simbolismo, de *“ouvir e ver os pássaros”*, que foi largamente argumentado. Citações como *“(…) o poder estar na natureza... como agora a estar a ouvir os passarinhos”* (E8) ou *“ouvir os passarinhos de manhã e de ver a lua à noite”* (E11) e *“De manhã, estar na cama e ouvir os pássaros”* (E14), foram recorrentes.

A “qualidade de vida” desdobra-se numa série de argumentações na base da maior liberdade: *“(…) de poder fazer uma fogueira”* (E11), por exemplo *“ter tempo para mim e para desenvolver relações ”* (E10) e *“O facto de ter o meu próprio horário de trabalho”* (E18), para além *“de poder tomar banho no rio... da liberdade”* (E22). Também a questão da saúde, associada, por exemplo, à alimentação é um ponto assinalável. Os “neo-rurais” referem valorizar o *“estilo de vida saudável, de comer o que vem da natureza e de consumir o estritamente necessário à vida”* (E1) ou a *“facilidade na aquisição de produtos naturais e orgânicos”* (E28). Como não podia deixar de ser, já que a fuga ao stress citadino serviu de motivação, a paz e a tranquilidade são pontos que vão de acordo ao que mais apreciam em meio rural: *“a paz, a calma (...)”* (E6) ou

²⁹ (E8,E9,E10,E11)

“da tranquilidade, da paz e sossego” (E12). Ressalvando ainda outro aspeto, os “neo-rurais” destacam as pessoas e as relações pessoais, o maior sentido de comunidade: “(...) gosto da simplicidade. Gosto do coração transparente de algumas pessoas” (E3) da “proximidade pessoal, o sentido de pertença, o espírito de comunidade (...)” (E20).

Por último, curiosamente, o projeto/atividade económica que estão a desenvolver em contexto rural é apresentado como algo que os cativa. Testemunhos como estes: “(...) o facto de poder desenvolver o nosso próprio projeto. É extremamente motivante” (E25) e “a motivação de ver o projeto a nascer, a quinta a ser transformada” (E26), foram regulares. Percebeu-se ainda que quem alegou estes aspetos apostou maioritariamente na agricultura, podendo afirmar-se que para os novos rurais a produção agrícola é mais cativante.

3.2.2. Mobilidade: o deslocamento dos “neo-rurais” no território

Naturalidade

Na pergunta relativa à naturalidade (ilustração 12) dos novos rurais constata-se que a grande maioria, vinte e cinco, são naturais da AMP, dos quais vinte e dois nasceram na cidade do Porto. Regista-se ainda a cidade de Lisboa, com alguma expressão (cinco “neo-rurais”).

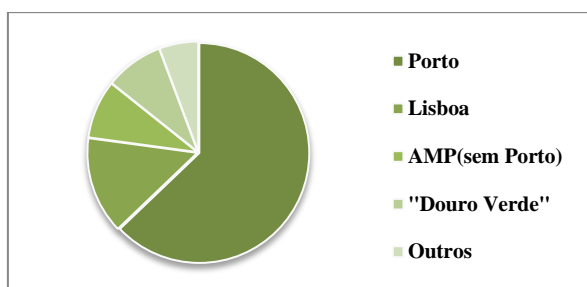


Ilustração 12: Naturalidade dos "neo-rurais"

Apesar de três dos entrevistados³⁰ terem nascido nos concelhos atuais de residência, no “Douro Verde”, viviam anteriormente em contexto urbano e mudaram para áreas rurais do mesmo território. É de realçar ainda que um dos “neo-rurais” nasceu numa cidade da Argentina (E26).

Último local de residência

Em relação ao último local de residência dos entrevistados, antes da mudança para a área atual, verifica-se que vinte e seis habitavam na AMP, dez dos quais na cidade do Porto. Este número remete-nos à questão da proximidade, uma vez que o “Douro Verde” é o território escolhido pelos “neo-rurais” para mudar de vida e/ou começar nova atividade económica, por se

³⁰ (E13,E20,E28)

situar na região Norte e perto da AMP. Ainda assim, em sentido contrário, surgem quatro “neo-rurais” que tinham como última residência Lisboa e dois Buenos Aires, capital da Argentina (ilustração 13).

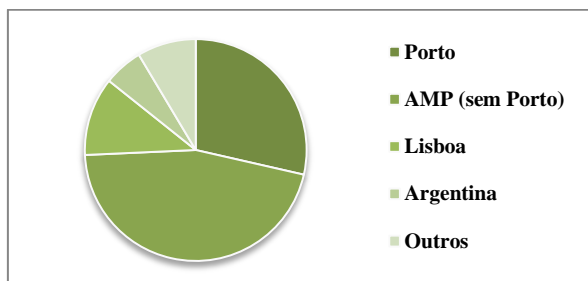


Ilustração 13: Último local de residência dos "neo-rurais"

Outra circunstância relevante, prende-se com o facto de entre os vinte e dois naturais do Porto, apenas oito³¹ aí residiam antes da migração urbano-rural. Muitos destes, concretizaram esta mobilidade devido ao preço elevado da habitação na cidade do Porto e à expansão urbana e consequente crescimento populacional dos núcleos urbanos da AMP, as chamadas “cidades-dormitório”. Como tal, já não viviam na cidade do Porto, mas sim nos concelhos que a rodeiam. Facto que o comprova é o número de inquiridos, sete, que tinham Matosinhos como a sua anterior morada, mas quanto à naturalidade apenas um (E12) indicou esta cidade. Analisando criticamente os “neo-rurais” neste ponto, e após as conversas com os mesmos, verificou-se que não aparentam ter grande ligação nem compromisso com a cidade onde viviam, pois, normalmente, exerciam funções laborais noutros concelhos, sendo apenas espaço dormitório e residência.

A grande mobilidade dos “neo-rurais” no território nacional é comprovado facilmente, pois para além de atualmente residirem num local diferente, o anterior local de residência não era, em muitos casos, o mesmo de naturalidade. Citando apenas dois casos: a E2 que vive atualmente em Amarante afirma que antes residia em “Lisboa. Vivi em Viseu para tirar o curso e também trabalhei no Porto” e a E25 que atualmente reside em Cinfães, refere que “Nos últimos anos vivi em vários sítios: Porto, Brasil e Argentina. Mas o último local de residência foi em Buenos Aires, Argentina”.

Atual local de residência

Os “neo-rurais” inseridos na investigação, distribuem-se por todo o território “Douro Verde”, não obstante Amarante foi o concelho onde se concentra um maior número, oito, ao

³¹ (E21,E22,E23,E24,E27,E31,E32,E34)

contrário de Resende, com dois. Se a análise for realizada à escala da freguesia (ilustração 14), constata-se que a grande maioria daquelas onde se concretizaram entrevistas, conta apenas com um “neo-rural”, embora na freguesia de Grilo (Baião) inserem-se três e na União das freguesias de Olo e Canadelo (Amarante) e Paço de Sousa (Penafiel) instalaram-se quatro.

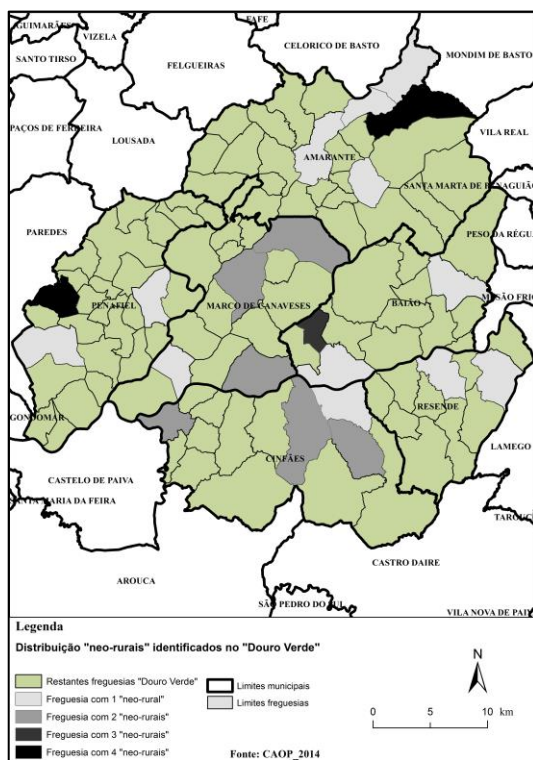


Ilustração 14: Distribuição dos "neo-rurais" identificados no "Douro-Verde"

Fonte: Elaboração própria

Regista-se ainda que os “neo-rurais” mais velhos instalaram-se preferencialmente em Cinfães. Com efeito, dos nove que têm 50 ou mais anos, quatro estão em Cinfães. Os mais novos optaram por Penafiel e Marco, já que dos 18 “neo-rurais” com 40 ou menos anos, metade deles encontram-se nestes dois concelhos.

Com vista à análise do território de origem e o de chegada, produziu-se um mapa em que se identifica o anterior concelho de residência e o atual, no “Douro Verde” (ilustração 15). Como se constata, Matosinhos e Porto são os concelhos de origem com mais representação, sendo que o destino é, por norma, Amarante, Baião e Marco de Canaveses. Aliado à necessidade de deslocamento e ao perfil de mobilidade destes “neo-rurais”, importa ressaltar o papel da autoestrada “A4”, que liga precisamente Matosinhos a Amarante. Esta é a ligação rodoviária mais importante, unindo o interior norte do Rio Douro e Amarante com Matosinhos e Porto, com saídas diretas para Baião e Marco de Canaveses.

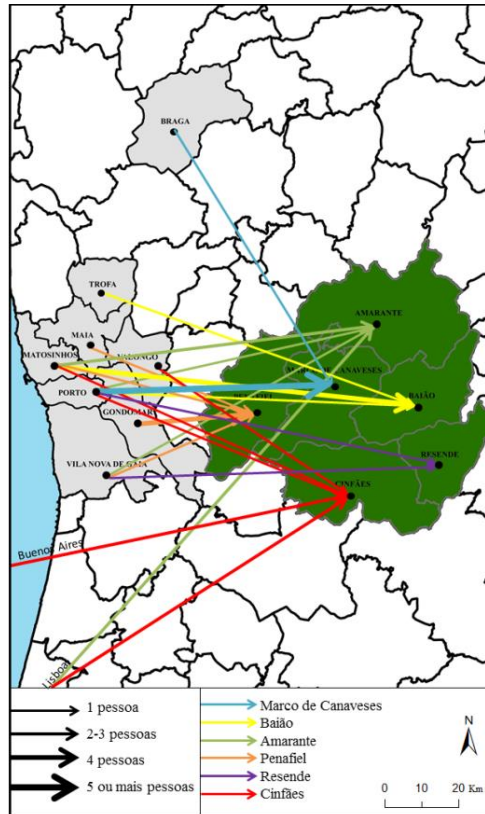


Ilustração 15: Relação entre o último local de residência dos "neo-rurais" e a residência atual, por concelho

Fonte: Elaboração própria

Data da mudança para o meio rural

Tendo por base de análise a data da mudança, aferimos o carácter recente desta mobilidade. Com efeito, entre 2013 e 2015, foram vinte os casos de “neo-rurais” que se deslocaram, sendo 2013 o ano mais significativo, com treze (quadro 14).

Quadro 14: Ano de mudança dos "neo-rurais"

Ano da mudança	Nº de “neo-rurais”
2000	5
2001	1
2005	2
2008	1
2010	2
2011	4
2013	13
2014	6
2015	1
Total	35

Destes, apenas cinco têm mais de 40 anos, sendo a grande maioria mulheres, treze. Em suma, pode-se concluir que entre os mais velhos se mudaram há mais tempo, já que os que se instalaram entre 2000-2011 a idade é de cerca de 52 anos e dos que se deslocaram entre 2013-2015 é de 48 anos.

Por outro lado, entre os vinte “neo-rurais” que mais recentemente se instalaram, existe maior diversidade, pois nenhum deles é aposentado/reformado, enquanto outros não exercem a sua atividade em meio rural, como o E22, que é “*Terapeuta, Professora de Yoga*” mas fora do concelho do Marco onde reside. Outros estão instalados em meio rural, apesar de não exercerem profissões diretamente relacionadas com ele, como o E35 que é *designer*, mas trabalha em casa. Outra ilação, é a de que aqueles que se deslocaram entre 2013-2015 e apostaram numa atividade económica, a agricultura/produção agrícola é a escolhida³², enquanto que os que chegaram ao “Douro Verde” antes de 2013, privilegiam o turismo.

Motivações/razões da mudança

Como facilmente se afere, para acontecer uma migração do meio urbano para o rural tem de existir uma motivação forte associada. Assim, neste ponto, vão ser analisadas as principais razões/motivações enunciadas pelos entrevistados para a mudança operada nas suas vidas.

Quadro 15: Motivações/razões enunciadas pelos "neo-rurais" para a mudança da cidade para o campo

Motivações/razões enunciadas	Frequência
Procura de melhor qualidade de vida	22
Oportunidade económica e/ou de trabalho	17
Regresso às origens, ao passado e/ou terra	12
Fuga ao <i>stress</i> e rejeição à cidade	11
Filhos	7
Instabilidade profissional anterior	6
Habitação ou terrenos agrícolas mais baratos	5
Heranças	5
Nova experiência	4
Relações pessoais mais próximas	2

Posto isto, urge indicar que raramente existe motivação única, sendo por norma referenciadas duas ou mais razões. Como exemplo, a E11 refere “*a vontade de estar em contacto com a natureza é uma das principais razões. Também queria ter uma vida mais*

³² Dos treze que desenvolveram atividade económica no meio rural onde se instalaram, dez são agricultores/empresários agrícolas.

saudável e independência em termos profissionais, o facto de poder ser responsável pelo meu próprio emprego, sem estar fechada num escritório. Ainda, podermos educar os nossos filhos com mais liberdade e podermos receber pessoas, num ambiente mais tranquilo”.

Catalogando-se as motivações em grandes grupos, após uma cuidada análise dos discursos dos “neo-rurais” (quadro 15), podemos constatar que a motivação mais enunciada foi a procura de uma melhor qualidade de vida, embora utilizando diferentes discursos.

A E1, por exemplo, uma anterior cidadina e consumista, especifica que pretende “(...) *melhor qualidade de vida, em que englobo a saúde, os gastos, o menor custo de vida, a paz interior conseguida com a tranquilidade, a melhor alimentação, devido ao acesso a melhores produtos*”, enquanto o E13 refere que “*Queria vir para um local mais sossegado, mais perto da natureza*”; por seu lado, a E22 acrescenta que “*precisava de um local mais sossegado, puro*”, enquanto a E3 procurava “(...) *a serenidade do campo, cultivar bio e dar a conhecer às pessoas esta forma de produção*”, situação similar à E25 que “(...) *sempre quis trabalhar em algo ligado à natureza, à terra (...)*”. Obviamente, se identificam pessoas que preteriram os quadros financeiros confortáveis que detinham em meio urbano pelas vidas mais simples, com mais tempo e espaço para eles. O relato do E26, é disso testemunho “*trabalhava na Argentina numa empresa de administração e tinha uma escola de patins em linha (...) tinha estabilidade financeira, estava com uma situação económica boa... Mas optamos pela natureza em vez de Buenos Aires.*” Assim se abarcaram motivações ambientais/ecológicas e questões relacionadas com a saúde. Comprova-se, então, que cada vez mais as pessoas dão valor ao ócio e ao melhor aproveitamento do tempo e espaço, a uma vida mais saudável e simples, como que a uma reabilitação física e psicológica, perto da natureza e de espaços verdes.

A seguinte razão mais declarada, prende-se com o facto de que os que mudaram com a intenção de desenvolver uma atividade económica em meio rural, privilegiam a oportunidade de trabalho/económica ou a hipótese de iniciar um projeto, como motivação para a mudança. São dezassete estes “neo-rurais” e embora não fosse o único motivo para a saída da cidade, olharam para o “Douro Verde” como oportunidade de emprego/negócio, associado ao Turismo e/ou produção agrícola. São vários os casos, como a E2 que refere “*foi porque existiu a oportunidade de integrar um projeto agrícola, com pessoas de cá, locais*”, o do E5 que, sem ligação anterior ao campo “(...) *não sabia bem o que fazer ao meu futuro, já fiz de tudo um pouco e a prova disso é ter vindo para aqui e me dedicar à agricultura. Foi um pouco como que uma oportunidade para o futuro*”, ou o do E6 “*como busca de oportunidade de atividade (...)*”. A motivação “nova experiência” encontra-se relacionada com a oportunidade económica, por

exemplo na situação do E20 que refere *“Foi a oportunidade de emprego relevante na terra de onde sou natural, bem como a perspectiva de mudança de carreira associada a nova formação”* ou ainda a E34 que indicou *“(…) a procura de um local onde pudesse... fazer coisas de que realmente gosto”*.

Tendo em conta o contexto de recessão económica e financeira em que Portugal mergulhou, principalmente, desde 2008/2009, é significativo que de todos os que alegaram “oportunidade económica” como motivação, dezassete chegaram ao “Douro Verde” apenas depois do ano de 2010. Estes factos não podem ser dissociados, pois certamente estamos perante um exemplo de causa-efeito. Ainda, a motivação “instabilidade profissional anterior” também se relaciona diretamente com a de “oportunidade económica”, uma vez que os mesmos seis³³ alegam as duas motivações. A instabilidade do mercado de trabalho e a incerteza quanto ao futuro são mencionados por estes. Tendo por exemplo a E2, esta alega que *“(…) a situação anterior era muito instável na minha área profissional”* enquanto a E4 refere que *“As perspectivas de emprego, a nível de progressão profissional, eram reduzidas no trabalho anterior (...)”*.

Novamente a crise económica e financeira, que se traduz em desemprego e diminuição do poder de compra, induziu ao abandono da cidade por parte dos “neo-rurais”. Apesar de não existir ligação à terra, ao campo, e por vezes nem ao “Douro Verde”, estes “neo-rurais” viram um futuro mais promissor nas áreas rurais onde se instalaram, do que em grandes cidades onde viviam anteriormente. Sendo inovadores, olham para o espaço rural como um espaço produtivo, para além das naturais funções culturais e ambientais/paisagísticas.

Outra motivação, o “regresso às origens”, ao passado e/ou à terra, abarca diferentes representações. É o caso da E3 que *“(…) pensei em coisas de que eu gostava. Uma delas era o meio rural, o campo, onde eu, quando pequena passava as minhas férias e o gosto pela aldeia ficou até hoje”*, ou a E18, que apesar de cidadina, refere *“Foi sempre o meu sonho vir para o meio rural. As minhas férias eram passadas em Cinfães, na infância, e sempre quis um dia estar ligada à agricultura (...)”*; o E35 *“Também refiro o facto de ter aqui raízes como talvez ter sido um motivo”* ou a E29 que sempre sentiu *“(…) o apelo da terra e sempre tive uma grande preocupação ambiental”*.

Importa referir que se decidiu separar a “fuga ao stress e rejeição à cidade” da “procura de melhor qualidade de vida” pois existem casos de “neo-rurais” que procuram o descanso e a tranquilidade do meio rural, sem necessariamente rejeitar o contexto citadino, como se irá

³³ (E1,E2,E5,E6,E30,E34)

constatar na análise à questão relativa ao “que menos gostava do meio urbano/cidades”. Posto isto, a “rejeição” da cidade é especificada várias vezes e de diferentes formas: “(...) *vazio da cidade (...)*” (E3), “(...) *stress da cidade (...)*” (E8) ou “(...) *ritmo e stress citadino*” (E29). Citando o E21 “*a saturação com a cidade. Acho que a cidade está saturada, quer a nível populacional, quer de poluição, quer de oportunidades. A escassez de espaços verdes (...)* estava com uma espécie de “*crise das cidades*”. O trânsito, as filas para tudo (...) Não conseguia viver na cidade de acordo com aquilo em que acredito “e ainda a E22 “*pelo ritmo da cidade, acelerado, pela poluição, pelo stress, pela saturação em tudo, até a nível económico. Já não estava motivada no ambiente urbano*”. Neste seguimento, percebe-se que a fuga ao stress também se pode relacionar com a vertente económica, como o E30 que começou “(...) *a procurar aliar a qualidade de vida com uma oportunidade de iniciar um negócio. Queria fugir das grandes confusões e ao mesmo tempo apostar num ramo profissional diferente e rentável*” Esta motivação prende-se, realmente, com o esgotamento a que a vida urbana está associada.

Ainda, com alguma frequência, foi referido o facto de a mudança se fundamentar nos “filhos”, na perspetiva de lhes quererem dar uma melhor qualidade de vida, um crescimento mais calmo, com espaço e junto da natureza. Ainda é de salientar o facto de os “neo-rurais” associarem o contexto rural a uma maior facilidade de educação dos mesmos: “(...) *queria uma melhor qualidade de vida para mim e para as crianças que iam nascer, dando-lhes outro ambiente para crescerem*” (E10), acrescentando “*podemos educar os nossos filhos com mais liberdade*”. Na mesma linha a E22 alude “*Também pelas crianças (...)* *Aqui, também era mais fácil para a educação deles e para crescerem com outra qualidade de vida. Eles não vão à escola, têm aulas em casa, ensino doméstico.*” Uma ocorrência interessante de relatar é que, de entre os sete “neo-rurais” que referem esta motivação, cinco são mulheres³⁴.

A conjuntura atual de grande disparidade em termos de preço de habitação e solos, entre o meio urbano e o rural, faz também com que estes “neo-rurais” apresentem este fato para a mudança ter ocorrido. A E23, por exemplo, refere que “*procurávamos residência própria na cidade do Porto. Frustrados com os preços elevados, decidimos experimentar viver fora da cidade*”. Atualmente o casal reside no concelho do Marco de Canaveses. No que concerne ao preço do solo, o E27 conta que “(...) *a terra lá era mais acessível, em termos económicos*”, referindo-se também ao concelho do Marco.

³⁴ (E8,E9,E11,E12,E22)

A circunstância de existirem heranças também têm de ser tidas em conta, uma vez que sem a transmissão do património familiar, a saída do ambiente citadino não se tinha dado³⁵. Comprovando a afirmação anterior, os testemunhos dos E16 e E17 referem que *“a questão de ativação ou recuperação de um espaço de família (...) Por meio de herança familiar, recebemos uma propriedade agrícola (...)”* e *“já existia aqui neste local património, uma casa de família desde há séculos.”*, nesta ordem.

Com pouca representação surgem as “relações pessoais mais próximas”, como nos diz a E14 *“Pelas pessoas, pelas relações pessoais serem mais fortes.”*

Em síntese, na mudança, associada a uma alteração de estilo de vida, podem existir múltiplas motivações, mas tem de existir uma motivação própria. Por outro lado, a crescente urbanização tem gerado um sentimento de insatisfação a estes novos rurais, que, com a mudança territorial, procuram outro estilo de vida, mais perto da natureza e, conseqüentemente, com maior qualidade de vida.

Condicionalismos subjacentes à escolha do concelho/freguesia

No que se refere aos fundamentos da escolha do concelho/freguesia em que se instalaram, os “neo-rurais” referem uma série de aspetos (quadro 16).

Quadro 16: Razões para a escolha do local

Razões para a escolha do local	Frequência
Oportunidade de espaço e económica	21
Raízes familiares/ ligações ao local	16
Heranças	11
Proximidade ao Porto	9

A razão mais enunciada foi a de “oportunidade”, seja ela de espaço ou económica, embora pontuem questões circunstanciais, como referem E9 e E13: *“fomos procurando terrenos em todo o lado, durante 2 anos os nossos fins de semana foram passados a procurar o sítio. Depois de visitarmos este, percebemos que era o adequado para o que queríamos. Foi por uma questão de oportunidade”* e *“Não foi por nenhum motivo em especial. Procurou-se durante algum tempo e calhou ser nesta freguesia, podia ter sido noutra qualquer. Foi mesmo pela localização da habitação em si, perto do rio e isolada”*.

Apreciando a fundamentação económica, a E11 conta que *“nós procuramos o terreno (...) e financeiramente era possível comprá-lo. Foi uma questão completamente associada à*

³⁵ (E16,E17,E23,E25,E31)

oportunidade”, na linha do mesmo cenário do E27 que diz “*foi apenas porque a terra lá era mais acessível, em termos económicos*”.

Mas, em muitos casos, o contexto e enquadramento paisagístico do território “Douro Verde” foi decisivo na escolha, mesmo estando aliado a uma questão de oportunidade, como aponta o E14 “*Pela paisagem, pela natureza ser virgem e por tudo o que nos rodeia. Mas foi ocasional, depois de algumas procuras e de vermos o local e gostarmos (...) Foi sobretudo por gostarmos do espaço, por todo o contexto*” ou o E15 “*(...) estar integrada na natureza, com uma paisagem deslumbrante*”, ou ainda a E29 que refere “*Queria o Norte por ser “verde e água” (...) calhou ser em Cinfães por uma questão de oportunidade de compra deste terreno*”.

Outro aspeto que não pode deixar de ser relatado, prende-se com a circunstância de já existirem anteriormente raízes/ligações ao local, quer em termos familiares, quer patrimoniais. São relatados casos de “neo-rurais” que, enquanto jovens, frequentaram o meio rural em questão, criando no seu imaginário a imagem de paz, natureza e liberdade, que mais cedo ou mais tarde, adotaram como residência a tempo inteiro. É o caso, entre outros, da E3 ao referir “*sempre foi por esta área onde passei as minhas férias*”, ou da E18 ao dizer “*As minhas férias eram passadas em Cinfães, na infância (...) Sempre tive fascínio (...)*” ou da E19 que conta “*Sempre gostei muito desta aldeia. Numa altura, todos os fins de semana vinha cá, até que vim de vez*”.

É inegável que os “neo-rurais” escolheram o local por uma questão de afinidade com os mesmos, associado a eventuais apoios financeiros, como se comprova com a E28 ao referir que escolheu Amarante “*por ter familiares e maiores oportunidades para desenvolver uma atividade em meu nome*”. Por outro lado, o facto de já existir uma propriedade e/ou habitação familiar foi fulcral para a mudança: o E25 afirma mesmo que “*a quinta em Cinfães é da minha família, dos meus avós. Tínhamos o terreno e não conseguiríamos estar a comprá-lo noutra local, a começar tudo do zero*”. Os E23 e E24, apenas foram viver para o Marco de Canaveses por já existirem raízes e “*uma casa pronta a habitar, que pertencia à família*”.

No sentido dos testemunhos anteriores, achou-se por bem destacar a existência de herança (habitações, prédios rústicos) como fator de escolha do local onde se instalaram. Com efeito, dos dezasseis que tinham raízes familiares, onze referiram-no como sucedeu com o E32: “*esta decisão deve-se ao facto de o meu marido já ter cá propriedade. Por meio de herança familiar, recebemos uma propriedade agrícola*”.

O fator menos referenciado, mas muito pertinente, foi a proximidade ao Porto e à sua Área Metropolitana. Estes “neo-rurais” querem afastar-se dos centros urbanos, mas ao mesmo tempo manter-se perto e com bons acessos, para, por exemplo, escoar os produtos. Foi o caso da E1 quando

refere: “*eu queria uma área próxima do Porto, com bons acessos, suficientemente longe do meio urbano para haver qualidade para agricultura biológica, onde não há muita poluição, e ao mesmo tempo uma área próxima de grandes centros para escoar a produção.*” Neste caso, contudo, não pode ignorar-se o papel da Câmara Municipal de Penafiel, através do programa “Semear Penafiel”, em que, segundo a mesma “*existe uma articulação perfeita entre programa e jovens agricultores*”. Ressalte-se ainda o testemunho do E30 que escolheu o local do empreendimento turístico, mediante a atratividade da sua localização pois “*Andei à procura de algo para apostar no Turismo e que fosse perto de Braga, Guimarães, Porto... Quer para uma questão da nossa mobilidade, quer para a vinda de turistas que chegam a Portugal.*”

Outro exemplo incide em três jovens agricultores que se instalaram na freguesia de Grilo, no concelho de Baião³⁶. Nascidos e criados em ambiente citadino, continuam a dar importância à proximidade aos centros urbanos por questões profissionais pois “*como eu faço vida nos dois lados, não ia estar longe do Porto, preciso de mobilidade*”. Quadro similar personificado pelo E22 ao referir “*Claro que a opção também foi tomada por ser um sítio perto do Porto, 40 km, que possibilitasse uma melhor facilidade de deslocamento*”.

Adaptação ao meio rural

Sendo diferente o perfil do “neo-rural” dos autóctones, por vezes surgem dificuldades na adaptação/inserção destes nas novas comunidades. Havia, pois, que aferir os obstáculos encontrados e de que forma foram ultrapassados.

Começamos por referir que vinte e oito entrevistados afirmaram que não tiveram problemas, não só porque tinham raízes familiares no local, como existiu um reconhecimento, por parte dos locais, do potencial social e económico que os novos rurais podem transferir para o meio rural em questão. Quanto ao primeiro, e referindo apenas alguns testemunhos, o E17 conta “*a família já tem ligações a esta terra há gerações e por isso as pessoas viram com bons olhos a nossa vinda*”. Aliás, “*até com o último nascimento, que já aconteceu aqui, os vizinhos ofereceram prendas. Eles sentem que a população está envelhecida e com novos residentes e crianças há um maior esperança no futuro*” (E22). Na vertente económica, reconhecem também que “*(...) acabamos por contribuir para a economia local*” (E6).

Obviamente que também nestes casos surgiram algumas adversidades relacionadas com o sentimento de desconfiança/receio e curiosidade por parte dos antigos moradores. Como afirmaram E3 e E5 “*(...) não tive problemas (...)* Só olharam com alguma desconfiança para a

³⁶ (E5,E6,E7)

agricultura biológica” e “(...) as pessoas são um pouco desconfiadas, mais fechadas”, dada a “normal curiosidade por parte dos locais, por sermos diferentes” (E21) ou por trocarem “(...) uma cidade grande, como Buenos Aires, por Cinfães” (E26).

Existe de facto maior dificuldade de assimilação de uma nova realidade por parte dos antigos habitantes locais, do que dos “neo-rurais”, que possuem uma maior abertura e conhecimento de outros contextos. Não obstante, com o tempo, a linguagem e os princípios sociais locais vão sendo apreendidos, facilitando a adaptação “(...) fui muito bem recebido. Tive é que aprender a linguagem dos habitantes locais” (E30). A imagem que transparece é que grande parte dos “neo-rurais” se integraram rapidamente na região, detetando as preocupações comunitárias e identificando-se com elas, sentindo que podem ter um papel importante na organização local.

Se seleccionarmos aqueles que se depararam com obstáculos na sua inserção, destacam o conservadorismo de alguns residentes, o seu receio e desconfiança, sentindo-se “ameaçados”, invadidos na “terra como sua”, evidenciando dificuldade de partilha do espaço. Com efeito, o E10 refere “ (...) as pessoas moram aqui há décadas, algumas famílias há gerações, e vêm a terra como sua” pelo que a existência de um “ (...) territorialismo em excesso por parte dos locais, no sentido de: maior resistência à mudança, medo do desconhecido, dificuldade em aceitar novas ideias e projetos inovadores” (E28) são significativas. O caso mais grave, foi relatado pela E1, uma “neo-rural” vinda da Maia que se instalou em Vila Cova, Penafiel. Refere que “A mudança no geral, é algo que assusta muito as pessoas (...) as pessoas têm a terra como sua logo têm reticências quanto à chegada de novas pessoas (...) As pessoas criam muitos boatos como: “ai veio para aqui para roubar as pessoas”. No geral, posso dizer que era violência psicológica.” Este último testemunho, demonstra que em meios rurais mais “fechados”/tradicionais, o preconceito, baseado na insegurança e desconfiança, existe.

Outros obstáculos estão também associados aos direitos que os novos rurais têm e que muitas vezes não são reconhecidos pelos locais: “águas” e “divisão dos terrenos”. A E1 e o E10 **contam** “Houve cortes de água no monte, houve fogo posto em campos anexos à propriedade “e (...) Houve alguns conflitos quanto à divisão do terreno”.

As estratégias para a resolução dos problemas, incluíram a amabilidade, a comunicação, o diálogo e a simpatia, sempre aliadas à disponibilidade para ajudar. Assim contrariam a hostilidade dos locais, como refere o E11 “com muita paciência e diálogo com os locais, para o melhorar de relações” ou a E1 “Ajustar a comunicação (...) mostrar-me disponível para ajudar. Ofereci produtos da quinta, no fundo, passar uma mensagem de “paz e amor”. Ainda noutra linha, a E28

refere que *“No dia-a-dia: tentar desmistificar conceitos antiquados e apresentar outras possibilidades, incentivar e apoiar projetos e negócios que considere positivos (...)”*. Em síntese, apesar de muitos destes “neo-rurais” terem alterado o seu estilo de vida, tendencialmente mantêm a forma de ser, de pensar, de se relacionar e consumir.

Atual concelho de residência: perspetiva crítica dos “neo-rurais”

De forma a apreciar a visão dos “neo-rurais” quanto ao concelho onde se instalaram, achou-se pertinente recolher a sua opinião crítica, bem como a sua capacidade de identificar problemas e de intervir no território. Genericamente e uma vez que todos responderam sem grandes hesitações, conclui-se que já existiu uma avaliação própria do território, apesar de a maior parte se ter instalado nos últimos dois anos.

Mas destrincemos os aspetos positivos dos negativos. É efetivamente o contexto global, a natureza, a tranquilidade, a paisagem como testemunha a E29 *“Posso referir este verde virgem, a natureza como o que mais gosto”*. Com grande destaque surge também a proximidade de grandes cidades, como aliás já foi referido. Um exemplo: *“o que mais me atrai e mais favorece Penafiel é o facto de estar perto do Porto. Consegue-se aceder facilmente às grandes superfícies”* (E16).

Pela negativa, outros aspetos são destacados, mas com menor importância. Apesar de serem diversos os aspetos referidos, estes prendem-se essencialmente com fatores culturais, de serviços e de construção. Reportando-nos ao fator cultural, abarcam desde a falta de atividade cultural no concelho onde residem, mas também à interferência de crenças e costumes. É óbvio que estes “neo-rurais”, habituados a uma oferta cultural anterior mais alargada se ressentem referindo *“o que faz mais falta é a cultura que não existe, nem o incentivo para isso”* (E27). Por outro lado, a existência de uma mentalidade resistente à mudança, conservadora, surge como aspeto negativo: *“o que menos gosto talvez tenha a ver com a cultura das pessoas, que são um pouco “limitadas” quanto ao pensamento e avessas à mudança”* (E25). No que se refere aos “serviços”, é citado o fraco apoio à 3ª idade, os serviços de saúde insatisfatórios ou a reduzida dimensão do mercado de trabalho, entre outros. O terceiro aspeto associa-se à noção de que existe uma construção em demasia no concelho, um desordenamento do território, que o descaracteriza: *“Não gosto do urbanismo desordenado e inestético (...)”* (E32); *“(...) a ânsia de desenvolvimento e o privilegiar da construção”* (E4); que conduz a *“(...) esta pseudo-evolução que é completamente ridícula. Fazerem prédios em tudo o que é sitio”* (E17). Como seria de esperar, e uma vez que os “neo-rurais” apresentam diferentes perfis, existem perspetivas opostas sobre o mesmo concelho: enquanto a E11, fazendo referência a Penafiel, diz *“(...) que é uma cidade carente a nível cultural*

e artístico”, o E10 conta “Em termos culturais estou muito satisfeito (...)”, aludindo-se ao mesmo concelho. Apesar de tudo, dominam os fatores positivos na perspetiva dos “neo-rurais”.

3.2.3. Alguns impactes da inserção dos “neo-rurais”

Atividades económicas: o domínio da agricultura e do turismo

Esta questão é fulcral no sentido de se aferir em que negócios apostam estes rurais, e onde se localizam (ilustração 16). É importantíssima também para se perceber o potencial e dinâmicas a nível económico que podem ser criadas nos novos territórios de residência.

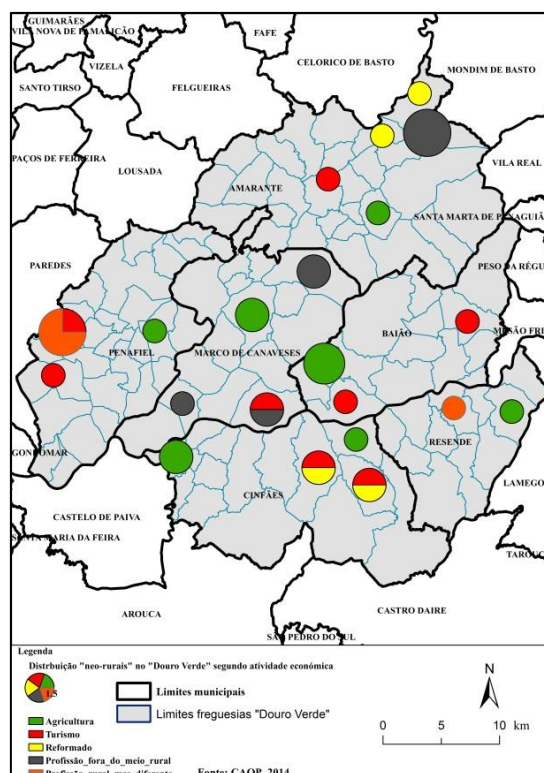


Ilustração 16: Distribuição dos "neo-rurais" no "Douro Verde" segundo a atividade económica

Fonte: Elaboração própria

Importa, antes de mais, referir que todos os “neo-rurais” que desenvolvem algum tipo de atividade económica no meio rural de acolhimento, são trabalhadores por conta própria, trabalhando autonomamente, ao seu ritmo. Óbvio que o grande desafio passa por conciliar o prazer de desenvolver a atividade com a sua rentabilidade.

Analisando as profissões dos “neo-rurais” integrados no estudo é mais uma vez comprovada a heterogeneidade existente. Na realidade, sete exercem atividade económica/profissional fora do meio rural onde residem, ou seja, apesar de terem alterado o seu estilo de vida e o local de residência, ainda mantêm a profissão anterior, enquanto quatro “neo-rurais” estão atualmente

aposentados. Ainda assim, a E3 e o E31 desenvolvem algum tipo de atividade, a primeira na agricultura biológica e o segundo num projeto de Turismo em Espaço Rural (TER).

Os restantes desenvolvem algum tipo de atividade em contexto rural: quinze são agricultores/empresários agrícolas, nove dos quais apostam na Agricultura Biológica. Efetivamente “neo-rurais” olham para a agricultura não só como uma oportunidade económica, mas também para a importância que esta pode ter para o país, numa perspetiva em que a sustentabilidade está presente.

Avaliando o perfil dos que apostaram na agricultura como atividade económica, constata-se que, por norma, são jovens, sendo que nove têm 40 ou menos anos e apenas um tem mais de 55 anos. É importante referir que todos os que alegaram “instabilidade” anterior na motivação da mudança, escolheram a produção agrícola no seu novo meio, instruindo-se, razão pela qual foi recorrente ouvir-se afirmações como *“fiz muitas formações, de forma a aprender tudo quanto podia sobre o ramo, já que a experiência na área era nula”* (E6) e *“fiz umas formações/workshops de agricultura”* (E1). É pois evidente a preparação para a prática agrícola, até pela obrigatoriedade da formação no âmbito do PRODER.

Neste contexto, achou-se pertinente aferir qual o número de “neo-rurais” que se candidatou e usufruiu de fundos comunitários: oito afirmaram que beneficiaram de apoios na instalação como jovem agricultor. Constata-se que é feita, por parte dos novos rurais, uma análise para identificação de financiamentos, que possam apoiar a criação ou desenvolvimento do negócio pretendido. Entre os valores que conhecemos, o E5 beneficiou de 190 mil euros em dois projetos (anexo 2), para uma área cultivada de 5 hectares, onde produz amoras e groselhas, enquanto o E7 recebeu 170 mil euros, em dois projetos também, para a produção de framboesa e mirtilo, referindo que *“(…) procurei os apoios que mais encaixavam naquilo que necessitava. De seguida, procurar os cultivos que eu achava mais rentáveis por metro quadrado (...) Tive apoios do PRODER, jovem agricultor”*.

No sentido contrário, apenas quatro³⁷ entre os nove que apostaram na agricultura biológica, se candidataram e usufruíram da ajuda de fundos comunitários. A justificação poderá relacionar-se com o facto de os “neo-rurais” não aceitarem qualquer tipo de imposição ou por precaução: *“não nos candidatamos a fundos, temos uma produção pequena e preferimos, primeiramente, medir os resultados e depois alargar”* (E25).

Quanto à dimensão das explorações, esta é superior à média do território “Douro Verde.” Com efeito, o E27 afirma que tem uma área de 20 hectares, e o E1 e E30 de cerca de 2 hectares. Tendo em conta o tipo de produtos em que apostaram, diferenciaram-se claramente a produção de frutos silvestres, como o mirtilo, groselha, morango, amoras e framboesa. Os sete que

³⁷ (E1,E2,E6,E30)

apostaram na produção deste tipo de frutos, cada vez mais em voga em Portugal, transferiram-se para a área após 2010, sendo que três chegaram em 2013 e três também em 2014. Apostam de igual modo nos produtos hortícolas, na vinha e nas ervas aromáticas, entre outros.

O escoamento do produto é facilitado já que os “neo-rurais” têm um conhecimento alargado do meio urbano, o centro consumidor. Aliado a isso, existe uma maior capacidade de comunicação e de associação entre grupos de produtores, o que aumenta a rentabilidade da atividade. Note-se que em muitos casos a exportação é citada com alguma insistência, como sucedeu com o E6: *“o objetivo é a exportação, cerca de 95%. As perspectivas são boas. Fiz parte da criação de uma associação de produtores de mirtilo, com vista ao escoamento do produto e que está a ter um bom desenvolvimento”*. Todavia, também existem contactos com *“chefes de alta restauração”* (E1) ou a criação do *“(…) próprio micro-mercado. Com a minha carrinha carregava-a com os frutos e legumes que tinha e passava nos mini-mercados do Porto, mostrava a qualidade e criei o meu próprio canal de escoamento de produtos.”* (E18). O escoamento é feito também *“em loja de produtos biológicos, numa superfície comercial e em feiras de produtos Bio”* (E25).

Por seu lado, os treze que escolheram o turismo como atividade económica, (nove no TER e quatro em Hotel ou Alojamento Local (AL)), selecionam espaços viáveis e bem divulgados, razão pela qual são considerados sucessos: *“A Quinta tem 8 quartos e a área é de 4 hectares. Está a correr muito bem, temos na “Booking” uma das pontuações mais altas da região, o que é muito importante”* (E30) e *“(…) temos este projeto de turismo rural, com várias unidades de alojamento, em que recebemos pessoas dos mais diversos lugares. Até agora, tem corrido muito bem, um sucesso (...)”* (E16). Todavia, e tal como já foi referido, são os “neo-rurais” mais velhos que apostam nesta atividade já que apenas quatro têm menos de 40 anos.

Quanto aos apoios dos fundos comunitários, seis usufruíram dos mesmos. Aliás, em alguns casos, sem o financiamento obtido através de programas comunitários, o projeto não se realizaria: *“Nós candidatamo-nos a um projeto PRODER (...) o financiamento, a taxa de apoio concedida, foi de 60% do investimento total (...) não teria sido possível fazer sem financiamento”* (E16). Quanto aos números disponibilizados, no caso da Quinta do Lobo Branco (E11), o apoio foi de 178 mil euros a fundo perdido, na Casa Valxisto (E16) (anexo 3) de 180 mil euros (60% do valor total do projeto), e 280 mil euros, o custo total do projeto, no terceiro. (E33).

É significativo também referir que quatro novos rurais vivem e trabalham a tempo inteiro no novo meio, mas não exercem atividade relacionada com turismo ou agricultura, como todos os outros. Referindo-nos a E8, médica que irá realizar terapias e colaborar com a quinta onde vive em

comunidade em Paço de Sousa, Penafiel; a E9 é “(...) responsável por 3 projetos: Projeto Escola, Projeto Horta e Projeto Uno de meditação e Yoga”; o E10 é terapeuta e colaborador na quinta e o E35 é designer mas “agora trabalho a partir de casa. Só vou ao escritório quando é necessário”. Apesar de no “Douro Verde” esta situação ser esporádica, é cada vez mais notória em Portugal, e maioritariamente no estrangeiro, o teletrabalho. Hoje em dia, com o desenvolvimento da tecnologia e dos meios de comunicação, o trabalho à distância é possível e passível de ser efetivo. Este caso é paradigmático, já que apesar de “fugir ao stress, ao ritmo citadino...”, instalou-se no concelho de Resende, a exercer a profissão anterior, através do teletrabalho.

Outro aspeto: nove “neo-rurais” têm uma atividade complementar, conjugando duas ou mais atividades económicas diferentes. Exemplo: três que apostaram em hotelaria ou AL, também praticam a agricultura como atividade económica. Outros, por seu lado, exercem a sua profissão fora do meio rural mas participam em atividades económicas no meio, como o E20 que é gestor e empresário agrícola, e do E24 que é engenheiro mas também está inserido num projeto de TER. Também se verificaram casos de “neo-rurais” que têm duas atividades económicas no meio rural, como E25 e E26 que para além da sua produção biológica também oferecem alojamento e *workshops*; outros que conjugam o turismo rural com plantação de mirtilos, produção vinícola e outras culturas. Por último, alguns desempenham uma atividade principal em meio rural a que associam esporadicamente outra (E34 agricultora e tradutora freelancer e a E19 empresária na área do TER e artista plástica).

Quanto às perspetivas futuras, a generalidade antevê um futuro “risonho”, positivo, já que apesar de existirem algumas contrariedades, querem continuar a expandir e diversificar os seus negócios. Discursos como o da E1 que afirma “vejo o futuro de forma risonha (...) Para o futuro, já estou em contactos com uma transportadora e tenho em mente a criação de unidade de transformação de produtos, de 60 m2, para alugar de forma a rentabilizar o espaço” ou do E30 que encara “o futuro com boa perspetiva (...) tenho na cabeça novos projetos (...) estamos a pensar em fazer uma queijaria no futuro”, são disso prova. Efetivamente, os trinta e cinco inquiridos não pensam abandonar o meio rural em que estão a viver e/ou desenvolver atividades, dada a qualidade de vida e o projeto em si.

Concluindo, embora as atividades económicas desenvolvidas pelos “neo-rurais” em grande parte se integrem nos referidos “negócios da moda” (turismo rural, agricultura biológica ou frutos silvestres), a maioria procura o meio rural para mudar de vida, aliando a possibilidade de iniciar projetos inovadores, com a previsível viabilidade económica e financeira, já que os “neo-rurais” analisam antecipadamente o tipo de negócio que pode ser implementado no

território de destino, com vista ao sucesso. Por um lado, no turismo, a perspectiva de receber um número significativo de turistas, conjugado com a produção agrícola adaptada à região e ao tipo de solo e aos próprios interesses e, evidentemente, ao escoamento assegurado, auguram o sucesso. Para tal, fazem formações/workshops, trocam informações com pessoas da área e com os mais “velhos”, dilatando ainda mais a hipótese de sucesso das atividades que desenvolvem.

Perceção dos impactes da inserção

Julgou-se importante, e uma vez que os “neo-rurais” são os atores centrais desta investigação, aferir se os mesmos acham que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos na localidade onde vivem ou desenvolvem atividade, impactes esses, analisados em vários âmbitos: económicos, sociodemográficos, ambientais e culturais/institucionais.

Impactes económicos

No que se refere aos económicos, a grande maioria, trinta entrevistados, respondem positivamente à questão, sobejando apenas uma pequena parte dos “neo-rurais” com resposta contrária³⁸. Analisando, primeiramente, estes últimos, constata-se que o “não” está claramente associado ao facto de não exercerem profissão/atividade económica relacionada com o meio rural, ou porque são reformados como é a E4 que refere que *“ninguém mudou a sua condição económica pela nossa vinda. Não empregamos ninguém a tempo inteiro. Existem situações pontuais em que pedimos ajuda local, mas sem grande impacte”*, ou porque exercem profissão hoje em dia, mas não no meio rural onde se inseriram. É o caso da E12 que é costureira e do E13 que é professor no centro da cidade, assim como da E14 e do E15, gestora de empresas e diretor comercial, que exercem funções no Porto, apesar de viverem a tempo inteiro na freguesia de Olo, Amarante. Explorando os seus perfis, verifica-se que todos residem no concelho de Amarante mas, contrariamente ao grau de escolaridade elevado que se registou na grande parte dos “neo-rurais”, apenas o E13 possui frequência do ensino superior.

Quadro 17: Justificações do impacte económico positivo

Justificação do impacte económico positivo	Frequência
Criação de emprego	22
Consumo local	17
Contratação de serviços de empresas locais	8
Cativar gente	7
Inovação	5

³⁸ (E4,E12,E13,E14,E15)

Quanto aos que presumem que a sua mudança teve impactes positivos, a resposta enquadra-se em cinco grupos (quadro 17).

O impacte mais referenciado relaciona-se com o facto de empregarem alguém. Analisando os seus perfis, constata-se que este grupo é muito heterogéneo, em termos de idade, habilitações, profissões e local onde se encontram instalados. Comparando a E3 e o E5, certificamos isso. A E3, com 66 anos, atualmente reformada e residente em Amarante, refere “(...) *dei trabalho a muita gente local (...) vedar a quinta toda, construir tanques, a casa e depois a trabalhar a tempo inteiro, durante alguns anos, quanto a atividade agrícola estava mais explorada. Quando a loja de produtos biológicos esteve aberta, também criamos um posto de trabalho.*”, ao passo que o E5, ainda jovem, com 35 anos, um empresário agrícola instalado em Baião diz “*As pessoas que oferecem e prestam serviços aqui, relacionados com agricultura, ficaram a ganhar muito com a vinda de novos agricultores para aqui. Contratamos as pessoas locais, os vizinhos*”.

O consumo local, quanto reportado, prende-se com as idas a cafés, restaurantes ou às compras locais, que acabam por dinamizar a economia local. Mais uma vez, pode-se considerar este grupo desigual, tendo por base de análise o seu perfil. A alusão ao consumo local foi feita de diferentes formas: “*Almoçamos diariamente no restaurante local, frequentamos com muita frequência os cafés locais. Para além disso, vamos à drogaria local, ao mercado (...)*” ou “*Faço também as compras localmente. Para além disso, vendo também os produtos dos vizinhos, produtores locais, ajudando a escoar os produtos deles. Quando eu não tenho certo tipo de produtos agrícolas, vou buscar aos vizinhos e vendo os deles às superfícies onde costumo vender, ajudando-os*” (E18).

O recurso a serviços de empresas locais foi também citado pois revitalizaram economicamente a localidade rural em causa. A E23 e o E30 assumem que “*Criamos emprego, sim, e temos recorrido a outras empresas, produtos e serviços locais*” e “*(...) só recorro a empresas locais. Tive ainda um impacte grande porque esta casa já tinha Turismo de Habitação mas desde que cá estou a casa teve um aumento de cerca de 80% de faturação. Estou ainda a pensar em criar novos negócios*”.

Também o facto de atraírem mais gente, aumenta o consumo local e a divulgação da área. Naturalmente quem o refere apostou no Turismo: “*Recebemos voluntários da rede “WWOOF, estrangeiros, que consomem localmente e ficam a conhecer a região e, quem sabe, a divulgá-la para fora (...) acabamos por criar uma movimentação que não existia*” (E25).

Por último, o menos referenciado, mas ainda assim interessante, é a novidade/ inovação que os “neo-rurais” trouxeram à localidade, referindo-a como fator positivo económico. As palavras da E1

vão nesse sentido “(...) foi criado algum impacto porque não existe nenhum investimento desta natureza na área. Serão as primeiras estufas da freguesia, que tem uma agricultura muito familiar e tradicional”, fazendo menção ao facto da instalação de “cerca de 2 hectares, certificados em modo de produção biológica”, de mini-legumes, flores comestíveis e silvestres e sementes comestíveis.

Impactes sociodemográficos

Tendo por base os impactes sociodemográficos pretendia-se aferir se, na perspetiva dos “neorurais”, a sua mudança para este novo meio tinha expressão territorial. Apenas três entrevistados (E2,E4,E5) responderam negativamente a esta questão. Entre esses, constatamos que uma instalou-se recentemente no território e ainda está a iniciar o seu projeto agrícola (E2), outra afirma que ajudou a povoar mas sem o impacte suficiente (E4), ao passo que o seguinte afirma “Tivemos implicações ao vir para aqui, para uma zona rural e sem muita gente, mas não posso dizer que existiram, até então, impactes sociais positivos”. Todos afirmaram também que não tiveram qualquer impacte positivo no âmbito cultural.

No sentido contrário, as respostas dos restantes trinta e dois agrupam-se nas categorias expressas no quadro 18.

Quadro 18: Justificações do impacte sociodemográfico positivo

Justificação impacte sociodemográfico positivo	Frequência
Contrariar despovoamento	24
Rejuvenescimento	14
Mentalidades	14
Trazer pessoas	13
Filhos	10

Como seria de esperar, o “contrariar despovoamento” é largamente referido, tendo em conta a perda de população em todo o “Douro Verde”. São várias as referências ao mesmo fenómeno: “já somos algumas pessoas a morar aqui continuamente e repovoamos o território” (E10), “(...) acho que a minha vinda para cá ajudou no sentido do rejuvenescimento e de aumentar a população da freguesia. É uma freguesia muito pequenina, sem crianças e já aumentamos algo” (E13) e “(...) apesar de sermos apenas duas pessoas, neste contexto despovoado temos impacto” (E15), fazendo alusão à freguesia de Olo, no concelho de Amarante.

Ainda no enquadramento demográfico, o facto de, no geral, a média de idades dos “neorurais” ser baixa, obviamente que o rejuvenescimento iria ser referenciado. Foi o que sucedeu com a E16 que diz “ajudamos no repovoamento local, e a diminuir a média de idades, com a

presença de dois filhos, sendo que um já nasceu cá” ou com a E22 “viemos para aqui 4, 2 crianças incluídas, e neste momento já somos 5, já ocorreu um nascimento aqui”. Neste contexto, dos quatorze que indicaram o “rejuvenescimento” como motivo, metade deles já tiveram filhos em contexto rural. Além disso, os restantes podem ser considerados novos, entre 33 e 46 anos³⁹. Sendo casais novos, podem ser vistos como uma mudança sem importância numérica atualmente mas, certamente, terá implicações benéficas na localidade no futuro.

Muito interessante foi a abordagem das respostas relativas à mudança de mentalidades. Neste ponto, abarca-se a interação com os locais, o espírito comunitário e a troca de experiências, notórias em boa parte dos entrevistados. Na verdade, novos ritmos de vida são criados pelos “neo-rurais” no meio local “(...) a nível de relacionamento, por as pessoas verem em nós um “modelo” diferente, ajudamos a alterar alguns comportamentos juntos dos locais, com a partilha de experiências” (E14), procurando “mudar mentalidades, com as nossas experiências, quer a nível ambiental, quer, por exemplo, alimentação. Já duas pessoas alteraram a alimentação e são atualmente vegetarianas” (E22). São bons exemplos.

Por outro lado, um jovem, com 27 anos (E20), que reside no Marco de Canaveses, lidera “uma autarquia local – junta de freguesia, com todo o impacto que isso tem na população e comunidade locais”. Assim se demonstra a preocupação com os autóctones, a proximidade que pretendem ter com a população e o espírito de comunidade evidenciado. Neste seguimento, o depoimento do E21 é pertinente “(...) um caso em que o acesso a um local, onde viviam também 3 deficientes, era muito mau, quase impossível em dias de chuva, e nós fizemos pressão para que as obras acontecessem, onde já eram adiadas há muitos anos.”

Assim como no âmbito económico, também do ponto de vista sociodemográfico, o impacto é inegável, já que no geral, estes “neo-rurais” são pessoas que agem para a melhoria da localidade e da população residente.

Impactes ambientais

Após uma observação direta do estilo de vida dos “neo-rurais” e, com base nas suas afirmações, conclui-se que, por norma, existe uma grande preocupação ambiental, um respeito pela natureza e pelo espaço que usam. Pode-se mesmo afirmar que as suas práticas agrícolas e consumos vão de encontro à responsabilidade ambiental, com o mínimo de agressão possível ao meio ambiente (quadro 19).

³⁹ E6 com 39 anos, o E7 com 38, o E10 com 42 anos, a E11 com 38, a E12 com 33 e o E13 com 46 anos, o mais velho entre estes mas que conta já com três filhos a viverem a tempo inteiro no meio rural.

Quadro 19: Justificações dos impactes ambientais positivos

Justificação dos impactes positivos ambientais	Frequência
Agricultura Biológica	18
Conservação paisagem	17
Reflorestação	15
Cuidados ambientais	14
Mentalidades	7
Produtos naturais	7
Menor utilização do carro	5

A agricultura biológica, mesmo quando não é desenvolvida como atividade económica, tem uma preponderância assinalável entre os “neo-rurais”. Foi referida dezoito vezes como justificação para um impacte positivo ambiental. São muitos os casos no “Douro Verde” que apostam no Modo de Produção Biológica (MPB), orgulhando-se desse facto, pois redignificam a produção agrícola e o agricultor. Entende-se aqui que estes “neo-rurais” querem voltar às origens, aos tempos de “antigamente”, para consumo próprio ou como atividade económica, produzindo artigos puros, naturais, sem químicos, que não prejudiquem as pessoas nem o ambiente que as rodeia.

Analisando os seus discursos, confirma-se que a agricultura “bio” é realmente praticada por quem gosta, mas também por quem quer aprender e inovar, não tendo medo de arriscar. Acresce que quem a pratica tem alguma formação, não só académica mas também ambiental. Neste sentido, a E2 refere que “(...) eu já tinha muitas práticas ambientais “amigas”. A agricultura biológica também contribui muito a nível de práticas agrícolas para a sustentabilidade” enquanto a E18 acrescenta que “Abdicamos completamente de herbicidas, tento o mínimo de agressividade possível à natureza”.

Também a “conservação da paisagem” e a “reflorestação” são mencionadas por estes novos atores rurais, sendo inúmeros os testemunhos nessa linha: “Contribui para o melhoramento ambiental, nomeadamente com a plantação de 3800 árvores e recuperação de 4 casas em pedra existentes” (E32), “Houve uma conservação da paisagem natural da freguesia” (E1) e “(...) reflorestamos e conservamos a paisagem, ao plantar mais de 400 árvores desde que aqui chegamos” (E10). Depreende-se então que a chegada destes “neo-rurais” pode ter um impacte interessante na conservação do património agrícola e das habitações, mas também em termos ambientais, reflorestando e conservando os traços paisagísticos típicos.

Na linha das justificações anteriores os “cuidados ambientais” e os “produtos naturais” instalam-se como relata o E35 “*Fazemos reciclagem e praticamente toda a decoração da casa e mobília é feita com materiais reciclados.*”, assim como a E8 “*(...) estamos a integrar agora produtos naturais, o mínimo de agressão ambiental*” ou a E29 “*(...) produzo também cremes e sabões naturais*”. Podemos acrescentar a redução de uso de viatura própria como afirma a E6 “*Tento usar muito pouco o carro, até porque agora tenho moradia aqui*”

Mas, mais uma vez, a questão das “mentalidades” é fulcral. Percebe-se que, em alguns casos, os “neo-rurais” não só têm práticas amigas do ambiente e responsabilidade ambiental, como pretendem alterar a mentalidades da população. Servindo de exemplo, a E29 conta “*Dou também a conhecer a utilização de ervas (...) tento mudar algumas ideias e mentalidades que as pessoas têm quanto à prática agrícola*”, assim como a E9 “*Queremos fazer workshops para as pessoas da comunidade também aprenderem estas práticas amigas do ambiente*” e a E22 “*Tentamos também mudar mentalidades a nível ambiental na comunidade. Tenho o “sonho” de que, através da formação, ensino e educação ambiental se possa, daqui a uns anos ver o Marco como um concelho “100% Bio”. Integro uma associação ambiental, sou vice-presidente da mesma*”.

De entre os que acham que a sua mudança para o meio rural não teve impactes positivos ambientais, quatro apenas possuem a habitação, e referem que têm alguns cuidados e preocupações.

Impactes culturais/institucionais

Esta temática, foi de entre as quatro (económica, sociodemográfica, ambiental e cultural/institucional), a que registou um maior número de respostas negativas, já que nove “neo-rurais” referiram que, por enquanto, não tiveram impacte positivo. Este facto, segundo os mesmos, justifica-se ou pela chegada ao novo meio ser recente, ou por não integrarem qualquer entidade ou associação cultural, como sucede com o E4 e o E7: “*não integrei em nenhuma situação alguma entidade cultural*” e “*Não. Tentei fazer um evento, com o apoio de uma associação local, mas não foi possível. Por enquanto, o tempo é de trabalhar na terra e depois, sim, pensar neste ponto*”.

Quando a afirmação é positiva, o facto de integrarem uma associação é a resposta mais referida. Apercebemo-nos que os “neo-rurais” valorizam muito a integração numa associação cultural ou institucional como forma de melhorar a adaptação ao meio rural. O relato do E8 é elucidativo: “*Já nos integramos no teatro local porque também é isso que nos ajuda na nossa integração. A grande integração ocorreu quando começamos a sair e aí sim, as pessoas começaram a conhecer-nos*”

Face a isto, confirma-se que os novos rurais podem ter um papel importante na preservação de atividades e nas vivências do quotidiano tradicional. Além disso, ajudam na organização de

eventos para valorizar as atividades económicas e culturais locais e revitalizam as tradições rurais, conservando os seus valores e identidade própria do território. Por exemplo, o caso da E22 é paradigmático nesse sentido. Apesar de não ter ligação anterior ao local, Marco de Canaveses, em apenas dois anos já organizou “ *eventos locais e pertença a uma associação “Amigos do Rio Ovelha”, que tem também como objetivos a conservação do património cultural do rio e suas margens*” e é ainda vice-presidente de uma associação ambiental local. Na mesma linha, a E19 refere que tenta integrar-se em “ *(...) iniciativas locais e recuperar tradições antigas: a desfolhada de modo tradicional, uma feira rural, encontros de janeiras*”.

Evidenciando mais a integração institucional, os “neo-rurais” referem o facto de pertencerem a grupos de produtores ou às associações empresariais do concelho, tentando “ *(...) criar uma rede de produtores, porque achamos que as pessoas trabalham muito individualmente (...) Contactamos muito a Câmara e a Junta. Pertencemos à Associação Empresarial de Cinfães*” e “ *(...) criei uma associação para tentar unir todas as pessoas que plantam mirtilos*” (E25 e E30).

Em jeito de conclusão, os “neo-rurais” com a sua capacidade de relação social e de criação de laços afetivos, implementam projetos, criam grupos e associações, que são reconhecidos pelos restantes habitantes como importantes.

3.2.4. Perspetivas futuras

Aconselhamento da vinda de amigos e/ou familiares

Uma vez que estes “neo-rurais”, apesar de todas as dificuldades associadas à mudança, concretizaram a migração urbano-rural, considerou-se interessante perceber se propõem a vinda de amigos e/ou familiares para o meio rural.

Ao analisar os seus discursos, ainda que grande parte aconselhe a vinda, registaram-se sete novos rurais que não o propõem. A justificação é simples- a decisão é pessoal: “ *Não, acho que se tem de gostar, uma disposição para isso. Temos de gostar do que fazemos. Aqui exige-se mais esforço, mais dedicação*” (E25) ou “ *Não. Se eu achar que a pessoa tem o perfil posso falar. Mas, acho que a pessoa é que tem de saber se pretende mudar de área de vida*” (E27). Como se constata, estes “neo-rurais” demonstram que as pessoas só devem mudar no caso de o quererem verdadeiramente, e não por sugestão de outros.

Entre os que sugerem a vinda de amigos e/ou familiares para o meio rural, alguns afirmam, ainda assim, que a decisão é pessoal, já que “ *(...) há algo que é essencial: vontade de trabalhar e gosto por isto. Porque não é nada fácil*” (E5) e “ *(...) nem toda a gente tem disponibilidade e capacidade para o mundo rural (...) Porque a vida aqui é dura*” (E7). Além

disso, afirmam também que sugerem a mudança, mas se existirem condições financeiras para tal e “(...) se as pessoas conseguirem ter retorno financeiro nessa mudança, com projetos” (E14).

Que impacte dos “neo-rurais” no futuro?

Uma vez que os protagonistas da presente dissertação são definidos como “neo-rurais”, seria interessante perceber a perspetiva que eles pensam ter, como um todo, sobre o impacto nas áreas rurais no futuro. Na linha dos impactes positivos que eles pensam ter na localidade onde se instalaram, todos pensam também que os “neo-rurais podem ter a capacidade de contrariar o despovoamento, o envelhecimento e o empobrecimento das áreas rurais.

As alegações usadas como justificativa, prendem-se principalmente com as novas competências e capacidades para os “neo-rurais” criarem dinâmicas, a todos os níveis, nos espaços rurais. Na vertente mais económica, o discurso baseou-se em afirmações nesta linha: “ (...) uma nova geração com novas competências tem tudo para, em parceria com os saberes, pessoas e tradições antigas, dinamizarem áreas esquecidas” (E4) e “Podem ser eles (...) a criar negócios com os seus novos conhecimentos, novas dinâmicas a todos os níveis” (E18). Fica a ideia também que deve existir uma troca de experiências, cooperação com a população rural já existente, de forma a integrarem-se nos novos projetos: “não só os “neo-rurais”, mas estes conjugados com os jovens e os emigrantes que deveriam regressar, pode criar-se condições para que a presente geração tenha massa crítica suficientes para dinamizar social e economicamente territórios rurais” (E20). Por outras palavras, alguns “neo-rurais” entendem que, só existindo uma participação/contribuição dos habitantes rurais com eles próprios, se atingirá os referidos impactes positivos no futuro.

No sentido da preocupação ambiental evidenciada, estes novos rurais afirmam que a vinda de mais pessoas da cidade para o meio rural pode ser importante também na perspetiva da sustentabilidade e preservação ambiental, assim como para um território mais organizado: “Sim, acho que pode ser muito importante e interessante (...) e assim as coisas crescem de forma sustentada e muito real” (E10) e “Acho que até a organização do território seria muito mais coesa, mais estruturada” (E21).

Dinâmicas de intervenção no território: uma perspetiva dos “neo-rurais”

Uma vez que, como já foi referido, se pretendia aferir a capacidade interventiva dos “neo-rurais”, resolvemos questioná-los acerca do que proporiam, caso tivessem poder de decisão e meios para atuar, para a atração e receção a novos residentes/empresários que se instalassem nos meios rurais, à escala da nova freguesia onde residem, mas também nacional.

Medidas para a atração e receção de novos rurais

Neste ponto, claramente os “neo-rurais” privilegiam três questões: benefícios e isenções fiscais/arrendamento; um papel mais ativo das entidades locais e uma maior cooperação para facilitar a integração.

Quanto ao primeiro argumento, prende-se com o facilitar da integração e a continuidade no meio dos “neo-rurais”, cativando mais pessoas para migrarem para os meios rurais. Esta ideia é retratada em várias afirmações: “(...) *algumas regalias para esses que querem sair das grandes cidades e se instalar em zonas rurais*” (E31); “*apoios a nível económico, redução de taxas e impostos (...)*” (E35) e “*E incentivos, tais como isenções fiscais nas habitações*” (E2).

O segundo, relaciona-se com as entidades locais, tais como Juntas de Freguesia e Câmaras Municipais, e a sua intervenção na receção a estes novos residentes. Por exemplo: “*Acho que passava pelas câmaras terem um papel mais ativo. Por exemplo, gabinetes de apoio ao empreendedor a sério*” (E7) ou “*Acho que devia haver por parte das Câmaras os meios necessários e pôr à disposição dos novos rurais, para ajudarem em tudo (...) disponibilizar terrenos, informar dos subsídios municipais, nacionais e europeus disponíveis*” (E22).

No terceiro, a questão alinha-se com a perceção de que o diálogo e a cooperação são o caminho para facilitar a integração: “*Acho que devia haver mais cooperativismo*” (E25) e a organização “*de encontros para a inserção com a comunidade local*” (E28).

Curioso que, apesar do referido anteriormente, existem também testemunhos (sete) que referem que devem ser os próprios a lutarem por aquilo que querem, a procurar as devidas ajudas, razão pela qual não devem ser propostas grandes medidas, nem grandes intervenções de entidades como as Câmaras Municipais, uma vez que o processo de transição é natural e autónomo: “*Acho que é um processo muito natural e que não existem grandes medidas que se possam tomar, em termos legislativos*” (E10) e “*Acho que assim como é uma decisão pessoal, é necessário partir da parte de quem quer mudar a procura de ajudas. Cada pessoa deve ter a sua manobra e procurar e tratar de sua mudança antes da mesma acontecer. Se houver vontade própria de mudar as coisas acontecem*” (E21).

A freguesia: um quadro a dinamizar

Quanto se solicita sugestões de intervenção/melhoria na freguesia que os acolheu, existem propostas para a dinamizar, dominando três grandes grupos: uma vertente ambiental; uma vertente social e cultural e, por último, a económica.

Quanto às propostas ambientais, resumem-se à aposta na agricultura biológica, à educação ambiental e ao aproveitamento dos recursos endógenos: “(...) *ensinamentos de*

práticas agrícolas mais amigas do ambiente, para não utilizarem tantos pesticidas. Talvez sessões de esclarecimento na junta de freguesia” (E3); “Acho que a agricultura biológica era o caminho para a freguesia (...) cultivada de forma sustentável para o ambiente e com rendimentos e benefícios para a freguesia” (E13).

No ponto de vista social e cultural, as sugestões privilegiam a cultura, mas também mais feiras e eventos, assim como transportes e melhor acesso aos serviços de saúde, principalmente para os mais velhos. As ideias resumem-se a estas declarações: *“organizar feiras, facilitando a sua criação. Criar condições locais para uma maior vida comunitária” (E4) e “podia-se ajudar mais em termos de saúde e transportes para os mais idosos da freguesia” (E12).*

Em termos económicos, pontuam sugestões na linha do apoio aos pequenos produtores, na atração de jovens e novos residentes e de turistas. Para tal, deveria existir *“um gabinete de apoio técnico (...) Uma cooperação com IEFP no sentido de assegurar formação qualificante (...) criação de rede de mentores que permita a comercialização em territórios adjacentes (...)” (E20) e “(...) apostar na vinda de mais pessoas e turistas” (E21), ajudando “(...) os pequenos produtores” (E25).*

Um ponto curioso, e mostrando o impacte das novas tecnologias na sociedade e do não alheamento dos “neo-rurais” da mesma, é proposta a divulgação da freguesia na Internet: *“Falta uma plataforma de divulgação, para divulgar belezas da terra, de forma a mais pessoas conhecerem o local. Criar uma espécie de “diário da freguesia”” (E1).*

Algumas sugestões de âmbito nacional de intervenção nos territórios rurais

Quanto à perspectiva dos “neo-rurais” sobre os territórios rurais à escala nacional, as sugestões são muito abrangentes e diversificadas, podendo ser agrupadas em propostas de cariz ambiental, social e cultural e económicas.

Na vertente ambiental os “neo-rurais” têm algumas propostas aliadas a uma (re)educação ambiental: *“(...) penso que a parte educacional tem de ser mais explorada, ensinando jovens e crianças a uma visão sustentável do território” (E4) e “A agricultura era importante. Dar formação aos jovens sobre permacultura (...) uma noção mais abrangente da terra e que iria possibilitar uma visão integrada, não destruindo o território” (E9).*

Em termos socioculturais, os argumentos passam pelo melhoramento de serviços e pelo envolver das comunidades locais: *“acho que se devia investir um pouco mais em serviços e na manutenção dos mesmos nos territórios rurais. Por exemplo, em serviços de saúde, em transportes. Só assim se atrai mais pessoas para povoar os territórios rurais” (E12).*

Nas propostas de cariz económico, elas vão desde a aposta no Turismo, no aumentar apoios económicos, no recuperar terras agrícolas e apostar nos Jovens Agricultores, de forma a

dinamizar as áreas em causa. Os discursos basearam-se em: “*o caminho tem de ser o investimento na agricultura (...)*” (E13) e “*Atrair mais jovens para a agricultura, apostar em atividades económicas empreendedoras e inovadoras (...)*” (E20), aumentando “*(...) os apoios, os concursos, para que os jovens possam aproveitá-los e tentar um meio de subsistência económica, ajudando-os a eles próprios e aos territórios onde se inserem*” (E1).

Registaram-se ainda discursos de “neo-rurais” que reforçam a ideia de que os territórios rurais nacionais são diferentes entre si e, como tal, têm de ser analisados diferenciadamente: “*Pensar mais local*” (E25), porque, efetivamente, a aposta “*(...) depende do território, porque são diferentes em todo o país*” (E31).

Considerações finais

Sendo necessário debruçar-nos sobre o mundo rural, iniciamos esta análise num contexto global, seguindo-se o nacional e a região do “Douro Verde”, preponderante. Havia que aferir as suas potencialidades e fragilidades, com vista a perceber o impacto que os “neo-rurais” têm neste território. As entrevistas e o trabalho de campo permitiram obter o perfil socioprofissional e cultural destes novos rurais, os seus anseios, as atividades económicas desenvolvidas e de que forma projetam o futuro, para as suas vidas e para os territórios rurais.

Como se constatou, em Portugal, regista-se um agravamento das assimetrias regionais, aliado a um fenómeno de despovoamento e envelhecimento no interior do país. A litoralização, a bipolarização, nas AMP de Lisboa e Porto, e a conseqüente urbanização, contribuíram para a mudança da organização territorial nacional, com grande impacto nos espaços rurais. Também as taxas de desemprego e o crescente empobrecimento, têm sido impulsionados, nos últimos anos, pela recessão económica e financeira que se vive à escala europeia.

Desde a década de sessenta, o êxodo rural passou a ser um fenómeno social comum, tendo como consequência um declínio populacional nestas áreas. Com efeito, fruto de fenómenos migratórios internos e de emigração, explicados pela fraca capacidade em reter e atrair população, dada a falta de oportunidades laborais, sobretudo a população jovem tende a emigrar ou a se deslocar para o litoral, contribuindo para a espiral de despovoamento, desemprego e conseqüente subdesenvolvimento. Neste seguimento, é urgente contrariar esta situação económica e social mas o desafio não se avizinha fácil.

Atualmente, o mundo rural português, na linha das sociedades ocidentais, vive um processo de transformações, marcado pela progressiva desassociação do rural da agricultura. Se por um lado continuamos a assistir a uma sequência de desterritorialização de partes consideráveis do território português, com encerramento de serviços e perda de população, por outro regista-se o surgimento de novas dinâmicas, reconhecendo o espaço rural como multifuncional. Esta multifuncionalidade associa-se às potencialidades regionais e locais, que com a perda de importância da agricultura, tornam inevitável a dinamização de outras atividades alternativas. Neste seguimento, começam a surgir novos atores urbanos no mundo rural que se tornam importantes agentes de desenvolvimento local, acarretando novas configurações territoriais.

A região do “Douro Verde”, não se dissociando do panorama das áreas rurais referido, comprovou-se como sendo heterogénea, apesar da existência de recursos endógenos comuns,

que lhe conferem uma identidade própria. Esta heterogeneidade salienta-se a nível do enquadramento físico, sociodemográfico e económico. Se o concelho de Penafiel, pelos melhores acessos (autoestrada “A4”) e proximidade à AMP, é claramente o mais “urbano”, com maior densidade populacional, maior dinâmica económica e menor preponderância do setor primário, Cinfães e Resende, por seu lado, pertencentes ao distrito de Viseu, têm uma base mais rural, um território mais despovoado, empobrecido, envelhecido e com população com menores qualificações académicas. Não obstante, o “Douro Verde” apresenta uma localização geográfica estratégica favorável, dada a proximidade de infraestruturas regionais importantes e de cidades e áreas influentes territorialmente. Além disso, o relevante património natural e paisagístico (serras do Marão e Montemuro e rios Douro, Tâmega e Bestança, entre outros), constituem um importante atrativo para visitantes e “neo-rurais”, como se comprovou.

Mas os “atores” principais da presente investigação são os “neo-rurais” que se instalaram no “Douro Verde”. Conjunto desigual, mas com similitudes em termos de perfil e história de vida, são jovens, com uma média de idades de cerca de 43 anos, embora com maior representação no escalão etário dos 25 aos 35 anos. Os mais velhos instalam-se preferencialmente no concelho de Cinfães. Constatou-se que os “neo-rurais” têm uma formação académica superior, sendo que vinte e quatro possuem licenciatura ou mestrado como nível de escolaridade, conferindo-lhes “*know-how*” para se prepararem para a prática que desenvolvem em contexto rural.

Verifica-se que a questão de proximidade à AMP é tida em conta pelos “neo-rurais”, uma vez que a grande maioria aí residia antes da migração. Na realidade, importa ressaltar que os concelhos de onde provem a maior parte dos novos rurais foram Matosinhos e Porto, tendo, por norma, como destino Amarante, Baião e Marco de Canaveses, aproveitando a ligação da autoestrada “A4”, com saídas diretas para estas áreas. Fica a ideia de que a facilidade de deslocação e a proximidade à AMP facilita este êxodo urbano em que os “neo-rurais” se inserem, pretendendo afastar-se das grandes cidades o suficiente para ter mais qualidade de vida, mas ao mesmo tempo, manter-se perto e com bons acessos. Atualmente, a distância física também é esbatida pelos avanços da tecnologia e os meios de comunicação associados. Por outro lado, o enquadramento paisagístico e o património natural do “Douro Verde” foi decisivo em alguns casos na opção do local de migração, apesar de existirem outros fatores.

A adaptação ao território de destino, por seu lado, apesar dos diferentes contextos, foi concretizada, na sua generalidade, sem grandes problemas, principalmente por duas razões: a existência de raízes familiares no local e o reconhecimento dos habitantes locais do potencial

que os “neo-rurais” podem trazer. Apesar de perfis e de histórias de vida diferentes, o percurso urbano ou o capital económico, cultural e académico superior dos “neo-rurais”, não foram sinónimo de algum tipo de sobrançeria ou superioridade, registando-se, pelo contrário, independentemente da desconfiança e curiosidade dos habitantes locais, uma adequada integração dos “neo-rurais” na comunidade. Aliás, evidenciando grandes preocupações sociais e comunitárias, estes participaram em associações locais, culturais ou não, e respeitam a cultura e tradições. Os “neo-rurais” identificam-se com os territórios em que se instalaram, e apesar das inovações que transferiram, têm um papel importante na valorização e revitalização de tradições rurais locais. A maior dificuldade por parte dos antigos habitantes é vencer o territorialismo em excesso e a aversão à mudança, o que se verifica em alguns casos.

Quanto à atividade profissional anterior, facilmente se constata que foi, em largos casos, motivação indutora da transição para meio rural, pois era *stressante* e instável. Porém, para a mudança se dar, as motivações evidenciadas são profundas e múltiplas, obrigando a que a decisão da migração seja muito ponderada. A procura de uma melhor qualidade de vida, aliada a uma motivação ambiental/ecológica e a um melhor aproveitamento do tempo e do espaço, comprovam que, mais do que uma mudança territorial, os “neo-rurais” pretendem uma alteração de estilo de vida, inserida numa vivência mais simples e saudável. Identifica-se que há uma procura dos valores antigos do meio rural, de relações sociais mais próximas e de novas formas de sociabilização, de tranquilidade, de lazer, de proximidade com a natureza e com espaços verdes. Existiu, claramente, um sentimento de insatisfação com a crescente urbanização, com o *stress* citadino, a poluição, entre outros. Em oposição, registaram-se alguns casos de “não rejeição da cidade”, sendo que estes “neo-rurais” pretendem usufruir do melhor que o meio rural e urbano têm para oferecer.

Ainda assim, o “Douro Verde” também foi visto como uma oportunidade económica, uma oportunidade de se iniciar um projeto e de criar emprego próprio, mas sem esquecer os princípios modernos, associados ao meio urbano: o empreendedorismo, a diversificação de atividades, a tecnologia, a maior capacidade produtiva, os novos canais de escoamento de produto, entre outros. Esta última motivação não pode ser dissociada da recessão económica, pois os que referiram a “oportunidade económica” chegaram, maioritariamente, depois do contexto de crise financeira em que Portugal mergulhou, a partir de 2009. Aliás, o caráter recente da mudança dos “neo-rurais” é evidente, sendo que mais de metade dos entrevistados chegaram ao “Douro Verde” depois de 2013 e apostam na produção agrícola como atividade económica.

Os “neo-rurais” procuram a satisfação de aspirações individuais através de atividades económicas que se focam, essencialmente, em oportunidades recentes (turismo rural, agricultura biológica e frutos silvestres), em que a inovação está presente. É o que sucede com a agricultura biológica, aliando-se uma vertente ecológica/sustentável e também económica, mas sem produção intensiva. Os jovens agricultores e os agricultores biológicos representam uma franja de “neo-rurais” importante, que demonstra que o caminho para o desenvolvimento do território pode ser a maior e melhor exploração deste tipo de produção no “Douro Verde”. Estes, promovem um desenvolvimento rural sustentável, sem deixarem de ser empreendedores, e têm uma função fulcral na reflorestação e conservação da paisagem, através da reabilitação e restauração de propriedades abandonadas. Como tal, existe uma conservação e valorização da paisagem rural por parte destes novos povoadores rurais.

No geral, já existe um repovoamento efetivo, que apesar de ainda não ter grande expressão numérica, vai proporcionar a vinda de novos “atores” no futuro. Os “neo-rurais” presentes no “Douro Verde”, têm efetivamente a capacidade de valorizar o território e o tornar mais atrativo, criando novas dinâmicas económicas, sociodemográficas e culturais. Ainda assim, é necessário que estes espaços não percam a sua identidade e heterogeneidade, não se descaracterizem. Reforçam ainda a capacidade de atração turística do território “Douro Verde”, aumentando e diversificando a oferta de alojamento turístico, aliada a uma melhoria dos serviços das unidades hoteleiras e de restauração, o que contribui para a valorização do património existente e para a dinamização das economias locais, promovendo as potencialidades do território. Ainda, com a presença de novos rurais, com novos conhecimentos de práticas agrícolas, surge uma valorização da potencialidade agrícola do “Douro Verde”, criando-se novos empregos e novas atividades que valorizam as potencialidades locais e os seus ativos.

O teletrabalho, ainda é visto com algumas reservas, devido talvez a uma forma muito tradicional de pensar, mas poderá, no futuro, ser uma grande oportunidade de repovoamento e rejuvenescimento na região do “Douro Verde”. Sem dúvida que, através de novos procedimentos sociais, aliado a uma forte componente ambiental, responsabilidade social e atividade económica diferenciadora, os “neo-rurais” podem melhorar a qualidade de vida da população.

Na ótica das políticas do ordenamento do território, é necessária uma nova perspetiva na gestão interativa dos habitantes com o espaço rural, devido ao aparecimento de novos povoadores e, conseqüentemente, de novas dinâmicas. Como a imagem do mundo rural já não

está totalmente associada ao subdesenvolvimento e à pobreza, será necessário, no futuro, prosseguir com a revalorização destes meios, de forma a torná-los mais atraentes.

A realização da presente dissertação revelou-se uma aprendizagem incrível a nível académico com a leitura de bibliografia importante mas também a nível pessoal, pelo contacto direto com pessoas tão interessante e diferentes. Nesse sentido, o tema dos “neo-rurais” demonstrou-se pertinente, suscitando novas análises no futuro, sob outros aspetos. Apesar da dificuldade em medir o impacte, acredita-se que com a perseverança que demonstram, os “neo-rurais” podem vir a dinamizar a nível económico, social e cultural a região do “Douro Verde” e outros espaços rurais.

Referências bibliográficas

- 2020, Portugal. (2014). DLBC - Estratégias Para o Desenvolvimento Local. Retrieved 20 Abril, 2015, from https://www.portugal2020.pt/Portal2020/desenvolvimento_local_dlbc
- Affairs, Department of Economic and Social. (2014). *World Urbanization Prospects: The 2014 Revision: Highlights*. New York: United Nations.
- Anderson, T, & Kanuka, H. (2003). *e-Research, Methods, Strategies and Issues*. USA: Person Education.
- Azevedo, Nuno. (2010a). *O aproveitamento das amenidades rurais na valorização do território: o caso de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Paper presented at the XII Colóquio Ibérico de Geografia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Azevedo, Nuno. (2010b). *Tempos de mudança nos territórios de baixa densidade: as dinâmicas em Trás-os-Montes e Alto Douro* Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Baptista, Fernando Oliveira. (1993). *Agricultura, Espaço e Sociedade Rural*. Coimbra: Fora do Texto.
- Baptista, Fernando Oliveira. (1993). *A política agrária do Estado Novo*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Baptista, Fernando Oliveira. (1996). Declínio de um tempo longo. In J. Brito (Ed.), *O Voo do Arado* (pp. 33-75). Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, Instituto Português dos Museus/Ministério da Cultura.
- Baptista, Fernando Oliveira. (2006). O Rural depois da Agricultura. In M. L. Fonseca (Ed.), *Desenvolvimento e Território – Espaços Rurais Pós-agrícolas e os Novos Lugares de Turismo e Lazer*. (pp. 85-100). Lisboa: CEG.
- Baptista, Fernando Oliveira. (2010). *O espaço rural : Declínio da Agricultura*: Celta.
- Baptista, Fernando Oliveira, & al, et. (2004). *Rural e Agricultura*. Paper presented at the II Congresso de Estudos Rurais – Espaços Rurais Periféricos, Universidade dos Açores, Angra do Heroísmo.
- Batista, Paulo, & Figueiredo, Elisabete. (2010). *Caminhos Possíveis do Rural em Portugal: As prioridades do novo programa de desenvolvimento rural*. Paper presented at the IV Congresso de Estudos Rurais, Universidade de Aveiro.
- Barreto, António. (2000). *A Situação Social em Portugal (1960-1999)*. Lisboa: ICS.
- Bogdan, R, & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Candiotto, Luciano, & Corrêa, Walquíria. (2008). Ruralidades, Urbanidades e a Tecnicização do Rural no contexto do debate Cidade-Campo. *Campo-território: revista de geografia agrária*, Vol. 3 nº 5, 214-242 (fev).
- Carmo, Renato. (2009). A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação *Sociologias*, Ano 11, nº 21 (jan/jun), 252-280.
- Carneiro, Maria. (2008). "Rural" como categoria de pensamento. *Ruris*, vol 2 nº1, 9-38.
- CCDRN. (2015). Região Norte. Retrieved Março 2015, from <http://www.ccdr-n.pt/regiao-norte>
- Cavaco, Carminda (2009), “Os espaços rurais como espaços de vida: mobilidades residenciais e novas formas de habitar”, in Baptista, Jacinto e Mendes (coord.), *Os territórios de baixa densidade em tempos de Mudança*, Câmara Municipal de Proença a Nova, Centro de Ciência Viva da Floresta, pp.39-72.
- Cordovil, Francisco. (1997). *Desenvolvimento Rural e Conservação do Campo*. Dinâmia - Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica.
- Covas, António. (2007). Os “futuros” do mundo rural português. De espaço produtor a espaço

- produzido: mercados emergentes e neo-rurais. Versão reduzida do artigo — Espaço rural, de espaço produtor a espaço produzido. *Ruralidades, 1*.
- Covas, António. (2009). *Neo-Rurais e mercados emergentes em agroicultura: o campo revisitado*. Paper presented at the Seminário: Desenvolvimento Rural: tendências e oportunidades, Serpa.
- Covas, António, & Covas, Maria. (2011). *A Grande Transição: Pluralidade e Diversidade no Mundo Rural*: Edições Colibri.
- Covas, António, & Covas, Maria. (2012). *A Caminho da 2.ª Ruralidade: Uma Introdução à Temática dos Sistemas Territoriais*: Edições Colibri.
- Covas, António, & Covas, Maria. (2013). A construção social dos territórios-rede da 2ª ruralidade dos territórios-zona aos territórios-rede construir um território de múltiplas territorialidades. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território, Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, 3 (Junho)*, 43-66.
- Covas, Maria. (2008). *A nova ruralidade com problemática educacional e como oportunidade para o desenvolvimento: algumas reflexões a propósito*. Paper presented at the Encontro Luso-Angolano. Economia, Sociologia e Desenvolvimento Rural, Universidade de Évora
- Dias, Lino Tavares. (2014). *Paisagens milenares do Douro Verde* (6ª ed.). Amarante: Gráfica do Norte.
- Dinis, Isabel et al., (2001). *Da Desvitalização à Nova Ruralidade. Identidades e Destinos do Território na Serra da Lousã*, In Actas do 1º Congresso de Estudos Rurais “Território, Sociedade e Políticas”, Vila Real, 16-18 de Setembro.
- Dolmen. (2009). Candidatura Reconhecimento Formal como Estratégia de Eficiência Colectiva Paisagens Milenares no Douro Verde (pp. 33): PROVERE – Programa de Valorização Económica de Recursos Endógenos.
- Dolmen. (2015). Apresentação. Retrieved Janeiro 2015, from <http://www.dolmen.co.pt/index.htm>
- Domingues, Álvaro. (2012). *Vida no campo*. Porto: Dafne Editora
- Dower, Michael. (1999). Le Paysage: M ariage de la Nature et de la Culture. *Patrimoine Européen, 19*, 19-20.
- Duque, Ana, Figueiredo, Elisabete, Silva, Diogo, & Fernandes, João. (2014). *A imagem do rural na imprensa nacional: análise do Correio da Manhã e Público (1990-2012)*. Paper presented at the VIII Congresso Português de Sociologia - 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas, Évora.
- Entrudo, Ana, & Serafim, Maria do Rosário. (2004). Um desafio aos jovens das zonas rurais. *Pessoas e lugares - Jornal de Animação da Rede Portuguesa Leader +*, 21, 3.
- Estatística, Instituto Nacional de. (2013). *Retrato territorial de Portugal – 2011* Lisboa: I.P Lisboa.
- Ferrão, João. (2003). Mudança económica em áreas rurais: uma visão evolucionista. *Revista da Faculdade de Letras do Porto - Geografia, 1 série, vol. XIX*, 245-253.
- Ferrão, João, & Lopes, Rual. (2003). Zones rurales et capacité entrepreneuriale au Portugal: pratiques, représentations and politiques. *Géographies, Économie, Société, 5*, 139-160.
- Figueira, Eduardo. (2012). Ruralidade. *VeZ e Voz - Revista da Animar*.
- Figueiredo, Elisabete. (2012). *Rural Matters – Significados do rural em Portugal: entre as representações sociais, os consumos e as estratégias de desenvolvimento*. Paper presented at the IX Colóquio Ibérico de Estudos Rurais – (I)Mobilidades e (Des)Envolvimentos: o Rural desafiado, Lisboa.
- Fonseca, Fernando, & Ramos, Rui. (2007). *O turismo no espaço rural como eixo estratégico de desenvolvimento sustentável: o caso de Almeida*. Paper presented at the 13º Congresso da APDR, Terceira, Açores.

- Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral. (2013a). *Programa de Desenvolvimento Rural do Continente para 2014-2020: Medida 3 - Valorização da produção agrícola*. Governo de Portugal.
- Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral. (2013b). *Programa de Desenvolvimento Rural do Continente para 2014-2020: Medidas – Condições Gerais*. Governo de Portugal.
- Giuliani, Gian. (1990). Neo-ruralismo: o novo estilo dos velhos modelos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 5, nº14, 59-67.
- Guizo, Aida. (2011). *Agricultura e Ruralidade em Portugal: 1970-2000*. (Tese de Doutoramento), Instituto Universário de Lisboa.
- Gurría, Angel. (2007). *Innovative Rural Regions: The Role of Human Capital and Technology*. Paper presented at the OECD Rural Conference, Centro Cultural San Francisco, Cáceres, Spain
- Kayser, Bernard. (1990). *La renaissance rurale: sociologie des campagnes du monde occidental*. Paris: Armand Colin.
- Leal, Duarte. (2014). *O povoamento neo-rural em Portugal Continental: riscos e oportunidades para o planeamento do espaço rural*. (Dissertação de Mestrado), Instituto Superior Técnico Lisboa.
- Lima, Aida. (2006). A Valorização Social e Económica dos Recursos dos Territórios Rurais no Contexto das Sociedades Modernas. *Cidades - Comunidades e Territórios*, nº 12/13 (Dez), 151-158.
- Lisboa, Área Metropolitana de. (2015). Área Metropolitana de Lisboa. Retrieved Março, 2015, from <http://www.aml.pt/aml/>
- Marques, Marta. (2002). O conceito de espaço rural em questão. *Terra Livre, Ano 18, n. 19 (jul/dez)*, 95-112.
- Marques, Teresa. (2002). *Dinâmicas territoriais : Portugal na transição do século (XX/XXI)*. (Mestrado), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Marques, Teresa. (2003). Dinâmicas territoriais e as relações urbano-rurais. *Revista da Faculdade de Letras - Geografia, I série, vol. XIX*, 507-521.
- Martins, José. (1981). *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo: Hucitec.
- Martins, José de Souza. (2001). O futuro da Sociologia Rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural. *Estudos Avançados*, Vol. 15 nº43.
- Mitchell, C.J.A. (2004). Making sense of counterurbanization. *Journal of Rural Studies* nº 20, 15-34.
- Moreno, Luís. (2014). O Rural – Leituras, Dinâmicas, Animação e Desenvolvimento *Vez e Voz - Revista da Animar, Edição Especial (Dezembro)*, 5-12.
- Neto, Paulo, & Natário, Manuela. (2009). O novo paradigma de desenvolvimento rural: Os pólos de excelência rural. *CEFAGE - Universidade de Évora*(Working paper).
- Norte, Novo. (2015). Apresentação. Retrieved Janeiro 2015, from <http://www.novonorte.qren.pt/pt/investimento-publico/apresentacao/>
- OECD. (2006). The New Rural Paradigm: policies and governance. In OECD (Ed.), *OECD Rural Policy Reviews*.
- Parlementaire, Assemblée. (2007). *Documents*. Council of Europa. Strasbourg.
- Pascoaes, Teixeira de. (1907). *As sombras*. Lisboa: Livraria Ferreira.
- Políticas, Gabinete de Planeamento e. (2012). *Programa de desenvolvimento rural 2014-2020: Documento de orientação*: Ministério da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento do Território.
- Portugal, Associação dos Jovens Agricultores de. (2012). *A instalação de Jovens Agricultores: fatores que determinam o sucesso* (Consulai Ed.): Associação dos Jovens Agricultores de Portugal.

- Portugal, Governo de. (2014). *Portugal 2020: Acordo de Parceria 2014-2020*. Governo de Portugal.
- Portugal, Quatenaire. (2008). *Nas Margens do Tâmega - Mercado de Trabalho, Pobreza e Exclusão: interações e intervenções*: Diferença, Lda.
- Primus. (2015). Retrato da Área Metropolitana do Porto: Território. Retrieved Março, 2015, from <http://www.primus-dr.pt/v2/index.php?oid=9>
- PRODER. (2011). Instalação de Jovens Agricultores. Retrieved Março, 2015, from <http://www.proder.pt/conteudo.aspx?menuid=445&exmenuid=444>
- PRODER. (2012). Perfil do PRODER. Retrieved Março, 2015, from <http://www.proder.pt/conteudo.aspx?menuid=329&eid=263>
- PRODER. (2014). *Relatório de Execução*: Governo de Portugal.
- Queiróz, Eça de. (1901). *A cidade e as serras*. Porto: Livraria Chardron.
- Rebelo, João. (2015). Inserção da agricultura familiar no mercado: A cooperação vertical. *VeZ e Voz - Revista da Animar, Edição especial Março*, 81-90.
- Reis, Paula. (2014). *Os atores do novo paradigma do mundo rural: os neo-rurais das aldeias históricas de Portugal*. Paper presented at the VIII Congresso Português de Sociologia - 40 anos de democracias: progressos, contradições e propestivas, Évora.
- Ribeiro, Paulo. (2013). *Êxodo urbano, gentrificação rural e o futuro da paisagem*. (Dissertação de Mestrado), Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- Ribeiro, Orlando. (1998). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (7ª ed.). Lisboa: Sá da Costa.
- Roca, Maria. (2011). *Os Novos Rurais da Beira Interior: (Potenciais) Agentes de Desenvolvimento Local*. Paper presented at the Seminário Ibérico "Combate à desertificação, abandono rural e despovoamento - intervenções raianas", Idanha-a-Nova.
- Rolo, Joaquim, & Cordovil, Francisco. (2014). *Rural, Agriculturas e Políticas*. Lisboa: Animar - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local.
- Sastoque, Marlon. (2013). Una Tipología de los Nuevos Habitantes del Campo: aportes para el estudio del fenómeno neorrural a partir del caso de Manizales, Colombia. *RESR, Vol. 51, Supl. 1*, S031-S048.
- Silva, Diogo, & Figueiredo, Elisabete. (2013). *A Política do Rural na Política em Portugal – Quão novos são os novos desafios da estratégia Europa 2020 para o mundo rural?* Paper presented at the II Conferência de Planeamento Regional e Urbano - Conferência Internacional Europa 2020, Universidade de Aveiro.
- Silva, T. (2009). *A percepção de risco e o conflito socioambiental no campo: a luta pela preservação de uma amenidade rural*. XIV CISO – Encontro de Ciências Sociais do Norte e Noroeste, GT 15 - Recomposições do Rural: territórios e identidades, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Sampaio, Dora et al., (2011). *Marcas do passado, (in) acções do presente e caminhos de futuro no Alentejo Litoral: Olhares cruzados sobre Santa Susana*. In Elisabete Figueiredo (coord.), *O Rural Plural – Olhar o presente, imaginar o futuro* (pp. 455-470). Castro Verde: 100 Luz.
- Silva, Diogo, Figueiredo, Elisabete, & Rodrigo, Isabel. (2014). *O rural por quem o transformou – narrativas políticas sobre o rural português e o seu desenvolvimento nos últimos 30 anos*. Paper presented at the VIII Congresso Português de Sociologia - 40 anos de democracia: progressos, contradições e prospetivas, Évora.
- Silva, José Manuel. (2012). *As assimetrias regionais em Portugal : análise da convergência versus divergência ao nível dos municípios*. (Dissertação de Mestrado em Economia, Mercados e Políticas Públicas), Universidade do Minho.
- Soares, Pedro. (2013). *Jovens agricultores: transição rural ou regresso à terra?* Lisboa:

- Animar, ISA, INIAV, Rota do Guadiana.
- Soares, Pedro. (2014). *Jovens agricultores e agricultura familiar (Transição Rural ou Regresso à Terra?)*. Paper presented at the Seminário Regional do Alentejo: Agricultura familiar e sustentabilidade dos territórios rurais, Universidade de Évora.
- Sousa, Comunidade Intermunicipal do Tâmega e. (2015). Quem somos. Retrieved Janeiro, 2015, from <http://www.cimtamegaesousa.pt/index.php/2011-10-31-16-40-59/quem-somos>
- Trigo, Hélder. (2008). *Porquê (e razões para) a mitificação do campo*. Paper presented at the VII Colóquio Ibérico de Eestudos Rurais – Cultura, Inovação e Território, Coimbra.
- Union, European. (2013). *Rural Development in the EU: Statistical and Economic Information*: European Union - Directorate-General for Agriculture and Rural Development
- Woods, M. (2011). *Rural*. London and New York: Routledge.

Anexos

Anexo 1 – Entrevistas aos “neo-rurais” do “Douro Verde”

Entrevista Nº1 E1

Data: 14/02/2015

Local: Vila Cova, Penafiel

Perfil

Idade	28
Sexo	F
Habilitações literárias	“Licenciatura em Ciências da Comunicação. Frequento atualmente Mestrado em Engenharia Agronómica na UTAD.”
Naturalidade	Porto
Profissão	“Empresária em nome individual e agricultora. Posso dizer Empresária Agrícola.”
Freguesia e concelho atual	Vila Cova, Penafiel

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

- 1. Onde residia antes da mudança** - Águas Santas, Maia
- 2. O que fazia profissionalmente** - “Assessora de comunicação foi o meu último trabalho. Mas também tive antes desempregada e sempre com trabalhos sem futuro, inconstantes e pouco duradouros.”
- 3. Data da mudança**- Janeiro de 2013
- 4. Porquê de ter mudado/motivações** - “Essencialmente, procura de novas oportunidades de trabalho. De seguida, melhor qualidade de vida, em que englobo a saúde, os gastos, o menor custo de vida, a paz interior conseguida com a tranquilidade, a melhor alimentação, devido ao acesso a melhores produtos.”
- 5. Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia**- “Eu queria uma área próxima do Porto, com bons acessos, suficientemente longe do meio urbano para haver qualidade para agricultura biológica, onde não há muita poluição, e ao mesmo tempo uma área próxima de grandes centros para escoar a produção. Depois de tentar vários concelhos a escolha surgiu devido também à ajuda por parte da Câmara Municipal de Penafiel. Eles estão muito organizados e têm o programa “Semear Penafiel”, em que existe uma articulação perfeita entre programa e jovens agricultores. Também escolhi Vila Cova por ser uma zona calma e pelo facto de não existir agricultura industrial/intensiva.”
- 6. O que menos gostava do meio urbano/cidades**- “É o ritmo de vida stressante, o tempo perdido no trânsito, a enormidade de tempo que se perde no deslocamento trabalho-casa. Também a poluição. Nas cidades sobrevive-se, no campo vive-se.”

Situação atual

- 1. Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?** - “Sim, sem dúvida que tive problemas ao integrar-me aqui.”
- 2. Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?**- “A mudança, no geral, é algo que assusta muito as pessoas. O facto de continuarmos na cidade é mais fácil, é a nossa zona de conforto. Mas a mudança foi difícil por não ter raízes na terra, as pessoas têm a terra como sua logo têm reticências quanto à chegada de novas pessoas. Houve cortes de água no monte, houve fogo posto em campos anexos à propriedade, que podia ter morto animais na quinta. As pessoas criam muitos boatos como: “ai veio para aqui para roubar as pessoas”. No geral, posso dizer que era violência psicológica.”
- 3. Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração**- “Ajustar a comunicação, que é um ponto forte meu, já que a minha formação é nessa área. Tentei ler as pessoas e perceber os seus medos e tentei mudar a imagem que tinham de mim. Tentei novas estratégias de

comunicação, mostrar-me disponível para ajudar. Ofereci produtos da quinta, no fundo, passar uma mensagem de “paz e amor”.”

4. Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-

4.1. Económicos- Sim ou não? – “Sim, acho que na freguesia foi criado algum impacto porque não existe nenhum investimento desta natureza na área. Serão as primeiras estufas da freguesia, que tem uma agricultura muito familiar e tradicional. Também porque sempre que necessário são contratados serviços periódicos para ajuda. Já existiu a possibilidade de um estágio e no futuro da criação de um posto de trabalho.”

4.2. Sociodemográficos - Sim ou não? – “ Sim, vários amigos com filhos querem ir para a freguesia, o que ajudará no repovoamento e consequente rejuvenescimento da freguesia. O facto de eu ter vindo, já despertou interesse a muita gente, mesmo desconhecido, para também fazer o mesmo, e penso que, sem dúvida, pode ter um efeito positivo social na freguesia.”

4.3. Ambientais - Sim ou não? – “Sim, pratico uma agricultura biológica, sustentável, com preocupações de conservação do meio-ambiente. Faço compostagem e ao mesmo tempo, limpei todo o terreno que estava abandonado há mais de 10 anos. Houve uma conservação da paisagem natural da freguesia. Para além disso, tento sempre uma redução de uso de viatura própria.”

4.4. Culturais e institucionais - Sim ou não?- “Sim, apesar de ainda não estar inserido noutros grupos, integro o Grupo de Produtores Biológicos do Concelho de Penafiel, sediado na Cooperativa Agrícola de Penafiel.”

5. Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-

“Bem, isto tudo começou em 2012. Fiz umas formações/workshops de agricultura e comecei a interessar-me pela área. Devido a não ter estabilidade a nível profissional, pensei em começar o projeto e iniciei a procura de terrenos, junto de contactos com Câmaras Municipais. De seguida, a de Penafiel auxiliou em Outubro de 2012 assinei o contrato de arrendamento da propriedade. Quando comecei o projeto agrícola, quis apostar numa agricultura biológica, sempre orgânica, nunca pensei em usar químicos para uma maior sustentabilidade. Pensei em apostar num nicho de mercado para a restauração, de mini-legumes, flores comestíveis e silvestres e sementes comestíveis, que têm muita procura. São cerca de 2 hectares, certificados em modo de produção biológica. O escoamento de produtos é feito através de uma cadeia com chefes da alta restauração. Participo também em feiras, por exemplo, a Portugal Agro em Lisboa, que correu muito bem.”

6. O que mais gosta no meio rural- “Da vida simples, isenta de luxos, da maior qualidade de vida. Do estilo de vida saudável, de comer o que vem da natureza e de consumir o estritamente necessário à vida.”

7. O que mais e menos gosta no concelho- “Penso que a falta de associações, de grupos de pessoas que promovam a agricultura é um ponto negativo. Falta muito conhecimento na agricultura nesta área. A favor, posso falar na tranquilidade, no contexto, na natureza desta área.”

Perspetivas futuras

1. Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não? – “Sim, na perspetiva de terem mais qualidade de vida. Mas não, se não vierem com predisposição, com uma mentalidade de agricultura orgânica e vontade de trabalhar. Isso tem de ser avaliado caso a caso.”

2. Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver- “Vejo o futuro de forma risonha. Apostei num nicho de mercado, que penso que tem atratividade por parte dos fornecedores e consumidores. Quero manter padrões de qualidade elevados, com ausência de químicos, que faz com o produto final seja isento de substâncias nocivas. Para o futuro, já estou em contactos com uma transportadora e tenho em mente a criação de unidade de transformação de produtos, de 60m2, para alugar de forma a rentabilizar o espaço.”

3. Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?-“Sim, tenho intenção de continuar.”

4. Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos. - “Sim, os neo-rurais vão contribuir para o repovoamento e com as novas capacidades que têm, adquiridas pela teoria e estudo, podem ter a capacidade de dinamizar economicamente áreas que até agora eram “mortas”.

5. Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:

- 5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais- “ Como são meios pequenos era fácil. A igreja e a Junta são os pilares e a Câmara podia informar os presidentes de Junta que vinham novas pessoas e criar uma espécie de comissão de “boas-vindas”. Tentar acompanhar a transição das pessoas, ajudando-os e tendo pessoas de perto que fizessem a “ponte.” Ainda, acho que têm de ser dados benefícios fiscais e, por exemplo, de arrendamento para facilitar a vinda.”
- 5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “ Falta uma plataforma de divulgação, para divulgar belezas da terra, de forma a mais pessoas conhecerem o local. Criar uma espécie de “diário da freguesia”, contribuindo com fotografias da mesma.”
- 5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “ Penso que o caminho é mais vinda de jovens agricultores, mais neo-rurais como o meu caso. Aumentar os apoios, os concursos, para que os jovens possam aproveitá-los e tentar um meio de subsistência económica, ajudando-os a eles próprios e aos territórios onde se inserem.”

Entrevista Nº 2 E2

Data: 03/03/2015

Local: Gondar, Amarante

Perfil

Idade	33
Sexo	Feminino
Habilitações literárias	“Licenciatura em Engenharia do Ambiente e frequente Mestrado em Engenharia Agronómica na Universidade de Trás os Montes e Alto Douro (UTAD). Para além disso, tirei também uma Pós- Graduação em Higiene e Segurança no Trabalho.”
Naturalidade	Lisboa
Profissão	“Neste momento desempregada”
Freguesia e concelho atual	Gondar, Amarante

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** - “Lisboa. Vivi em Viseu para tirar o curso e também trabalhei no Porto.”
2. **O que fazia profissionalmente**- “Fui comercial e assistente de loja para a Sonae. Entretanto também fui Formadora.”
3. **Data da mudança**- Setembro de 2013
4. **Porquê de ter mudado/motivações**- “Quanto aos motivos, foi porque existiu oportunidade de integrar um projeto agrícola, com pessoas de cá, locais. E foi a motivação principal. Foi mesmo pela situação que foi criada, criou-se uma nova oportunidade e foi em Setembro que também decidi ingressar no Mestrado... E também porque a situação anterior era muito instável na minha área profissional.”
5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia**- “Exatamente pelas razões anteriores, foi aqui que surgiu a oportunidade de ingressar num projeto agrícola”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades**- “ O pior era o stress do dia-a-dia, a confusão, o trânsito. Isso eu odiava, era das piores coisas.”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?**- “Não, já conhecia muitas pessoas cá, mais pessoas antes da mudança para aqui. Não senti dificuldade a nível das pessoas, de convivência. Se me perguntassem a nível da cidade, sim! Sem dúvida que é uma diferença muito grande o meio rural, a vida, o dia-a-dia, as ofertas. Mas acho que sou uma pessoa que se adapta muito bem às situações, talvez não tenha sentido tanto por essa razão.”

2. Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?-
3. Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-
4. **Perceção- Impactes da inserção-** Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos em várias âmbitos
 - 4.1. **Económicos-** Sim ou não? “Sim. A ideia é o projeto ser sustentável e para além disso rentável. Mas sabemos que a agricultura é algo que não há garantias de nada porque estamos condicionados ao tempo, e a muitos fatores. Portanto, a ideia é ser rentável e a ter um crescimento cada vez maior e, com isso, empregabilidade. Aliás, neste momento já submetemos um estágio profissional e vem uma pessoa de fora para cá. Há uma pessoa que ficou interessada a vir para cá, vinda de Espanha.”
 - 4.2. **Sociodemográficos-** Sim ou não? “Não. Neste momento enquanto eu não conseguir ver a rentabilidade do projeto não aconselhava a vinda de novas pessoas, porque é uma coisa desconhecida. Não vou dizer às pessoas para trocarmos o certo pelo incerto. Só depois de passar pela experiência. E a minha vinda não teve, por enquanto, impactes sociais positivos.”
 - 4.3. **Ambientais-** Sim ou não? “Sim. Eu já sou Engenheira do Ambiente, a nível de impacte ambiental eu já tinha muitas práticas ambientais “amigas”. A agricultura biológica também contribui muito a nível de práticas agrícolas para a sustentabilidade. Eu já tinha essas práticas e continuo a promovê-las.”
 - 4.4. **Culturais e institucionais-** Sim ou não? “Não, por acaso não. Não integro nenhuma associação ou grupo cultural.”
5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** “Neste momento estou com o subsídio de desemprego e depois a ideia é a minha subsistência vir do projeto que vou desenvolver. O projeto é de ervas aromáticas em modo de produção biológica, certificado. Foi financiado pelo PRODER, é uma área de 1.8 hectares, a ideia é depois aumentar. A família herdou o terreno, queriam rentabilizar o espaço. Um engenheiro agrónomo aconselhou a vertente das ervas aromáticas e submeteu-se o projeto e foi aprovado. A ideia é vender em seco, secar as folhas de ervas aromáticas e depois vender para chás, indústrias farmacêuticas.”
6. **O que mais gosta no meio rural-** “ É a natureza, o ar puro, a tranquilidade.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside-** “Amarante parece que parou no tempo, não acompanhou a evolução de Penafiel, por exemplo. Há muito pouca oferta a nível comercial, falta mais comércio para chamar mais pessoas, para dinamizar. Uma pessoa às vezes quer comprar algo e pensa logo em ir para um cidade maior, como o Porto. Não tentar ser urbano, mas um pouco mais.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** - “Não, depende de como correr este projeto, se posso aconselhar ou não. Não quero que as pessoas troquem o certo pelo incerto. Se eu vir que o projeto é rentável, sim. No ponto da natureza, sim. Mas sem ter projeto como atividade económica não.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “ Penso que irá ser rentável. E já pensei num projeto de flores comestíveis, gostava muito. No futuro, a ideia é começar um novo projeto.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** -“Sim.”
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** ““Acho que sim. Porque esses “neo-rurais”, por norma, são quase sempre pessoas com cursos superiores e podem, ao vir para meios pequenos, conseguir paralelamente à agricultura começar a criar outras atividades. E começar a trazer mais pessoas para. Os “neo-rurais” acrescentam valor, no sentido de trazerem novos conhecimentos, novas ideias, podem ser um ponto de partida para novos projetos. Às vezes, as próprias pessoas das regiões não estão com uma visão que ali exista um potencial de negócio, até porque muitas vezes não têm o capital financeiro para investir.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**

5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais- “ Eu não senti muito isso porque já conhecia pessoas daqui, não senti muito esse impacto. Mas podem ser as juntas que podiam promover e chamar as pessoas mostrando quais seriam os pontos positivos/ as mais-valias do território. E incentivos, tais como isenções fiscais na habitação.”

5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “Não há muito que possa ser feito, nada de novo para criar, penso. É um meio rural, não há muito ali que se possa criar.”

5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “Acho que as próprias autarquias deviam “urbanizar-se” um pouco mais, ou seja, criar aqueles serviços/condições para as pessoas se sentissem num meio rural mas com o acesso a serviços de um meio urbano. Deviam existir mais incentivos. Criar um banco de terras, fazer um contrato de aluguer para quem os quer trabalhar e chamaria mais pessoas. Os dinheiros comunitários têm de ser aproveitados. Os projetos do PRODER foram a causa deste “boom” na agricultura e deveriam existir mais incentivos locais semelhantes ao PRODER.”

Entrevista Nº 3 E3

Data: 20/04/2015

Local: Fridão, Amarante

Perfil

Idade	66
Sexo	F
Habilitações literárias	“Antigo 5º ano, hoje corresponde ao 11º ano.”
Naturalidade	Gulpilhares, Vila Nova de Gaia
Profissão	Reformada
Freguesia e concelho atual	Fridão, Amarante

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

- 1. Onde residia antes da mudança** – Miramar, Vila Nova de Gaia
- 2. O que fazia profissionalmente-** “Funcionária pública, na área da saúde, num centro de saúde, como administrativa.”
- 3. Data da mudança-** 2000
- 4. Porquê de ter mudado/motivações-** “ Comecei a sentir um pouco o vazio da cidade, sem os filhos por perto e pensei em coisas que eu gostava. Uma delas era o meio rural, o campo, onde eu, quando pequena, passava as minhas férias e o gosto pela aldeia ficou até hoje. Era procurar a serenidade do campo, cultivar bio e dar a conhecer às pessoas esta forma de produção.”
- 5. Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “Já tinha raízes familiares, a minha mãe era da freguesia vizinha, Olo. E sempre foi por esta área onde passei as minhas férias. Começamos a procurar e foi aqui que encontrei esta propriedade, que ia de acordo com o queríamos.”
- 6. O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “A poluição e o barulho, talvez seja o que menos gostava. Depois também o trânsito, a agitação da cidade.”

Situação atual

- 1. Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-** “Não, não tive problemas porque de certa maneira já frequentava a aldeia. Tinha algumas raízes em freguesias próximas e como tal fui bem recebida. Só olharam com alguma desconfiança para a agricultura biológica, mas normal.”
- 2. Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?-**
- 3. Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-**

4. Percepção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-

4.1. Económicos- Sim ou não? – “Sim, dei trabalho a muita gente local. Tivemos, por exemplo, de vedar a quinta toda, construir tanques, a casa e depois a trabalhar a tempo inteiro, durante alguns anos, quando a atividade agrícola estava mais explorada. Quando a loja de produtos biológicos esteve aberta, também criamos um posto de trabalho.”

4.2. Sociodemográficos- Sim ou não? – “Sim, nós viemos os 2 viver a tempo inteiro para aqui e povoamos um pouco esta área. Depois, também já alugamos uma casa em que vêm ao fim de semana uns amigos, e mais pessoas mostraram interesse em vir para cá.”

4.3. Ambientais- Sim ou não? – “Sim, nós reflorestamos todo o terreno. Para além disso, limpamos o terreno, conservamos a paisagem local e só produzimos em modo de produção biológica.”

4.4. Culturais e institucionais- Sim ou não? – “Sim, sou sócia do “Amar Olo” que é a associação que protege o Rio e as suas margens.”

5. Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido- “Primeiro, a aposta na agricultura biológica começou porque sempre tive uma preocupação ambiental e de comer saudável, essa consciência. Ao ver o terreno, vi que não podia ser de outra maneira. Criamos uma loja para escoar os produtos e vender outros, todos biológicos. Temos todo o terreno certificado para modo de produção biológica e plantamos uma série de frutos e produtos hortícolas. Tínhamos também dois intermediários, que nos faziam a ligação com o consumidor. Para além disso, algumas lojas vendiam os nossos produtos no Porto. Atualmente, é em feiras locais.”

6. O que mais gosta no meio rural- “Gosto da paz, gosto da simplicidade. Gosto do coração transparente de algumas pessoas. Gosto da sensação de liberdade, sem ritmo acelerado, da vida calma.”

7. O que mais e menos gosta no concelho- “O que mais me atrai é o ambiente, o enquadramento, o contexto natural. O que menos gosto talvez seja a falta de apoio à terceira idade. E também a falta de cultura, o cinema que trabalha mal.”

Perspetivas futuras

1. Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não? – “Sim, claro. Tento sempre que mais familiares façam o mesmo movimento que eu.”

2. Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver- “Acho que a parte da agricultura biológica, neste caso, não é muito rentável neste momento. Mas já fico contente, por dar a oportunidade a pessoas de comerem algo com sabor verdadeiro e saudáveis.”

3. Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não? – “Sim, claro tenho. Já não sairei daqui.”

4. Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos. “Sim e sobretudo jovens. É preciso quem trabalhe nas áreas rurais, jovens com outras capacidades e faz todo o sentido uma nova lufada de ar fresco, com a criação de dinâmicas.”

5. Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:

5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais- “Acho que benefícios fiscais é um caminho interessante. Se estes novos rurais já arriscam a mudança, penso que têm de ser muito apoiados.”

5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “Acho que podia passar por ensinamentos de práticas agrícolas mais amigas do ambiente, para não utilizarem tantos pesticidas. Talvez sessões de esclarecimento na junta de freguesia. Começarem a ensinar as crianças locais os benefícios da agricultura biológica.”

5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “Eu propunha uma maior pressão por parte do governo aos proprietários de terras agrícolas abandonadas, para que, no caso de não quererem produzir, deixarem outros fazê-lo. E assim, mais jovens agricultores podem ter terras para trabalhar.”

Perfil

Idade	57
Sexo	F
Habilitações literárias	“Frequentei o ensino superior e faltava me um ano para acabar a licenciatura em história. Por isso, 12º ano.”
Naturalidade	Lisboa
Profissão	“Atualmente reformada.”
Freguesia e concelho atual	Rebordelo, Amarante

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

- 1. Onde residia antes da mudança** – Porto
- 2. O que fazia profissionalmente-** “Era bancária, subdiretora da parte financeira de um banco.”
- 3. Data da mudança-** 2008
- 4. Porquê de ter mudado/motivações-** “Sempre foi o nosso sonho entrar num processo de ruralidade. Assim, fugiria ao stress da cidade. Foi também por razões de saúde, provocadas pelo stress da profissão.”
- 5. Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “Foi por razões familiares, que o meu marido tinha ligações a esta terra.”
- 6. O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “A poluição, o stress de vida. E de facto, a falta de contacto com a natureza. A cidade não está preparada e as pessoas não têm o hábito de conviver com espaços verdes.”

Situação atual

- 1. Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-** “Não, não posso dizer que tenha tido problemas. Tivemos algumas questões relativas a delimitações de terreno e águas, mas deixamos cair alguns direitos que tínhamos para não existirem “guerras”. Também tivemos algum cuidado para não sermos recebidos de forma negativa.”
- 2. Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?-**
- 3. Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-**
- 4. Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-**
 - 4.1. Económicos- Sim ou não?** – “Não, de maneira nenhuma. Ninguém mudou a sua condição económica pela nossa vinda. Não empregamos ninguém a tempo inteiro. Existem situações pontuais em que pedimos ajuda local, mas sem grande impacte.”
 - 4.2. Sociodemográficos- Sim ou não?** – “Não, ajudamos a povoar o local e damos a conhecer o sítio a outras pessoas, mas não com a dimensão suficiente para ter impactes positivos.”
 - 4.3. Ambientais- Sim ou não?** – “Sim, sem dúvida. Em termos efetivos houve uma grande reflorestação e apostamos numa agricultura biológica, sustentável. E a nossa vinda talvez, aos poucos, vai ajudando a mudar mentalidades. Ouvem um discurso da nossa parte contra os herbicidas, pesticidas...”
 - 4.4. Culturais e institucionais- Sim ou não?** – “Não, não integrei em nenhuma situação alguma entidade cultural.”
- 5. Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** “Já pensamos em Turismo em Espaço Rural, mas neste momento não exerço qualquer atividade relacionada com o meio.”
- 6. O que mais gosta no meio rural-** “Do contacto com a natureza, com a parte agrícola, florestal e animal.”

7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside-** “ O que menos gosto é a ânsia do desenvolvimento e o privilegiar e o facilitar da construção. O que me atrai é a paisagem, a cidade em si é bonita mas é a natureza.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “Sim, claro. Mas as pessoas gostam de vir, de estar uns dias mas não fazem a transição a tempo inteiro.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “Penso que em relação ao futuro existem duas hipóteses. Ou se instala na quinta uma comunidade e consegue viabilizar isto em termos de trabalho e eventualmente terem os tele-trabalhos. Ou um complemento com o turismo rural, que a quinta tem grandes potencialidades.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – “Sim, tenho. Acho que uma pessoa que viveu numa cidade metropolitana e consegue largar a cidade e vir para o campo, nunca mais vai querer ir para a cidade.”
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** “Sim, acho e é a única via. Penso que estamos numa fase em que os autóctones ou se adaptam aos neo-rurais ou então o mundo rural vai morrer. Penso que uma nova geração com novas competências tem tudo para, em parceria com os saberes, pessoas e tradições antigas, dinamizem áreas esquecidas.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
 - 5.1. **Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais-**“ Acho que se devia apostar muito no ambiente, primeiramente. Podiam ser dados benefícios, de forma a ajudá-los a manterem-se nos meios onde se inseriram, de forma a não saírem uns anos depois.”
 - 5.2. **A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural-** “Revalorizar o mundo rural, incentivando a produção. Organizar feiras, facilitando a sua criação. Criar condições locais para uma maior vida comunitária.”
 - 5.3. **Os Territórios Rurais, no geral-** “Uma boa gestão ecológica e ambiental. Desenvolver localmente atividades, mas com a flora e fauna local. Penso que a parte educacional tem de ser mais explorado, ensinando jovens e crianças a uma visão sustentável do território. Aproveitar também o património local, conservando-o e reabilitando-o.”

Entrevista Nº 5 E5

Data: 22/04/2015

Local: Grilo, Baião

Perfil

Idade	35
Sexo	M
Habilitações literárias	“Estudei Gestão Empresarial no ISMAI, mas não terminei por causa do Voleibol. Logo tenho o 12º ano.”
Naturalidade	Paranhos, Porto
Profissão	Empresário Agrícola
Freguesia e concelho atual	Grilo, Baião

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança -** Senhora da Hora, Matosinhos
2. **O que fazia profissionalmente-** “Era Jogador Profissional de Voleibol.”
3. **Data da mudança-** “Início de 2013, apesar de só este ano estar a morar aqui. Até então era ir e vir todos os dias.”

4. **Porquê de ter mudado/motivações-** “Isto tudo começou com o sentir que já não ia ter muito mais tempo como jogador de Voleibol. E depois, os nossos vizinhos atuais, que já eram nossos amigos, já andavam informados destas oportunidades e disseram-nos que devíamos investigar estas hipóteses na agricultura. Informaram-nos que o estado apoia e como aventureiros que somos, assim foi. Muito sinceramente, eu não sabia bem o que fazer ao meu futuro, já fiz de tudo um pouco e a prova disso é ter vindo para aqui e me dedicar à agricultura. Foi um pouco como que uma oportunidade para o futuro.”
5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “Nós procuramos por todo o lado, no Norte do país. Foi difícil encontrar terreno, foram mais de 6 meses de procura, vimos vários terrenos. Os frutos vermelhos precisam de umas condições especiais para ter uma produção à medida. Depois surgiu esta oportunidade, positiva por ser perto do Porto. Não existia qualquer ligação à terra, foi oportunidade. ”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “ A confusão. Apesar de não haver nada que me incomodasse muito nas cidades. Sempre gostei muito da natureza, de campismo, da vida simples e tranquila. Quando surgiu a hipótese da agricultura, achei que era a decisão certa.”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-** “Não, para já, as pessoas são um pouco desconfiadas, mais fechadas. As pessoas vão-se abrindo aos poucos. Mas no geral, não tive grandes problemas. Até agora, não me posso queixar.”
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?-**
3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-**
4. **Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-**
 - 4.1. **Económicos- Sim ou não?** “Sim, sem dúvida. As pessoas que oferecem e prestam serviços aqui, relacionados com agricultura, ficaram a ganhar muito com a vinda de novos agricultores para aqui. Contratamos as pessoas locais, os vizinhos. E vários produtos que necessitamos, tentamos comprar em estabelecimentos locais.”
 - 4.2. **Sociodemográficos- Sim ou não?** – “Não, à partida, ainda não. Temos um contrato de arrendamento dos terrenos de 15 anos e com opção de prolongar. Mas, sem dúvida, a minha intenção é constituir família aqui, talvez trazer os sogros. Tivemos implicações ao vir para aqui, para uma zona rural e sem muita gente, mas não posso dizer que existiram, até então, impactes sociais positivos.”
 - 4.3. **Ambientais- Sim ou não?** “ Não, até agora sou sincero, não me preocupei muito com isso. Tenho os campos plantados, mas anteriormente eles já estavam. Ando pouco de carro, até porque as coisas são perto. Fiz um curso de modo de produção biológico, mas não posso correr o risco daquilo que eu tou a produzir não correr bem. A pouco e pouco vou-me preocupando mais com essa parte ambiental. Numa parte do terreno vamos apostar num modo de produção biológica.”
 - 4.4. **Culturais e institucionais- Sim ou não?** – “ Não. Vou integrar uma associação de produtores mas só.”
5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** “Começamos por procurar o terreno, que não é subsidiado, é à nossa conta. Após, uma grande procura escolhemos este aqui. Temos 5 hectares cultivados, num total da propriedade de 15. Candidatamo-nos aos fundos e recorremos a uma empresa para ajudar na elaboração do projeto de investimento para a instalação de Jovem Agricultor no âmbito do PRODOR, na região norte. Apostei nos pequenos frutos silvestres. Foi um grande desafio mas está a correr bem. Eu produzo amoras e a minha mulher groselhas.”
6. **O que mais gosta no meio rural-** “ Sempre gostei da natureza e gosto da paz e sossego. Mas o que mais me atraiu na vinda para aqui, foi o desafio de concretizar o projeto. Tenho trabalhado muito, todos os dias, para fazer isto acontecer.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside-** “Gosto da tranquilidade, da vida calma. Um fator a favor é o facto de ser perto de grandes cidades. Nada a apontar como negativo.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “Sim, eu já fiz isso, mas há algo que é essencial: vontade de trabalhar e gosto por isto. Porque não é nada fácil.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “Penso que vai ser muito risonho, só pode ser risonho. Sou otimista e não há outra hipótese senão isto correr bem. Está tudo feito, já estamos em produção. Num breve futuro, vamos começar a produção com as amendoeiras e a vinha.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – “Sim, sem dúvida. Quero constituir aqui família.”
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** “ Sim, acho que sim. Penso que tem de haver uma maior cooperação entre as pessoas. Mas penso que é preciso um espírito para transitar para o meio rural, não se muda sem capacidade e vontade para tal.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
 - 5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais- “Acho que as pessoas devem lutar por aquilo que querem. À partida, também têm de ser as pessoas a procurar ajudas, tem de passar pelos interessados. E depois sim, que houvesse cooperação e ajuda, alguns benefícios, por parte das entidades.”
 - 5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “Penso que podem atrair mais pessoas, apesar de já termos aqui vários novos rurais, jovens agricultores. Mas esses mesmos têm de vir com vontade de trabalhar.”
 - 5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “Acho que o mais interessante era a reeducação das pessoas, a olharem o rural com outros olhos para, aí sim, chamarem novos residentes. Deixar de ver o rural como inferior mas ao mesmo tempo não o ver só como algo fonte de rendimento e produtividade a todo o custo... Um equilíbrio.”

Entrevista Nº 6 E6

Data: 06/05/2015

Local: Grilo, Baião

Perfil

Idade	39
Sexo	F
Habilitações literárias	Licenciatura em Engenharia Química
Naturalidade	Cedofeita, Porto
Profissão	Empresária Agrícola
Freguesia e concelho atual	Grilo, Baião

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança -** Matosinhos
2. **O que fazia profissionalmente-** “Trabalhava como engenheira, numa agência de energia.”
3. **Data da mudança-** 2013
4. **Porquê de ter mudado/motivações-** “Bem, foi um pouco por oportunidade de começar este projeto agrícola. As perspetivas de emprego, a nível de progressão profissional, eram reduzidas no trabalho anterior e então vi este projeto como uma nova oportunidade económica e profissional.”
5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “Andava à procura de terrenos para arrendar e surgiram estes, que tinham as condições necessárias para a execução do projeto. Foi uma questão de oportunidade. Também queria um sítio perto das zonas urbanas, de forma a poder ter mobilidade.”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “O trânsito, a confusão...”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?**- “ Não, pelo contrário. As pessoas foram muito prestáveis e recetivos, gostaram muito de ter aqui e receber juventude. Acho que a razão passa por já sermos alguns e porque acabamos por contribuir para a economia local.”
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?**-
3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-**
4. **Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?**
 - 4.1. Económicos- Sim ou não? – “Sim, sem dúvida. Criamos uma maior dinâmica económica na localidade. Temos contratado várias empresas para prestação de serviços, todas locais. Temos contratado muitas pessoas para nos ajudarem a trabalhar na exploração. Almoçamos diariamente no restaurante local, frequentamos com muita frequência os cafés locais. Para além disso, vamos à drogaria local, ao mercado...”
 - 4.2. Sociodemográficos- Sim ou não? – “Sim, sem dúvida. Ajudamos, quer eu, quer os restantes jovens agricultores aqui instalados, por ajudar a povoar e rejuvenescer a freguesia. E já trouxe também os meus pais.”
 - 4.3. Ambientais- Sim ou não? – “Sim, logo por estarmos em modo de produção biológico e por termos conservado paisagem. Tento usar muito pouco o carro, até porque agora tenho moradia aqui.”
 - 4.4. Culturais e institucionais- Sim ou não? – “Sim, tentamos relacionarmos com atividades culturais locais e temos relações com a Associação Empresarial de Baião.”
5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** “Isto é um projeto de jovem agricultor, que foi aprovado há cerca de um ano e meio. Fiz muitas formações, de forma a aprender tudo quanto podia sobre o ramo, já que a experiência na área era nula. Na exploração, produzimos mirtilo, em 1,7 hectares, e 0,7 hectares de goji em modo de produção biológico. O objetivo é a exportação, cerca de 95%. As perspetivas são boas. Fiz parte da criação de uma associação de produtores de mirtilo, com vista ao escoamento do produto e que está a ter um bom desenvolvimento.”
6. **O que mais gosta no meio rural-** “A paz, a calma... o ouvir dos passarinhos. A vida menos agitada e o maior trabalho físico, que é bom para a mente e para o corpo.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside-** “Gosto da dinâmica do concelho, embora seja um concelho muito rural e com muitas necessidades. A Câmara tem desenvolvido muitas atividades. Pela negativa, faz falta algo mais na cultura.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “Sim, claro. Até porque os meus pais já vieram do ambiente urbano para aqui, ajudar na exploração, com o meu conselho.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “Sim, vejo o futuro com bons olhos. A nossa aposta foi muito consciente, sabíamos que não íamos enriquecer do nada com isto mas acho que é um bom meio de vida, que vai gerar o suficiente para a subsistência.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – “Sim, não penso em abandonar o projeto tão cedo.”
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** - “Eu acho que sim, mas acho que é mais fácil para um concelho como este, que é relativamente próximo das urbes, do que se me falar em Trás-os-Montes. Os novos rurais querem mudar, mas, como no meu caso, é mais fácil havendo proximidade com áreas urbanas. Mas, sem dúvida, que criam dinamismo económico e social para inverter o esquecimento das áreas rurais. ”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
 - 5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais- “Eu acho que, por exemplo devia haver mais apoio à habitação, ao arrendamento. Eu tive graves dificuldades para arranjar uma habitação. Podia-se fomentar a reabilitação de casas locais para posterior arrendamento.”
 - 5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “Talvez mais atividade cultural. Um sitio de encontro para a comunidade interagir entre si.”

5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “Penso que tem de ser todo em conjunto. A agricultura pode muito bem ser complementada com várias coisas, uma ação integrada com atividades complementares.”

Entrevista Nº 7 E7

Data: 06/05/2015

Local: Grilo,Baião

Perfil

Idade	38
Sexo	M
Habilitações literárias	“12ºano de escolaridade. Frequentei o ensino superior, mas não acabei o curso.”
Naturalidade	Porto
Profissão	“Trabalho por conta própria, sou empresário agrícola.”
Freguesia e concelho atual	Grilo, Baião

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** – “Matosinhos, e ainda lá tenho casa. Eu vivo nos 2 sítios, tanto cá, como lá.”
2. **O que fazia profissionalmente**- “Trabalhava por conta própria também, na área do turismo.”
3. **Data da mudança**- 2013
4. **Porquê de ter mudado/motivações**- “Porque sempre apostei no trabalho na zona interior, acho que há mais possibilidades. Como busca de oportunidade de atividade, e já gostava do campo, tenho família que mora no interior do país. Sempre achei que era benéfico trabalhar nestas áreas, apostando no turismo ou agricultura.”
5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia**- “Foi pela qualidade do espaço, do terreno, foi o melhor sítio que encontrei, depois de várias pesquisas, com a proximidade do Porto. Como eu faço vida nos dois lados, não ia estar longe do Porto, preciso de mobilidade.”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades**- “O trânsito e o custo de vida mais elevado. A qualidade de vida inferior, no geral.”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?**- “Não, na minha perspetiva não tive qualquer problema. Senti que algumas pessoas tinham aquela sensação de pertença para com as terras mas a minha resposta sempre foi: “porque não fazem vocês então?”.”
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?**-
3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração**-
4. **Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?**
 - 4.1. **Económicos- Sim ou não?** – “ Sim, teve. Dou emprego a pessoas locais, consumo todo o que posso das lojas locais. Tenho várias empresas a trabalhar aqui, na prestação de serviços na exploração. Emprego direto tenho já uma pessoa, indiretos são muitos. Vária gente que, na colheita, por exemplo, tinha de ir para o Douro e fica a trabalhar aqui. Na minha ótica, tem sido benéfico para muita gente.”
 - 4.2. **Sociodemográficos- Sim ou não?** –“Sim, também. Rejuvenescemos a freguesia e a nossa vinda ajuda a trazer ainda mais pessoas.”
 - 4.3. **Ambientais- Sim ou não?** – “Sim, conservamos a paisagem local. Já trabalhei com turismo natureza e faz parte da minha maneira de ser, profissional, ter cuidado com o local. A vantagem de tar aqui é o local. Temos as preocupações normais.”
 - 4.3. **Culturais e institucionais- Sim ou não?** –“Não, tentei fazer um evento, com o apoio de uma associação local, mas não foi possível. Por enquanto, o tempo é de trabalhar na terra e depois, sim, pensar nesse ponto.”

5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** “A ideia surgiu, porque queria vir para o interior. Depois procurei os apoios que mais encaixavam naquilo que necessitava. De seguida, procurar os cultivos que eu achava mais rentáveis por metro quadrado, que é muito importante. Tive apoios do PRODOR, jovem agricultor. O custo total do projeto foi de cerca de 70 000 euros e o da minha mulher de cerca de 100 000 euros. Produzimos framboesa e mirtilo, do projeto, mas temos na propriedade ainda avelãs e vinha. A produção neste ano está a 50/60% da capacidade máxima.”
6. **O que mais gosta no meio rural-** “Gosto do trabalho em si, gosto do ar-livre, do contacto com a natureza.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside-** “Um ponto a favor, o facto de ser perto do Porto. Se calhar, negativamente, a falta de atividades culturais.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “Sim, tenho proposto. Mas nem toda a gente tem essa disponibilidade e capacidade para o mundo rural. Muita gente olha para o interior com inferioridade e como tal, não é fácil. Porque a vida aqui é dura.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “Sim, acho que vai correr bem. Primeiramente, a ideia passaria por aumentar a área do que já está plantado. Os pequenos frutos já estão com muitos produtores, mas é animadora a perspetiva futura.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – “ Sim, claro.”
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** “Sim, acho que o caminho passa por aí. A concentração populacional das cidades é muita e temos tanto território. Se vem a agricultura, por acréscimo vem os serviços, e depois o agro-negócio, o agro-turismo, o turismo. É um efeito em cadeia.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
 - 5.1. **Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais-** “Acho que passava pelas câmaras terem um papel mais ativo. Por exemplo, gabinetes de apoio ao empreendedor a sério. Adaptar as leis às necessidades das pessoas, cortar a burocracia.”
 - 5.2. **A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural-** “Já é um bom caminho a freguesia ter tantos jovens agricultores, já são cerca de 7. Penso que facilitar ainda mais a vinda, porque a freguesia fica a ganhar mesmo muito com tal. A presença na Internet da freguesia era um caminho para a divulgar e dar a conhecer a mais pessoas que tenham interesse de vir para aqui.”
 - 5.3. **Os Territórios Rurais, no geral-** “ Em termos teóricos as coisas existem, mas na prática deviam ser mais realistas. Penso que o regresso dos jovens ao campo, através de programas e fundos, é um caminho.”

Entrevista Nº 8 E8

Data: 07/05/2015

Local: Paço de Sousa, Penafiel

Perfil

Idade	29
Sexo	F
Habilitações literárias	Mestrado em Medicina
Naturalidade	Porto
Profissão	Médica
Freguesia e concelho atual	Paço de Sousa, Penafiel

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** – Senhora da Hora, Matosinhos
2. **O que fazia profissionalmente**- Médica
3. **Data da mudança**- “Há cerca de 2 meses, em Março de 2015. Já vivi cá, mas depois devido a razões profissionais tive de sair. Mas a viver definitivamente à cerca de 2 meses.”
4. **Porquê de ter mudado/motivações**- “Procurar um estilo de vida mais saudável, mentalmente e fisicamente. O facto de viver em comunidade, é algo que gosto bastante. Fugir também ao stress da cidade.”
5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia**- “Vim um pouco porque conheci a quinta. Não escolhi o sítio, a mudança foi por esse sentido.”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades**- “A confusão para tudo, a falta de espaço onde se possa estar sossegado. Muita confusão, o trânsito... Mesmo as pessoas estão muito stressadas, muito nervosas.”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio? Sim ou não?**- “ Não, não sentimos. No início foi difícil, as pessoas, aos poucos, vão-nos aceitando... Também nos vão conhecendo. Mas é normal, sente-se aquela desconfiança mas não considero que houvesse problemas.”
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?**- Não se aplica.
3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração**- Não se aplica.
4. **Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?**
 - 4.1. **Económicos- Sim ou não?** “ Sim, vamos agora empregar a primeira pessoa. Mas não é muito fácil... É um trabalho que demora o seu tempo. E aí é que está o segredo- é não desistir. Estamos a criar formas de nos sustentarmos aqui mas aos poucos vamos criando impacte positivo na comunidade.”
 - 4.2. **Sociodemográficos- Sim ou não?** “Sim, vai nascer aqui o primeiro bebé. Já vivemos aqui algumas pessoas a tempo inteiro por isso sim. Também nos relacionamos aqui com a população local, trazemos muitos amigos.”
 - 4.3. **Ambientais- Sim ou não?** “ Sim, isso nem se fala. Para além de nós melhorarmos fisicamente e mentalmente, fazemos produção biológica. Para já, é apenas para consumo próprio mas se existirem excedentes será para trocar ou para vender em mercados locais. Também no facto da conservação da paisagem: o terreno, que estava um pouco abandonado, foi todo limpo; foram plantadas mais de 400 árvores, só aí já estamos a dar uma grande contribuição. Ainda, estamos a integrar agora produtos naturais, o mínimo de agressão ambiental.”
 - 4.4. **Culturais e institucionais- Sim ou não?** “Sim, já tentamos fazer algumas atividades. Já nos integramos no Teatro local porque também é isso que nos ajuda na nossa integração. A grande integração ocorreu quando começamos a sair e aí sim, as pessoas começaram a conhecer-nos.”
5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido**- “ Sou médica mas devido a estar grávida, neste momento estou de baixa. Mas o meio de subsistência será fazer terapias e ajudar nas atividades, trabalhando aqui na Quinta.”
6. **O que mais gosta no meio rural**- “O sossego, o poder estar na natureza... como agora estar a ouvir os passarinhos. E poder criar os filhos noutra ambiente.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside**– “Estou satisfeita com o concelho, por acaso, para já. Estamos perto de tudo, isto aqui não é assim tão longe quanto isso... qualquer coisa vamos ao Porto. É bom não ter muita coisa aqui. Para além disso, Penafiel tem uma boa Câmara Municipal, que não deixa que existam grandes superfícies comerciais aqui.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** “ Sim, proponho a toda a gente a mudança de estilo de vida, mas sei que nem toda a gente tem predisposição para tal. Mas quando as

peçoas nos visitam percebem a mudança que isto tem no estilo de vida...tanto que depois começa a chegar mais gente. Ha mais peçoas a querer mudar de ideias, de vida, a procurar outros meios.”

2. **Como acha que sera o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “Acho que vai correr muito bem, acredito mesmo pois tem tudo para correr muito bem. Vou exercer a minha atividade aqui, como base, mas não podemos estar fechados aqui, temos de abrir a comunidade e não são.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?-** “ Sim, tenho, sem dúvida”
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos-** “ Sim, acho que isso é uma das formas, mas falta a integração com a população rural já existente. Uma forma de nos juntarmos todos, pois precisamos desses, dos mais antigos, que sabem muito.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
 - 5.1. **Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais-** “Acho que tem de partir da parte da câmara o diálogo com as populações locais para os mesmos receberem melhor os novos rurais.
 - 5.2. **A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural-** “Algum projeto de desenvolvimento espiritual, que permita às peçoas ter uma melhor relação com os outros.”
 - 5.3. **Os Territórios Rurais, no geral-** “Os bancos de terra são uma opção, acho que  por i. Alguns jovens querem ir para os meios rurais, mas não têm dinheiro para, por exemplo, comprar um terreno. Como tal devia ser facilitado esse acesso  terra, com benefícios fiscais também. Tornar atrativa a vinda para esses meios, porque há áreas em que as peçoas ficam completamente isoladas.

Entrevista N 9 E9

Data: 07/05/2015

Local: Paço de Sousa, Penafiel

Perfil

Idade	33
Sexo	F
Habilitações literárias	Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas
Naturalidade	Porto
Profissão	“Colaboradora na Quinta, sou responsável por 3 projetos: Projeto Escola, Projeto Horta e Projeto Uno de meditação e Yoga.”
Freguesia e concelho atual	Paço de Sousa, Penafiel

Situação anterior  mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** – Fânzeres, Gondomar
2. **O que fazia profissionalmente-** Professora
3. **Data da mudança-** Agosto de 2013
4. **Porquê de ter mudado/motivações-** “Foi algo que foi crescendo e comecei a encarar outras perspetivas na minha vida. Sair da confusão e da “roda”. Perceber quem eu sou, num melhor ambiente para isso. E o facto de ter 2 filhos, que para mim era importante que eles crescessem na natureza. “
5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “ A nossa ideia era formar esta comunidade que já hoje existe. Fomos procurando terrenos em todo o lado, durante 2 anos os nossos fins de semana foram passados a procurar o sitio. Depois de visitarmos este, percebemos que era o adequado para o que queríamos. Foi por uma questão de oportunidade.
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “Eu gosto da cidade todas as semanas vou à cidade, encontrar amigos e ver movimento. Agora perturba-me, não consigo estar lá muito tempo devido ao barulho. Não gostava dos horários, do barulho, do ter pouco tempo para mim”

Situação atual

- 1. Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-** “Sim, tivemos vários problemas.”
- 2. Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?-** “Por causa das águas, por causa da divisão do terreno. Dificuldade que as pessoas têm de partilhar o espaço.”
- 3. Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-** “Depois de termos passado da fase de irritação, porque era incomodativo ao início, respiramos fundo e fomos simpáticos. Um dia, as mulheres da comunidade resolveram chamar os vizinhos todos e reuni-los, para falar e oferecer um lanche. A estratégia foi a amabilidade, a comunicação e o desenvolver de relações com os outros.”
- 4. Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-**
 - 4.1. Económicos- Sim ou não?-** “Sim, vão surgir mais e até agora foi mais o impacte de estabelecimento de relações. Esse impacte é difícil de medir. Aumentamos o consumo na zona, consumimos tudo aqui: fazemos as nossas compras aqui; compramos, por vezes, legumes aos vizinhos; utilizamos os mercados locais; compramos o pão aqui; quando necessitamos de algo para a produção agrícola é em Penafiel que vamos buscar.”
 - 4.2. Sociodemográficos- Sim ou não?-** “ Sim, trouxemos pessoas, para aqui e pessoas novas. Eu tenho aqui dois filhos, outro membro da comunidade tem mais um e outra está grávida. Contrariamos o despovoamento e envelhecimento. E queremos convidar as crianças das escolas locais a visitar-nos.”
 - 4.3. Ambientais- Sim ou não?-** “ Sim, conservamos a paisagem e reflorestamos o espaço. Para além disso, temos animais, hortas biológicas, começamos agora a utilizar detergentes naturais. Queremos fazer workshops para as pessoas da comunidade também aprenderem estas práticas amigas do ambiente.”
 - 4.4. Culturais e institucionais- Sim ou não?-** “ Sim, integramo-nos no teatro local, que era composto só por pessoas mais velhas.”
- 5. Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** “Quem pensou no projeto já se conhecia de antes e foi tudo um sonho. Nós começamos a fazer Yoga e a meditar, a sentir vontade de ir à natureza e a partir daí pensamos neste projeto. Depois compramos o terreno aqui e ainda bem, porque mudou a nossa história toda. Por ter sido aqui, nós ficamos inseridos na Rota do Românico e podemos concorrer a um projeto de apoio do PRODER, de turismo rural. Conseguimos 178 mil euros a fundo perdido pela criação de 2 postos de trabalho.”
- 6. O que mais gosta no meio rural-** “ A paz, a tranquilidade, o viver mais perto dos amigos.”
- 7. O que mais e menos gosta no concelho onde reside-** “ Eu gosto de Penafiel. Acho que é uma cidade dinâmica. Apesar de as pessoas serem um pouco resistentes à mudança, gosto. Temos serviços perto: comboio, hospital, escolas perto para os meus filhos.”

Perspetivas futuras

- 1. Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não? – Sim.**
- 2. Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “Eu acho que vai ser um sucesso. Vejo com bons olhos o futuro.”
- 3. Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não? Sim.**
- 4. Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** “Acho que sim, para os cidadãos que gostem da natureza e não venham estragar o meio rural. A transição é difícil. Eu gosto de cidade e o primeiro impacto é difícil, por exemplo, no Inverno, com o frio, a humidade. Pode vir quem quiser, mas não é para todos. Tem de ser bem pensado, quem se quer mudar para o rural, pois corre-se o risco de urbanizar o rural.”
- 5. Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**

5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais- “Podem-se criar incentivos, como dar terras para as pessoas que querem trabalhar nelas. Haver ajudas no arrendamento da habitação, por exemplo.”

5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “Penso que o caminho não é trazer mais pessoas. É apostar na educação, trazer as pessoas para a natureza também. Organizar eventos e encontros para práticas que deem bem-estar físico às pessoas.”

5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “A agricultura era importante. Dar formação aos jovens sobre permacultura e oferecer-lhes terras, para serem trabalhadas. Com uma noção mais abrangente da terra e que iria possibilitar uma visão integrada, não destruindo o território. Acho que a permacultura é a “cena” .”

Entrevista N° 10 E10

Data: 07/05/2015

Local: Paço de Sousa, Penafiel

Perfil

Idade	42
Sexo	M
Habilitações literárias	Licenciado em Direito
Naturalidade	Gondomar
Profissão	Terapeuta
Freguesia e concelho atual	Paço de Sousa, Penafiel

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

- 1. Onde residia antes da mudança** – Fânzeres, Gondomar
- 2. O que fazia profissionalmente-** Professor e Advogado
- 3. Data da mudança-** Agosto de 2013
- 4. Porquê de ter mudado/motivações-** “Eu queria mudar de ritmo, queria uma experiência nova... queria uma melhor qualidade de vida para mim e para as crianças que iam nascer, dando-lhes outro ambiente para crescerem.”
- 5. Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “Nós andamos a pesquisar e foi onde conseguimos encontrar uma terra para fazer o projeto acontecer. Não foi por haver ligação à terra, foi uma questão de oportunidade.”
- 6. O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “Eu não estava em oposição em nada, foi uma mudança. Foi por querer uma coisa nova, uma aventura.”

Situação atual

- 1. Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-** “Sim, tivemos alguns pequenos atritos mas que depois se foram dissipando. Ao chegarmos aqui tivemos algum impacto no lugar, as pessoas moram aqui há décadas, algumas famílias à gerações, e vêm a terra como suas.”
- 2. Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?-** “As questões prenderam-se com os caminhos de servidão e com as águas.”
- 3. Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-** “Comunicação e diálogo foi o caminho para ultrapassar os obstáculos criados. Estamos abertos à comunidade e queremos desenvolver relações com a população local.”
- 4. Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-**
 - 4.1. Económicos- Sim ou não?-** “Sim, sem dúvida. Nós criamos emprego e depois temos oferta de terapias abertas à comunidade e recebemos pessoas de muitos lados por isso, sim. Fazemos as nossas compras aqui e frequentamos cafés locais.”

4.2. Sociodemográficos- Sim ou não?- “Sim, já somos algumas pessoas a morar aqui continuamente e repovoamos o território. Além disso, com as crianças que vivem aqui e que vão ainda nascer, estamos a rejuvenescer a população aqui local.”⁷

4.3. Ambientais- Sim ou não?- “Sim, utilizamos muito menos o carro. O modo de produção agrícola é biológico e reflorestamos e conservamos paisagem, ao plantar mais de 400 árvores desde que aqui chegamos.”

4.4. Culturais e institucionais- Sim ou não?- “ Sim, temos parcerias com o rancho folclórico e a banda e pertencemos ao grupo de teatro. Também pertencemos à associação empresarial. Assim, facilitamos a integração.”

5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** “ Inicialmente, foi um processo muito gradual. O plano inicial foi-se alterando à medida que as coisas foram acontecendo. Nós queríamos um lugar para habitarmos e tivemos a possibilidade de beneficiar de um projeto de apoio ao Turismo Rural. Assim, tivemos um financiamento que permitiu fazer nascer e crescer este projeto. Aqui na Quinta, nós vivemos do Turismo e das terapias que aqui fazemos, esse é o nosso meio de subsistência.”

6. **O que mais gosta no meio rural-** “Gosto do contacto com a terra, gosto de ter tempo para mim e para desenvolver relações.”

7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside-** “ Penso que o saneamento faz falta aqui. Em termos culturais estou muito satisfeito, é um lugar muito agradável e seguro, sem dúvida.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “Não aconselho, acho que é uma decisão muito pessoal para aconselhar alguém a mudar de local.”

2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “Acho que temos todas as condições para termos prosperidade e sucesso. Vejo, sem dúvida nenhuma, o futuro com bons olhos.”

3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – Sim

4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim, que impactos-** “ Sim, acho que isso pode ser muito importante e interessante porque começa a haver comunidades que se organizam debaixo para cima e assim as coisas crescem de uma forma sustentada e muito real.”

5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**

5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais- “Tirando o impacto normal com a população, não senti qualquer problema por parte de entidades para nos fixarmos aqui. Acho que é um processo muito natural e que não existem grandes medidas que se possam tomar, em termos legislativos.”

5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “Eu acho que passaria por mercados de produtores locais, isso seria interessante para as pessoas criarem redes e ligações para, por exemplo, trocas de produtos.

5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “Acho que é fulcral dar acesso às terras, para as pessoas. Por exemplo, o banco de terras tem de ser uma realidade. Há muitas variáveis sociais e culturais, em cada território.

Entrevista Nº 11 E11

Data: 07/05/2015

Local: Paço de Sousa, Penafiel

Perfil

Idade	38
Sexo	F
Habilitações literárias	Licenciatura em Gestão Financeira
Naturalidade	Massarelos, Porto
Profissão	Sócia Gerente da Quinta

Freguesia e concelho atual	Paço de Sousa, Penafiel
----------------------------	-------------------------

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** – Fânzeres, Gondomar
2. **O que fazia profissionalmente**- “Gestora de relações internacionais. Trabalhava no departamento de internacionalização de uma grande empresa.”
3. **Data da mudança**- Agosto de 2013
4. **Porquê de ter mudado/motivações**- “A vontade de estar em contacto com a natureza é uma das principais razões. Também queria ter uma vida mais saudável e independência em termos profissionais, o facto de poder ser responsável pelo meu próprio emprego, sem estar fechada num escritório. Ainda, podermos educar os nossos filhos com mais liberdade e podermos receber pessoas, num ambiente mais tranquilo. Uma coisa muito importante é poder ver as estrelas à noite.”
5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia**- “ Nós procuramos o terreno durante 2 anos, mais ou menos. E este foi o que surgiu como perto do Porto, que nós queríamos alguma proximidade. Também o terreno era grande o suficiente para vivermos aqui todos e financeiramente era possível comprá-lo. Foi uma questão completamente associada à oportunidade.”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades**- “A primeira coisa que eu não gosto é do alcatrão, o facto de a terra não poder respirar. Depois, o barulho dos carros e a construção em altura. Não quer dizer que eu não goste de ir à cidade mas não quero é viver.”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?**- “Sim, tivemos muitos problemas inicialmente que foram ultrapassados com o tempo.”
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?**- “Principalmente, teve a ver com a água. As pessoas por não nos conhecerem e verem muitas pessoas novas ficaram assustadas e não nos receberam muito bem. Houve alguns conflitos quanto à divisão do terreno.”
3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração**- “ Com muita paciência e diálogo com os locais, para o melhorar de relações.”
4. **Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?**
 - 4.1. **Económicos- Sim ou não?** – “Sim, acabamos de contratar esta semana uma empregada, que é habitante local, e um dos novos habitantes acabou também de se tornar contratualmente empregado da Quinta. Outra das pessoas da comunidade está como colaboradora da empresa. Também trazemos muita gente de fora para aqui, o que ajuda economicamente a área e publicita-a. Nós, comprámos produtos locais, como os cogumelos shiitake e os ovos caseiros dos vizinhos. Apesar de ser difícil medir, temos impactes positivos economicamente. ”
 - 4.2. **Sociodemográficos- Sim ou não?** – “ Sim, com a interação das pessoas da comunidade connosco e ao virmos viver para aqui e trazer crianças.”
 - 4.3. **Ambientais- Sim ou não?** – “Sim, conservamos a paisagem, grande parte das árvores aqui foram plantadas por nós, centenas mesmo. Desde árvores de fruta, a árvores medicinais e outras ornamentais. Para além disso, o modo de produção agrícola é biológico. Começamos à pouco a fazer os nossos detergentes, com a finalidade de eliminar os químicos.”
 - 4.4. **Culturais e institucionais- Sim ou não?** – “Sim, integramos o teatro local, para nos relacionarmos com o grupo das pessoas mais velhas locais.”
5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido**- “A ideia surgiu há muitos anos, tínhamos o sonho de poder receber as pessoas, num ambiente de natureza, e as pessoas ficarem connosco, dormindo e recebendo as nossas terapias. Após a procura do terreno, verificamos que existia um apoio do PRODOR, e candidatamo-nos ao mesmo. Fizemos um projeto e recebemos pessoas para Turismo Rural e retiros espirituais, essencialmente. Temos também alguns projetos paralelos, educativos, por exemplo. Queremos viver aqui livres de preconceitos, sem ideias feitas, em comunidade.”

6. **O que mais gosta no meio rural-** “O que mais gosto é de ouvir os passarinhos de manhã e de ver a lua à noite. Gosto de ter qualidade de vida e de ter liberdade, de poder fazer uma fogueira.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside-** “Acho que é uma cidade carente a nível cultural e artístico. Falta talvez uma sala de espetáculos. Mas eu gosto da cidade, gosto do centro. Tem um parque infantil que é bom para as crianças. E acho que as pessoas são simpáticas.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “Sim, claro. Podem é não querer ou puder vir. Mas a decisão é individual, cada um sabe.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “Acho que vai ser muito bom, um sucesso completamente. Há a intenção de reproduzir isto noutros locais.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – Sim.
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** “Sim. Acho que podem fazer toda a diferença. Basta virem habitar uma zona rural que já fazem diferença, a cultivar, a começar a ter conhecimento noutras áreas, a troca de experiências com saberes mais antigos...”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
 - 5.1. **Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais-** “Claro que devia haver benefícios, mais facilidades. Mas acho que quem quer realmente se mudar para o rural, vai. Nós também quisemos e viemos. Óbvio que programas comunitários, de benefícios económica, ajudam. Se as pessoas tivessem possibilidade de comprar terrenos com algum subsídio, ou arrendar terras com ajudas, seria mais fácil.”
 - 5.2. **A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural-** “Acho que assim como nós, que já temos algumas pessoas a viver aqui a tempo inteiro, que já somos uma pequena comunidade, nesta freguesia podíamos criar condições, para que mais pessoas se pudessem juntar, com os mesmos interesses e formar uma maior comunidade. Assim, mais pessoas viveriam aqui a tempo inteiro, dinamizando a comunidade.”
 - 5.3. **Os Territórios Rurais, no geral-** “Se mais ajudas surgissem, como banco de terras, benefícios para arrendamento, tenho a certeza que mais pessoas viriam para os meios rurais, uma vez que as cidades estão sobrecarregadas, com excesso de população, no litoral principalmente. Também se deveria atrair mais jovens para a agricultura e apostar no turismo. Apostar na pecuária e criar animais sem ser em massa. Julgo que cada vez mais estamos a caminhar para a natureza, para as coisas mais simples.”

Entrevista N° 12 E12

Data: 10/06/2015

Local: Olo, Amarante

Perfil

Idade	33
Sexo	F
Habilitações literárias	9º ano de escolaridade
Naturalidade	Matosinhos
Profissão	Costureira
Freguesia e concelho atual	Olo, Amarante

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** – Cepelos, Amarante
2. **O que fazia profissionalmente-** Costureira
3. **Data da mudança-** Março de 2011
4. **Porquê de ter mudado/motivações-** “Porque gostamos muito desta área rural, da paz, do sossego e da tranquilidade. E devido aos filhos, que aqui podem crescer de outra forma, tendo outra qualidade de vida.”

5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “ Escolhemos devido à localização. Aqui estamos isolados, perto da natureza, do rio. Não existia qualquer ligação anterior, foi mesmo pela localização da habitação. O facto de estarmos a metros do rio, de ouvir a água, foi decisivo.”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades-**“O facto de as casas estarem umas em cima das outras, de as pessoas não terem espaço. Também da poluição e do ritmo acelerado das cidades.”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-** “Não, muito pelo contrário. Até porque os povos do meio rural são muito mais simpáticos, acolhedores, humildes, prestáveis... Algo que na cidade não se vê tanto.”
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?-**
3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-**
4. **Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-**
 - 4.1. **Económicos- Sim ou não?** – “Não, como neste momento ainda não exercemos qualquer atividade rural, não podemos dizer que temos impacte económico. Para além disso, há muito pouco comércio aqui para se puder ajudar.”
 - 4.2. **Sociodemográficos- Sim ou não?** – “Sim, viemos para aqui e trouxemos crianças, o que proporcionou rejuvenescimento local.”
 - 4.3. **Ambientais- Sim ou não?** - “Não, não houve grandes impactes positivos ao virmos para aqui, só no sentido de habitar a casa.”
 - 4.4. **Culturais e institucionais- Sim ou não?** – “Sim, aquando da vinda para aqui começamos a pertencer à associação “AmarOlo”, que tem como finalidade a preservação do ambiente, das margens do rio Olo.”
5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** Neste caso não se aplica, devido a exercer uma profissão fora do meio rural.
6. **O que mais gosta no meio rural-** “Gosto de tudo, tem tudo a ver comigo...da tranquilidade, da paz e sossego. Viver à beira rio, com o som da água que é tão tranquilizador.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside-** “Sinceramente, não mexia em nada. Acho que também o facto de querer trazer mais coisas para cá, vai acabar por fazer com que se perca muitas coisas, coisas essas características das grandes cidades.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “Sim, proponho. Até porque toda a gente que nos conhece e frequenta a nossa casa, também gostava de arranjar um cantinho como o nosso e ir para um meio rural.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** Neste caso não se aplica, devido a exercer uma profissão fora do meio rural.
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – Sim.
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** “Sim, eu acho que sim. Acho que o caminho é mesmo esse, mais pessoas virem para as terras despovoadas e apostarem em atividades relacionadas com o rural. Nos últimos anos já se tem notado esse movimento e cada vez mais se vai acentuar, penso.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
 - 5.1. **Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais-** “Não acho que, por exemplo as câmaras como entidades possam ajudar nesse tipo de situação. Acho que a própria vida já ta a fazer com que as pessoas voltam para os meios rurais. Custa-me a crer que as pessoas novas sejam mal recebidas, por eu não ter sentido isso.”

5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “Não queria que se chamasse muitas pessoas, até porque agora com a possibilidade da barragem se fala em acessos perto aqui de onde moramos. Isso já nos vai tirar sossego. Nisso, sou um bocadinho “egoísta”, pois queria continuar com esta calma aqui no local. Mas podia-se ajudar mais em termos de saúde e transportes para os mais idosos da freguesia, que têm dificuldade em se deslocar.”

5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “Acho que se devia investir um pouco mais em serviços e na manutenção dos mesmos nos territórios rurais. Por exemplo, em serviços de saúde, em transportes. Só assim se atrai mais pessoas para povoar os territórios rurais.”

Entrevista Nº 13 E13

Data: 10/06/2015

Local: Olo, Amarante

Perfil

Idade	46
Habilitações literárias	Licenciatura em Educação
Profissão	Professor
Sexo	M
Naturalidade	Lomba, Amarante
Freguesia e concelho atual	Olo, Amarante

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

- 1. Onde residia antes da mudança** – Cepelos, Amarante
- 2. O que fazia profissionalmente-** Professor
- 3. Data da mudança-** Março de 2011
- 4. Porquê de ter mudado/motivações-** “Queria vir para um local mais sossegado, mais perto da natureza. Apesar de trabalhar na cidade, queria ter outra qualidade de vida enquanto não estou a exercer a minha profissão.”
- 5. Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “Não foi por nenhum motivo em especial. Procurou-se durante algum tempo e calhou ser nesta freguesia, podia ter sido noutra qualquer. Foi mesmo pela localização da habitação em si, perto do rio e isolada.”
- 6. O que menos gostava do meio urbano/cidades-**“ A confusão e o barulho são as principais coisas que não gosto das cidades.”

Situação atual

- 1. Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?**- “Não, fui muito bem recebido. Também pelo facto de morar isolado, um pouco afastado, pouco ou nada interfiro negativamente com a população local.”
- 2. Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?**-
- 3. Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-**
- 4. Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?**
 - 4.1. Económicos- Sim ou não?** – “Não, nesta freguesia pouco. Não tenho nenhuma atividade aqui, neste momento. Posso ir a um café aqui mas é pouco para ser significativo.”
 - 4.2. Sociodemográficos- Sim ou não?** – “Sim, nesse sentido acho que a minha vinda para cá ajudou no sentido do rejuvenescimento e de aumentar a população da freguesia. É uma freguesia muito pequenina, sem crianças e já aumentamos algo.”

4.3. Ambientais- Sim ou não? – “Não, não posso dizer que tenha tido impactos positivos para aqui. Temos alguns cuidados mas não temos quaisquer preocupações quanto ao ambiente, no sentido de estarmos numa área tão verde, tão limpa e pura. Tem pouca mão do homem.”

4.4. Culturais e institucionais- Sim ou não? – “Sim, faço parte de uma associação local, relacionada com o desenvolvimento rural. Tem o objetivo de preservação do rio Olo e não só, a nível social e cultural também.”

6. Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido- Neste caso não se aplica, devido a exercer uma profissão fora do meio rural.

5. O que mais gosta no meio rural- “Da natureza, o verde, a água e o som da mesma a correr. É relaxante e tem uma grande influência na qualidade da vida e no bem-estar interior. Tem-se uma qualidade de descanso muito maior.”

6. O que mais e menos gosta no concelho onde reside- “Bem, este concelho, Amarante, é muito turístico e deve ser ainda mais desenvolvido nessa área. Há muitos focos turísticos que têm de ser aproveitados, para atrair mais pessoas. Gosto muito da natureza desta área e tem de ser bem preservada. O que me atrai é o povo, a paisagem do concelho. Penso que se deviam atrair, por exemplo, escolas superiores para este concelho.”

Perspetivas futuras

1. Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não? – “ Sim, mas sempre que haja condições para isso. Se puder trabalhar em meio rural, melhor ainda. Investir no turismo, na agricultura... O que muita gente me diz é que iria ser uma má opção vir para o meio rural. Ia gastar mais com deslocações, ia estar mais longe da cidade. Mas, tudo o resto compensa, tendo uma melhor qualidade de vida.”

2. Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver- Neste caso não se aplica, devido a exercer uma profissão fora do meio rural.

3. Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não? – “Sim, sem dúvida. Sinto-me bem aqui, porque haveria de querer sair?”

4. Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos. “Sim, é necessário que haja mais gente a sair da cidade e a vir para as aldeias, para os meios rurais. Só assim, com mais gente nestes meios e com mais investimento económico, é que se pode contrariar a saída das pessoas dos meios rurais para as cidades e atrair ainda mais gente. Também se nota que muita das gentes que saem das grandes cidades e vão para o campo, são pessoas com poder económico e que têm dinheiro para investir em alguma atividade. Muitas das vezes, vão para o campo só para ter uma segunda residência.”

5. Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:

5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais- “Dava-lhe as condições necessárias para se instalarem. Desde benefícios fiscais adequados a isenções. O suficiente para que as pessoas se mantenham vários anos no local e não invistam a curto prazo apenas. Para além disso, apoiar quem criasse postos de trabalho, preferencialmente a pessoas da localidade em questão.”

5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “Propunha incentivos para agricultura. Acho que a agricultura biológica era o caminho para a freguesia. Temos aqui muita terra abandonada que podia ser cultivada de forma sustentável para o ambiente e com rendimentos e benefícios para a freguesia.”

5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “O caminho tem de ser o investimento na agricultura. A nossa agricultura é boa e penso que temos todas as condições para sermos autossuficientes. Têm de ser dadas isenções de impostos, até as pessoas rentabilizarem os terrenos. Penso que as terras agrícolas abandonadas, têm de ser dadas a quem as trabalha, de forma a rentabilizá-las. Em caso de o proprietário não poder trabalhá-las, facilitar a sua produção, com arrendamentos a outros, num determinado período de tempo. Depois, as entidades têm de apoiar os produtores no escoamento do produto, com canais nacionais e internacionais.”

Perfil

Idade	43
Sexo	F
Habilitações literárias	12º ano de escolaridade
Naturalidade	Massarelos, Porto
Profissão	Gestora de Empresas
Freguesia e concelho atual	Olo, Amarante

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

- 1. Onde residia antes da mudança** – Leça da Palmeira, Matosinhos
- 2. O que fazia profissionalmente-** “Gestora de projetos numa empresa de telecomunicações.”
- 3. Data da mudança-** Setembro de 2005
- 4. Porquê de ter mudado/motivações-** “Inicialmente, viemos para aqui porque gostamos muito da propriedade e tínhamos o intuito de restaurar a casa e investir num projeto de Turismo Rural. Após algumas análises, percebemos que o retorno era muito baixo. A faixa etária das pessoas que aproveitaram os fundos, são pessoas, por vezes, já reformadas e que têm outra fonte de rendimento. Mas, foi também para termos qualidade de vida, viver num sítio calmo, tranquilo. Pelas pessoas, pelas relações pessoais serem mais fortes.”
- 5. Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “Pela paisagem, pela natureza ser virgem e por tudo o que nos rodeia. Mas foi ocasional, depois de algumas procuras e de vermos o local e gostarmos. Não tínhamos ligação à terra. Foi sobretudo por gostarmos do espaço, por todo o contexto.”
- 6. O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “Passa logo pelas pessoas, que têm menos disponibilidade de criar relações fortes. O relacionamento das pessoas é diferente nas cidades, mais frio. As pessoas nem se conhecem, há uma proximidade física mas ao mesmo tempo um distanciamento relacional.”

Situação atual

- 1. Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-** “Não, de todo. Não tivemos quaisquer problemas, mesmo ao sermos pessoas novas aqui. Fomos bem recebidos, o que também tem a ver com a nossa forma de estar e com a forma como nos envolvemos com a população.”
- 2. Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?-**
- 3. Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-**
- 4. Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-**
 - 4.1. Económicos- Sim ou não?** – “Não, para já, e como ainda temos atividades profissionais no Porto, não temos nada pensado para criar em meio rural. Acabamos por ter pouco tempo para pensar nisso, apesar de todos os dias aqui dormirmos e passarmos aqui todos os fins de semana, feriados, férias, etc... Tentamos colaborar com a comunidade na medida do possível, a Feira das Papas em Olo ajudamos a organizar e integramos todas as iniciativas que podemos, mediante a disponibilidade.”
 - 4.2. Sociodemográficos- Sim ou não?** – “Sim, para além de os dois termos vindo para aqui morar a tempo inteiro, a nível de relacionamento, por as pessoas verem em nós um “modelo” diferente, ajudamos a alterar alguns comportamentos juntos dos locais, com a partilha de experiências.”
 - 4.3. Ambientais- Sim ou não?** – “ Sim, apesar de eu já ter um passado com muita preocupação ambiental. De uma forma consciente, tento usar o mínimo de detergentes.”
 - 4.4. Culturais e institucionais- Sim ou não?** – “Sim, integramo-nos, por exemplo, no clube de futebol local.”

5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** Neste caso não se aplica, devido a exercer uma profissão fora do meio rural.
6. **O que mais gosta no meio rural-** “Das pessoas, da forma de estar delas e do meio envolvente, num contexto de natureza. De manhã, estar na cama e ouvir os pássaros.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside-** “O que mais me atrai é o contexto físico, a paisagem, a natureza característica deste concelho. O que menos gosto é o facto de Amarante estar muito pouco explorado, não se tem notado grande evolução. A evolução tem passado apenas pelo cimento, sem cuidado na preservação do património, que era a referência na atração turística. O rio Tâmega também devia ser mais explorado. ”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “Sim, aconselho, mas se as pessoas conseguirem ter retorno financeiro nessa mudança, com projetos. A vinda para o meio rural e o facto de aconselhar pessoas para vir para cá, relaciona-se pelo facto de viver perto da natureza e pela qualidade de vida. Porque há sempre uma limitação. Por exemplo, o Porto que acaba por estar perto em distância, 50/60 kms, é muito dispendiosa a viagem, em combustível e portagens.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “ Não está fora de hipótese no futuro começarmos um projeto de plantação de frutos vermelhos ou cogumelos, mas neste momento não.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – “Sim, temos, sem dúvida.”
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** – “Eu acho que sim, mas é preciso haver condições. Cada vez existem mais casos relatados a nível nacional, em que por questões ambientais ou para fugir ao materialismo, as pessoas querem viver de terra e se mudam para os meios rurais. As pessoas não podem vir sem algo já programado para desenvolver.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
 - 5.1. **Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais-**“ Há sempre entraves e, se calhar, mais coisas não se fazem por ser complicado. Penso que devia haver um suporte maior, alguns benefícios, talvez a nível de impostos.”
 - 5.2. **A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural-** “É preciso aproveitar o rio, penso que é fundamental. Aproveitar os recursos endógenos como forma a potenciar a localidade, atraindo mais pessoas. Só a paisagem é algo que tem de se tirar partido. Divulgar e aproveitar tudo o que é típico da região.”
 - 5.3. **Os Territórios Rurais, no geral-** “Ver o potencial que há em cada local e dinamizar, reabilitar para serem mais apetecidos, quer para os cidadãos viverem a tempo inteiro, quer para os turistas. Sugerir a partilha, a troca, quer de terrenos, quer de experiências... Todos ficariam a ganhar.”

Entrevista Nº 15 E15

Data: 10/06/2015

Local: Olo, Amarante

Perfil

Idade	51
Sexo	M
Habilitações literárias	11º ano de escolaridade
Naturalidade	Porto
Profissão	“Diretor Comercial numa empresa de Vinhos do Dão.”
Freguesia e concelho atual	Olo, Amarante

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** - Leça da Palmeira, Matosinhos
1. **O que fazia profissionalmente**- “Diretor Comercial numa empresa de Vinhos do Dão.”
2. **Data da mudança**- Setembro de 2005
3. **Porquê de ter mudado/motivações**- “No início, foi com a intenção de investirmos e criarmos um projeto de Turismo Rural. Aliado a isso, foi para termos outra qualidade de vida, viver com mais calma, mais tranquilidade. A cidade é apenas para trabalhar. Queríamos também lidar com pessoas que dão mais valor às relações pessoais.”
4. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia**- “Apesar de ter sido acaso, depois de uma procura intensa, foi por toda a envolvente. A habitação tem história, é já muito antiga, e estar integrada na natureza, com uma paisagem deslumbrante.”
5. **O que menos gostava do meio urbano/cidades**- “Posso logo dizer as pessoas. As relações são frias, distantes. Aqui, isso não acontece. E depois, toda a confusão associada, a poluição, o trânsito.”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?**- “Não, não tivemos quaisquer problemas. Fomos muito bem recebidos, por toda a gente. Também fizemos por isso, ao termos vontade em integrarmo-nos.”
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?**-
3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração**-
4. **Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?**
 - 4.1. **Económicos- Sim ou não?** – “Não, não posso dizer que tenhamos criado uma dinâmica que se reflita em impactes positivos económicos.”
 - 4.2. **Sociodemográficos- Sim ou não?** – “Sim, apesar de sermos apenas duas pessoas, neste contexto despovoado temos impacto. E também a nível de relações interpessoais com as pessoas locais, uma troca de saberes e experiências.”
 - 4.3. **Ambientais- Sim ou não?** – “Sim, podemos dizer que conservamos esta área. Conservamos a paisagem, plantamos árvores e já criamos animais, com boas práticas.”
- 4.4. **Culturais e institucionais- Sim ou não?** – “Sim, integramo-nos em iniciativas, por exemplo numa feira e no clube desportivo local.”
8. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido**- Neste caso não se aplica, devido a exercer uma profissão fora do meio rural.
5. **O que mais gosta no meio rural**- “Gosto da ritmo de vida não tão acelerado, da natureza, da tranquilidade, da paz interior”
6. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside**- “Acho que o mais me atrai aqui é o facto da beleza natural desta área, a vegetação virgem que ainda existe, a paisagem. Ainda, a história da cidade, as invasões francesas, as figuras históricas que nasceram nesta terra. Por outro lado, acho que Amarante tem aproveitado muito pouco o turismo, parece que parou no tempo. Amarante, que era uma referência no norte do país, tem vindo a perder importância quando comparada com outros concelhos. Há uma desorganização urbanística enorme.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “Sim, e é preciso alguma atividade, em caso de não estar na reforma, para viver definitivamente em meio rural. É preciso querer e é uma decisão pessoal. Só deve vir quem realmente quer.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver**- “Talvez, com mais tempo, no futuro se pense em algum projeto, mas sem certezas.”

3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?**- “Sim, queremos continuar aqui.”
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** – “Sim, acho que o caminho pode ser esse, mas na teoria é bonito mas não é assim tão fácil. São necessárias condições para que se faça a mudança urbano-rural e as câmaras não as criam. Não há oportunidades profissionais para haver essa mudança. Como se sabe, estes casos já são em algo número, mas mesmo assim ainda são poucos. Apesar de ser muito mais barato viver em meio rural, por exemplo aqui, do que no Porto. Mas é muito importante que jovens, e não só, vejam a importância dos territórios rurais e mudem de mentalidades.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
 - 5.1. **Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais-** “ Para isso, é preciso perguntar às pessoas o que precisam, o que falta. Têm de ser eles, após serem ouvidos, a dizer o que necessitam ou não. Penso que tem de ser algo personalizado, pois varia de território para território e de pessoa para pessoa.”
 - 5.2. **A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural-** “Aproveitar mais o rio Olo e a barragem. Facilitar e reabilitar os acessos, por exemplo. O rio tem de ser o cartão-de-visita.”
 - 5.3. **Os Territórios Rurais, no geral-** “ Têm de ser fomentada a riqueza dos territórios rurais. Portugal é um país tão rico, tão diversificado e com tanta história que é um grande perda não o aproveitar. Os produtos tão bons que Portugal tem, têm de ser promovidos e publicitados. No meu caso, que trabalho com o vinho e faço feiras e exposições internacionais, fico escandalizado com o tão pouco que os estrangeiros sabem de Portugal. Tem de ser promovida a natureza e beleza de Portugal.”

Entrevista Nº 16 E16

Data: 19/06/2015

Local: Lagares, Penafiel

Perfil

Idade	37
Sexo	F
Habilitações literárias	Mestrado em Economia e Administração de Empresas
Naturalidade	Mirandela
Profissão	Empresária de Turismo Rural
Freguesia e concelho atual	Lagares, Penafiel

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** – Vila Nova de Gaia
2. **O que fazia profissionalmente-** “Trabalhava na Indústria, era responsável por Sistemas de Qualidade.”
3. **Data da mudança-** Julho de 2013
4. **Porquê de ter mudado/motivações-** “ A questão de ativação ou recuperação de um espaço de família. Já existiam ligações passadas a esta localidade, por parte de familiares do meu marido. Depois por uma questão de oportunidade decidiu-se apostar neste projeto. Foi mais numa vertente de aposta económica.”
5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “ Essa decisão deve-se ao facto de o meu marido já ter cá a propriedade. Por meio de herança familiar, recebemos uma propriedade agrícola, com uma habitação incluída e partir daí começamos a pensar entrar no setor turístico.”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “ Ao dizer algo que não gostava, tenho de referir o trânsito, o stress, o ritmo agitado e acelerado e a poluição, tudo características dos meios urbanos.”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?**- “Não, de todo não foi esse o caso. Apesar de haver formas de estar diferentes não houve nenhum choque ou confronto que me leve a afirmar que tenham existido problemas na nossa integração aqui na localidade.”
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?**-
3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-**
4. **Percepção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?**
 - 4.1. **Económicos- Sim ou não?** – “Sim, sem dúvida. Difundimos o nome da aldeia, trazemos muita gente cá, que aqui fica hospedada, que não conhecia este local e que vão publicitar a outros. Criamos emprego, cerca de 3 postos de trabalho. As compras são feitas localmente e sem dúvida que foram criadas novas dinâmicas com a nossa vinda para cá e com este projeto turístico.”
 - 4.2. **Sociodemográficos- Sim ou não?** – “ Sim, muito também. Ajudamos no repovoamento local, e a diminuir a média de idades, com a presença dos 2 filhos, sendo que um já nasceu cá.”
 - 4.3. **Ambientais- Sim ou não?** – “Sim, muito, uma vez que nós recuperamos a quinta na sua totalidade. Conservamos a paisagem e tentamos que fosse uma recuperação tendo como base a sustentabilidade, recuperando todos os bens já existentes. Tentamos poluir o menos possível e abater o mínimo de árvores. Também cultivamos produtos agrícolas e frutícolas em modo de produção biológica.”
 - 4.4. **Culturais e institucionais- Sim ou não?** – “Sim, apoio a associação local “A CasaXiné”, uma Associação para a Promoção e Desenvolvimento Cultural de Quintandona.”
5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** “Nós candidatamo-nos a um projeto PRODOR, referente a uma unidade de turismo rural na tipologia de casa de campo. O financiamento, a taxa de apoio concedida, foi de 60% do investimento total. Depois de ficarmos com a propriedade, pensamos em fazer uma recuperação sustentável e que não teria sido possível fazer sem financiamento. Atualmente temos esta projeto de turismo rural, com várias unidades de alojamento, em que recebemos pessoas dos mais diversos lugares. Até agora, tem corrido muito bem, um sucesso dentro dos padrões esperados.”
6. **O que mais gosta no meio rural-** “Gosto do silêncio, da calma, da tranquilidade. De um ritmo mais calmo e mais perto da natureza.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside-** “ Penso que o que mais me atrai e mais favorece Penafiel é o facto de estar perto do Porto. Consegue-se aceder facilmente às grandes superfícies. Pelo lado contrário, acho que não há nada muito relevante que se possa apontar como negativo ao concelho.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “Sim, claro. Se puderem usufruir desta qualidade de vida aconselho.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “Esperamos que seja bom, como é óbvio. Mas olhamos com bons olhos o futuro, este projeto turístico, aliado a projetos de turismo participativo e de agricultura biológica, tem tudo para melhorar.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?**- “Sim, não penso mudar.”
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** “Sim, claro que sim. Podem ser estes novos rurais com as suas capacidades e valências, a criar um maior desenvolvimento económico rural.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**

5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais- “Eu acho que, acima de tudo, passa por facilitar as burocracias existentes de forma que possamos investir sem tantas demoras. Mas acho que as facilidades podem nem passar todas por económicas, mas pode haver um maior apoio por parte das entidades.”

5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “Penso que poderia passar pela aposta nos caminhos pedestres. É algo que tem muitos adeptos e praticantes e a freguesia tem um espaço ideal para tal.”

5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “Eu acho que tem de haver mais dinamismo e uma diversidade de apostas. Não pode ser só agricultura, pode-se apostar no turismo. Penso que se deve chamar mais pessoas mas sem haver uma alteração brusca do meio rural, que assim perde o seu valor e identidade.”

Entrevista Nº 17 E17

Data: 19/06/2015

Local: Marco, Marco de Canaveses

Perfil

Idade	50
Sexo	M
Habilitações literárias	“12º ano. Frequentei a Faculdade mas não acabei o curso superior.”
Naturalidade	Lisboa
Profissão	Empresário Agrícola
Freguesia e concelho atual	Marco, Marco de Canaveses

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

- 1. Onde residia antes da mudança** - Porto
- 2. O que fazia profissionalmente**- “Comercial em empresas de transporte internacional.”
- 3. Data da mudança**- 2000
- 4. Porquê de ter mudado/motivações**- “Já existia aqui neste local património, uma casa de família desde há séculos. Quisemos recuperá-la com a finalidade de não deixar morrer tão valioso património. A decisão de mudar para aqui também se deve, principalmente, à procura de uma maior qualidade para nossos filhos. Para além disso, quis dedicar-me à agricultura, vi uma oportunidade económica.”
- 5. Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia**- “Como já foi dito, existiam já fortes laços familiares a esta localidade. Para além disso, havia também património e essa foi a razão de escolhermos este local.”
- 6. O que menos gostava do meio urbano/cidades**- “O trânsito, o barulho, a confusão, tudo isso...”

Situação atual

- 1. Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?**- “Não, nenhum, antes pelo contrário. A família já tem ligações a esta terra há gerações e por isso as pessoas viram com bons olhos a nossa vinda.”
- 2. Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?**-
- 3. Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração**-
- 4. Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?**-
 - 4.1. Económicos- Sim ou não?** – “Sim, sem dúvida, muito, muito positivos. Criou-se muitos postos de trabalho ao longo do tempo a pessoas locais. A qualidade de vida da população melhorou com a nossa vinda.”
 - 4.2. Sociodemográficos- Sim ou não?** – “Sim, ao nós virmos já ajudamos a povoar a freguesia e a diminuir a média de idades com os nossos filhos. E com a nossa vinda houve mais amigos meus que também quiseram vir para o Marco, alguns em definitivo, outros com segunda residência.”

4.3. Ambientais- Sim ou não? – “Sim, a nossa vinda ajudou na conservação e melhoramento da paisagem. Houve plantação de vinha e reflorestação de toda a área envolvente, com a plantação de milhares de árvores.”

4.4. Culturais e institucionais- Sim ou não? – “Sim, a Rota dos Vinhos Verdes no Marco. Fomos dos fundadores da Rota.”

- 5. Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** “ Bem, neste momento a principal fonte de rendimento é o alojamento local, que tem tido muito sucesso. Recebemos muitas pessoas, principalmente no Verão. Contribuímos para que mais pessoas venham cá e conheçam a região. Mas, já fui vitivinicultor. Tinha duas marcas de vinho, uma de criação própria e outra recuperação de uma marca de família que se tinha perdido. Tive muito sucesso mas depois as coisas correram mal, devido à vinha ficar velha. E depois por já não ter sucessão na família para continuar, arrendei as vinhas.”
- 6. O que mais gosta no meio rural-** “Gosto de tudo. Da natureza, da tranquilidade, da paz...”
- 7. O que mais e menos gosta no concelho onde reside-** “O que menos me atrai é esta pseudo-evolução que é completamente ridícula. Fazerem prédios em tudo o que é sítio. De resto, gosto da natureza que ainda se conserva.”

Perspetivas futuras

- 1. Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “Sim, até já houve situações em que pessoas vieram viver para aqui por nós termos vindo. Mas não posso aconselhar só porque sim, já que isso as pessoas é que decidem.”
- 2. Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “Temos o projeto de alojamento local, que tem corrido bem felizmente. E achamos que no futuro tem tudo para continuar dessa forma.”
- 3. Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – “Sim, já nem conseguia sair daqui para o Porto, por exemplo.”
- 4. Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** – “Sim, acho que sim. O caminho é mais pessoas saírem do litoral e se instalarem no interior, acho isso fundamental. Quer para os meios rurais ganharem gente com competência e mais dinâmica e ao mesmo tempo as cidades ganhem mais qualidade de vida, com a saída de mais gente.”
- 5. Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
- 5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais-** “Propunha alguns benefícios. No caso da produção agrícola, acho que o mais importante é o escoamento de produtos, assegurar esse escoamento, por parte das entidades camarárias, junto com associações.”
- 5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural-** “Acho que a freguesia em si está bem trabalhada. Tem a Rota dos Vinhos Verdes do Marco e uma boa produção de kiwi. Tem havido algum apoio.”
- 5.3. Os Territórios Rurais, no geral-** “Acho que apostar no turismo era um bom caminho, aliado à agricultura. Os jovens com novas valências e capacidades, têm de ser atraídos para os territórios rurais.”

Entrevista N° 18 E18

Data: 27/05/2015

Local: Oliveira do Douro, Cinfães

Perfil

Idade	53
Sexo	F
Habilitações literárias	“12º ano de técnico de laboratório químico.”
Naturalidade	Miragaia, Porto
Profissão	Agricultora/Empresária Agrícola
Freguesia e concelho atual	Oliveira do Douro, Cinfães

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** – Ermesinde, Valongo
2. **O que fazia profissionalmente**- “Fui analista físico-química num laboratório, mas o último emprego antes de mudar para aqui foi cozinheira.”
3. **Data da mudança**- Abril de 2014
4. **Porquê de ter mudado/motivações**- “Principalmente pela qualidade de vida. Foi sempre o meu sonho vir para o meio rural. As minhas férias eram passadas em Cinfães, na infância, e sempre quis um dia estar ligada à agricultura, apesar de estar em ambiente urbano. Sempre tive fascínio e aliado à oportunidade de poder iniciar um projeto agrícola, não hesitei. Mas mesmo sem o projeto, eu viria na mesma.”
5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia**- “Já tinha raízes familiares fortes em Cinfães e com as partilhas de terrenos de heranças de família, coube-nos esta quinta. Assim, pudemos rentabilizar o que estava desaproveitado.”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades**- “O barulho, os carros, as filas para tudo: para os transportes, para as caixas dos hipermercados... a confusão.”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?**- “Não, não tive qualquer problema. As pessoas ficaram admiradas da minha mudança, por eu ter deixado a cidade, já que fui nascida e criada na cidade, estudei sempre no Porto. Mas fui muito bem recebida. Tive uma integração plena.”
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?**-
3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração**-
4. **Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?**-
 - 4.1. **Económicos- Sim ou não?** – “Sim, dou trabalho sazonalmente a locais. Faço também as compras localmente. Para além disso, vendo também os produtos dos vizinhos, produtores locais, ajudando a escoar os produtos deles. Quando eu não tenho certo tipo de produtos agrícolas, vou buscar aos vizinhos e vendo os deles às superfícies onde costumo vender, ajudando-os.”
 - 4.2. **Sociodemográficos- Sim ou não?** – “Sim, e até mesmo a nível das relações sociais. Tento participar em iniciativas locais e proponho sempre a muita gente a vinda para aqui.”
 - 4.3. **Ambientais- Sim ou não?** – “Sim, sem dúvida. Bem, o modo de produção é integrada. Abdicamos completamente de herbicidas, tento o mínimo de agressividade possível à natureza. Fizemos uma reflorestação, cuidamos da paisagem e ao mesmo tempo tentamos conservar a paisagem.”
 - 4.4. **Culturais e institucionais- Sim ou não?** – “Sim, integrei-me numa iniciativa de desporto local.”
5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido**- “Começou com o projeto de Jovem Agricultor, em nome do meu filho. Fiz várias formações na área para ganhar mais conhecimentos. Produzimos aí mirtilos, tenho uma estufa de 1000m² toda a variedade de produtos hortícolas, castanheiros e 1 hectare de cerejeiras. Criei o meu próprio micromercado. Com a minha carrinha, carregava-a com os frutos e legumes que tinha e passava nos minimercados do Porto, mostrava a qualidade e criei o meu canal de escoamento de produtos. Com amigos, criei os cabazes com a variedade de produtos que as pessoas pedem. Atualmente, vendo também para o mercado do Bolhão. Está a ser rentável.”
6. **O que mais gosta no meio rural**-“A tranquilidade, o verde. O chegar à cama à noite e não ouvir os carros. Acordar e abrir a janela e ouvir os passarinhos. O facto de ter o meu próprio horário de trabalho.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside**- “O que me atrai é a paisagem, a natureza. O que mais negativo posso apontar é o ensino e a saúde. Foi por estas razões que não vim para cá antes, quando tinha os meus filhos pequenos. Por exemplo, a falta de atividades extracurriculares.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “Sim, aconselho. A comprarem um pequeno terreno, se tiverem capacidade, e produzirem os seus produtos.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “A parte dos produtos hortícolas vejo o futuro com bons olhos. Depende como a pessoa age no mercado, em relação às pessoas que nos vão comprar. Por exemplo, eu vou à 2ª de manhã levar os meus produtos frescos, ninguém a essa hora já tem produtos frescos. As cerejas também se vão vendendo bem. Nos mirtilos é que penso que sou um pouco explorada, vejo com mais dificuldade o sucesso neste produto, cada vez há mais oferta.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – “Sim, já não sairei daqui.”
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** “Sim, sem dúvida nenhuma que acho que o caminho é esse. É necessário é que sejam apoiados para tal. Podem ser eles, no caso de virem, a ter filhos nestas áreas, a criar negócios com os seus novos conhecimentos, novas dinâmicas a todos os níveis.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
 - 5.1. **Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais-** “Apoiar nas reconstruções das casas, já que poem muitos entraves desnecessários. Quanto aos jovens penso que precisam de alguns benefícios que os chamem para a agricultura são precisos.”
 - 5.2. **A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural-** “Penso que apostar, como tem sido, em cursos de geriatria, por exemplo. Já que a população do concelho é muito idosa.”
- 5.3. **Os Territórios Rurais, no geral-** “Cada área do nosso país tem especificidades. Como tal, acho que é preciso incentivar a produção dos produtos específicos de cada região e subsidiar, não a fundo perdido. Reforçar a identidade e história de cada área.”

Entrevista Nº 19 E19

Data: 27/05/2015

Local: Ferreiros de Tendais, Cinfães

Perfil

Idade	59
Sexo	F
Habilitações literárias	Licenciatura em Ciências
Naturalidade	Cedofeita, Porto
Profissão	“Proprietária de casa de Turismo Rural e artista Plástica.”
Freguesia e concelho atual	Ferreiros de Tendais, Cinfães

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** – Senhora da Hora, Matosinhos
2. **O que fazia profissionalmente-** Funcionária Sindical
3. **Data da mudança-** 2000
4. **Porquê de ter mudado/motivações-** “Sempre gostei muito desta aldeia. Numa altura, todos os fins de semana vinha cá, até que vim de vez. Mudei a profissão anterior e vim para Cinfães, dedicando-me a gerir a casa de Turismo Rural, e simultaneamente às artes plásticas.”
5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “Já tinha raízes aqui, era a terra da minha avó.”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “Eu não posso dizer que não gosto do meio urbano. Adapto-me bem a todas as situações. Mas a apontar algo, talvez o trânsito.”

Situação atual

- 1. Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?**- “Sim, tive. As pessoas são muito territoriais e fechadas. Não são muito recetivos às pessoas de fora.”
- 2. Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?**- “Problemas quanto a direitos que eu tinha e tive de os reivindicar.”
- 3. Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração?**- “Tive de ser pelo tribunal, pela força.”
- 4. Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?**
 - 4.1. Económicos- Sim ou não?** – “Sim, emprego gente local. Vou ao padeiro local, por exemplo. Os turistas, que vêm para ficar hospedados aqui na casa de Turismo Rural, acabam por ir aos restaurantes e cafés locais. E penso no futuro começar um projeto de frutos silvestres, o que vai empregar mais gente.”
 - 4.2. Sociodemográficos- Sim ou não?** – “Sim, teve. É uma freguesia rural e povoamos com a nossa vinda. Acabei por arrastar 5 amigos para cá, teve um impacte positivo, sem dúvida.”
 - 4.3. Ambientais- Sim ou não?** – “Sim, pelo facto de os terrenos estarem abandonados e plantei árvores de fruto. E tenho cuidados e preocupações ambientais.”
 - 4.4. Culturais e institucionais- Sim ou não?** – “ Sim, tento integrar-me em iniciativas locais e recuperar tradições antigas: a desfolhada de modo tradicional, uma feira rural, encontros de janeiras.”
- 5. Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido?** – “Inicialmente, compramos a casa que já era de família, de gerações mais antigas. O projeto de Turismo Rural começou porque a casa era muito grande e pensamos em rentabilizar. Surgiu a ideia, fomos apoiados por fundos comunitários. Restauramos as casas e temos uma casa com 5 quartos e um “chalé”. Costumamos ter muita gente, mas mais no Verão, principalmente estrangeiros. A publicidade é feita pela Internet e depois o boca a boca, de pessoas que cá vêm e gostam. Mas não é muito rentável, devido ao facto de ser apenas no Verão que se recebe muita gente.”
- 6. O que mais gosta no meio rural?** – “A paisagem, o contacto com a natureza e com os animais. Acordar de manhã e ver o “trânsito” dos pássaros.”
- 7. O que mais e menos gosta no concelho onde reside?** – “Gosto da paisagem, do contexto natural da região. De negativo, penso que faz falta cultura. Quer cultura, para as pessoas que são rudes, quer atividade cultural. As festas são iguais há 50 anos.”

Perspetivas futuras

- 1. Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “Sim, aconselho, sem dúvida. A vida é mais barata. São opções que as pessoas têm de tomar mas há mais qualidade de vida, mais calma.”
- 2. Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver?** – “Pretendo continuar a atividade de Turismo Rural e projeto desenvolver um projeto de frutos silvestres.”
- 3. Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – “Sim, vou continuar.”
- 4. Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** – “ Sim, só pode ser esse o caminho. As pessoas das áreas rurais estão muito envelhecidas e tem de vir gente de fora para o interior, para criar novos dinamismos nestes territórios.”
- 5. Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
 - 5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais-** “Penso que deve haver incentivos e benefícios, suficientes para uma fixação a longo prazo. Para não abandonarem o local, um ou dois anos depois.”
 - 5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural-** “É necessário chamar mais pessoas de fora, para serem criadas novas oportunidades e dinâmicas. Mais atividades culturais, de forma às pessoas daqui usufruírem e dar a conhecer a visitantes.”

5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “Os terrenos abandonados têm de ser trabalhados. Tem de ser tomada uma providência para as terras serem alugadas ou dadas a quem as trabalha. Penso que passa pela terra, pelo regresso às origens.”

Entrevista N° 20 E20

Data: 02/07/2015

Local: Bem Viver, Marco de Canaveses

Perfil

Idade	27
Sexo	M
Habilitações literárias	Licenciatura
Naturalidade	Vila Boa do Bispo, Marco de Canaveses
Profissão	Gestor e agricultor
Freguesia e concelho atual	Bem Viver, Marco de Canaveses

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

- 1. Onde residia antes da mudança** - União das Freguesias de Nogueira, Fraião e Lamações, Braga
- 2. O que fazia profissionalmente**- Técnico de Diagnóstico e Terapêutica
- 3. Data da mudança**- 30-06-2013
- 4. Porquê de ter mudado/motivações**- “Foi a oportunidade de emprego relevante na terra de onde sou natural, bem como a perspetiva de mudança de carreira associada a nova formação.”
- 5. Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia**- “ Pelo facto de ser natural do concelho, de gostar do mesmo e de poder ir para um meio rural.”
- 6. O que menos gostava do meio urbano/cidades**- “A Impessoalidade, e o menor sentido de pertença associado.”

Situação atual

- 1. Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?**- “Não, pelo facto de já conhecer a terra, não tive qualquer problema de integração.”
- 2. Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?**-
- 3. Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração**-
- 4. Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?**
 - 4.1. Económicos- Sim ou não?** – “Sim, desenvolvo atividade económica na localidade rural. Para além disso, compro produtos locais e dinamizo, de certa forma, a economia local.”
 - 4.2. Sociodemográficos- Sim ou não?** – “Sim, liderança de uma autarquia local – junta de freguesia, com todo o impacto que isso tem na população e comunidade locais. Vir para aqui também ajudou no repovoamento.”
 - 4.3. Ambientais- Sim ou não?** – “Sim, tenho preocupações ambientais e a mudança trouxe uma menor utilização de carro.”
 - 4.4. Culturais e institucionais- Sim ou não?** – “Sim, integro várias entidades culturais – Casa do Povo de Vila Boa do Bispo e Descola-Desporto Cultura e Lazer. Também a Confraria do Anho Assado, entre outras).”
- 5. Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido**- “Gestor em projeto de cariz social – Contrato Local de Desenvolvimento Social – da tutela do Instituto da Segurança Social. O facto de ter formação superior em área diferente daquela em que anteriormente desempenhava funções, abriu novas oportunidades de trabalho. A par disso, sou empresário agrícola local.”

6. **O que mais gosta no meio rural-** “A proximidade pessoal, o sentido de pertença, o espírito de comunidade e maior proximidade a produtos genuínos do setor primário que propiciam bem-estar.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho-** “ O que mais gosto e me atrai, é a riqueza natural e cultural, a proximidade a grandes cidades e a dimensão regional relevante (*not too small*). O que menos gosto é o desordenamento do território, as baixas taxas de escolaridade, o conservadorismo vigente e reduzida dimensão do mercado de trabalho.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “Sim, proponho.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “Continuidade de programas sociais e, paralelamente, enraizamento e desenvolvimento do setor primário (agricultura) na região, sendo atualmente empresário no mesmo.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** - “Sim, sem dúvida.”
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** - “Sim, não só os neo-rurais, mas estes conjugados com os jovens e os emigrantes que deveriam regressar, pode criar-se as condições para que a presente geração tenha massa crítica suficiente para dinamizar social e economicamente territórios rurais.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
 - 5.1. **Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais-** “Condições diferenciadoras no estabelecimento de novos negócios (isenções, apoio técnico e informativo), desenvolvimento de rede aprofundada de empresários e outros *stakeholders* para assegurar a mais rápida integração e maiores possibilidades de sucesso.”
 - 5.2. **A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural-** “Um gabinete de apoio técnico e a disponibilização de espaços públicos. Uma cooperação com IEFP no sentido de assegurar formação qualificante, com vista às empresas em instalação. Também, a criação de rede de mentores que permita a comercialização em territórios adjacentes, nacionais e internacionais.”
 - 5.3. **Os Territórios Rurais, no geral-** “Atrair mais jovens para a agricultura, apostar em atividades económicas empreendedoras e inovadoras, envolver comunidades locais nas iniciativas.”

Entrevista Nº 21 Data: 07/07/2015 **Local:** Várzea, Aliviada e Folhada, Marco de Canaveses

Perfil

Idade	28
Sexo	M
Habilitações literárias	Licenciatura em Belas Artes
Naturalidade	Porto
Profissão	“Pratico terapias ayurédicas, produzo óleos essenciais e sou ainda escultor”
Freguesia e concelho atual	Várzea de Ovelha, Marco de Canaveses

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** – Miragaia, Porto
2. **O que fazia profissionalmente-** “O que eu faço atualmente, é o mesmo que já fazia anteriormente à exceção da escultura.”
3. **Data da mudança-** Agosto de 2013

4. **Porquê de ter mudado/motivações-** “A saturação com a cidade. Acho que a cidade está saturada, quer a nível populacional, quer de poluição, quer de oportunidades. A escassez de espaços verdes, que quando existem estão cheios de pessoas e sem a dimensão necessária... não é igual a estar na natureza virgem. Estava com uma espécie de “crise das cidades.” O trânsito, as filas para tudo, o não conseguir olhar no horizonte... Não conseguia viver na cidade de acordo com aquilo em que acredito. E quanto à escultura, na cidade não tinha inspiração para criar. Para além de não ter o espaço que necessitava.”
5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “Escolhemos Marco porque no início houve possibilidade de sermos caseiros numa propriedade. Nós trabalhávamos e tínhamos a habitação, o que facilitou a mudança. Apesar de ter aqui raízes no concelho, foi por uma questão de oportunidade e por não ser muito longe do Porto.”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “As direções distintas e que nem sempre levam as pessoas a remarem com o mesmo objetivo, para o mesmo lado. Existe uma grande produção de excedentes. A poluição e a dificuldade de pensar pela própria cabeça devido à quantidade de informação injetada diariamente.”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-** “Não, a adaptação foi boa, correu bem. Apesar da normal curiosidade por parte dos locais, por sermos diferentes e “esquisitos” para eles, fomos bem recebidos.”
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?-**
3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-**
4. **Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-**
 - 4.1. **Económicos- Sim ou não?** – “Sim, acabamos por ir à mercearia local e fazer vida aqui. Brevemente, também projetamos inaugurar um espaço aqui, onde vamos oferecer vários serviços relacionados com as nossas atividades.”
 - 4.2. **Sociodemográficos- Sim ou não?** – “ Sim, somos já 5 a viver a tempo inteiro. Sugerimos sempre a mais pessoas virem e tentamos ter sempre um impacte na comunidade. Por exemplo, um caso em que o acesso a um local, onde viviam também 3 deficientes, era muito mau, quase impossível em dias de chuva, e nós fizemos pressão para que as obras acontecessem, onde já eram adiadas há muitos anos.”
 - 4.3. **Ambientais- Sim ou não?** – “Sim, quando estávamos a cultivar, era só produtos biológicos. Temos preocupações ambientais e somos vegetarianos e só comemos produtos biológicos.”
 - 4.4. **Culturais e institucionais- Sim ou não?** – “Sim e temos essa preocupação. Organizamos já eventos culturais e ajudamos a dinamizar um espaço, com *workshops*, música, arte. Queremos mostrar aos locais e a outros que existem outras coisas diferentes e com estes eventos mudamos atitudes.”
5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** Neste caso não se aplica, devido a exercer uma profissão fora do meio rural.
6. **O que mais gosta no meio rural-** “ Das paisagens, da forma de estar. Da terra, da natureza, da maior liberdade de tempo e espaço. Uma maior abertura por parte das pessoas, este valor social consegue enaltecer o que melhor tem o homem.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside-** “Gosto do facto de os serviços disponíveis funcionarem e de estarem relativamente perto, têm uma boa acessibilidade. Talvez o que menos goste seja a mentalidade das pessoas, a cultura delas. O facto de serem adversas à mudança e só apostarem no que já está confirmado que dê resultado.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “Sim, testemunhamos o nosso caso a amigos e damos a conhecer a nossa experiência de forma a que mais pessoas façam a transição.”

2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “Num futuro próximo, está planeado inaugurar um espaço onde possamos desenvolver as nossas atividades profissionais, que já desenvolvemos atualmente noutra local.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – “Sim, para já sim. Voltar para a cidade não. Procuramos no futuro ter um terreno nosso, não se aqui ou não.”
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** – “Sim, de certo modo sim. Acho que é muito mais sustentável, um grupo pequeno pode funcionar que um grupo maior. Acho que até a organização do território seria muito mais coesa, mais estruturada. E penso que já tem sido muito mais forte o êxodo urbano, o sentido de comunidade, os meios de vida sustentáveis.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
 - 5.1. **Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais-** “Acho que assim como é uma decisão pessoal, é necessário partir da parte de quem quer mudar a procura de ajudas. Cada pessoa deve ter a sua manobra e procurar e tratar da sua mudança antes da mesma acontecer. Se houver vontade própria de mudar as coisas acontecem. Acho que a Junta de Freguesia é o melhor “ponto de socorro” para lidar mais de perto com a população.”
 - 5.2. **A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural-** “Um maior sentido de comunidade e apostar na vinda de mais pessoas e turistas.”
 - 5.3. **Os Territórios Rurais, no geral-** “Penso que têm de se tornar mais sustentáveis e tem de haver um maior equilíbrio financeiro e populacional em Portugal. Com a qualidade de vida que os territórios rurais dão, em termos de ambiente por exemplo, têm de ser capazes de melhor receber os novos. Apostar numa agricultura biológica e numa formação ambiental, a nível dos mais jovens.”

Entrevista Nº 22 E22

Data: 07/07/2015

Local: Várzea, Aliviada e Folhada, Marco de

Canaveses

Perfil

Idade	35
Sexo	F
Habilitações literárias	Licenciatura em Engenharia Ambiental
Naturalidade	Porto
Profissão	“Terapeuta, Professora de Yoga e faço massagens Ayurvédicas.”
Freguesia e concelho atual	Várzea de Ovelha, Marco de Canaveses

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** – Miragaia, Porto
2. **O que fazia profissionalmente-** “Exerço o mesmo que antes... Professora de Yoga e Terapeuta. Neste momento ainda me desloco ao Porto, uma vez por semana.”
3. **Data da mudança-** Agosto de 2013
4. **Porquê de ter mudado/motivações-** “Pelo ritmo da cidade, acelerado, pela poluição, pelo stress, pela saturação em tudo, até a nível económico. Já não estava motivada no ambiente urbano. Precisava de um local mais sossegado, puro, de espaços verdes, em contacto com a natureza e a terra. E queria estar num sítio e ter um estilo de vida que vá de acordo aquilo em que acredito. Também pelas crianças, que me diziam que queriam ir brincar para um jardim, que queriam estar na natureza e na cidade não era possível. Aqui, também era mais fácil para a educação deles e para crescerem com outra qualidade de vida. Eles não vão à escola, têm aulas em casa, ensino doméstico.”

5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “Surgiu a possibilidade de virmos para aqui. Foi uma questão de oportunidade. Procuramos desde o Porto até aqui e acabamos por ficar aqui no Marco. Claro que a opção também foi tomada por ser um sítio perto do Porto, 40kms, que possibilitasse uma melhor facilidade de deslocamento.”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “A falta de espaço, de espaços verdes, de natureza. A falta de tempo. A poluição...”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-**
“Não, fomos bem recebidos. Claro que nos acharam estranhos, pelo facto de sermos vegetarianos, pelos filhos estudarem em casa, mas no geral não houve problemas. Até com o último nascimento, que já aconteceu aqui, os vizinhos ofereceram prendas. Eles sentem que a população está envelhecida e com novos residentes e crianças há uma maior esperança no futuro.”
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?-**
3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-**
4. **Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-**
 - 4.1. **Económicos- Sim ou não?** –“Sim, compramos localmente alguns produtos, o mel por exemplo. E queremos no futuro, criar localmente um espaço para exercer as nossas atividades profissionais aqui. Pode aí ser criado um impacte ainda maior.”
 - 4.2. **Sociodemográficos- Sim ou não?** – “Sim, penso que sim. Viemos para aqui 4, 2 crianças incluídas, e neste momento já somos 5, já ocorreu um nascimento aqui. Procuramos mudar mentalidades, com as nossas experiências, quer a nível ambiental, quer, por exemplo, alimentação. Já duas pessoas alteraram a alimentação e são atualmente vegetarianas. Também procuramos ajudar a comunidade, como numa situação em que publicámos num jornal e fizemos um abaixo-assinado, para fazer pressão para haver um repavimento num local onde o acesso era muito difícil, principalmente quando chovia. E ele acabou por acontecer.
 - 4.3. **Ambientais- Sim ou não?** –“Sim, temos grandes preocupações ambientais e respeito pela natureza e pela conservação da mesma. Só comemos e produzíamos produtos biológicos. Tentamos também mudar mentalidades a nível ambiental na comunidade. Tenho o “sonho” de que, através da formação, ensino e educação ambiental se possa, daqui a uns anos ver o Marco como um concelho “100% Bio”. Integro uma associação ambiental, sou vice-presidente da mesma.”
 - 4.4. **Culturais e institucionais- Sim ou não?** – “Sim, organizamos eventos culturais e pertença a uma associação “A Associação dos Amigos do Rio Ovelha”, que tem também como objetivos a conservação do património cultural do Rio e suas margens.”
5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** Neste caso não se aplica, devido a exercer uma profissão fora do meio rural.
6. **O que mais gosta no meio rural-** “Do contexto, da natureza, da terra. O maior sentido de comunidade. De ouvir os pássaros, de poder tomar banho no Rio... da liberdade.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside-** “Gosto do facto de existir boas políticas para os mais novos: a nível das escolas, dos transportes, parques infantis, férias escolares, da alimentação. Acho que falta uma aposta no Turismo, forte.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** –“Sim, já propusemos a vários amigos a vinda para aqui. Já mostramos o local a amigos que vivem nas cidades e já pensam nessa mudança.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “Projetamos abrir um espaço brevemente, de terapias e Yoga, aqui no Marco.”

3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – “Sim, está fora de questão voltar para a cidade. Se o futuro será neste local ou não, não sei. Mas a intenção de continuar no meio rural é grande.”
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** – “Sim, até porque ao se estabelecerem nos meios rurais e a constituírem família, conseguem povoar e rejuvenescer a população local.
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
 - 5.1. **Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais-** “Acho que devia haver por parte das Câmaras os meios necessários e pôr à disposição dos novos rurais, para ajudarem em tudo. Se as pessoas são de fora e querem desenvolver um projeto nesta área, as Câmaras devem se propor a ajudar em tudo para começarem... disponibilizar terrenos, informar dos subsídios municipais, nacionais e europeus disponíveis.”
 - 5.2. **A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural-** “Tornar a comunicação mais fácil entre a população e a junta. E apostar no Turismo, que é algo muito pouco aproveitado por aqui.”
 - 5.3. **Os Territórios Rurais, no geral-** “Acho que é um pouco de tudo, desde atrair jovens, apostar no turismo, incentivar a vinda de famílias para o meio rural... Mas a agricultura é a base da sociedade. Quanto melhor a alimentação, melhor a qualidade de vida da população. A agricultura biológica pode ser um nicho de mercado que bem articulado, pode trazer grandes benefícios para Portugal. Tem de existir uma educação nesse sentido e tornar os agricultores em empreendedores, que satisfaçam as necessidades do mercado Europeu. É necessário captar, cativar e formar as pessoas para as pessoas sejam empreendedoras.”

Entrevista Nº 23 E23

Data: 15/07/2015

Local:Paços de Gaiolo, Marco de Canaveses

Perfil

Idade	39
Sexo	F
Habilitações literárias	Licenciatura
Naturalidade	Porto
Profissão	Técnica de Turismo
Freguesia e concelho atual	Paços de Gaiolo, Marco de Canaveses

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** – Paranhos, Porto
2. **O que fazia profissionalmente-** Jornalista
3. **Data da mudança-** 2000
4. **Porquê de ter mudado/motivações-** “Procurávamos residência própria na cidade do Porto. Frustrados com os preços elevados, decidimos experimentar viver fora da cidade numa habitação familiar já existente.
5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “Já existia uma casa pronta a habitar, que pertencia à família.”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “Do trânsito, do modo de vida agitado...”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-** “Não sentimos problemas.”
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?-**

3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-**
4. **Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-**
 - 4.1. Económicos- Sim ou não? –“Sim, mas só quando iniciámos o projeto turístico se pode falar em efeitos económicos. Criamos emprego, sim, e temos recorrido a outras empresas, produtos e serviços locais.”
 - 4.2. Sociodemográficos- Sim ou não? –“Trazemos pessoas para esta localização de forma casual e pontual - amigos e familiares que nos visitam e, desde o projeto, turistas que permanecem aqui algum tempo de férias. Desde que nos mudámos, nasceram as nossas duas crianças.”
 - 4.3. Ambientais- Sim ou não? –“ Sim, mas não para a utilização do carro. Para consumir e recorrer a serviços, precisamos sempre de usar o carro. Sim para tudo o resto, mas nada demasiado radical e diferente do que fazíamos quando ainda vivíamos na cidade. Aqui, fazemos separação seletiva de lixo, a manutenção das nossas matas, preservámos o campo...”
- 4.4. Culturais e institucionais- Sim ou não? –“ Não, nesse âmbito não.”
5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** “O projeto turístico é um projeto familiar. Eu e o meu marido somos os únicos da família que aqui residimos todo o ano. O meu marido mantém emprego como engenheiro. Após vários anos desempregada e a cuidar das crianças, a minha ocupação profissional é totalmente dedicada à Quinta da Bouça. A Quinta da Bouça Agroturismo é um projeto co-financiado através do programa PRODER.”
6. **O que mais gosta no meio rural-** “O ritmo da vida é mais tranquilo. Mesmo quando não nos é possível fazer tarefas ligadas à natureza, inevitavelmente, acompanhamos a evolução da natureza ao longo do ano de uma forma muito mais consciente apenas pela observação... nas cidades é quase impossível perceber os ciclos de transformação naturais.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside-** “Não faço grande distinção entre este concelho e os concelhos vizinhos também com grandes áreas rurais com bastantes residentes, ainda que dispersos no espaço. As maiores desvantagens para quem está cá, embora tenha criado os seus laços de amizades noutro sítio, é precisamente a distância física de amigos e familiares que, durante algumas fases das nossas vidas, nos afasta.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “Não... Não nos vemos como exemplo para ninguém. O que resulta com umas pessoas não resulta com outras.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “Acreditamos que tem mais pernas para andar e continuar a desenvolver-se por mais anos.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – Sim
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** –“ Sim, caso mais famílias se instalem nos meios rurais, mais atividade social e económica se desenvolve. É um paradoxo, mas também temos assistido a certos desenvolvimentos que levam a transformações de certas áreas rurais com habitantes "neo-rurais" que mais parecem áreas "neo-urbanas" ... Mais pessoas, mais escolas, mais serviços de saúde. Também mais lojas, mais restaurantes, mais transportes, mais carros, mais lixo. E por aí fora.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**

“Francamente, não sabemos responder.

5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais-

5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural-

5.3. Os Territórios Rurais, no geral-

Perfil

Idade	43
Sexo	M
Habilitações literárias	“Ensino Superior, Licenciatura.”
Naturalidade	Porto
Profissão	Engenheiro
Freguesia e concelho atual	Paços de Gaiolo, Marco de Canaveses

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** – Foz do Douro, Porto
2. **O que fazia profissionalmente**- Engenheiro
3. **Data da mudança**- 2000
4. **Porquê de ter mudado/motivações**- “Devido ao custo de vida, principalmente o preço de habitação ser elevadíssimo no Porto. Como existia uma habitação de família aqui, decidimos mudar de meio.”
5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia**- “O facto de já existirem raízes e habitação foi a razão da escolha do local.”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades**- “Do stress, do ritmo acelerado, do trânsito...”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?**- “Não, não existem problemas desse tipo.”
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?**-
3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração**-
4. **Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?**
 - 4.1. **Económicos- Sim ou não?** –“ Sim, mas até há 2-3 anos, para além de utilizarmos e recorrermos a alguns serviços e produtos locais, o nosso estilo de vida não trouxe efeitos especialmente positivos. Éramos um agregado a residir fora da cidade, as nossas rotinas diferiam bastante das rotinas urbanas, mas apenas só isso. Quando iniciámos o projeto turístico, os efeitos mais diretos fazem sentir-se por causa do arranque da iniciativa. Teve efeitos económicos, de emprego e de recorrer a serviços locais.”
 - 4.2. **Sociodemográficos- Sim ou não?** –“Sim, para além de trazermos esporadicamente amigos e familiares, vêm turistas que aqui ficam alojados durante algum tempo. E somos 4 a viver a tempo inteiro, nasceram as nossas duas crianças aqui.”
 - 4.3. **Ambientais- Sim ou não?** –“Temos as preocupações ambientais normais, mas que já tínhamos anteriormente. Quanto à utilização do carro, por exemplo, não consigo evitá-la ou reduzi-la, uma vez que tenho de me deslocar para trabalhar. Mas temos cuidados com a manutenção do nosso espaço natural, com a perservação da paisagem.”
 - 4.4. **Culturais e institucionais- Sim ou não?** –“Não, nada a indicar.”
5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido**- “Bem, o projeto começou há cerca de três anos. Eu ainda mantenho o emprego como engenheiro, mas a minha mulher dedica-se a tempo inteiro a esta atividade. É uma Quinta de Agroturismo, em que, neste momento, oferecemos alojamento em 4 casas diferentes. São 16 hectares de bosque e pomar, em que

recuperamos habitações em ruínas. O projeto foi financiado por fundos comunitários, candidatamo-nos ao apoio do PRODER.”

6. **O que mais gosta no meio rural-** “Do ritmo de vida mais calmo, sossegado... e da proximidade da natureza.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside-** “A desvantagem não está associada ao concelho do Marco ou de Amarante ou Baião, mas sim a qualquer localização que obrigue a um certo isolamento espacial, como é o caso das zonas rurais. O distanciamento físico da família e amigos é o que mais aponto.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** –“Não, é uma decisão pessoal dos próprios.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “Penso que tem tudo para se desenvolver da melhor forma no futuro.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** - Sim
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** –“Sim, sem dúvida que o facto de mais famílias mudarem para áreas rurais, traz dinâmicas sociais e económicas importantes. Mas, há o lado contrário, de quase se urbanizar as áreas rurais.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:-**
“Francamente, não sabemos responder.”
 - 5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais-
 - 5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural-
 - 5.3. Os Territórios Rurais, no geral-

Entrevista N° 25 E25

Data: 18/07/2015

Local: Souselo, Cinfães

Perfil

Idade	35
Sexo	F
Habilitações literárias	Licenciatura em Engenharia do Ambiente
Naturalidade	Porto
Profissão	Agricultora/Empresária Agrícola
Freguesia e concelho atual	Souselo, Cinfães

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** – “Nos últimos anos vivi em vários sítios: Porto, Brasil e Argentina. Mas o último local de residência foi em Buenos Aires, Argentina.”
2. **O que fazia profissionalmente-** “ Realizava ações de Educação ambiental.”
3. **Data da mudança-** “Março de 2014.”
4. **Porquê de ter mudado/motivações-** “Eu foi porque sempre quis trabalhar em algo ligado à natureza, à terra... Queria fugir ao ritmo da cidade, aos carros, à confusão.”
5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “A quinta em Cinfães é da minha família, dos meus avós. Tínhamos o terreno e não conseguiríamos estar a comprá-lo noutra local, a começar tudo do zero. “
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “Sentimento de claustrofobia, de falta de espaço... do ruído, a aceleração da cidade, a falta de tempo.”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?**- “Não, porque já conhecia o espaço, as pessoas de lá. Quando era pequena passava lá fins de semana e férias. Por isso, facilmente me integrei. As pessoas incentivam, dão-nos apoio por estarmos a apostar neste local. Ficam contentes e percebem que podemos ajudar, que podemos trazer resultados.”
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?**-
3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-**
4. **Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?**
 - 4.1. **Económicos- Sim ou não?** –“Sim, mas estamos apenas há um ano, em termos de impactes é difícil medir. Recebemos voluntários da rede “WWOOF”, estrangeiros, que consomem localmente e ficam a conhecer a região e quem sabe a divulgá-la para fora. Para além disso, com os amigos e família que nos visitam regularmente, acabamos por criar uma movimentação que não existia.”
 - 4.2. **Sociodemográficos- Sim ou não?** –“ Sim, em termos sociais, de mentalidade, tentamos mostrar outras formas de vida, outras formas de ser e estar perante a vida. Penso constituir família aqui.”
 - 4.3. **Ambientais- Sim ou não?** –“Sim, queremos criar uma consciência ambiental e tentar converter muito dos produtores para uma produção biológica. Trazer uma mentalidade que as pessoas que estão naquele meio não têm. Produzimos produtos biológicos, conservamos a Quinta...O carro é que, pelo facto de estarmos numa zona mais longe, obriga-nos a usá-lo com regularidade. Vir aos centros urbanos é a forma de comercializar os produtos.”
 - 4.4. **Culturais e institucionais- Sim ou não?** – “Sim, estamos a tentar criar uma rede de produtores, porque achamos que as pessoas trabalham muito individualmente. Só têm a ganhar se se organizarem como um todo. Contactamos muito a Câmara e a Junta. Pertencemos à Associação Empresarial de Cinfães.”
5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** “ Começamos há um ano atrás o projeto. Pensei na agricultura e depois no turismo porque é o que a área de Cinfães mais tem para oferecer. Não nos candidatamos a fundos, temos uma produção pequena e preferimos, primeiramente, medir os resultados e depois alargar. A quinta tem 5 hectares, começamos com uma parte com hortas e depois pensamos mais na parte económica. Temos morangos em modo de produção biológico, 3500 pés de morangos e é a maior fonte de rendimento. Seleccionamos algumas variedades de morango que não existam no mercado e nos permitam ter um nicho de mercado e preços competitivos. O escoamento do produto é feito em loja de produtos biológicos, numa superfície comercial e em feira de produtos bio. Fazemos outro tipo de atividades, mas ainda estamos no início. Estamos a criar um alojamento para receber turistas, atividades sazonais para vindima, fazemos *workshops* de construção natural, transformação de produtos alimentares como compotas. O objetivo é diversificar para aumentar o rendimento, ter atividades complementares.”
6. **O que mais gosta no meio rural-** “É o contacto com a natureza e o facto de poder desenvolver o nosso próprio projeto. É extremamente motivante.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside** – “ O que menos gosto talvez tenha a ver com a cultura das pessoas, que são um pouco “limitadas” quanto ao pensamento e adversas à mudança. Há pouco cooperativismo. O que mais gosto é o espaço aberto, o contexto, a natureza. ”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** –“Não, acho que tem de se gostar, uma disposição para isso. Temos de gostar do que fazemos. Aqui exige-se mais esforço, mais dedicação. Fomento mais contacto com a natureza mas não aconselho sem saber se as pessoas quieram.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “Queremos diversificar a atividade para conseguirmos ser autossustentáveis. Projetamos aumentar o morangal e começar uma plantação de maracujá.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – “ Sim, sem dúvida.”

4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** – “Sim, para desenvolver novas atividades, mas de uma forma responsável e sustentável. O verdadeiro impacte é esse. As pessoas que vêm das cidades e têm outros estudos e uma visão diferente, conseguem transformar as coisas de uma forma mais sustentável. E claro que conseguem desenvolver dinâmicas que povoem as áreas.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
- 5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais- “Acho que devia haver mais cooperativismo. Falta uma rede de partilha de experiências e ideias. Todos ficariam a ganhar. Se calhar, ajudar em termos financeiros mas acho que não é por aí. Se houver vontade dos próprios, eles conseguem.”
- 5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “Desenvolver atividades de turismo, dar a conhecer mais a tradição, ajudar os pequenos produtores...”
- 5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “As áreas rurais têm de ser analisadas individualmente. Cada área tem a sua especificidade e como tal apostar territorialmente nas características de cada região. Pensar mais local.”

Entrevista Nº 26 E26

Data: 18/07/2015

Local: Souselo, Cinfães

Perfil

Idade	40
Sexo	M
Habilitações literárias	Licenciatura em Administração de Empresas
Naturalidade	“Norte da Argentina.”
Profissão	Agricultor/Empresário Agrícola
Freguesia e concelho atual	Souselo, Cinfães

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** – Buenos Aires, Argentina
2. **O que fazia profissionalmente-** “Trabalhava na Argentina numa empresa de administração e tinha uma escola de patins em linha.”
3. **Data da mudança-** 2014
4. **Porquê de ter mudado/motivações-** “Eu tinha estabilidade financeira, estava com uma situação económica boa... Mas optamos pela natureza em vez de Buenos Aires.”
5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “Foi por razões familiares, existia a tal propriedade em Cinfães. Doutra forma não seria possível.”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “Do ritmo acelerado das cidades.”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-** “Não, foi ótima a receptividade de verem alguém de fora, como eu. Há a curiosidade de saber de onde venho, que fazia... É estranho para as pessoas o facto de trocar uma cidade grande, como Buenos Aires, por Cinfães.”
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?-**
3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-**

4. Percepção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-

4.1. Económicos- Sim ou não? –“ Sim, apesar da dificuldade em medir, por estarmos aqui há pouco tempo, penso que contribuímos para a economia local e recebemos várias pessoas, que acabam por consumir aqui.”**4.2.**

Sóciodemográficos- Sim ou não? – “Sim, penso que a maio dinâmica criada é a social, com a tentativa de interação social com os locais, aliada a uma mudança de mentalidades.”

4.3. Ambientais- Sim ou não? –“Sim, as pessoas olhavam com desconfiança para a nossa produção biológica, diziam: “isso não vai crescer, têm de pôr sulfato.” Atualmente vão visitar o nosso morangal e vêem que é possível. Aí, temos um impacte a nível de alteração de mentalidades dos locais.”

4.4. Culturais e institucionais- Sim ou não? – “Sim, envolvemo-nos com a Câmara, com a Junta de Freguesia, estamos sempre em contacto. E somos associados da Associação Empresarial de Cinfães, para conhecer outros produtores, para estarmos todos ligados, para criar redes de entre-ajuda, de negócio...”

5. Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido- “Começamos há um ano atrás o projeto na Quinta. Inicialmente, e para ver se me adaptava e gostava, iniciamos numa parte da quinta a produção numa horta e num pomar, já existente. Queríamos também, primeiramente, ver se me sentia realizado a fazê-lo. Depois desenvolvemos a produção de morangos em modo de produção biológico. Por enquanto, está a correr bem, como esperado.”

6. O que mais gosta no meio rural- “Da natureza, do contexto. E a motivação de ver o projeto a nascer, a quinta a ser transformada.”

7. O que mais e menos gosta no concelho onde reside – “ O que gosto mais é a natureza. Menos, a mentalidade das pessoas.”

Perspetivas futuras

1. Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não? –“ Não, convidamos amigos a visitar-nos mas têm de ser os próprios a saber se querem fazer essa mudança.”

2. Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver- “Estamos a acreditar que rentável vai ser. Aumentar a produção e desenvolver as atividades que criamos.”

3. Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não? – Sim

4. Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos. “ Sim, mas é preciso preservar. As pessoas de meios urbanos, com mais capacidades, podem criar atividades sustentáveis, que dinamizem áreas rurais.”

5. Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:

5.1.Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais-“ Devia existir mais acompanhamento e planeamento e aconselhamento, por exemplo, aos jovens agricultores. Muitos deles dedicam-se à agricultura sem a mínima ideia do que estão a fazer, sem conhecimento do mercado, apenas para ir buscar o dinheiro. O caminho não é só a atribuição de fundos.”

5.2.A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “Apoiar as riquezas da terra e fomentar a aposta no turismo.”

5.3.Os Territórios Rurais, no geral- “Apostar mais na comercialização do produto nacional. Importamos muitas coisas, que não têm a qualidade dos produtos daqui. Começar a criar um mercado de escoamento de produtos para possibilitar a vinda de mais novos rurais.”

Entrevista Nº 27 E27

Data: 18/07/2015

Local: Freixo, Marco de Canaveses

Perfil

Idade	46
Sexo	M

Habilitações literárias	“12º ano. E tive formação na área agrícola.”
Naturalidade	Porto
Profissão	Agricultor
Freguesia e concelho atual	Freixo, Marco de Canaveses

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

- 1. Onde residia antes da mudança - Porto**
- 2. O que fazia profissionalmente-** “Pequenos empregos em escritórios.”
- 3. Data da mudança-** 2001
- 4. Porquê de ter mudado/motivações-** “ A motivação principal era o meu gosto pelo campo, pela natureza.”
- 5. Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “ Foi apenas porque a terra lá era mais acessível, em termos económicos. Não existiu outra razão para além do preços das terras.”
- 6. O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “A questão não era não gostar das cidades, apenas me identificava mais com o campo.”

Situação atual

- 1. Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-** “Sim, tive. A integração não foi fácil, não conhecia ninguém quando cheguei.”
- 2. Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?-**“Os obstáculos foram na base das diferenças culturais entre mim e os locais. E não era olhado com bons olhos, por não ser do meio.”
- 3. Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-** “ Foi o tentar de estabelecimento de relações, para criar uma certa empatia.”
- 4. Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-**
 - 4.1. Económicos- Sim ou não?** – “ Sim, já dei e dou emprego a locais e trouxe talvez alguma inovação.”
 - 4.2. Sóciodemográficos- Sim ou não?** – “Sim, principalmente contribui para a mudança de pensamento de muita gente, de certos hábitos e maneiras de ser e estar.”
 - 4.3. Ambientais- Sim ou não?** –“Sim, acabei por proteger a natureza. E tenho preocupações ambientais, para além de só produzir produtos biológicos.”
 - 4.4. Culturais e institucionais- Sim ou não?**– “ Não, não me integrei em nada nessa área.”
- 5. Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** “Eu vivo exclusivamente da agricultura. Hoje em dia estou a trabalhar na agricultura biológica. Tenho 20 hectares e produzo hortícolas e frutas e vendo produtos em feiras de produtos biológicos. Acaba por ser rentável.”
- 6. O que mais gosta no meio rural-** “Gosto da relação com a natureza e da maior qualidade de vida que se tem nestas áreas.”
- 7. O que mais e menos gosta no concelho onde reside –** “O que faz mais falta é a cultura que não existe, nem o incentivo para isso. O que mais gosto é a natureza, nada para além disso me atrai mais. Se calhar estou a ser básico mas é isso.”

Perspetivas futuras

- 1. Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** –“ Não. Se eu achar que a pessoa tem o perfil para isso posso falar. Mas, acho que a pessoa é que tem de saber se pretende mudar de área e de vida.”
- 2. Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “ O futuro avizinha-se bom. Acho que apesar de Portugal estar em crise, a agricultura biológica cada vez mais desperta interesse por parte das pessoas. As pessoas querem comer bem.”
- 3. Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – Sim

4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** –“Eu acho que sim. Os impactos podem nem se refletir já, mas acho que no futuro a nível demográfico e a outros níveis podem ser importantes. São pessoas com outras formações e informações e criam outras dinâmicas.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
- 5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais- “As Câmaras podia ajudar mais de perto. Também é importante as pessoas se associarem.”
- 5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “ Podia partir da natureza, da cultura e chamar pessoas, de forma a ter novos residentes.”
- 5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “Acho que cada área é específica. Há zonas de Portugal muito remotas e têm de ser vistas de forma diferente de áreas próximas de urbanidade.

Entrevista Nº 28 E28 Data: 23/08/2015 **Local:** Amarante (São Gonçalo), Madalena, Cepelos e Gatão, Amarante

Perfil

Idade	29
Sexo	F
Habilitações literárias	“Curso Gestão e mestrado em produção de eventos e entretenimento.”
Naturalidade	Amarante, Portugal
Profissão atual	Gestora Turística
Freguesia e concelho atual	S Gonçalo, Amarante

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** - Lisboa
2. **O que fazia profissionalmente-** Produtora de Eventos
3. **Data da mudança-** Julho 2014
4. **Porquê de ter mudado/motivações-** “A oportunidade de desenvolver o meu próprio projeto , ficar mais perto da minha família e a procura de melhor qualidade de vida.”
5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “Por ter familiares e maiores oportunidades para desenvolver uma atividade em meu nome.”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “Stress e poluição.”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-** “ Sim, alguns, mas porque já tinha um passado e devido à minha família foi facilitada minha integração. “
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural** – “Os obstáculos que existem estão diretamente ligados a um territorialismo em excesso por parte dos locais, no sentido de : maior resistência à mudança, medo do desconhecido, dificuldade em aceitar novas ideias e projetos inovadores, apego ao facilitismo, pensamento focado no individual em vez do colectivo e inércia em co-criar sistemas para melhorar a vida social da cidade.”
3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou?** - “No dia a dia: tentar desmistificar conceitos antiquados e apresentar outras possibilidades, incentivar e apoiar projetos e negócios que considere positivos para a vida

social da cidade. Na vida profissional : tentar contornar hábitos anti-profissionais enraizados devido a uma herança profissional anti ética.”

4. Percepção- Impactes da inserção- Se o entrevistado acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos na localidade onde vive ou desenvolve atividade, em vários âmbitos, e porquê.

4.1. Económicos- Sim ou não? – “Sim no meu caso, com a abertura de uma unidade de turismo, irá para além de gerar dinâmica económica, também dar emprego a habitantes locais.”

4.2. SocioDemográficos- Sim ou não? - “Sim, constituir família.”

4.3. Ambientais- Sim ou não? – “Sim, tentar dar prioridade a outros meios para além do carro, por exemplo, andar a pé. Cuidados ambientais que temos em qualquer outra lugar como a reciclagem do lixo. Ainda não concretizado tenho um projeto de agricultura biológica para fornecer o hotel, reflorestamento do terreno onde habito que engloba árvores frutíferas e reaproveitamento de água da chuva.”

4.4. Culturais e institucionais- Sim ou não? – “Sim, o meu projeto está inserido organização profissional de negócios, o grupo BNI, com reuniões semanais.”

5. Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia em meio rural. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido- “Estou neste momento a preparar um projeto de reabertura de um hotel na cidade. A proposta de fazer parte deste projeto surgiu através do meu Pai. Pelo edifício estar desde a sua origem na minha família e por ser um edifício emblemático na cidade, não hesitei em aceitar a proposta. Estamos a ter ajuda no âmbito da reabilitação urbana através do programa do ARU e estamos a nos candidatar ao programa do Portugal 2020. Decidimos criar um hostel dedicado às artes e em especial aos artistas que criaram histórias nesta cidade. Amarante é o berço de grandes figuras do panorama cultural português, e queremos que quem cá venha seja inspirado pelas suas vidas. O projeto pretende oferecer diferentes opções para experiências distintas, cruzando o formato de Hotel e Hostel. Queremos oferecer o melhor destes dois mundos – limpeza, serviço e profissionalismo aliados ao convívio num ambiente informal e familiar. Com um conceito totalmente moderno e inovador, pretendemos nos enquadrar como um Hostel Boutique dispondo de internet em todo o edifício, cozinha comunitária totalmente equipada, bicicletário, bar com uma varanda e jardins onde poderá apreciar a belíssima vista sobre o rio. Acredito que o impacto mais positivo é a possibilidade de trazer pessoas de todo o mundo, e oferecer um alojamento com um nível igual ou superior ao que existe nas grandes cidades. A vinda de turistas a meios rurais tem um impacto superior às grandes cidades, onde o turismo já está muito dinamizado. Queremos oferecer não só aos nossos hóspedes mas também à comunidade local, um espaço alternativo de lazer (bar/restaurante) e propiciar eventos culturais esporádicos integrando os hóspedes com a população local.”

6. O que mais gosta no meio rural- “Da natureza, tranquilidade, facilidade na aquisição de produtos naturais e orgânicos, facilidade de locomoção.”

7. O que mais e menos gosta no concelho onde reside- “o que mais gosto: Possibilidade de dedicar mais à família, possibilidade de desenvolver projetos. o que menos gosto: a aversão à mudança e a dificuldade em aceitar novas ideias.”

Perspetivas futuras

1. Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não? – “ Sim.”

2. Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver- Sem resposta por parte do inquirido.

3. Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não? – “Sim.”

4. Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos. - “Sim. Constituinto família, gerando outro tipo de negócios, atração de capital, apresentar modos diferentes de vida e mostrar formas de trabalho diferenciadas.”

5. Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:

5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais- “Organização de encontros para inserção com a comunidade local.”

5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural-

5.3. Os Territórios Rurais, no geral-

Perfil

Idade	59
Sexo	F
Habilitações literárias	“Licenciatura em História e Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesa. Nenhuma ligação à terra ou formação relacionada com o rural.”
Naturalidade	Lisboa
Profissão	Reformada
Freguesia e concelho atual	Cinfães, Cinfães

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

- 1. Onde residia antes da mudança - Lisboa**
- 2. O que fazia profissionalmente-** “Era Professora. Fui Professora maioritariamente no Ensino Secundário.”
- 3. Data da mudança-** 2011
- 4. Porquê de ter mudado/motivações-** “Sempre senti o apelo da terra e sempre tive uma grande preocupação ambiental. Tive uma enorme saturação com a profissão e com a cidade, senti um desecamento absoluto. Precisava de fugir a um ritmo e stress citadino que me prejudicava.”
- 5. Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “Querida o Norte por ser “verde e água”. Depois vi várias localidades, queria algo relativamente pequeno, para ser o oposto das cidades. Calhou ser em Cinfães por uma questão de oportunidade de compra deste terreno, nem conhecia aqui alguém.”
- 6. O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “É o barulho, que muito me cansa. E a dificuldade de deslocação nas cidades.”

Situação atual

- 1. Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-** “Não, nenhuma. Existiu curiosidade, até porque as pessoas perguntam: “o que vieste para aqui fazer? Isto não tem nada”. Mas posso dizer que fiz de tudo para ter uma integração plena.”
- 2. Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?-**
- 3. Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-**
- 4. Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-**
 - 4.1. Económicos- Sim ou não?** – “Sim, é difícil de medir mas ajudei as pessoas a aproveitarem melhor os seus próprios recursos, dei a conhecer novas utilizações de certos produtos para as pessoas os consumirem e rentabilizarem. De certa forma, alguma inovação trouxe.”
 - 4.2. Sóciodemográficos- Sim ou não?** – “Sim, penso que aqui devo referir a mudança de mentalidades, sem dúvida nenhuma. Por exemplo, já levei o “Chi Kung”, uma prática terapêutica, a todas as 14 freguesias do concelho.”
 - 4.3. Ambientais- Sim ou não?** – “Sim, sou vegetariana e produzo agro-bio e também cremes e sabões naturais. Dou também a conhecer a utilização de ervas, que as pessoas não têm conhecimento de como as usar e as dão aos animais. Por outras palavras, tento mudar algumas ideias e mentalidades que as pessoas têm quanto à prática agrícola.”
 - 4.4. Culturais e institucionais- Sim ou não?** – “ Sim, fiz parte da Universidade Sénior Local e faço voluntariado nos Cuidados Continuados. Sou membro da Misericórdia e de uma associação do Vale do Bestança.”
- 5. Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-**

6. **O que mais gosta no meio rural-** “ É o silêncio, silêncio dos carros e não da natureza. Gosto de ver o trânsito dos pássaros, os esquilos... Estas paisagens, o vento, a chuva. No geral, o contacto com a natureza e ter qualidade de vida.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside** – “Posso referir este verde virgem, a natureza como o que mais gosto. Como ponto negativo, aponto a pouca união, o cooperativismo.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “ Sim, sem dúvida. Aconselho, caso haja condições para isso.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “ Talvez algumas das terapias que faço, possa desenvolvê-las, de forma, a ter uma espécie de “clínica” de medicinas alternativas.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – Sim.
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** – “ Sim, claro. Penso que as pessoas, maior parte jovens, que tenham a capacidade de criar riqueza e negócios nestes meios, podem sem dúvida criar dinamismo para que outros possam vir.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
 - 5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais- “Protocolos para que, a baixo custo, os novos residentes pudessem construir a sua habitação. Incentivar as pessoas para que se juntem em grupos, mediante a sua atividade. Mas, sempre, de forma a não comprometer a sustentabilidade.”
 - 5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “Era mesmo o cooperativismo. Os produtores de cada produto se juntarem para que possam crescer juntos e sustentados.”
 - 5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “Propunha o respeito por eles e a reflorestação de qualidade. Também, os terrenos do estado, que estivessem parados, deviam ser arrendados, com custos baixos, para que os jovens se dedicassem a eles.”

Entrevista Nº 30 E30

Data: 24/07/2015

Local: Cinfães, Cinfães

Perfil

Idade	48
Sexo	M
Habilitações literárias	“12º ano. Frequentei uma licenciatura em Publicidade, mas não a terminei. Nunca tive qualquer formação relacionada com o campo.”
Naturalidade	Lisboa
Profissão	Empresário do ramo da Hotelaria e Agricultura
Freguesia e concelho atual	Cinfães, Cinfães

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança -Lisboa**
2. **O que fazia profissionalmente-** “Publicidade, tinha uma empresa para produção de cenários na televisão e trabalhava diretamente com a RTP.”
3. **Data da mudança-** 2010
4. **Porquê de ter mudado/motivações-** “As motivações passaram por profissionalmente na área já existia muita competitividade e comecei a deixar de ter espaço no ramo e tive de fechar a empresa. Como tal, comecei a procurar aliar a qualidade de vida com uma oportunidade de iniciar um negócio. Queria fugir das grandes confusões e ao mesmo tempo apostar num ramo profissional diferente e rentável.”

5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “Foi por acaso. Não tenho qualquer ligação a Cinfães, nem relação familiar. Andei à procura de algo para apostar no Turismo e que fosse perto de Braga, Guimarães, Porto... Quer para uma questão da nossa mobilidade, quer para a vinda de turistas que chegam a Portugal.”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “Basicamente, as superfícies comerciais e a comida que lá se vende. E a poluição.”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-** “Não, fui muito bem recebido. Tive é que aprender a linguagem dos habitantes locais. Óbvio que nos olham com algum interesse mas fui bem recebido.”
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?-**
3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-**
4. **Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-**
 - 4.1. **Económicos- Sim ou não?** – “Sim, empreguei gente local e emprego e só recorro a empresas locais. Tive ainda um impacte grande porque esta casa já tinha Turismo de Habitação mas desde que cá estou a casa teve um aumento de cerca de 80% de faturação. Estou ainda a pensar em criar novos negócios.”
 - 4.2. **Sóciodemográficos- Sim ou não?** – “Sim, teve algum impacte a vinda para aqui e tentamos ter um espírito social, comunitário. ”
 - 4.3. **Ambientais- Sim ou não?** – “Sim, basicamente isto era uma quinta abandonada e atualmente está reflorestada e bem conservada. Estamos a fazer uma horta biológica, certificada. Estamos muito preocupados com o meio ambiente.”
 - 4.4. **Culturais e institucionais- Sim ou não?** – “ Sim, criei uma associação para tentar unir todas as pessoas que plantam mirtilos. Aqui as pessoas têm o pé atrás em relação as associações. E culturalmente, integro a Rota do Românico.”
5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** “Viemos para aqui e compramos já a casa de Turismo a funcionar. Pensamos que a quinta não estava a render o necessário e fizemos uma remodelação, na área do Turismo Rural e Turismo de Habitação. Pensamos em criar um espaço em que as pessoas se sintam em casa, com todas as comodidades. A Quinta tem 8 quartos e a área é de 4 hectares. Está a correr muito bem, temos na “Booking” uma das pontuações mais altas da região, o que é muito importante. Para além do Turismo, temos uma plantação de mirtilos porque de Inverno fechamos a Quinta e não há rentabilidade, é muito fria a área e não há atividades de Inverno. Temos uma atividade complementar, produção de mirtilos em 2 hectares em modo de produção biológica. Tem sido rentável, é uma fruta cara e a maior parte vai para exportação.”
6. **O que mais gosta no meio rural-** “Da paz e da qualidade vida. O contacto com a natureza...”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside –** “ O que detesto é a política...as pessoas estão muito presas aos partidos. Por outro lado, o turismo também está muito mal aproveitado e desenvolvido. O que mais gosto é a natureza, a parte virgem e o facto de haver muito ainda por explorar.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** –“Sim, aconselho vivamente. E vou tentar trazer a minha mãe para aqui.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “ Encaro o futuro com boa perspetiva, é rentável. Tenho na cabeça novos projetos, vim para aqui não para parar mas para me manter ativo. Aqui ainda se pode fazer muita coisa, enquanto que nas cidades há uma saturação. Estamos a pensar em fazer uma queijaria no futuro.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – Sim
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** –“Sim, sem dúvida

que o caminho é virem mais pessoas para os meios rurais. As pessoas no seu íntimo estão a preparar a mudança... As cidades estão sem emprego para oferecer e a mudança está a acontecer. Estão a abrir-se muitas oportunidades nestas áreas desfavorecidas em que se calhar as pessoas de fora têm mais espírito de aventura, de risco, e podem alterar os movimentos locais.”

5. Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:

5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais- “Acho que os próprios é que têm de procurar ajudas e fazerem a transição por eles próprios, que não é nada fácil. Mais do que certos benefícios, têm de ser os próprios a terem a mentalidade e espírito necessário à mudança.”

5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “Penso que é a aposta no Turismo que faz falta, numa aposta integrada.”

5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “A aposta no Turismo, de uma forma integrada. As pequenas localidades devem trabalhar os campos abandonados, o turismo, ou outras atividades para que no futuro mais pessoas pensam em fazer a transição.”

Entrevista Nº 31 E31

Data: 24/07/2015

Local: Ferreiros de Tendais, Cinfães

Perfil

Idade	77
Sexo	M
Habilitações literárias	“Curso Superior em Ciências Geológicas.”
Naturalidade	Porto
Profissão	Reformado
Freguesia e concelho atual	Ferreiros de Tendais, Cinfães

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

- 1. Onde residia antes da mudança** – “Ainda tenho residência no Porto, na Foz do Douro.”
- 2. O que fazia profissionalmente-** “Geólogo durante 8 anos e posteriormente passei ao Ensino, a dar aulas de Matemática. Sempre exerci a profissão no Porto.”
- 3. Data da mudança-** 2010
- 4. Porquê de ter mudado/motivações-** “Sempre gostei mais do ambiente rural do que o ambiente urbano. Queria estar mais perto do campo, da natureza e como já existia a propriedade, passei a vir para aqui a tempo inteiro.”
- 5. Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “A propriedade já é de família à várias gerações. Foi por essa razão.”
- 6. O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “Não rejeito o ambiente urbano por si só. Mas o movimento, o barulho, a confusão são coisas que não gosto. E as pessoas, aqui conheço toda a gente, falam mais e uma proximidade de relações maior.”

Situação atual

- 1. Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-** “Não, nunca tive. A minha família era daqui e nunca houve qualquer obstáculo.”
- 2. Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?-**
- 3. Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-**
- 4. Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-**

4.1. Económicos- Sim ou não? – “ Sim, dei trabalho a algumas pessoas que não tinham emprego. Estou a fazer obras e recorro sempre a trabalhadores locais.”

4.2. Sócio-demográficos- Sim ou não? – “Sim, trago amigos, com alguma regularidade. Recebemos turistas que acabam por conhecer a área e até mesmo sugerir a outros a vinda.”

4.3. Ambientais- Sim ou não? – “Não nesse ponto. Não houve mudança com a minha vinda.”

4.4. Culturais e institucionais- Sim ou não? – “Sim, até integrei uma lista para a candidatura à Junta de Freguesia local.”

5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** “Recuperei uma casa, que era para guardar palha e gado que atualmente recebe pessoas para Turismo Rural. É uma casa com 2 quartos e há muita procura, desde Março está praticamente sempre ocupada. Através da Internet publicita-se a casa e vêm muitos estrangeiros, quase a maior parte das pessoas que recebemos vêm de fora do país. Tem corrido bem.”

6. **O que mais gosta no meio rural-** “É a natureza, o verde, a qualidade de vida e até mesmo o projeto, a atividade turística em si.”

7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside** – “O que menos gosto é a falta de investimento em áreas mais rurais, quase esquecidas. O que mais gosto é o sossego, a paisagem, a natureza...”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “Sim, aconselho a familiares a vinda.”

2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “ É um bom investimento, o turismo. Neste momento, é uma atividade que tem pernas para andar. Penso em expandir a oferta turística e começar um restaurante, um novo projeto para os filhos.

3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – Sim

4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** – “Sim, acho que sim. Essas pessoas se viessem com novas ideias e investissem, iam beneficiar muitos os territórios rurais. Mas, desde que não venham estragar.”

5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**

5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais- “Talvez algumas regalias para esses que querem sair das grandes cidades e se instalar em zonas rurais.”

5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “Há muita terra que está abandonada que podia ser explorada.”

5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “Podia-se investir na agricultura própria daquela região... tem de haver um melhoramento de acessos para que seja mais fácil chegar aos territórios. O turismo tem de ser explorado, mas com sustentabilidade. E depende do território, porque são diferentes em todo o país.”

Entrevista Nº 32 E32

Data: 28/07/2015

Local: Gestaçô, Baião

Perfil

Idade	60
Sexo	M
Habilitações literárias	“ Ensino Superior, na FEUP.”
Naturalidade	Porto
Profissão	Gestor
Freguesia e concelho atual	Gestaçô, Baião

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** - Porto
2. **O que fazia profissionalmente**- “Empresário.”
3. **Data da mudança**- 2011
4. **Porquê de ter mudado/motivações**- “Prentedia fugir ao stress e melhorar a minha qualidade de vida, apostando num projeto, numa oportunidade de desenvolver um negócio.”
5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia**- “A razão prende-se com já ter raízes no local e propriedades.”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades**- “O stress causado pela atividade profissional.”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?**- “Não.”
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?**-
3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração**-
4. **Perceção- Impactes da inserção**- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê? -
 - 4.1. **Económicos- Sim ou não?** – “Sim, trouxe alguma novidade. Gerei emprego com o desenvolvimento do projeto turístico, que traz muita gente. E compro localmente o necessário para a atividade e para o dia a dia.”
 - 4.2. **Sóciodemográficos- Sim ou não?** – “Sim, para além de trazer mais pessoas, acabou por ocorrer um aumento de habitantes com a vinda. E socialmente existe sempre uma alteração, com as trocas de impressões diárias, de formas de ver a vida diferentes.”
 - 4.3. **Ambientais- Sim ou não?** – “Sim, Contribui para o melhoramento ambiental, nomeadamente com a plantação de 3800 árvores e recuperação de 4 casas em pedra existentes.”
 - 4.4. **Culturais e institucionais- Sim ou não?** – “Com relevo, não.”
5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exercenenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido**- “A atividade económica que desenvolvo é turismo rural. A quinta recuperada, é uma propriedade de Turismo Rural, situada em Baião. Foi feita a recuperação de 4 casas de pedra antigas de uma propriedade de família, que agora estão totalmente equipadas para receberem pessoas, numa estadia com qualidade. A quinta possui piscina, jardins e uma pequan floresta.”
6. **O que mais gosta no meio rural**- “Da natureza e da qualidade de vida superior.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside** – “Gosto da paisagem, do clima e da gastronomia. Não gosto do urbanismo desordenado e inestético e do lixo que muitas pessoas deitam na via pública.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “ Sim, estou sempre a tentar atrair pessoas, enaltecendo a melhoria da qualidade de vida.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver**- “Uma incógnita como em qualquer outro ramo. As modas e a sociedade mudam com uma rapidez que torna muito falíveis as previsões.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – Sim
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** – “Claro que sim. As pessoas que sempre cá viveram e pensavam que nas cidades se vivia melhor começam a ter dúvidas sobre a veracidade dessa imagem, principalmente se as atividades dos ex-cidadinos têm sucesso no meio rural.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
 - 5.1. **Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais**- “Em vez de obstáculos, desburocratizava os licenciamentos, embora reforçasse as fiscalizações. Mas no fundo essa postura dos

governos e câmaras é comum às cidades e meios rurais. Os grandes inimigos do desenvolvimento continuam a ser os maus funcionários públicos que criam entraves para ter poder.”

5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “Infelizmente, na minha opinião, os dirigentes locais, embora tenham criado uma série substancial de melhoramentos e comodidades que permitem às pessoas viver melhor, acabaram com algumas atividades essenciais à identidade rural, nomeadamente as feiras de gado. As antigas feiras além de serem um contributo financeiro das famílias rurais, eram também um ponto de encontro de toda a gente. Em Gestaçô tínhamos uma feira quinzenal com milhares de visitantes e agora aparecem talvez meia centena de pessoas para comprar roupa nas 4 ou 5 barracas, todas iguais...”

5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “Acho que os governos e as câmaras devem fornecer e tratar da manutenção de: Cuidados de saúde, educação, justiça, abastecimento de água e eletricidade, recolha de lixo, manutenção das estradas, e deixarem o empreendedorismo aos privados. Se tivermos as situações que inumeri salvaguardadas, as pessoas tratam do resto.”

Entrevista Nº 33 E33

Data: 31/07/2015

Local: Ancede e Ribadouro, Baião

Perfil

Idade	42
Sexo	F
Habilitações literárias	“Licenciatura em Relações Públicas e um MBA em Marketing.”
Naturalidade	Porto
Profissão	“Gestora Comercial e Turística.”
Freguesia e concelho atual	Ancede e Ribadouro, Baião

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

- 1. Onde residia antes da mudança - Trofa**
- 2. O que fazia profissionalmente-** “Diretora Marketing e Formadora.”
- 3. Data da mudança-** 01/04/2014
- 4. Porquê de ter mudado/motivações-** “A motivação principal prende-se com o desafio profissional em si, a oportunidade do mesmo.”
- 5. Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia-** “Por oportunidade mesmo. Nada me ligava a esta localidade.”
- 6. O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “Nada aponto, não dispenso a cidade.”

Situação atual

- 1. Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-** “Não.”
- 2. Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?-**
- 3. Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração-**
- 4. Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-**
 - 4.1. Económicos- Sim ou não?** – “ Sim, geraram-se novos empregos com o início do projeto e desenvolveu-se alguma atividade económica na localidade rural. Por outro lado, alguma novidade e qualidade.”
 - 4.2. Sóciodemográficos- Sim ou não?** – “Sim, acabei por trazer mais pessoas para o meio.”
 - 4.3. Ambientais- Sim ou não?** – “ Sim, contribuiu para a manutenção da paisagem característica local. E tem-se os cuidados ambientais normais.”

4.4. Culturais e institucionais- Sim ou não? – “Sim, a empresa passou a pertencer a uma associação empresarial e apoia a realização de vários eventos culturais na região.”

5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exercenenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** “A atividade da empresa dedica-se à realização de eventos e ao turismo rural. Tem produção vinícola e cultivo. Foi apoiado pelo Proder, na Diversificação de Atividades na Exploração Agrícola, sendo o custo total do projeto de cerca de 280 mil euros. A equipa, apesar de pequena, é muito dedicada e profissional. É muito procurada localmente e frequentada por turistas e visitante nacionais e estrangeiros. Considerando que é um projeto recente, está ainda em fase de reconhecimento de oportunidades de negócio.”
6. **O que mais gosta no meio rural-** “Gosto do silêncio e do contacto direto com a natureza.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside** – “ Mais talvez de todo o contexto natural e menos talvez as mentalidades.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – “Sim.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “ O futuro é visto de forma promissor.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – Sim
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** – “ Sim, o projeto onde estou envolvida comprova-o.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
- 5.1. Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais- “Mais acesso a informação e apoio no desenvolvimento de projetos inovadores.”
- 5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “Divulgação das atividades desenvolvidas pelas empresas.”
- 5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “Acho que no geral - maior aposta no turismo, apostar em atividades económicas empreendedoras e inovadoras, envolver comunidades locais nas iniciativas.”

Entrevista Nº 34 E34

Data: 01/08/2015

Local: S.Martinho de Mouros, Resende

Perfil

Idade	32
Sexo	F
Habilitações literárias	“Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas.”
Naturalidade	Porto
Profissão	“Agricultura biológica e tradutora freelancer.”
Freguesia e concelho atual	S.Martinho de Mouros, Resende

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

1. **Onde residia antes da mudança** - Paranhos/Porto
2. **O que fazia profissionalmente-** “Estava desempregada, nunca arranjei trabalho fixo na área de formação. Tinha empregos temporários em call-center, lojas de roupa, restauração...”
3. **Data da mudança-** Março 2013

4. **Porquê de ter mudado/motivações-** “Decidi mudar de vida porque não me sentia realizada, não arranjava trabalho fixo na minha área e isso estava a tornar-se stressante. Por isso, fui a procura de um local onde pudesse ter uma melhor qualidade de vida e fazer coisas de que realmente gosto.”
5. **Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia -** “Escolhi este local porque tenho familiares que vivem em Resende, mas noutra freguesia, e falaram-me nesta quintinha que estava à venda e decidimos comprá-la. Gostamos do espaço e apesar de não ser muito grande dá para cultivar algumas coisas.”
6. **O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “Trânsito e poluição.”

Situação atual

1. **Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-** “Não tive problema nenhum de integração, fui muito bem recebida.”
2. **Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?**
3. **Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração**
4. **Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-**
 - 4.1. **Económicos- Sim ou não?** - “Sim, a nível económico penso que a minha vinda para aqui teve impactes positivos pelo facto de comprar vários produtos locais e fazer algumas compras no minimercado local. Além disso, sempre que preciso de mão-de-obra para ajudar na quinta recorro a pessoas da freguesia.”
 - 4.2. **Sóciodemográficos- Sim ou não?** - “Sim, por enquanto a minha vinda para aqui ainda não contribuiu muito a nível demográfico mas conto ter filhos e criar família aqui.”
 - 4.3. **Ambientais- Sim ou não?** - “Sempre tive preocupações ambientais. Desde que vim para aqui que comecei a produzir agricultura biológica e já reflorestei uma boa parte da quinta.”
 - 4.4. **Culturais e institucionais- Sim ou não?** - “Sim, tenho mostrado interesse em integrar-me em atividades locais, que foi uma coisa que sempre gostei de fazer. Além disso, gosto de estar próxima das pessoas da terra.”
5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** “Como já disse, criei o meu próprio negócio de agricultura biológica, ainda é pequeno e não dá muito lucro. Dá para a nossa subsistência e vendo alguns produtos em mercados e feiras locais. Sou também tradutora freelancer, nem sempre tenho trabalho nessa área, mas vai dando para subsistir e para exercer a minha profissão.”
6. **O que mais gosta no meio rural-** “Contacto com a natureza, sossego, cantar dos passarinhos, poder comer o que a terra dá.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside -** “Gosto da proximidade que as pessoas têm umas com as outras. Faltam mais jovens, mais iniciativas culturais e mais pessoas a apostar na agricultura.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** - “Sim, sempre.”
2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “Penso que bom e gostava de aumentar a produção agrícola que tenho neste momento e, futuramente, ter um projeto de turismo rural.”
3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** - Sim
4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** - “Sim, sem dúvida. Portugal é um país com grande potencial agrícola que está muito mal explorado. Cada vez o mais país está mais empobrecido e os mais jovens querem ficar nas grandes cidades. Fazem falta pessoas que queiram voltar à terra e apostar na agricultura e no turismo rural.”
5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
 - 5.1. **Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais**
 “ Apoios económicos no geral e serem dados terrenos baldios ou abandonados para explorarem e começarem a atividade agrícola.”

5.2. A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural- “Facilitar a vinda de pessoas de fora, dando-lhes a possibilidade de recuperarem casas abandonadas ou cultivarem terrenos abandonados.”

5.3. Os Territórios Rurais, no geral- “No geral, posso referir apoios económicos, redução de impostos ou taxas para pessoas que se mudem para zonas rurais, facilitar o escoamento de produtos, ceder terrenos e casas abandonadas.”

Entrevista Nº 35 E35

Data: 02/08/2015

Local: Resende, Resende

Perfil

Idade	46
Sexo	M
Habilitações literárias	“Licenciatura em Artes Gráficas.”
Naturalidade	Porto
Profissão	Designer
Freguesia e concelho atual	Resende, Resende

Situação anterior à mudança para a atual freguesia

- 1. Onde residia antes da mudança -** Vila Nova de Gaia
- 2. O que fazia profissionalmente-** “Designer em empresa de informática.”
- 3. Data da mudança-** Setembro 2014
- 4. Porquê de ter mudado/motivações-** “Talvez fugir ao stress, ao ritmo citadino... e procurar uma maior qualidade de vida. Também refiro que o facto de ter aqui raízes como talvez ter sido um motivo.”
- 5. Porquê de ter escolhido este concelho e freguesia -** “Os meus avós tinham raízes em Resende e tinham esta casa. Quando decidi mudar de estilo de vida, pensei em reabilitar a casa e mudar-me para cá.”
- 6. O que menos gostava do meio urbano/cidades-** “O Stress, o ritmo acelerado, o trânsito, as muitas pessoas em pouco espaço.”

Situação atual

- 1. Adaptação: A reação dos habitantes locais. Teve problemas quanto à inserção/integração no novo meio?-** “Não tive problema nenhum de integração, até porque a minha família já era conhecida aqui.”
- 2. Se respondeu “Sim” à questão anterior, quais foram os problemas/obstáculos na integração no meio rural?**
- 3. Se houve obstáculos, como os ultrapassou? As estratégias criadas para resolução dos problemas de integração**
- 4. Perceção- Impactes da inserção- Se o “neo-rural” acha que a sua mudança para o meio rural teve impactes positivos, em várias âmbitos, e porquê?-**
 - 4.1. Económicos- Sim ou não?** - “Sim. Estou a começar um projeto de turismo rural e isso trará impactes positivos para a freguesia. Além disso, estou também a pensar abrir aqui um restaurante típico e que promova a gastronomia regional e, como tal, vou comprar produtos locais e dar emprego a pessoas da terra.”
 - 4.2. Sociodemográficos- Sim ou não?** - “Sim, demograficamente tenho um filho e está outro a caminho. E socialmente, penso que o facto de interagir com pessoas locais e ter outras formas de pensamento influencia positivamente.”
 - 4.3. Ambientais- Sim ou não?** - “Sim, reflorestei a zona circundante da casa e cultivamos algumas coisas mas apenas para consumo próprio. Fazemos reciclagem e praticamente toda a decoração da casa e mobília é feita com materiais reciclados.”

4.4. Culturais e institucionais- Sim ou não? – “Ainda não, estou cá há menos de um ano. Mas gostava de integrar algum grupo cultural, em breve.”

5. **Que atividade económica/profissional exerce hoje em dia. Qual o meio de subsistência- Porquê e como o começou? Se não exerce nenhuma atividade, se pensou em criar alguma atividade no meio rural em que está inserido-** “Continuo a ser designer mas agora trabalho a partir de casa. Só vou ao escritório quando é necessário. Como já referi, estou a trabalhar num projeto de turismo rural.”
6. **O que mais gosta no meio rural-** “Qualidade de vida, sossego e inspiração.”
7. **O que mais e menos gosta no concelho onde reside** – “ O que mais gosto é o enquadramento da região, a paisagem. Menos talvez a falta de projetos culturais e mais jovens.”

Perspetivas futuras

1. **Se propõe a outras pessoas (amigos/familiares) a vinda para o meio rural- Sim ou não?** – Sim
 2. **Como acha que será o futuro da atividade económica que desenvolve ou projeta desenvolver-** “Espero dentro de um ano iniciar o projeto de turismo rural e atrair visitantes estrangeiros...”
 3. **Se tem intenção de continuar a viver no meio rural em que reside atualmente- Sim ou Não?** – Sim
 4. **Se acha que os neo-rurais podem ter o impacto necessário para contrariar o despovoamento, envelhecimento, empobrecimento das áreas rurais- Sim ou não? Se sim que impactos.** – “Sim, o regresso ao campo é essencial para contrariar o rumo do país.”
 5. **Caso tivesse poder de decisão e meios para atuar o que propunha para:**
 - 5.1. **Receção a novos residentes/empresários que se instalam nos meios rurais-** “Apoios a nível económico, redução de taxas e impostos e cedência de espaços para desenvolver os seus projetos.”
 - 5.2. **A Freguesia onde reside ou desenvolve atividade em meio rural-** “Talvez criar condições para a atração de mais pessoas, principalmente jovens.”
 - 5.3. **Os Territórios Rurais, no geral-** “Atrair jovens, que com novas competências e valências podem inverter a tendência galopante de não-desenvolvimento nestas áreas.”
-

Anexo 2 – Fotografias das explorações agrícolas dos “neo-rurais”

Exploração agrícola do “neo-rural” E3



Fotografia própria - Fridão, Amarante, Abril de 2015

Exploração agrícola do “neo-rural” E5



Fotografia própria – Grilo, Baião, Abril de 2015

Anexo 3 – Fotografias dos empreendimentos turísticos dos “neo-rurais”

Empreendimento turístico dos “neo-rurais” E8, E9, E10 e E11



Fotografia própria – Paço de Sousa, Penaafiel, Maio de 2015

Empreendimento turístico do “neo-rural” E16



Fotografia própria – Lagares, Penafiel, Junho de 2015